

M.M. PHILIFON C.P.

A Doutrina Espiritual de
Irmã Elisabeth da Trindade

M. M. PHILIPON, O. P.

A DOCTRINA
ESPIRITUAL
DE IRMÃ ELISABETH
DA TRINDADE

AGIR

A DOCTRINA ESPIRITUAL
DE
IRMÃ ELISABETH DA TRINDADE



DOCTRINA ESPIRITUAL de Irmã Elizabeth da Trindade

M. M. PHILIPON, O.P.

A
DOCTRINA ESPIRITUAL
DE
IRMÃ
ELISABETH DA TRINDADE

PREFÁCIO DE
R. P. GARRIGOU-LAGRANGE

TADUÇÃO DE
R. F. DOMINGOS MAIA LEITE, O. P.

Com numerosos documentos

2.^a EDIÇÃO

1 9 5 7

Livraria AGIR *Editôra*

RIO DE JANEIRO

À memória do saudoso e inesquecível
D. JOSÉ GASPAR DE AFONSECA E SILVA
Grande Bispo e grande Brasileiro
O TRADUTOR

À memória do saudoso e inesquecível
D. JOSÉ GASPAR DE AFONSECA E SILVA
Grande Bispo e grande Brasileiro

O TRADUTOR

Í N D I C E

	Pág.
<i>CARTA-PREFACIO DE S. EX.^a REV.^{ma} D. JOSÉ GAS- PAR DE AFONSECA E SILVA, D.D. ARCEBISPO DE SÃO PAULO</i>	9
<i>PREFACIO DA EDIÇÃO FRANCESA</i>	11
<i>INTRODUÇÃO</i>	19
<i>CAPÍTULO I — ITINERÁRIO ESPIRITUAL</i>	27
1 — Vida interior no mundo	27
2 — Carmelita	37
3 — Rumo à união transformante .	46
<i>CAPÍTULO II — A ASCESE DO SILÊNCIO</i>	57
<i>CAPÍTULO III — A HABITAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE</i>	71
<i>CAPÍTULO IV — O LOUVOR DA GLÓRIA</i>	105
<i>CAPÍTULO V — A CONFORMIDADE COM O CRISTO</i>	125
<i>CAPÍTULO VI — JANUA COELI</i>	147
<i>CAPÍTULO VII — IRMÃ ELISABETH DA TRINDADE E AS ALMAS SACERDOTAIS</i>	161
<i>CAPÍTULO VIII — OS DONS DO ESPÍRITO SANTO</i> ..	179
<i>CAPÍTULO IX — ELEVAÇÃO A SANTÍSSIMA TRIN- DADE</i>	213
<i>Epílogo: MISSÃO</i>	229
T E X T O S E S P I R I T U A I S	
<i>ÚLTIMOS CONSELHOS DE VIDA INTERIOR</i>	237
<i>O CÉU NA TERRA</i>	243
<i>ÚLTIMO RETIRO DE LAUDEM GLORIAE</i>	259
<i>ELEVAÇÃO A SANTÍSSIMA TRINDADE</i>	287

**CARTA-PREFÁCIO DE SUA EXCELÊNCIA REVE-
RENDÍSSIMA DOM JOSÉ GASPAR DE AFONSECA
E SILVA, D. D. ARCEBISPO DE SÃO PAULO**

6 de abril de 1942

Meu caro Frei Domingos:

Laudetur Jesus Christus!

Li com indizível prazer o notável livro do Padre M. M. Philipon O. P. A DOCTRINA ESPIRITUAL DA IRMÃ ELISABETH DA TRINDADE, que V. Revma. carinhosamente verteu para o português. Agradeço-lhe de coração a oportunidade que me proporcionou de conhecer mais de perto essa alma extraordinária, a qual nos seus poucos escritos exprimiu coisas admiráveis que soube praticar com perseverança heróica.

A precisão dos conceitos teológicos, o seguro conhecimento das Sagradas Escrituras e, particularmente, da teologia paulina, a profundidade em que mergulha quando medita e a simplicidade com que se exprime quando escreve, fazem de Irmã Elisabeth da Trindade uma das místicas mais extraordinárias da Igreja.

Só uma intensa correspondência à graça de Deus e a iluminação dos dons do Espírito Santo poderiam explicar, numa jovem de poucos anos, essa vigorosa percepção da vida espiritual e essa coragem com que soube percorrer os mais altos caminhos da Mística, trilhando, ao mesmo tempo, as mais dolorosas estradas do sofrimento.

O precioso livro fará um bem imenso às almas.

Precisamos purificar cada vez mais a nossa piedade, orientando-a, como Cristo nos ensinou, para a fidelidade absoluta à lei e à vontade de Deus, a fim de que desça até nós a Trindade Santíssima e em nós estabeleça a sua morada. O ruído desta civilização que o homem criou para si e que o está aniquilando, invadindo-lhe até o próprio interior, tem-nos afastado de Deus, obnubilado a inteligência e esfriado o coração. Queremos viver intensamente a vida, esta vida efêmera, fugitiva, que nos morre a cada instante, e não pensamos em buscar aquela vida eterna para a qual caminhamos e que devêramos começar a viver, morrendo sempre mais para as coisas sensíveis e materiais. Talvez por isso nos angustia o drama que é hoje a visão do mundo para cada indivíduo, para cada nação e para toda a humanidade. Fôra-nos, entretanto, mais fácil encontrar a alegria junto de nós, esquecendo-nos da convivência com o Mestre Divino. É o que precisamente diz Irmã Elisabeth da Trindade: Je mets la joie de mon âme — ceci quant à la volonté, non dans la sensibilité — dans tout ce qui peut m'immoler, me détruire, m'abaisser, car je veux faire la place à mon Maître.

O piedoso Cardeal Mercier, de santa memória, que tinha à cabeceira do leito os escritos desta admirável carmelita, costumava recomendá-los à leitura dos seus sacerdotes. A mim também muito me apraz recomendar ao clero de São Paulo o livro do Padre Philipon, que eu desejaria ver nas mãos de todos os meus caros padres, e não só lido mas ainda vivido, para que, na meditação dessas páginas, retemperem a alma com a doutrina genuinamente cristã do amor filial à Trindade Santíssima que, por sua misericórdia infinita, lhes há-de proporcionar a graça de saborearem, nos dias da eternidade, a luz inefável da visão beatífica: Lux perpetua lucebit Sanctis tuis: et aeternitas temporum.

Recomendando às suas fervorosas orações os trabalhos da Arquidiocese e, de modo particular, as vocações sacerdotais e o bom êxito do IV Congresso Eucarístico Nacional, envio-lhe, com os sentimentos de minha paternal estima, as minhas afetuosas bênçãos em Nosso Senhor.

† José, Arcebispo Metropolitano.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO FRANCESA

As verdades mais elementares da fé cristã, tais como as que se encontram expressas no Pater, apresentam-se-nos como as mais profundas se as considerarmos longamente e com amor, e se, com a cruz às costas, delas vivermos e as meditarmos quase continuamente.

Bastaria que uma alma vivesse profundamente uma só dessas verdades de nossa fé para que fôsse conduzida até os cimos da santidade.

Entre estas verdades, cumpre salientar a presença especial de Deus na alma dos justos, segundo a palavra de Jesus: se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a êle e nêle faremos nossa morada. (S. João, XIV, 23). Com estas palavras e com a promessa de enviar-nos o Espírito Santo, Nosso Senhor quis ensinar-nos que a vocação mais fundamental de todo Cristão é viver em sociedade com as Pessoas da Santíssima Trindade. Dêste modo, a vida cristã, segundo a expressão tantas vêzes repetida por Santo Tomás, é neste mundo, de certa maneira, a vida eterna começada: quaedam inchoatio vitae aeternae. A graça do batismo faz que nos tornemos realmente participantes da natureza divina, tal qual subsiste no seio da Santíssima Trindade. Deus amou-nos em seu divino Filho a ponto de querer que partilhássemos do mesmo princípio de sua vida íntima, do princípio da visão imediata que tem de si mesmo e que comunica ao Verbo e ao Espírito Santo.

Os justos entram, desta maneira, na família de Deus e no ciclo da vida trinitária. A fé viva, iluminada pelo dom de sabedoria, torna-os semelhantes à luz do Verbo; a caridade

infusa, ao Espírito Santo. O Pai gera nêles o seu Verbo; o Pai e o Filho nêles espiram o seu Amor comum. E tôda a Santíssima Trindade habita em cada justo como em seu templo vivo, tempo obscuro nesta vida, templo de luz e de amor imperecível no Céu.

A serva de Deus, Irmã Elisabeth da Trindade, foi uma dessas almas luminosas e heróicas, que soube apegar-se fortemente a uma dessas verdades, tão simples e tão vitais ao mesmo tempo, e nela descobrir o segrêdo de uma grande união com Deus sob as aparências da vida ordinária. O mistério da habitação da Santíssima Trindade no mais íntimo de si mesma foi a grande realidade de sua vida interior. Ela o dizia: A Santíssima Trindade, eis nossa habitação, nosso em casa, a morada donde jamais devemos sair... Penso ter encontrado o céu na terra, porque o céu é Deus, e Deus está em minha alma. No dia em que compreendi esta verdade, tudo se iluminou para mim...

O eixo desta vida sobrenatural encontra-se manifestamente no exercício das virtudes teológicas. A fé é a luz sobrenatural que nos revela o mundo divino. Nossa esperança, apoiada na onipotência auxiliadora de Deus, inclina-nos, com segurança, à beatitude eterna. A caridade estabelece-nos de modo permanente no amor e na sociedade das Pessoas divinas, segundo a doutrina do Apóstolo São João: Deus é amor. Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nêle. É a mesma vida sobrenatural que começa na terra, com o batismo, e desabrocha no céu com a visão face a face.

A fé é a base de tôda esta nova atividade. Ela é substância, o principio, o germe das coisas que esperamos e que um dia contemplaremos sem véu. Dêste modo, a menor luz de fé é infinitamente superior às intuições naturais dos maiores gênios e até dos anjos mais elevados; ela pertence à mesma ordem, essencialmente sobrenatural, que a visão beatífica; a fé viva, iluminada pelos dons de inteligência e de sabedoria, é pois a única luz proporcionada à vida de intimidade com as Pessoas divinas.

Eis porque Irmã Elisabeth da Trindade nos aparece antes de tudo como uma alma de fé, em comunhão cada vez

maior com o mundo invisível, à medida que Deus, pelos diversos acontecimentos de sua existência, opera a purificação de seus sentidos e de seu espírito. Como verdadeira filha de São João da Cruz, tinha consciência deste papel primordial da fé na ordem sobrenatural. Ninguém vai a Deus, escrevia ela, sem primeiramente crer. A fé é a substância das coisas que se devem esperar e a convicção das que se não vêem. Diz São João da Cruz que ela nos serve de pés para irmos a Deus e que é a posse em estado obscuro. Só ela nos pode dar verdadeiras luzes sobre Aquêle que amamos; e nossa alma deve escolhê-la como meio para chegar à união divina...

Sem desprezar a prática das virtudes morais, aplicou-se ela cada vez mais à atividade interior das virtudes teológicas. Meu único exercício consiste em entrar em mim mesma e perder-me naquelas que em mim estão.

O desabrochar perfeito da fé, da esperança e da caridade exige assistência especial de Deus, e a vida mística é precisamente caracterizada pela atividade, cada vez mais predominante, dos dons do Espírito Santo. Com efeito, as virtudes teológicas, embora superiores aos dons que as acompanham, recebem deles nova perfeição, assim como a árvore é mais perfeita com seus frutos do que sem êles. Quem possui apenas um princípio imperfeito de ação, ensina Santo Tomás, só pode agir bem, auxiliado por um agente superior. Na vida espiritual o principiante tem necessidade de estar perto dum mestre experimentado, como o estudante de medicina ou de cirurgia tem necessidade de ser auxiliado pelo mestre que o forma. Ora, o justo, pelas virtudes teológicas e morais, não possui senão imperfeitamente essa vida divina da graça que o introduz, de modo permanente, na família da Santíssima Trindade. É preciso, pois, que as mesmas Pessoas divinas o venham ajudar, segundo as palavras de São Paulo aos Romanos (VIII, 14): Todos aquêles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

Para ser perfeito como o Pai celeste é perfeito cumpre viver na intimidade divina, não de modo humano, mas à maneira mesmo de Deus. Como é possível julgar de tôdas as coisas, divinas e humanas, à maneira de Deus, sem uma co-

municação especial da ciência e da sabedoria divinas? Como, no meio das dificuldades, por vêzes insolúveis, da vida, tomar uma decisão rápida, que coincida com o plano da divina Providência, sem especial moção do dom de conselho? Em resumo, como ficar inabalavelmente apegado à vontade divina no meio das peripécias, às vêzes terríveis, da vida, sem uma assistência especial da força divina, única capaz de triunfar sôbre tôdas as potências do mal?

Êstes dons do Espírito Santo se manifestam, ademais, com variedade extrema no mundo das almas, segundo as circunstâncias em que Deus as conduz e segundo a missão especial de cada uma. Em uns, notam-se logo os dons intelectuais; em outros, os de temor, de piedade, de fortaleza. A atividade dêstes dons é infinitamente variada. O mesmo dom pode, segundo os Santos, revestir formas diversas. Em alguns, Santo Agostinho por exemplo, a sabedoria aparece principalmente sob forma contemplativa; em outros, como São Vicente de Paulo, sob forma prática, intimamente orientada para as obras de misericórdia. Aos primeiros, o Espírito Santo faz que penetrem, deleitosamente, nas profundezas de Deus e as exprimam admiravelmente; aos outros, Ele faz ver, como sob luz difusa, os membros sofredores de Jesus Cristo e o meio de trabalhar eficazmente em salvá-los.

Na serva de Deus, objeto do estudo destas páginas, impressiona-nos a elevação dos dons de inteligência e de sabedoria, que lhe dão grande penetração do mistério da Santíssima Trindade e fazem com que ela o saboreie profundamente e de maneira quase contínua. Desde antes de entrar no Carmelo, já se sentia atraída por essa presença das Pessoas divinas no íntimo de sua alma. No fim da vida, na festa da Ascensão, a última que passou na terra, sentiu tão fortemente a Santíssima Trindade tomar-lhe posse da alma, que entreviu as Três Pessoas divinas estabelecerem aí o seu conselho de amor, e desde então, quando lhe recomendavam alguma intenção particular, respondia: Vou falar com meu Conselho Todo Poderoso. Na véspera da morte, escrevia: Crer que um Ser que se chama Amor habita em nós a todo instante do

dia e da noite e que nos pede vivamos em sociedade com **Ele**, eis, vô-lo confio, o que fêz de minha vida um céu antecipado.

Impressiona-nos igualmente o alto grau do dom de fortaleza que ela recebeu. Verifica-se isto, constantemente, pelo ânimo com que aceitou as mais duras provações, particularmente durante a doença. Sem poder entregar-se às mortificações extraordinárias, por lho ter interdito sempre a obediência à superiora, passou, sem perder a coragem, durante o longo e penoso ano de noviciado, por tôdas as purificações passivas da sensibilidade ainda demasiado viva.

*Galgou destemida o caminho da noite obscura, refugian-do-se, cada vez mais, na fé pura, sem cessar de elevar-se a Deus e de amá-Lo acima de tôdas as suas graças e de todos os seus dons. Mas foi particularmente durante a última doença que o dom de fortaleza se manifestou nela de modo particular. Ao passo que todo o ser físico caminhava para a destruição, a alma permanecia imóvel sob as mais cruciantes purificações divinas e pairava acima do próprio sofrimento para não pensar mais, na alegria como na dor, senão em seu ofício de louvor de glória da Santíssima Trindade. Não se esquecia da majestade com que o Cristo-Rei, coroado de espinhos, subiu ao Calvário e é um reflexo dessa majestade que se encontra na valorosa espôsa do Salvador. Foi com **Ele**, por **Ele**, n**Ele**, com os meios d**Ele**, que ela trabalhou na salvação das almas. Deus ouvira, em realidade, seu desejo supremo: Morrer não só pura como um Anjo, mas ainda transformada em Cristo Crucificado.*

Enfim, um dos traços mais caraterísticos da fisionomia espiritual da Irmã Elisabeth da Trindade é, inegavelmente, o seu sentido doutrinal, alimentado nas melhores fontes do pensamento cristão, seus dois mestres prediletos: São Paulo, o apóstolo do mistério de Cristo, e São João da Cruz, o doutor místico do Carmelo. Mesmo sem ser teólogo, no sentido formal da palavra, mas como verdadeira filha de Santa Teresa possuía o gosto da doutrina sólida, de que fazia o alimento de sua vida interior, saboreando, no silêncio e na oração, as grandes verdades da fé, sob a luz de vida que cresce em nós com o amor de Deus e das almas.

De grande importância era, pois, discernir, à luz dos princípios diretores da teologia mística, os movimentos essenciais desta alma contemplativa, e por em evidência as verdades fundamentais de que viveu a Serva de Deus, de acôrdo com sua graça própria e à maneira carmelitana. Depois de ter notado os graus principais de sua ascensão, cumpria pôr em relevo os pontos de doutrina que constituíram o alimento particular de sua vida espiritual: a ascese do silêncio, a habitação da Santíssima Trindade, o louvor de glória, a conformidade com o Cristo, bem como sua devoção tão pessoal para com a Virgem da Encarnação, a atividade que nela exerceram os dons do Espírito Santo, o sentido profundo de sua oração e de sua missão na Igreja.

Frei Miguel Maria Philipon escreveu estas páginas, depois de ter meditado, durante muito tempo, a vida e os escritos da Irmã Elisabeth da Trindade. Ele assimilou sua doutrina, durante anos, e procurou explicá-la à luz dos princípios da teologia, como os formula Santo Tomás e como São João da Cruz os aplica à direção das almas contemplativas.

Realizou-o com grande piedade e senso doutrinal, o que lhe permitiu guardar o impulso sobrenatural, a medida exata, o equilíbrio perfeito, em questões tão difíceis. Nota-se isto particularmente quando a serva de Deus teve que praticar as virtudes, aparentemente contrárias, de fôrça e de doçura, de prudência e de simplicidade, de compaixão pelos tresmalhados e pescadores e de zêlo ardente pela glória de Deus.

Grande proveito se há de tirar dêste estudo clarividente e profundo, em que a teologia da graça das virtudes e dos dons, aparece de modo concreto e vivo, manifestando as riquezas que encerra.

Tenha a Santíssima Trindade, neste livro, novo raio de glória, e possam as almas que o lerem haurir nêle a verdadeira humildade tão intimamente conexas com as virtudes teológicas que nos dão o sentido das alturas. Quantos sêres humanos, feitos para a vida eterna e a sociedade com as Pessoas divinas, arrastam-se na agitação estéril dum mundo desconjuntado! Digne-se o Senhor fazer que muitos encontrem nestas páginas uma orientação segura para a vida e o verdadeiro

caminho da intimidade divina, da luz de vida que tudo ilumina do alto e nos mostra o Único necessário, termo de nosso destino.

Roma, Angélico.

12 de julho de 1937

Fr. Reginaldo Garrigou-Lagrange, O.P.

INTRODUÇÃO

A publicação das *Memórias*, contendo a narração da vida e de numerosos escritos da Irmã Elisabeth da Trindade teve, na França, extraordinária divulgação: sem propaganda ruidosa, mil exemplares foram vendidos em menos de três anos. Além disso, mais de doze traduções foram feitas em línguas estrangeiras. A tradução chinesa já se acha em preparação.

A leitura destas *Memórias* tem provocado milhares de testemunhos de gratidão, chegados ao Carmelo de Dijon de tôdas as partes do mundo e provenientes dos meios mais diversos: simples cristãos, almas religiosas e contemplativas, sacerdotes e seminaristas, teólogos eminentes, membros notáveis do episcopado...

Sua Eminência o Cardeal Mercier, ao voltar de Roma depois da canonização de S. Joana d'Arc, quis passar, como simples romeiro, pelo Carmelo de Dijon. Ao lhe mostrarem, na sala do capítulo, um quadro que representava a Irmã Elisabeth da Trindade perguntou:

— Quanto tempo ficou ela no Carmelo?

— Cinco anos, Eminência, respondeu a Madre Priora.

E o cardeal, sorrindo:

— Aqui a gente se santifica depressa...

Quando o conduziram à sua cela transformada em oratório, o mesmo pensamento veio-lhe à lembrança:

— Ela teve pressa em se santificar, ao passo que nós... nos arrastamos... ¹

¹ Datas principais de sua vida:

Nascimento em Bourges, aos 18 de julho de 1880; Batismo, 22 do mesmo mês; Primeira Comunhão: 19 de abril de 1891; Primeiras graças místicas:

Em várias ocasiões, as *Memórias* foram o livro de predileção do ilustre e santo prelado. Em uma reunião de sacerdotes, recomendou-o calorosamente e exprimiu o desejo de vê-lo em todas as bibliotecas de seus padres.

A quem atribuir tamanha difusão?

A Igreja — e a ela só — cabe pronunciar-se sobre a santidade dos servos de Deus. De antemão nos inclinamos, filialmente e sem reservas, ao seu juízo.

Outro é nosso intuito. Ao examinarmos, no Carmelo de Dijon, a correspondência recebida quando da publicação das *Memórias*, ao multiplicarmos, nas Comunidades religiosas, as pesquisas sobre a natureza da influência exercida pela Irmã Elisabeth da Trindade, fomos levados a uma conclusão que nos parece evidente: o que mais impressionou nos escritos da santa carmelita foi *o seu caráter doutrinário*. O Pe. Sauvé notou-o com razão, e o seu pensamento é apenas o eco de uma impressão geral: “Será talvez esta a causa do maior bem que farão as *Memórias*...”²

Poderíamos multiplicar testemunhos análogos, vindos de escolas de espiritualidade as mais diversas.³

O Pe. Arinterro, O. P., escrevia ao Carmelo de Dijon, aos 16 de junho de 1927:

“Este livro (as *Memórias*) encanta-me por sua bela doutrina; está fadado a fazer imenso bem às almas...”

O que mais admiro nesta serva de Deus é o senso profundo dos mistérios da vida cristã: de nossa incorporação em Cristo, da habitação da Santíssima Trindade em nossos corações... O sentido destes grandes mistérios, idêntico ao do Apóstolo, valeu-lhe o tornar-se intérprete fiel das mais belas páginas de suas profundas epístolas. Quando Irmã Elisabeth as explica, mesmo de passagem, em suas cartas íntimas, espalha torrentes de luz, de vida, atraindo assim inúmeras almas à vida interior...”

retiro espiritual em janeiro de 1899; Entrada no Carmelo: 2 de agosto de 1901; Tomada de hábito: 8 de dezembro de 1901; Votos perpétuos: Epifania 1903; Entrada na enfermaria: março de 1906; Falecimento: 9 de novembro de 1906.

² Testemunho citado nas *Memórias*, p. XXIV, ed. de 1935.

³ As *Memórias* citam: o Pe. Foch, S. J. — Dom Vandeur O. S. B. — Ch. Sauvé, S. S. — O Pe. Luiz da Trindade, C. D. — O Pe. Vallée, O. P. — Cartuxos, etc., etc.

S. Ex.^a Mons. Sagot du Vauroux escrevia por sua vez:

“O que me parece mais notável na vida da Irmã Elisabeth da Trindade é a *exata conformidade* do seu modo de ver, das suas inclinações, da sua vida interior, das suas palavras, *com os princípios mais seguros da teologia mística*. Ela ignora a sutileza. A imaginação não a transporta para além dos espaços onde a sã razão, iluminada pela fé vivificada pelo amor, costuma se manter. Desconhece as considerações sutis e obscuras. Seu pensamento é sempre exato, como a expressão que lhe vem facilmente à pena. Quanto ela conhece e penetra a Sagrada Escritura e, em particular, as epístolas do Grande S. Paulo, para quem o seu coração bate de predileção! De quantos comentários justos e interessantes ilumina os ensinamentos mais sublimes de S. João da Cruz! Quem, pois, discorre com tanta elevação e firmeza? Acaso um sacerdote afeito ao trabalho teológico e à oração mental? Seria difícil descobrir a alma de uma jovem, através destas dissertações simples, luminosas e de uma lógica viril, se o calor e o encanto dum estilo sempre delicado e puro, muitas vezes vivo e alegre, não viessem espalhar incomparável doçura sobre os escritos da Irmã Elisabeth. Como S. Teresa, ela preferia sempre a doutrina verdadeira, forte, bela.”⁴

A “*exata conformidade de vista com os princípios mais seguros da teologia mística*”, é, com efeito, o traço mais característico desta espiritualidade essencialmente doutrinal. Era a impressão que predominava em nós, a cada passo, diante dos textos e documentos deixados pela Irmã Elisabeth e foi o que nos determinou tentar a investigação e o esclarecimento do sentido profundo de sua doutrina. Poderíamos definir assim o nosso ensaio: *olhar de teólogo sobre uma alma e uma doutrina*.

Apesar de não ser o nosso fim principal realizar um trabalho de historiador, procuramos, contudo, ser bem objetivos na interpretação dos fatos. Não se trata de construir *a priori* uma tese mística e nela incluir, à força, testemunhos e documentos; mas de descobrir, pelas leis do método histórico, o

⁴ *Memórias*, pág. XVII, ed. 1935.

sentido autêntico que êles encerram, segundo as circunstâncias de tempo, de lugar, de destinatários, de ambientes religioso e social. De determinar-lhes, enfim, o sentido integral, de acôrdo com as condições psicológicas e as influências recebidas, quer humanas quer divinas.

A objetividade dêste estudo não podia ser garantida sem longo trabalho de documentação e de pesquisa positiva. Para isto, confrontamos todos os escritos com os autógrafos, à exceção de raras cartas que nos escaparam, mas de que pudemos obter cópia autêntica. Utilizamos *numerosos textos que aparecem aqui pela primeira vez*. De pena em punho, interrogamos tôdas as testemunhas que pudemos, em particular as três mais íntimas amigas de Elisabeth Catez, antes de sua entrada para o convento: sua própria irmã, com quem nos entretivemos longamente, as religiosas suas contemporâneas no Carmelo, das quais uma teve com ela grande intimidade, — seu confessor, que a dirigiu dos 15 aos 21 anos, — outras pessoas que a conheceram. — um padre que a visitara várias vêzes, — enfim e sobretudo, a testemunha mais autorizada de sua vida: Madre Germana de Jesus, que foi, ao mesmo tempo, durante tôda a estada de Irmã Elisabeth da Trindade no Carmelo de Dijon, sua Priora e Mestra de Noviças. Em virtude do seu valor excepcional, esta última testemunha merece menção especial. Depois que u'a morte santa a chamou para junto de Deus, a gratidão nos obriga a dizer que nada podia ser mais precioso na elaboração dêste trabalho do que as confidências e longas horas de intimidade que tivemos com ela, sôbre aquela que foi verdadeiramente "sua filha". Nós a consultamos com grande cuidado. E, várias vêzes, tivemos a consolação inapreciável de ver *plena-mente confirmadas* por ela as conclusões que nos pareciam impor-se, depois da análise atenta dos documentos. Todos os pontos essenciais dêste livro foram fixados de perfeito acôrdo com ela.

Uma vez terminada esta tarefa de discernimento, restava o fim principal, fundamental, da obra: descobrir à luz dos fatos e confidências recebidas, o *sentido doutrinal da vida e dos escritos da Irmã Elisabeth da Trindade*.

A mesma preocupação de ser objetivo exigia tomássemos a doutrina da Irmã Elisabeth em sua fonte viva e lhe acompanhássemos o desenvolvimento e o progresso. Bom método seria explicar grande parte de sua doutrina pela psicologia concreta de que é o fruto. A doutrina mística de Irmã Elisabeth da Trindade não é a exposição abstrata e didática de um professor de teologia, mas antes o impulso de uma alma contemplativa. Não cabe à carmelita ensinar magistralmente os caminhos espirituais, senão vivê-los no silêncio da alma tôda “escondida em Deus com o Cristo.”⁵ Ao divino Mestre cabe fazer brilhar, quando lhe aprouver, para utilidade da Igreja, as riquezas doutrinárias de tal testemunho. É assim que se irradiou a mensagem doutrinal de S. Teresa do Menino Jesus. Assim também se irradia, embora de modo diferente, sem ruído, mas com profundidade, a da Irmã Elisabeth da Trindade. *Divisiones gratiarum, idem Spiritus.*⁶ “Os dons são distintos, mas o Espírito é o mesmo”.

Daí a necessidade de começarmos êste trabalho por um longo capítulo que será como o esboço desta alma, de quem se traçam as ascensões, desde os primeiros toques místicos, aos 19 anos, até a consumação da união transformante sôbre a cruz: é o que explica a evolução paralela e o progresso da sua doutrina mística.

Este olhar sôbre sua alma nos dá a compreender como a doutrina do silêncio sômente tomou nela um sentido de ascese universal, depois da entrada para a solidão do Carmelo e das purificações passivas do noviciado; êle nos mostra igualmente como o mistério da habitação divina se tornou, em ritmo ascendente, o centro de irradiação de sua vida, ao qual ela atribui sua vocação de “louvor de glória da Santíssima Trindade”, e isto no íntimo: “no céu da alma”.

Fácil era, depois disto, mesmo guardando escrupulosamente as perspectivas históricas da evolução de seu pensamento, determinar com certeza e precisão, em cada ponto de doutrina analisada, *em que princípios de teologia mística se baseavam os movimentos desta alma privilegiada*, e quais os

⁵ Ep. aos Col. III-3.

⁶ I Cor. XII-4.

aspectos do dogma que lhe haviam alimentado mais particularmente a vida interior. ⁷

Transportada pela graça ao ciclo da vida trinitária, Irmã Elisabeth da Trindade viveu profundamente o seu batismo, nos moldes próprios da vocação carmelitana. Entre as influências humanas recebidas, predomina a de S. João da Cruz: ela havia assimilado os princípios mais elevados de sua mística, na leitura assídua do *Cântico e da Viva Chama*. Jovem no século ou noviça, apaixonara-se pelas fórmulas espirituais, se bem que oratórias, do Pe. Vallée, não tardando porém em ultrapassá-las para se estabelecer em Deus, na nudez da fé, acima de toda formulação humana. A maneira dos grandes artistas, depara-se nela uma primeira fase de imitação mais ou menos servil dos modelos; depois uma segunda fase de ensaio, durante os três primeiros anos de noviciado, substituída de súbito pelo magnífico período de criação pessoal. Este irrompe com a composição, ao correr da pena, da sublime oração à Santíssima Trindade. De então por diante, o Espírito Santo possui nela um instrumento perfeito: ela canta a habitação divina e o louvor de glória em estilo inimitável, definitivo, que a torna um dos mestres espirituais da língua francesa. É o milagre da meditação das epístolas de S. Paulo e das obras místicas de S. João da Cruz, assim como das longas horas de silêncio contemplativo. O Verbo tornou-se, acima de tudo, o Mestre interior de sua vida. Ela mesma o confessa: "O que Ele me ensina interiormente é inexprimível". *Aí está a verdadeira fonte de sua vida e doutrina*. Foi a hora do triunfo supremo da graça em sua alma,

⁷ O mesmo método teológico misto, histórico e doutrinário a um tempo, poderia ser aplicado ao estudo de todas as vidas dos santos. Tal gênero de estudo seria, parece-nos, mina inesgotável e confirmação preciosa da teologia mística. Não seria difícil discernir pelo mesmo processo — à luz dos princípios diretores da mística — os grandes pensamentos doutrinários que constituíam a vida da alma de uma S. Teresa de Avila, de uma S. Teresa do Menino Jesus, de uma S. Bernadette, etc., etc.,...

O caso típico seria fornecido pelos grandes místicos: S. Catarina de Sena, Margarida Maria, Irmã Maria da Encarnação. Caso particularmente rico, porém mais complexo, seria o de S. João da Cruz, santo, a um tempo, místico e teólogo.

Aí está um vasto campo a explorar: proveito imenso para o discernimento das várias correntes de espiritualidade na vida da Igreja e para a história da teologia mística.

o pleno desabrochar das riquezas trinitárias de sua vocação batismal. O ritmo pacífico desta vida “consumada na unidade”⁸ reduz-se agora a alguns movimentos essenciais, sempre os mesmos, mas de extrema profundidade. Acese do silêncio, habitação da Santíssima Trindade e preocupação de trabalhar unicamente para o “louvor de Sua glória”, identificação com Cristo e conformidade com sua morte, imitação da vida silenciosa e adorada da Virgem da Encarnação: eis os grandes ideais que guiaram esta vida simples, mas fiel, até os mais altos cumes da união divina. São as verdades mais fundamentais do cristianismo. E que prazer encontrar uma alma santa que se eleva até Deus, sem milagres, sem mortificações extraordinárias,⁹ mas vivendo simplesmente seu batismo e submetendo-se totalmente à vontade divina, através da banalidade dos acontecimentos quotidianos.

Um monge de Solesmes escrevia à amiga mais íntima de Irmã Elisabeth: “Gostaria de ver o comentário de um teólogo sobre seus escritos.” Eis todo o esforço dêste livro, escrito para glória da Santíssima Trindade.

St. Maximin, 7 de março de 1937.

Festa de S. Tomás de Aquino

Fr. Miguel-Maria Philipon, O. P.

⁸ S. Jo., XVII, 23.

⁹ Formenor fornecido por sua própria Madre Priora.

CAPÍTULO I

ITINERÁRIO ESPIRITUAL

Antes de entrarmos na análise profunda desta alma, uma observação geral se impõe. Elisabeth da Trindade não se tornou santa senão depois de onze anos de luta e de incessantes pequenos retoques. Mesmo após a sua entrada no Carmelo e os longos anos de vida silenciosa e fiel, a mão divina não lhe poupará as purificações supremas pelas quais Deus costuma introduzir as almas heróicas na paz imutável da união transformante e elevá-las acima de todo gôzo e de tôda dor.

1.º — VIDA INTERIOR NO MUNDO

CAPRICHOS DE CRIANÇA. — Filha e neta de oficiais, Elisabeth Catez trazia nas veias sangue militar, pronto à réplica. Herdou um temperamento ardente. Certo dia, quando tinha apenas três ou quatro anos, fechou-se num quarto e tripudiava, exasperada, atrás da porta, contra a qual arremetia a pontapés.

Até os sete anos, sua infância foi caracterizada por grandes manifestações de cólera irreprimível. A tempestade tinha de se acalmar por si mesma. Só então sua mãe lhe chamava a atenção e a ensinava a vencer-se por amor. “Esta criança é de uma vontade de ferro”, repetia sua mestra. “É preciso que obtenha o que quer”.

A morte do pai, entre seus bracinhos de criança, deixou-a só com a mãe e a irmã, Margarida. Com esta, muito dócil

e retraída, vai ela dividir todos os momentos, até que Deus a chame ao Carmelo.

Nenhum outro acontecimento grave de família veio quebrar o ritmo desta vida, alegre e cristã, sem sair de Dijon.

2. — **CONVERSÃO.** — A primeira confissão operou na alma de Elisabeth um choque, a que dará mais tarde o nome de *conversão* e “que determinou o seu despertar para as coisas divinas”. Desde então, entrou decididamente em luta contra os defeitos dominantes: ira e sensibilidade. Fase dura de combate espiritual, que vai até os 18 anos.

O padre que a preparava para a primeira comunhão e a conhecia bem, dizia a u'a amiga íntima de sua mãe: “Com o temperamento que tem, Elisabeth será uma santa ou um demônio”.

O primeiro contato com Jesus, escondido na Sagrada Hóstia, foi decisivo. “Ela ouviu-lhe a voz no íntimo da alma. O Mestre tomou posse total de seu coração. A partir d'êste momento, sua única aspiração foi dar-lhe a vida.” ¹

Os que a cercavam, ficaram surpreendidos com a mudança súbita e profunda que nela se operou. Elisabeth conquistava a grandes passos aquêle domínio calmo de si mesma, que, em breve, emanaria de tôda a sua pessoa. Certo dia, depois da Comunhão, pareceu-lhe que alguém lhe segredava aos ouvidos a palavra “Carmelo”. Outra vez (tinha ela quatorze anos), durante a ação de graças, ouviu um chamado interior do Mestre, e, sem mais tardar, para pertencer só a êle, fêz o voto de virgindade. Ela morrerá fiel a êste voto, pura como lírio.

Suas poesias, dos quatorze aos dezenove anos, não murmuram senão os nomes do seu querido Jesus, de sua Mãe do céu, do seu Anjo da Guarda, de Joana d'Arc, “a virgem, que ninguém pode infamar.” ²

O Carmelo, sobretudo, tem para ela atrativo irresistível. Seus versos cantam os atributos da carmelita: o burel e o

¹ *Poestas*, “O aniversário de minha primeira Comunhão”, 19 de abril de 1898.

² *Poestas*, “Joana d'Arc”, outubro de 1895.

véu branco, o rosário de contas pobres de madeira, os cilícios que dilaceram a carne, etc. ³

Morando perto do querido Carmelo, ela passava frequentemente no terraço da casa “triste e sonhadora”. ⁴ Seus olhares mergulham longamente no mosteiro. Tudo ali lhe fala ao coração: a capela, onde se esconde o Mestre de sua vida, o Angelus, o sino que dobra a finados, as celas de “mínúsculas janelas”, com mobília pobre, onde à noite, depois de longo dia de oração redentora, as virgens vão descansar. Longe dêste sonho, sua alma enlanguece. Conta dezessete anos. Um momento, por intermédio de um padre amigo, tenta evadir-se dêste “triste mundo sedutor”. Sua mãe é inflexível. Na oração e na confiança, Elisabeth aguarda a hora de Deus.

3. — FESTAS MUNDANAS. — Festas mundanas e reuniões de tôda sorte recommçaram e se multiplicaram ràpidamente. A Sra. Catez estimulava-a discretamente, sem querer, entretanto, desviar a filha da vocação, mas talvez com a esperança secreta de que Deus não lha tomaria. Elisabeth não se deixava rogar. Bastava ser a vontade da mãe, e ela se achava em tôdas as visitas, fazendo, em tôda parte, figura excelente, “sem demonstrar aborrecimento”, repetem sem cansar as testemunhas de sua vida. Ninguém poderia descobrir em Elisabeth Catez a futura carmelita, cuja vida interior intensa e tôda sepultada no interior com Cristo, devia dar à Trindade Imutável um testemunho tão comovente de silêncio e de recolhimento.

Elegante, aparecia sempre num traje simples, mas irrepreensível. Várias vêzes foi pedida em casamento. Para que lhe não suspetem a partida, ela compra luvas novas para uma de suas últimas *soirées*. Elisabeth Catez compartilhou alegremente a vida da sociedade onde viveu, só evitando o pecado.

4. — OBRAS DE APOSTOLADO. — Em Dijon, Elisabeth consagra-se durante o ano às obras da paróquia: côro, catecismo

³ *Poesias*, “Aos attributos da carmelita”, 15 de outubro de 1897.

⁴ *Poesias*, “O que vejo de minha sacada”, out. 1897.

às crianças ou às primeiras comungantes retardatárias, das quais zombam as mais novas, outras obras de beneficência que reclamam seu concurso, enfim assistência às meninas indisciplinadas da fábrica de tabaco, que a estimam profundamente. Ela tem até de esconder o enderêço, do contrário a casa será invadida. A Irmã Elisabeth da Trindade não deixará de acompanhá-las na vida e de cobri-las com sua oração silenciosa de carmelita.

Com tática particular, adapta-se a tudo e a todos. Gosta das crianças por causa de sua pureza. Deus lhe concedeu um dom maravilhoso para entreter os pequeninos. Por ocasião das reuniões de família ou de amigos, êles a cercam, algumas vêzes em número de quarenta. Elisabeth gosta imenso dos quadros vivos, sobretudo do de *Jesus no meio dos Doutôres*. Traja tôda a petizada e a faz brincar. Ela mesma compõe comédias e música. Triunfa com as dansas de crianças. Depois, quando os nervos estão calmos, instalam-se cadeiras no jardim e a leitura começa. Com avidez, todos ouvem atentos *Patirá*. Por vêzes, os meninos atormentam-na com convites para brincar. Elisabeth aceita sorrindo. Durante o mês de Maria, o pequeno grupo que ela conduz à Igreja a retém nas cadeiras do fundo, bem perto da saída. “Mal o padre fechava o tabernáculo, nós a puxávamos para ir passear. Ela nos contava então, com muita imaginação, histórias fantásticas. Elisabeth sabia estar sempre à altura de todos.”⁵

Guardemos êste último traço: no claustro como no mundo, Elisabeth da Trindade saberá evitar a singularidade. Com os outros convidados, apreciará as tortas de Francina, a melhor cozinheira de Dijon, e rir-se-á, à vontade, dos pesados almoços que, durante três dias, carregam o estômago até mais não poder.

5. — FÉRIAS DE VERÃO. — Nas férias de verão, ela saía regularmente de Dijon para grandes excursões. Foi assim que visitou a Suíça, os Alpes, o Jura, os Vosges, os Pirineus e grande parte da França.

* Testemunho de uma amiga de infância.

Suas cartas nô-la mostram alegre e festejada, no turbilhão das visitas de parentes e amigos, ligando-se, por grande amizade, a algumas almas de escol que encontra quase sempre com o grupo de môças de sua idade. Caridosa e bem educada, ri alegremente com tôdas.

“Nossa estada em Tarbes foi uma longa série de divertimentos: *matinéés* dansantes, musicais, passeios no campo; tudo se sucedia. A sociedade de Tarbes é muito agradável. Travei relações com muitas môças, cada qual mais amável. Estamos encantadas com o acolhimento que tivemos e levamos de Tarbes a mais agradável recordação. Não deixávamos o piano, e as casas de música de Tarbes não bastavam para nos fornecer novidades a interpretar.”⁶

“Partimos hoje para Lourdes. Meu coração se entristece ao pensar que deixo a querida Yvonne. Se visses que bela môça! além disto, um caráter ideal. Quanto à Sra. de R. sua doença não deixou traço algum: está mais jovem, mais elegante do que nunca e sua bondade é a mesma. Fiz 18 anos ante-ontem; ela ofereceu-me linda abotoadura de turquesas para blusa. Escreve-me quanto antes. Deixo-te, para fechar as malas. Lembrar-me-ei de ti em Lourdes. De lá, vamos percorrer os Pireneus: Luchon, Cauterets, etc. Tenho loucura por estas montanhas que contemplo ao te escrever. Parece que não posso mais ficar sem elas.”⁷

Luchon encanta-a sobremodo: “O sítio é incomparável. Passamos lá dois dias. Pudemos fazer a ascensão do vale do Lírio. Tínhamos um grande landeu, de quatro cavalos, com as primas de Rostang e de Saint-Michel, que encontramos em Luchon. Estas senhoras nos confiaram a um padre, nosso conhecido, e que fazia também a ascensão até o abismo do Inferno. Estávamos a 1801 metros, à beira do precipício horrível. Madalena e eu achávamos aquilo tão belo que desejaríamos quase ser levadas por aquelas águas. Apesar de seu entusiasmo, pois prefere êste sítio à Grande Cartuxa, o Padre não compartilhava nossa opinião. Mostrava-se muito mais prudente do que nós, que, sem a menor vertigem, galopávamos à beira do abismo. Aquelas senhoras soltaram um

⁶ Carta a A. C. 21 de julho de 1898.

⁷ Carta a A. C. 21 de julho de 1898.

suspiro de alívio quando nos viram de volta. Estavam inquietas durante nossa galopada.”⁸

Corre assim de amigos a amigos, gozando, nos diz ela, “duma vida das mais agradáveis, como em Lunéville, tomando chá com um, almoçando com outros, além das numerosas partidas de tennis em casa de jovens muito delicadas”, não tendo enfim um minuto para si. Aos 14 de julho, assiste, no Campo de Marte, à revista a que levam as grandes relações de sua família com o mundo militar. Filha de oficial, entusiasma-se pelo desfile da cavalaria... Imaginem-se todos aqueles capacetes e couraças, brilhando ao sol... O espetáculo deslumbrante termina à tarde, nos bosques do parque, com uma iluminação feérica, mais ou menos como em Veneza...

No meio destas festas mundanas, o coração sente saudades do Carmelo. Quando os convidados desaparecem, Elisabeth Catez encontra-se de novo, sem esforço, com o Cristo, de quem não se separara. Em Tarbes, fugindo um instante aos ruidosos prazeres da sociedade, refugia-se no Carmelo. A Irmã rodeira a encontra de joelhos atrás da grade do locutório. Beijaria com gosto tôdas as paredes desta casa de Deus. Lourdes está ali pertinho. Durante três dias, recolhe-se aos pés da Virgem do rochedo. Férias e mundanismo desaparecem facilmente de seu espírito. Abismada na oração, horas a fio imóvel junto da gruta, suplica à Imaculada que a guarde pura, e se oferece como vítima pelos pecadores.⁹

Nada pode distraí-la do Cristo. Do Carmelo de Dijon, poderá escrever mais tarde à mãe, em *post-scriptum* a uma carta: “Sexta-feira, no vagão, não te esqueças de orar: é uma ocasião muito propícia, ainda me lembro”.¹⁰ Fala por experiência. As riquezas profanas das grandes cidades, por onde passa, deixam-na indiferente. Para ela, Marselha é *Notre-Dame de la Garde*,¹¹ e Lião reduz-se a Fourvières.¹² Em Paris, onde, com a mãe e a irmã, vai visitar a célebre Ex-

⁸ Carta a D., agosto de 1898.

⁹ *Poesias*, “A Imaculada Conceição”. 8 de dezembro de 1898.

¹⁰ Carta a sua mãe, julho de 1906.

¹¹ Carta a M.-L. M., 6 de outubro de 1898.

¹² Carta a A. C., verão 1898.

posição Universal de 1900, duas únicas coisas chamam-lhe a atenção. Montmartre e Nossa Senhora das Vitórias: “Estivemos duas vêzes na Exposição. É muito bonito, mas detesto aquêlê barulho, aquela multidão. Margarida zombava de mim, dizendo que eu parecia voltar do Congo”.¹³

6. — O *AGENDO CONTRA*. — O *agendo contra* foi-lhe a palavra de ordem dêste primeiro período de vida. Aos 19 anos, escreve em seu Diário: “Tive o prazer de oferecer hoje a Jesus muitos sacrificios sôbre o meu defeito dominante, *mas quanto me custaram!* Reconheço minha fraqueza... Quando recebo um observação injusta, parece-me sentir o sangue ferver nas veias, *tal é a revolta do meu ser*. Mas Jesus estava comigo. Ouvia-lhe a voz, no fundo do coração, e então estava disposta a tudo suportar por seu amor.”¹⁴

Tôdas as noites, como para verificar se realmente avança no caminho da perfeição, nota em uma caderneta: vitórias e derrotas.

Elisabeth tenta jejuar às escondidas. Ao cabo de três dias, a vigilante Sra. Catez descobre e repreende-a severamente. Ela obedece, mais uma vez. O caminho que Deus lhe traça não é o das grandes mortificações dos Santos. O mesmo acontecerá no Carmelo. Outra prova de amor espera de Elisabeth a Trindade silenciosa. “Visto que não me posso impor mortificações, devo persuadir-me de que êste sofrimento físico e corporal é apenas meio — aliás excelente — para chegar à mortificação interior e ao desapêgo completo de mim mesma. Ó Jesus, minha vida, meu amor, meu Espôso, ajudai-me. É absolutamente necessário que eu chegue ao ponto de fazer sempre tudo o *contrário de minha vontade*.”¹⁵

7. — PRIMEIRAS GRAÇAS MÍSTICAS. — Deus não podia tardar por mais tempo em recompensar, pelos toques secretos da graça, os esforços contínuos, empregados por Elisabeth para triunfar da natureza. A ascese conduz à mística e é sua salvaguarda indispensável.

¹³ Carta a M.-L. M., verão 1900.

¹⁴ Diário, 30 de janeiro de 1899.

¹⁵ Diário, 24 de fevereiro de 1899.

Santa Teresa dizia, com seu bom-senso habitual: "Mimo e oração nunca andam juntos." ¹⁶ Tudo isto é normal. *A Viva Chama de Amor* supõe a dolorosa *Subida do Carmelo* com suas *Noites* obscuras, suas purificações ativas e passivas, que amedrontam até os mais decididos.

Por outro lado, esquecemos por demais também os longos êxtases contemplativos do autor dos *Exercícios Espirituais*, em sua cela, em Roma, onde S. Inácio murmurava enlevado: *O beata Trinitas*. Nem por isso devemos negar as diversidades de tendência e de caminho espiritual: *alius sic, alius sic ibat*. Mas a verdade evangélica inclui tôdas estas cambiantes que perduram e os santos de tôdas as Escolas vão-se reunir para além delas. No cume, todos são transformados em Jesus Cristo, identificados com a beatitude do Crucificado.

O combate espiritual "contra" os defeitos e a vitória sobre a própria natureza conduziram Elisabeth às primeiras manifestações das graças místicas que deviam transformá-lhe a vida, a princípio lentamente, por toques sucessivos e como que passo a passo; mais tarde, a partir da profissão, por um movimento calmo e contínuo; enfim, nos seis últimos meses de doença, a grandes vôos, rumo às alturas da união transformante.

Ela própria só teve consciência dêstes primeiros toques divinos (recebidos durante um retiro, em janeiro de 1899) alguns meses mais tarde, ao ler as obras de Santa Teresa. O que afirma a êste respeito no *Diário* é de importância capital na história de sua vida espiritual. É a entrada na via mística, após rude combate espiritual de mais de onze anos e que, em verdade, não há-de cessar nunca.

"Leio, neste momento, o *Caminho da Perfeição*, de Santa Teresa. Esta leitura me interessa muito. A oração! Quanto gosto da maneira como Santa Teresa trata êste assunto! Quando ela fala da contemplação êsse grau de oração onde Deus é quem tudo opera e nós nada fazemos, onde Ele une nossa alma tão intimamente a si que já não somos nós que vivemos, mas Ele quem vive em nós... *Oh! reconheci então aqueles momentos sublimes de êxtase a que o Senhor se dig-*

¹⁶ *Caminho da Perfeição*, c. IV.

nou elevar-me tantas vêzes, durante aquêlo retiro, e mesmo depois.

“Que posso dar-lhe em troca de tantos benefícios? Depois dêses êxtases, dêses arroubamentos sublimes, durante os quais a alma esquece tudo e vê apenas Deus, quanto a oração ordinária parece difícil e penosa.”¹⁷

Deus já elevava então Elisabeth Catez aos estados superiores da contemplação, o que se manifestava visivelmente à hora da oração. Ela lentamente entrava na Igreja paroquial pela nave central, e ajoelhava-se em seu lugar. Por longo tempo, immobilizava-se em impressionante recolhimento. Parecia cheia de Deus. Sua amiga mais íntima ficava sempre impressionada pelo contraste súbito que se operava nela, logo que entrava na igreja para rezar: “Não era mais a mesma.”

Desde algum tempo, experimentava no fundo da alma fenômenos estranhos que não conseguia definir. Sentia-se habitada: “quando eu estiver com o meu confessor, dizia consigo mesma, hei-de falar-lhe disto”.

8. — ENCONTRO COM O PADRE VALLÉE — Foi então que viu no Carmelo um religioso da Ordem de S. Domingos, cujo encontro ia dar à sua vida interior orientação decisiva. Madre Germana de Jesus, Priora e Mestra de noviças de Irmã Elisabeth, autora das *Memórias*, notou com razão que “êste encontro providencial” lembra, por seus efeitos de graça, aquêlo que S. Teresa narra no capítulo XVIII de sua *Vida* e na quinta morada do *Castelo da Alma* (capítulo I). A Santa conta, com efeito, como “um grande teólogo da Ordem de S. Domingos (Mestre Bañez, célebre professor da Universidade de Salamanca) tendo confirmado, do ponto de vista doutrinal, o que ela havia experimentado durante a oração sobre a presença de Deus em sua alma, deu-lhe grande consolação, juntamente com a completa calma que produz a verdade.”¹⁸

Enquanto Irmã Elisabeth, tímidamente, interrogava o eminente religioso sobre o sentido dos movimentos de graça que, desde algum tempo, sentia e lhe davam a impressão de

¹⁷ *Diário*, 20 de fevereiro de 1899.

¹⁸ *Memórias*, pág. 66, nota I, ed. 1935.

ser habitada, o padre Vallée, com a palavra poderosa e evocadora que o caracterizava, respondeu-lhe: “Mas, sem dúvida, minha filha, o Pai Eterno está em nós, o Filho também, assim como o Espírito Santo; tôda a Santíssima Trindade está em nós com seu poder criador e santificador, fazendo em nós sua própria morada, vindo habitar no mais íntimo de nossa alma para aí receber, numa atmosfera de fé e de caridade, o culto de adoração que Lhe é devido”.

Esta exposição dogmática arrebatou-a. Podia, pois, entregar-se com tôda segurança, segundo o impulso da graça, ao atrativo interior e habitar no centro mais profundo de sua alma. Durante a palestra, um recolhimento irresistível invadiu-a. O Padre falava sempre. Sem tardar êle percebeu que Elisabeth não o escutava mais. “Eu estava ansiosa por que êle se calasse”, dizia ela mais tarde à Priora.

A Irmã Elisabeth revela-se tôda neste traço: ávida de silêncio, sob o impulso da graça recebida.

Por sua vez, o Pe. Vallée dizia a respeito daquela hora decisiva: “Eu a vi partir qual uma flecha”.

Elisabeth Catez era dessas almas que, tendo encontrado a luz divina, não se desviam mais. A partir dêste dia, tudo se ilumina e se transforma para sua alma. Encontrou o caminho. Doravante, a Santíssima Trindade será em tudo sua única vida. ¹⁹

¹⁹ Logo que a mãe consentiu definitivamente em sua vocação religiosa (26 de março de 1899), ela recomeçara as visitas ao Carmelo, interrompida durante oito anos. Foram o conforto de Elisabeth Catez, nos dois últimos anos que passou no mundo. Lá encontrava, como Priora, a Madre Maria de Jesus, que, na tarde de sua Primeira Comunhão, lhe oferecera, no locutório, uma pequena estampa com o seguinte pensamento que lhe explicava o nome:

“Teu nome santo, ó filha,
Grandioso mistério encerra;
E realidade hoje alcança:
És *casa de Deus* na terra.”
Elisabeth significa: *Casa de Deus*

NOTA — Madre Maria de Jesus era uma alma trinitária. Sua ardente devoção à Santíssima Trindade nascera, de súbito, de uma graça recebida aos 14 anos, num dia de procissão das Rogações. No momento em que a jovem se unia às primeiras invocações ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, foi-lhe revelada interiormente esta misteriosa mas real presença na alma das Três Pessoas divinas. “Desde então”, dizia ela mais tarde, “procurei sempre recolher-me neste íntimo onde Eles moram”. Fundadora de Paray-le-Monial colocou seu belo mosteiro sob o vocábulo da Santíssima Trindade, cuja porta é o Coração de Jesus. Foi Madre Maria de Jesus quem

2.º — CARMELITA

Quando Elisabeth Catez foi conduzida à sua cela de carmelita, ouviram-na murmurar: “A Santíssima Trindade está aqui”.

Desde o primeiro exercício de comunidade, no refeitório, viu-se a jovem, depois de terminar a frugal refeição, juntar modestamente as mãos, sob a capinha e depois, com os olhos fechados, entrar em profundo movimento de oração. A Irmã encarregada de servir à mesa, observou-a e disse consigo: “É bonito demais para durar”. Engano. O Carmelo de Dijon possuía uma Santa.²⁰

1. — SEU IDEAL DE CARMELITA. — O questionário que Irmã Elisabeth preencheu, sob forma recreativa, oito dias depois de entrar no Carmelo, revela o seu estado de alma, ao ingressar na vida religiosa. Os traços mais característicos de sua fisionomia espiritual já aparecem aí fortemente delineados: o ideal de santidade: viver de amor para morrer de amor; — a predileção pelo silêncio; — a devoção para com a alma de Jesus Cristo; — a palavra de ordem de toda sua vida interior: sepultar-se no mais profundo da alma para aí encontrar a Deus. Nada ficou esquecido, nem mesmo o de-

deu a Elisabeth Catez o nome de Irmã Elisabeth da Santíssima Trindade, nome de graça, que se tornou todo o programa de sua vida religiosa. Elisabeth Catez ia regularmente estar com a Madre, como o pequeno grupo de postulantes extra-muros que vojava em torno das grades do Carmelo. Madre Maria de Jesus formava-se no espírito carmelitano, e Irmã Elisabeth, futura noviça, prestava-lhe contas de suas orações. Um pouco privada de direção firme e seguida, Elisabeth ia com prazer pedir à Madre os conselhos e avisos necessários ao progresso de sua vida espiritual. Consultava-a, antes de tomar as resoluções de retiro. Todas as suas decisões pareciam-lhe vir de Deus e estas visitas faziam-lhe grande bem.

²⁰ Nota sobre o Carmelo de Dijon. — Sabe-se que a Venerável Madre Ana de Jesus, companheira e colaboradora de Santa Teresa, na reforma do Carmelo na Espanha, foi à França e conseguiu fundar o primeiro mosteiro em Paris, no subúrbio de Saint-Jacques, aos 18 de outubro de 1604.

Logo no ano seguinte, em 1605, Madre Ana de Jesus fundava o Carmelo de Dijon que teve a glória de receber os primeiros votos feitos a Deus, sob a reforma estabelecida em França. Ele foi sempre animado do mais lídimo espírito de S. Teresa, até o momento em que a grande revolução expulsou as Carmelitas do mosteiro. Restaurado em 1854 por Madre Maria da Trindade, o Carmelo de Dijon retomou o espírito e as tradições do Carmelo de França. Estas tradições foram mantidas fiel-

feito dominante: a sensibilidade. Só falta o trabalho de desprendimento, que será obra das purificações passivas do Noviciado, e a graça suprema que lhe transformará a vida e lhe dará o sentido de sua vocação definitiva: ser um louvor de glória à Santíssima Trindade.

- Em que consiste para vós, o ideal da santidade?
- Viver de amor.
- Qual o meio mais rápido para alcançá-lo?
- Fazer-se pequena, e dar-se sem reserva.
- Qual o santo que amais de preferência?
- O discípulo amado que repousou sôbre o coração do Mestre.
- Qual o ponto da Regra que preferis?
- O silêncio.
- Qual o traço dominante de vosso caráter?
- A sensibilidade.
- Vossa virtude de predileção?
- A pureza. “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”.
- O defeito que maior aversão vos inspira?
- O egoísmo em geral.
- Como definis a oração?
- A união daquela que não é com Aquêle que é.
- Que livro preferis?
- A alma do Cristo: ela me revela todos os segredos do Pai que está no céu.
- Tendes grande desejo do céu?
- Por vêzes tenho nostalgia, mas, afora a visão, já o possuo no íntimo de minha alma.
- Que disposições quereríeis ter ao morrer?

mente pelas duas Prioras que se seguiram: Rda. Madre Maria do Coração de Jesus e a Rda. Madre Maria de Jesus, futura fundadora do Carmelo de Paray-le-Monial.

Madre Germana de Jesus, que lhe sucedeu no cargo, foi Priora de 1901 a 1906, isto é, durante tôda a estada de irmã Elisabeth da Trindade. O Carmelo de Dijon teve a dita de a possuir como Priora, durante 20 anos, por intervalos regulares. Madre Germana foi uma grande figura carmelitana. Alma de paz e oração, de grande zêlo pela exata observância, foi realmente a Priora providencial que devia oferecer a Irmã Elisabeth o quadro de vida regular em que sua alma de contemplativa pudesse expandir-se, livremente, numa atmosfera de silêncio e de recolhimento. A

— Desejaria morrer amando e cair assim nos braços do meu Amado.

— Que espécie de martírio vos agradaria mais?

— Gosto de todos, mas prefiro o do amor.

— Que nome quereis ter no céu?

— Vontade de Deus.

— Qual o vosso lema?

— Deus em mim e eu n'Ele.

Segundo sua graça própria, é no "íntimo" que vive seu ideal de Carmelita. Vai direito ao essencial: a solidão, a vida de oração contínua, a consumação no amor. "A Carmelita é uma alma que contemplou o *Crucificado*, que o viu oferecer-se como vítima ao Pai pelas almas, e, recolhendo-se nesta grande visão da caridade de Cristo, ela compreendeu a paixão do amor que domina sua alma e quis também dar-se como Ele. Na montanha do Carmelo, no silêncio, na solidão, numa oração sem fim, porque continua através de tudo, a Carmelita, vive como se fôra no Céu: "Só de Deus". O mesmo que há de ser um dia sua beatitude e há de saciá-la na Glória, já se dá a ela neste mundo. Ele não a deixa nunca. Mora em sua alma. Os dois não fazem senão Um. Por isso, ela é *faminta de silêncio*, a fim de ouvir sempre, de penetrar, mais e mais, no Ser infinito. Está identificada com Aquêle a quem ama. Encontra-o em tôda parte. Vê-o brilhar através de tôdas as coisas.²¹ "Eis aí a vida do Carmelo: viver n'Ele. Desta maneira, tôdas as imolações, todos os sacrifícios tornam-se divinos. A alma vê o Amado através de tudo e tudo a conduz a Ele. É um face a face contínuo." O ponto da *Regra*, de sua preferência, é o silêncio. E, desde os primeiros dias, fica

Serva, de Deus, consciente disto e cheia de reconhecimento, referindo-se a esta influência maternal, podia, na verdade, escrever em bilhete íntimo, encontrado depois de sua morte (e trazendo no envoltório estas palavras significativas: "segredos para nossa reverenda Madre"); "*Eu trago vossa marca*". Desde a primeira alocação no capítulo, em presença de tôda a comunidade — e de Irmã Elisabeth — a nova Priora traçava assim o programa espiritual do seu govêrno: "Guardar com tôda a perfeição possível, no espírito inteiramente apostólico de nossa santa Madre, a Regra e as constituições que nos legou, depois de as ter observado de maneira tão perfeita".

Tal foi o quadro de vida religiosa perfeita em que Irmão Elisabeth da Trindade pôde realizar tão rapidamente o seu ideal de carmelita.

²¹ Carta a G. de G. 7-8-1902.

²² Carta a G. de G. 14-9-1902.

enlevada com o lema familiar às antigas Madres: "Só com o Só".

2. — GRAÇAS SENSÍVEIS DO POSTULADO. — Como sói acontecer freqüentemente, as primeiras etapas da vida religiosa de Irmã Elisabeth da Trindade foram caracterizadas por inúmeras consolações sensíveis. Deus encaminha aos poucos as almas para as alturas. É pelo Tabor que se vai ao Calvário.

Irmã Elisabeth ia, freqüentemente, ter com a Priora: "Não posso suportar tantas graças". Mal chegava ao Côro e se punha de joelhos, um recolhimento profundo, irresistível, a invadia. Sua alma parecia imobilizada em Deus.

Passava silenciosa e recolhida pelos claustros e nada podia distraí-la do Cristo. Achava-o em tôda parte. Certo dia, uma irmã a viu varrendo; tão absorvida estava pela presença divina que ela não ousou aproximar-se. Nas horas de recreio, Irmã Elisabeth mostrava-se alegre e expansiva, duma graça encantadora, procurando para cada Irmã o que sabia ser-lhe agradável; fora dali, porém, todo o seu exterior revelava uma alma arrebatada em Deus. Éste recolhimento das faculdades como que absorvas em Deus, ocasionava-lhe até, nas horas do officio, esquecimentos involuntários de que se acusava com sincera humildade. A graça conduzia-a visivelmente.

Passaram-se assim os meses de Postulado. Aos 8 de dezembro, realizou-se a cerimônia da tomada de hábito. O Pe. Vallée veio pregar. Entregue inteiramente à alegria do seu dom total ao Mestre, Irmã Elisabeth perdeu consciência do que se passava em tôrno de si. Nosso Senhor, que acabava de tomar posse dela, ocupava tôda a sua atenção. Quando, à noite, se encontrou na pequena cela, só com o seu Jesus, a alma nadava em júbilo. Um cântico de ação de graças subiu-lhe do coração para Deus. Para tôda uma vida de amor, ela estava enfim "só com o Só".

3. — AS PURIFICAÇÕES DO NOVICIADO. — Até então a graça divina a tinha inundado. Mas faltava-lhe ainda saborear, longamente, o seu nada, sentir-se miserável e capaz de tudo,

para, assim, compreender melhor a fragilidade de suas Irmãs.

Durante um longo ano, Deus ia abandoná-la a si mesma, à impotência, ao abatimento, às hesitações sobre o próprio futuro, até mesmo sobre a vocação. Vai ser necessário até chamar um padre para animá-la na véspera da profissão e ditar-lhe a vontade de Deus sobre sua alma desamparada.

Desapareceu aquela facilidade na oração. Nenhum vôo mais. Ela sente a alma arrastar-se. Sua natureza de artista permanece inerte, morre a sensibilidade. Quanta vez a pobre noviça volta a ter com a Madre Mestra, expõe-lhe sua fraqueza, suas lutas, suas tentações, o martírio da sensibilidade que atravessa as terríveis noites, descritas por S. João da Cruz. Para ajudar a conclusão da obra divina, Madre Germana de Jesus dirige-a com bondade e firmeza. Desde a entrada de Irmã Elisabeth para o Carmelo, ela percebera sua excessiva sensibilidade. A jovem postulante gostava, à noite, durante o grande silêncio, de passear pelo terraço. A vista do firmamento estabelecia o contato de sua alma com Deus. Madre Germana passou por lá certa vez. Era hora do silêncio profundo. No dia seguinte, a noviça ouviu estas palavras: “Não se vem ao Carmelo para cismar com as estrêlas. Vá a Ele pela fé”.

Mais tarde, para prová-la, a Madre não deixava passar uma só ocasião de a repreender pelas menores faltas e pequenos esquecimentos. Irmã Elisabeth da Trindade beijava então humildemente o chão e se retirava.

Era de propósito que Madre Germana de Jesus disciplinava uma ternura que se teria tornado facilmente perigosa. A jovem postulante conservava-se dócil, compreendendo melhor do que qualquer outra quanto lhe era necessário vigiar, a cada instante, sobre o coração. Ainda no século, apegara-se de modo exagerado, a uma companheira que encontrava quase todos os dias no Carmelo e com a qual prolongava as conversas íntimas. Gostava de escrever-lhe freqüentemente, de ler e reler suas cartas, sobretudo as passagens em que a amiga declarava ser ela a mais querida. Este olhar retrospectivo sobre a mocidade de Elisabeth, serve para esclarecer de modo particular sua psicologia religiosa:

“Querida irmãzinha, não sejamos senão uma, sem nos separarmos jamais. Se quiseres, no sábado próximo, comungaremos uma pela outra. Será o “Um” para sempre. Dora-vante, quando Ele vir Margarida, verá Elisabeth. Quando der a uma, dará à outra, porque haverá uma só vítima, uma só alma em dois corpos. Sou talvez sensível demais, querida irmã. *Mas fiquei tão satisfeita de que me tenhas dito que sou tua irmã mais querida. Gosto de reler estas linhas.* Bem sabes que és minha irmãzinha querida entre tôdas. Será mister repeti-lo ainda? Quando estavas doente, eu sentia que nada, nem mesmo a morte, seria capaz de separar-nos. Ó querida irmã, não sei qual das duas Deus chamará primeiro. Então, a união não cessará, mas ao contrário, se consumará, não é? Que prazer então falar, com o Bem-Amado, da irmãozinha que foi antecipada junto d’Ele!

Quem sabe nos pedirá Ele o sangue? Que felicidade, irmos então juntas ao martírio! Não posso pensar nisso, é belo demais ... Esperando que tal aconteça, demos-Lhe, gôta a gôta, o sangue de nosso coração.”²³

Algo de exaltação sentimental atravessa estas linhas, e o testemunho oral recolhido desta mesma amiga obriga-nos a reconhecer em Elisabeth uma ternura excessiva. E quem se admiraria destas fraquezas dos santos? Não ficou Santa Margarida-Maria prêsa um instante pela afeição exagerada para com uma de suas irmãs, o que lhe valeu uma repreensão do Coração puríssimo de Jesus? S. Tomás, grande Doutor e grande Santo ao mesmo tempo, ensina que, na terra, ninguém pode evitar inteiramente as faltas de fragilidade: algumas escapam mesmo aos mais perfeitos.

Poder-se-ia escrever um belo livro — o que seria bem consolador — sôbre os defeitos dos Santos e como se corrigiram, graças aos esforços pessoais, auxiliados pela graça de Deus.

Logo que Elisabeth Catez percebeu o coração prêso, afastou-se, sem violência, mas com rara delicadeza e heroísmo: “Mui querida Margarida, queria confiar-te alguma coisa, sem entretanto magoar-te. Esta manhã, ao estar junto de ti na

²³ Carta a M. G., 1901.

Capela, achei que me sentia melhor do que em nossas boas palestras. Se quiseres, passaremos junto a Êle, uma ao lado da outra, o tempo que passávamos no jardim. Ficas pesarosa com isto? Cara irmãzinha, não o sentiste como eu? Parece-me que sim. Oh! dize-mo com simplicidade. Bem sabes que tudo podes dizer à tua Elisabeth".²⁴

Depois dêste ato generoso de desapêgo, dizia-nos esta amiga, "Eu a vi partir".

Na fase de purificações passivas, sofridas por Irmã Elisabeth durante o Noviciado, coisa análoga, porém muito mais profunda, se produziu. Todos os sentidos tiveram que passar por êste desapêgo absoluto, o único que liberta completamente.

Jamais, em tôrno dela, afora a Piora, ninguém suspeitou essa fase de abatimento purificador. Tudo quanto podia dar-lhe certa consolação, deixava-a indiferente ou irritada. Um retiro do Pe. Vallée, cuja doutrina bela e profunda soube apreciar como de costume, não chegou a arrancá-la desta agonia íntima. O próprio Padre não a compreendia mais e repetia com tristeza: "Que fizeste de minha Elisabeth? Vós a transformastes". Êste trabalho, incompreensível para êle, vinha de Deus; os homens nada podiam.

Nesse penoso ano de provações, Irmã Elisabeth adquiriu uma fé mais forte e uma experiência do sofrimento que vai servir-lhe para compreender e consolar outras almas experimentadas por Deus. O resultado essencial dêste período de purificação foi virilizá-la e estabelecê-la definitivamente numa vida espiritual baseada sôbre a fé pura, e que decorrerá, doravante, na paz, sob o olhar de Deus. Ela estará, para sempre, livre da sensibilidade.

Como o pleno equilíbrio moral voltaram as fôrças físicas. O Capítulo conventual admitiu-a à profissão. Foi avisada no dia de Natal. Como em tôdas as circunstâncias mais importantes da vida, ela corre a refugiar-se sob a oração poderosa do Cristo da missa. Mas desta vez com insistência particular. É uma novena inteira de missas que implora do sacerdote amigo e venerável, que foi o primeiro confidente de suas as-

²⁴ Carta a M. G., 1901.

pirações à vida religiosa, quando, ainda criança, se assentava nos joelhos. A comunidade via-a passar como sombra, sob o claustro, com o rosto sempre coberto. A oração das irmãs envolvia-a. O retiro que começara com as perspectivas alegres da Profissão, tornou-se em breve, penoso, pondo-lhe em jogo o futuro e a vocação. Foi preciso chamar um religioso de grande experiência para tranqüilizá-la. Para Irmã Elisabeth, a palavra do padre foi a voz de Cristo. É costume, no Carmelo, preparar-se para a profissão, na noite precedente, por uma santa vigília. Irmã Elisabeth estava no Côro, tôda atenta ao Cristo, suplicando-Lhe tomar-lhe a vida para sua glória. O Mestre visitou-a: “Na noite anterior ao grande dia, enquanto me encontrava no Côro à espera do Espôso, compreendi que o meu céu começava na terra, o céu na fé, com o sofrimento e a imolação pelo Amado”.²⁵

Nova fase de vida espiritual começava para ela. Sofrimentos de sensibilidade ainda mal purificada, escrúpulos e angústias por coisas de somenos, tudo passava. De agora por diante, ela seguirá o caminho do Calvário com a confiança tranqüila e inalterável da espôsa que se sente amada; avançará em meio das dores mais heróicas, com a majestade de uma rainha.

4. — VIDA PROFUNDA. — Logo no dia seguinte ao da profissão, Irmã Elisabeth pôs-se à busca da perfeição, sem exaltação de sensibilidade, mas com novo impulso, com uma fôrça calma, heróica, que irá de sacrifício em sacrifício até a consumação do Calvário.

Todo o seu programa de vida íntima foi a realização do seu nome: Irmã Elisabeth, isto é, Casa de Deus, habitada pela Trindade. Esta presença de Deus, procurada em tudo, é, com efeito, a essência da vida carmelitana e entra na tradição mais constante da Ordem. No *Castelo da Alma*, S. Teresa o relembra sem cessar: “a intimidade com as Três Pessoas Divinas”, constitui a verdade central de sua doutrina mística.

Irmã Elisabeth da Trindade, por uma graça especial, encontrou nesta doutrina o atrativo mais característico de sua

²⁵ Carta ao Cônego A., 15 de julho de 1903.

vida interior. Cartas, locutórios, poesias, resoluções de retiro, tudo converge para esta habitação do íntimo, que foi, se acreditamos em seu próprio testemunho, “o belo sol radiante de sua vida”.²⁶ “No dia em que compreendí isto, tudo se iluminou para mim”. “Todo o meu trabalho consiste em entrar dentro de mim mesma e perder-me naqueles que aí estão”.²⁷

A medida que corriam os anos de vida religiosa, sua alma sepultava-se, cada vez mais, nessa Trindade pacífica e pacificadora, que lhe comunicava, a todo instante, algo da vida eterna. Por vêzes, manifestavam-se ainda em seu interior pequenas agitações; tudo nela, porém, se acalmava cada vez mais. “Que felicidade para nós vivermos na intimidade com Deus, quando já fizemos da vida um face a face, uma troca de amor, quando sabemos encontrar o Mestre no fundo da alma. Então, nunca estamos só e temos necessidade de solidão para gozarmos da presença dêste Hóspede adorável...”²⁸ “Perguntais-me quais as minhas ocupações no Carmelo. Podia responder-vos que para a Carmelita uma só existe: Amar, orar”.²⁹ “A vida da Carmelita é uma comunhão com Deus da manhã à noite, da noite à manhã. Se Ele não enchesse nossas celas e nossos claustros, como isto seria vazio! Mas nós O vemos em tudo, porque O trazemos em nós e nossa vida é um céu antecipado”.³⁰

O ritmo calmo desta vida espiritual é simples, e reduz-se a alguns movimentos essenciais, sempre os mesmos: guardar o silêncio e crer no Amor que está em nós, habitando no fundo de nossa alma para salvá-la. Poderá haver ainda muitas obscuridades e fraquezas; mas que importam as flutuações involuntárias da alma que vive em presença do Imutável? Tudo nela se acalma mais e mais e se torna divino.

Assim decorria a vida de Irmã Elisabeth da Trindade. Seria ilusão pensar que, naquele Carmelo fervoroso, onde tantas outras almas viviam de Deus e para sua glória, ela

²⁶ Carta a Sra. de B., 1906.

²⁷ Carta a G. de G., fim de setembro de 1903.

²⁸ Carta a F. de S., 28 de abril de 1903.

²⁹ Carta à Sra. A., 29 de junho de 1903.

³⁰ Carta a F. de S., 1904.

passava por um dêsses sêres extraordinários que se apontam com o dedo, dizendo: "A santa". Em geral, nos mosteiros, só se canonizam as pessoas, quando desaparecem.

Em Dijon, Irmã Elisabeth era simplesmente a noviça sempre fiel, e que passava, como tantas outras, por uma verdadeira Carmelita, tôda "escondida em Deus com o Cristo". ⁸¹

3.º — RUMO A UNIÃO TRANSFORMANTE

Quando, aos 21 de novembro de 1904, Irmã Elisabeth, com o impulso da graça, compusera, ao correr da pena e sem a menor rasura, sua sublime elevação à Santíssima Trindade, ainda lhe restava galgar os últimos degraus do amor.

Não é por acaso que, imediatamente após o primeiro movimento de adoração à Trindade Santa, ela recai sôbre si mesma, desde a segunda frase da oração: "Ajudai-me a esquecer-me inteiramente". Depois de três anos de vida religiosa, um obstáculo, até então insuperável, vem obstruir-lhe o caminho da vida espiritual: o próprio *eu*. Ela não chegara ainda à liberdade soberana das almas que se esquecem e cuja única ocupação consiste em amar. Será êste o trabalho dos dois últimos anos de vida: trabalho a princípio lento e laborioso, durante dezoito meses da fidelidade oculta; rápido em seguida, quase fulminante mesmo. Então, na tarde do Domingo de Ramos, Deus, lançando-se sôbre ela como sôbre uma prêsa, vem operar-lhe no corpo e na alma a obra de destruição e de consumação. É então que se realiza nela a união transformante, não sôbre o Tabor, mas segundo seu próprio desejo, na configuração com a imagem do Crucificado e "na conformidade com sua morte".

E' a fase mais sublime desta vida. Resta-nos analisá-la.

Desde alguns meses, tão grande fadiga se apoderara de Irmã Elisabeth que, sem o socorro de Deus, teria sucumbido.

Grande esforço era-lhe necessário para subir o primeiro degrau da escada quando, ainda porteira, batiam à porta:

⁸¹ Col. III - 3.

estava esgotada. “Pela manhã, depois da recitação das “horas menores” — confessava ela mais tarde à sua Priora — já me sentia sem forças e não sabia como chegar à tarde. Depois das Completas, *minha frouxidão* atingia o auge. Por vêzes, tive mesmo a tentação de invejar uma irmã dispensada de Matinas. O tempo do grande silêncio passava-o em verdadeira agonia, em união com a do Divino Mestre, conservando-me ao lado d’Ele, perto da grade do Côro. Era uma hora de sofrimentos, mas na qual hauria forças para Matinas: “Era-me então mais fácil ficar atenta a Deus. Mas depois encontrava de novo minha fraqueza e, sem ser percebida, graças à obscuridade, voltava como podia à cela, apoiando-me muitas vêzes à parede”.³²

No comêço da Quaresma de 1906, depois do recreio do meio-dia, a Irmã Elisabeth abriu, ao acaso, como de costume, o seu caro S. Paulo e os olhos caíram sôbre o texto seguinte: “O que quero é conhecê-Lo, comungar em seus sofrimentos, conformar-me com sua morte”.³³

Esta fórmula final arrebatou-a: *A conformidade com sua morte*. Não seria o prenúncio da libertação próxima? Os sintomas de grave moléstia do estômago declararam-se em plena Quaresma. Depois da festa de S. José, teve que se instalar definitivamente na enfermaria. “Eu bem sabia que S. José viria buscar-me êste ano, dizia alegremente. Eil-o já à porta“.

Organizou-se então verdadeira cruzada de orações. Tudo em vão. O mal progredia. Irmã Elisabeth exultava. Julgando tudo, acima das causas segundas, ela qualificava esta doença misteriosa de doença do amor. “E’ Êle que age em mim e me consome. Eu me entrego e me abandono a Êle, sentindo-me, de antemão, feliz por tudo quanto fizer em mim”. No domingo de Ramos, uma síncope veio agravar súbitamente o seu estado. Chamaram o padre, durante a noite. Irmã Elisabeth, com o olhar abrasado, as mãos postas e apertando ao peito o belo crucifixo da profissão, repetia enlevada: “Ó Amor, Amor, Amor!” — “Já assisti muitos

³² *Memórias*, pág. 175, ed. 1935.

³³ *Fillp.* III, 10.

doentes,” dizia o padre que a administrou, “mas nunca vi espetáculo igual”.

Na Sexta-feira santa pensaram que ia expirar. A crise passou. Pela manhã do Sábado santo, qual não foi a admiração das enfermeiras ao depararem com Irmã Elisabeth de joelhos na cama.

A volta à vida foi para ela como uma decepção. “Domingo de Ramos à tarde, uma crise muito forte fêz-me crer que havia chegado a hora de voar, enfim, para as regiões infindas, para contemplar, sem véu, essa Trindade que já é minha morada na terra. No silêncio da noite, eu recebera a Extrema Unção e a visita do Mestre. Parecia-me que Ele esperava aquêlo momento para quebrar os laços. Que dias inefáveis passei à espera da grande visão!”³⁴ “A vós, que fostes sempre meu confidente, sei que posso dizer tudo. A perspectiva de ir ver o meu Amado em sua inefável beleza e de me abismar nessa Trindade que foi nesta vida o meu céu, causa-me alegria imensa. Quanto me custaria voltar à terra! Ela me parece tão vil, ao sair do meu belo sonho! Só em Deus tudo é puro, belo e santo”.³⁵

A violência do choque aproximara-a do mundo invisível. Acostumada a viver acima das causas segundas, Irmã Elisabeth compreendeu, desde o primeiro instante, o sentido providencial da sua doença. Via em si a mão divina, o “amor excessivo”, que, mais do que nunca, a acompanhava. Sem tardar, conformou-se com o plano de Deus. “Se Deus me restituiu um pouco de vida”, dizia consigo, “só pode ser para sua Glória”. Deus queria colocá-la sôbre o cume da montanha do Carmelo onde, segundo o célebre gráfico de S. João da Cruz, “só habitam a honra e a glória divinas”.

Alguns meses antes desta crise, durante as licenças de verão de 1905, em conversa íntima com uma irmã, ela encontrara em S. Paulo, seu nome de graça definitivo: *Laudem Glorïae*, e desde então todos os esforços de sua vida interior convergiam para êste ponto. Os acontecimentos poderiam demorar. Deus precipitou-os. Acontece, por vêzes, que Deus

³⁴ Carta a G. de G., maio de 1906.

³⁵ Carta ao Cônego A., maio de 1906.

deixa assim as almas avançarem por si mesmas nos caminhos divinos, e depois, intervindo de súbito, toma-lhes pessoalmente a direção nos mínimos pormenores da vida, para, sob o impulso de uma graça irresistível, transportá-las finalmente até Ele mesmo. Serve-se para tanto de causas segundas: a grande provação que abate uma vida, a doença que parece levar à morte, é, em realidade, a hora divina do Calvário que consome tudo. Assim foi para Irmã Elisabeth da Trindade. A crise fulminante da tarde de Domingo de Ramos e da Sexta-feira santa, foi indício da sua libertação suprema, da sua entrada definitiva na união transformante.

A partir dêste momento, alheia a tôdas as coisas da terra, viveu como uma alma de eternidade.

As Irmãs que entraram mais em sua intimidade, confessavam que foi para elas a verdadeira revelação de uma santa. “Nós a víamos partir”. — “Não podíamos mais acompanhá-la; já era um ser do além”. Viam-na avançar no caminho do sofrimento “com a dignidade duma rainha”, segundo a fórmula empregada por uma testemunha, ignorando que era a própria expressão de Irmã Elisabeth. Isto era evidente para todos. Enquanto seu físico caminhava para a destruição, a alma cada vez mais feliz ultrapassava a si mesma e se esquecia. Um só pensamento a obsediava dia e noite: o louvor de glória à Santíssima Trindade. Só tinha um desejo: gastar a vida nos serviços das almas. Seu único sonho era “morrer transformada no Divino Crucificado”. “Enfraqueço-me cada dia e sinto que o Mestre não tardará muito a vir buscar-me. Saboreio, experimento alegrias desconhecidas: as alegrias da dor... Antes de morrer, meu sonho é ser transformada em Cristo Crucificado”.³⁰

Os últimos meses desta alma essencialmente trinitária foram dominados pelo pensamento do Crucificado, tanto é verdade, segundo a observação de Santa Teresa, que, mesmo nos estados místicos mais elevados, a lembrança da Humanidade de Cristo não devem jamais desaparecer. Aquêlo que é o têrmo enquanto Deus, permanece, enquanto homem,

³⁰ Carta a G. de G., fim de outubro de 1906.

o caminho que a Deus conduz: O Calvário é a única estrada que leva à Santíssima Trindade.

A preocupação constante da glória da Santíssima Trindade, que predomina em tôda a alma interior de Irmã Elisabeth, associa-se intimamente o espetáculo do Crucificado. *Configuratus morti ejus*. Eis o pensamento que me acompanha sempre, que dá forças à minha alma no meio do sofrimento. Se soubesseis que trabalho de destruição sinto operar-se em todo o meu ser! E' a estrada do Calvário que se abriu. Sinto-me feliz de caminhar nela, qual espôsa ao lado do divino Crucificado".

"Dia 18, completarei 26 anos. Não sei se êste ano se acabará no tempo ou na eternidade. Peço-vos, pois como filha ao pai, que, na Santa Missa, me consagreis como hóstia de louvor à glória de Deus. Consagrai-me tão bem que eu não seja mais *eu*, e sim *Êle*, e que o Pai, ao olhar-me, possa reconhecê-Lo. Seja eu "conforme com a sua morte", sofra em mim o que falta à sua paixão pelo seu Corpo que é a Igreja, e depois, lavai-me no sangue de Cristo para que seja forte pela força d'Êle".³⁷

Desta maneira, a vida espiritual de Irmã Elisabeth da Trindade reduz-se cada vez mais ao essencial: a transformação, pelo amor, em Jesus Cristo, a intimidade filial, de quase todos os instantes, com Nossa Senhora, o sentido trinitário do batismo. Transportada na alma do divino Crucificado, o momento de sua vida interior torna-se para logo extremamente simples: a glória de Trindade... e nada mais.

Irmã Elisabeth chegou então àquela unidade superior da alma dos santos que atingiram o Cristo plenamente. Tudo mais entra nesta unidade ou desaparece. Em sua alma tudo se harmoniza. O "Palácio da beatitude ou da dor", para ela é a mesma coisa; o desejo do sofrimento não exclui o do céu. Êste exerce sôbre ela maior atrativo, pela leitura dos últimos capítulos do Apocalipse, sôbre a Jerusalém celeste, capítulos de sua preferência. Jamais ela pareceu, a um tempo, tão divina e tão humana. Sua ternura manifestava-se mormente com suas irmãs de claustro. "Jamais o Coração de Jesus

³⁷ Carta ao Cônego A..., julho de 1906.

transbordou tanto como no momento em que ia deixar os seus. Também eu, minha irmãzinha, jamais senti tanta necessidade de cobir-vos com minhas orações. Quando meus sofrimentos são mais agudos, sinto-me tão levada a oferecê-los por vós, que não posso agir de outra maneira. Teríeis necessidade dêles? Estaríeis rodeada de sofrimentos? Eu vos dou os meus, podeis dispor dêles inteiramente. Se soubésseis como estou feliz com o pensamento de que o meu Senhor vem buscar-me! Como a morte é ideal para os que Deus guardou e que não andaram em busca das coisas visíveis, por serem efêmeras, mas das invisíveis, que são eternas!

No céu, mais do que nunca, serei vosso Anjo. Sei quanto minha irmãzinha precisa de ser guardada nessa Paris onde vive. S. Paulo diz que Deus nos escolheu em seu Filho antes da criação, para sermos santos, imaculados diante d'Ele, no amor. Quanto peço que êste grande decreto de sua vontade se cumpra em vós! Para isto, ouvi o conselho do mesmo Apóstolo: "Andai em Cristo, enraizados n'Ele, construídos sobre Ele, fortificados na fé e crescendo n'Ele, cada vez mais". Quando eu me achar na contemplação da Beleza ideal, hei de pedir-Lhe que ilumine vossa alma, a fim de que, mesmo sobre a terra onde tudo é maculado, possais ser bela de Sua beleza, luminosa de Sua luz. Adeus. Agradecei a Jesus por mim, porque minha felicidade é imensa. Encontrar-nos-emos na "herança dos santos". É lá que, entre o Côro das virgens, essa geração pura como a luz, cantaremos o belo cântico do Cordeiro e o *Sanctus* eterno, sob o esplendor da Face de Deus. Então, diz S. Paulo, "seremos transformados na mesma imagem, de claridade em claridade". Abraço-vos com todo o amor de meu coração e sou vosso Anjo para a eternidade". ⁸⁸

Na noite de 2 de agosto de 1906, aniversário de sua entrada no Carmelo, não podendo dormir, ela se instala perto da janela e ali fica até quase meia-noite em oração com o Mestre. Foi uma noite divina: "O céu estava tão azul, tão calmo, reinava tal silêncio no mosteiro... E eu relembrava êstes cinco anos, tão cumulados de graças..." ⁸⁹

⁸⁸ Carta a C. B., fim do verão de 1906.

⁸⁹ Carta a sua mãe, 3 de agosto de 1906.

Sentindo chegar a sua hora, Irmã Elisabeth pediu à Madre Priora licença para entrar em retiro na tarde de 15 de agosto, a fim de preparar a sua passagem para a vida eterna. Num bilhete escrito a uma das irmãs, anuncia que vai retirar-se com *Janua Coeli* para passar aqueles dias em oração e recolhimento: "*Laudem Glorïae* entra esta tarde no Noviciado do Céu, a fim de se preparar para receber o hábito de glória, e vem sem demora recomendar-se às orações de sua Irmã A..." "Os que Deus conheceu em sua preciência", diz-nos S. Paulo, "também os predestinou a serem conformes com a imagem do seu Divino Filho". "Eis o que vou aprender: a conformidade, a identidade com o Mestre adorado, o Crucificado por amor. Poderei então cumprir meu ofício de *Laudem Glorïae* e cantar desde já o *Sanctus* eterno até poder ir entoá-lo nos átrios divinos da Casa do Pai".⁴⁰

Foi durante aquelas tardes e noites de silêncio com Deus, em que sentia o Mestre conduzi-la para o Calvário, que compôs, a pedido da Madre Priora, o "Ultimo Retiro de *Laudem Glorïae*", para dizer como concebia seu papel de "Louvor de Glória".

Até a última semana, viu-se Irmã Elisabeth arrastar-se para as Laudes noturnas, e lá, enovelada num canto da tribuna, extrair a última gôta do seu ser extenuado. Enquanto lho permitiu a extrema fraqueza, foi fiel, até o fim, às menores observâncias da Ordem. Muitas vêzes, durante insônias intermináveis, sofria no corpo e na alma, um verdadeiro martírio. Com grande espírito de fé, corria então a refugiar-se junto da Priora, a quem chamava seu Sacerdote, encarregado por Deus de consumir o seu sacrifício.

"11 horas. — Do Palácio da dor e da beatitude.

Madre querida, meu prezado Sacerdote. — Vosso pequeno "Louvor de Glória" não pode dormir, e sofre. Mas na alma, embora em agonia, reina muita tranqüillidade; foi vossa visita que veio trazer esta paz no céu.

Ajudai-me a subir o Calvário: sinto o poder forte de vosso sacerdócio sôbre minha alma e tenho necessidade de vós...

⁴⁰ Bilhete a uma de suas irmãs do claustro.

Boa Mãe, sinto os meus "Três" tão perto de mim! A felicidade acabrunha-me mais do que a dor. Meu Senhor lembrou-me que era a minha morada e que eu não devia escolher os sofrimentos. Mergulho, pois, com Ele na dor imensa, cheia de temor e aflição". (Outubro de 1906.)

"Meu Sacerdote querido, vossa pequena vítima sofre muito, muito... É uma espécie de agonia física. Ela sente-se tão esmorecida, tão fraca que seria capaz de gritar. Mas o Ser, que é a plenitude de amor, permite-lhe entrar em sociedade consigo e dá-lhe a compreender que a dor não lhe faltará enquanto Ele a deixar na terra". (Outubro de 1906.)

No meio dos mais atrozes sofrimentos jamais alguém notou nela o menor desfalecimento; seu belo sorriso não a abandonou nunca. Durante as últimas semanas do terrível martírio, o dom de Fortaleza manifestou-se nela claramente. Certo dia perguntaram-lhe se sofria muito; fez um gesto, como para indicar que se lhe reviravam as entranhas: o semblante convulsionou-se e, depois, ao terminar o gesto, recobrou a serenidade.

Foi neste estado de esgotamento que, aos 15 de outubro, o Pe. Vallée a reviu pela última vez. Ficou assustado com a obra de destruição operada por Deus naquela alma, tornada "tão estranhamente, tão divinamente bela". Incitou-a a elevar-se, num supremo esforço, até ao Amor que supera o sofrimento. Muito consolada com esta última visita do Padre, ela galgou as alturas entrevistas. Estes estados superiores da união transformante no Calvário não têm semelhança alguma com o que se passa na terra.

Aos 29 de outubro, graças a ligeira melhora, ela pôde descer ao locutório para ver a família. Levaram-lhe as sobrinhas, "êsses belos lírios brancos", que a mãe mandou se ajoelhassem perto da grade. Irmã Elisabeth, elevando o grande Crucifixo da profissão, abençoou-as.

No momento da despedida, teve ainda fôrça para murmurar à sua Mãe: "Mãe, quando a Irmã rodeira fôr comunicar-te que já acabei de sofrer, cairás de joelho e dirás:

“Meu Deus, vós ma destes, vós ma tirais, seja bendito o vosso santo nome”. ⁴¹

No dia seguinte 30 de outubro, Irmã Elisabeth não podia mais sair da enfermaria. À tarde, um grande calefrio a sacudia no leito; à noite, o céu quase se abriu. Não havia mais lugar a esperanças. Logo pela manhã de 31, renovava-se a graça dos últimos sacramentos. A Igreja cantava as primeiras Vésperas de Todos os Santos. Não podendo mais escrever, Irmã Elisabeth ditou sua última mensagem: “Eis, a meu ver, o grande dia tão ardentemente desejado do encontro com o Espôso unicamente amado, adorado. Espero estar esta tarde com “a grande multidão” que S. João viu “diante do trono do Cordeiro, servindo-O, noite e dia, em seu templo”. Havemos de nos encontrar nesse belo capítulo do Apocalipse, e no último, que eleva tão bem a alma acima da terra, na visão em que vou me perder para sempre”. ⁴²

Ao meio-dia, todos os sinos da cidade tocaram. “Ó minha Madre”, disse ela, “êstes sinos me dilatam a alma; êles tocam a partida de *Laudem Glorïae*. Vão fazer-me morrer de alegria. Partamos”. E seus braços se elevavam para o céu.

No dia de Todos os Santos, pelas 10 horas da manhã, o momento supremo pareceu chegar. A comunidade reuniu-se na enfermaria para recitar as orações dos agonizantes. Irmã Elisabeth saiu do estado de prostração, notou a presença de tôdas as irmãs e pediu-lhes perdão. Em seguida, para satisfazer um desejo que lhe exprimiram, deixou escapar as frases seguintes:

“Tudo passa... No ocaso da vida só o amor fica... É preciso fazer tudo por amor... Cumpre esquecer a si mesmo sem cessar: Nosso Senhor gosta tanto que fiquemos esquecidos. Ah! se eu tivesse feito sempre assim”.

Começaram então nove dias de dolorosa agonia. Estendida no leito como sôbre um altar, com os olhos cerrados e a vida tôda reunida no íntimo da alma, a santa vítima

⁴¹ Quando a Sra. Catez, avisada pela irmã rodeira, foi ao locutório onde sua filha estava exposta, soltou um grito de dor. Então uma amiga que a acompanhava, disse-lhe: “Lembre-se do que Elisabeth lhe disse”. A mãe corajosa lembrou-se e caíndo de joelhos murmurou: “Meu Deus, vós ma destes, vós ma tirais, seja bendito o vosso santo nome”.

⁴² Carta a Sra. H., 31 de out. de 1906.

orava. Quando procuravam consolá-la por não receber mais a sagrada Hóstia, ela respondia: “Eu o encontro na cruz, é aí que Ele me dá vida”.

Violentas dores cerebrais fizeram recluir uma congestão. Conjuraram-na por meio de aplicações incessantes de gelo, que se liquefazia instantaneamente. O cérebro parecia de fogo. A voz quase imperceptível, revelava uma união divina consumada. O rosto emagrecido e desfigurado, revestia-se, por vezes, de maneira admirável, dos traços da Santa Face. Dir-se-ia um Cristo na Cruz. Três semanas antes ela dissera à Priora: “se o Mestre me desse a escolher entre um êxtase e a morte no abandono do Calvário, escolheria esta última para me assemelhar a Ele”. O Mestre ouvira-a plenamente. Era o abatimento do Calvário, por dentro e por fora. Depois de uma crise violenta, ouviram-na exclamar: “Ó Amor, Amor, esgota tôda a minha substância para tua glória; que ela se destile gota a gota por tua Igreja”.

Na antevéspera da morte o médico revelou-lhe a extrema fraqueza do pulso. Ela alegrou-se e teve fôrça para dizer: “Daquí a dois dias estarei no seio dos meus *Três*”. É a Santíssima Virgem, êsse ser luminoso, que me tomará pela mão e me conduzirá ao céu”.

O médico, incrédulo, admirou-se de tal alegria. Irmã Elisabeth falou-lhe da adoção divina, do grande mistério do Amor inclinado sôbre nós... Êstes últimos esforços acabaram de extenuá-la. Puderam ouvi-la ainda murmurar com voz melodiosa: “Vou para a Luz, para o Amor, para a Vida”.

Foram suas últimas palavras inteligíveis.

Na sexta-feira, 9 de novembro, às 5,45, voltou-se do lado direito e deixou cair a cabeça para trás; o semblante iluminou-se; os belos olhos, havia oito dias fechados e quase apagados, abriram-se e fixaram-se com admirável expressão, um pouco acima da Madre Priora ajoelhada perto do leito; sua beleza era a de um anjo.

As Irmãs que recitavam em redor as orações dos agonizantes não se cansavam de contemplá-la. Depois, sem que pudessem notar-lhe o último suspiro, perceberam que Irmã Elisabeth já não existia.

Era a manhã da Dedicção, uma de suas festas prediletas. Enquanto no Côro, diante dos restos mortais, as Irmãs cantavam os louvores da Casa de Deus, *Beata pacis visio*, Irmã Elisabeth, já na visão imutável de paz e nos esplendores da Jerusalém celeste, cujo pensamento lhe havia dominado os últimos dias, encontrava-se no meio da multidão de Bem-aventurados, tendo nas mãos uma palma e cantando, noite e dia, sem cessar: Santo, Santo, Santo, o Senhor Onipotente, que era, que é e que será pelos séculos dos séculos. Prostrada com êles, adorando e atirando a coroa, recompensa do seu martírio de Amor, ela não cessava de repetir diante do Trono do Cordeiro:

“Dignus es Domine. Sois digno, Senhor, de honra, poder, sabedoria, fôrça e divindade”. ⁴³

Diante da Face da Santíssima Trindade, Irmã Elisabeth tornara-se *LOUVOR DE GLÓRIA*
por tôda a eternidade.

⁴³ Apoc., c. V.

CAPÍTULO II

A ASCESE DO SILÊNCIO

Dois elementos fundamentais constituem a essência de toda santidade: o desapêgo de si mesmo e a união com Deus. Estes elementos encontram-se, sob matizes diferentes, na vida de todos os santos.

Para uma Carmelita, o aspecto negativo reveste a forma duma separação absoluta. O Carmelo é o deserto. Deus só.

Mas, entre as almas carmelitanas, cada qual vive a seu modo esta doutrina do “nada” da criatura e do “Tudo” de Deus, tão cara a S. João da Cruz, o Doutor místico do Carmelo. Cada estrêla difere da outra, não só pela grandeza, mas pela luz própria, pelo brilho particular. Deus é multiforme nos santos. Seria inútil pretender dar um molde idêntico a dois santos da mesma família religiosa: sob caracteres comuns escondem-se diferenças irreduzíveis.

O papel do teólogo, que tomou a peito perscrutar as profundezas duma alma, consiste em saber discernir estas diferenças. Distinguir é ver melhor.

Tem-se muitas vêzes aproximado ou oposto S. Teresinha do Menino Jesus e Irmã Elisabeth da Trindade. Seus caminhos são essencialmente diversos. A Carmelita de Lisieux cobre todo o orbe católico com as suas pétalas de rosas desfolhadas por amor. Ela ensinou o mundo moderno a tornar-se criança junto de Deus. A Carmelita de Dijon cumpre sua missão junto das almas interiores. Foi a santa do silêncio e do recolhimento.

1. — A SANTA DO SILÊNCIO. — Já aos 15 anos, Elisabeth Catez sonhava, em suas poesias, com solidão, em companhia de seu Cristo:

“Viver contigo, solitária”.¹

Aos 19 anos anota no diário: “Brevemente serei tôda Tua, viverei na solidão, só contigo, só me ocupando de Ti, vivendo apenas de Ti, conversando unicamente contigo”.² Sua maior felicidade no verão, quando estava no campo, era retirar-se para os bosques solitários.³

Desde a entrada, a solidão carmelitana encantou-a: “Só com o Só”, eis tôda a vida do Carmelo. A Carmelita é uma eremita contemplativa, cuja pátria é o deserto de Carith e o abrigo, a cavidade do rochedo. Não é que esqueça as almas que se perdem — foi o espetáculo dos estragos causados pela heresia luterana que determinou Santa Teresa a fundar sua reforma — mas o testemunho que ela deve dar a Deus é o da anacoreta cujo cujo olhar permanece fixo n’Ele só esquecida de tudo mais. Atestado silencioso, mas quão comovente, de que só a Beleza divina merece a atenção duma alma elevada pela graça até o *consortium* da vida trinitária. Só Deus basta.

Sua ação apostólica é a da oração que obtém tudo. Uma só alma que se eleva até a união transformante é mais útil à Igreja e ao mundo do que uma multidão de outras que se agitam na ação.

Irmã Elisabeth da Trindade foi o tipo da contemplação silenciosa cuja ação apostólica se estende ao mundo inteiro.

Desde o primeiro dia, entrou profundamente nesse espírito de silêncio e de morte, condição de tôda vida divina do Carmelo. Dedicava culto particular ao patriarca Elias, o primeiro eremita, a quem Deus havia ordenado fugir dos lugares habitados e esconder-se no deserto, longe da multidão. “Sai daqui e esconde-te em Carith”.⁴ Foi êle que ensinou os monges eremitas da Santa montanha do Carmelo a se libertarem de tudo que não é Deus, para se conservarem sòmente

¹ *Poesias*, agosto de 1896.

² *Diário*, 27 de março de 1899.

³ Carta a Sra. A., 29 de setembro de 1902.

⁴ *III Reis*, 3.

na presença do Deus vivo, com exclusão de tóda outra presença.

Viver como ermitão, como Elias, homem santo e solitário, habitar em celas minúsculas, como os monges do Monte Carmelo, tal foi o maior desejo de S. Teresa. “O gênero de vida que ambicionamos”, escreve ela no capítulo XIII do *Caminho da Perfeição*”, não é sòmente o das religiosas, mas também o dos eremitas”. “Lembremo-nos de nossos Pais, êsses eremitas de outrora, cuja vida procuramos imitar. Que sofrimentos e que isolamento não deveram êles padecer”!

A exemplo da intrépida Reformadora, suas primeiras filhas entranhavam-se no deserto do Carmelo. “A solidão tornava-as felizes”, nos diz S. Teresa. “Elas afirmavam-me que nunca se cansavam de estar sós. Uma visita, mesmo de irmãos e irmãs, era-lhes um tormento. Julgava-se mais feliz aquela que tinha lazeres “para ficar muito tempo em sua ermida”.

SILÊNCIO E SOLIDÃO, eis aí o mais puro espírito do Carmelo:

“Podereis ter sítios e casas em lugares solitários... cada uma terá sua cela separada... cada uma fique na própria cela ou perto dela, meditando, dia e noite, na lei de Deus e vigiando na oração”. (A Santa Regra.)

Todo o tempo que as Irmãs não estiveram em Comunidade ou em qualquer exercício, cada uma ficará em sua cela ou na ermida que a Piora lhe designar...

Enfim, estejam sempre em lugares retirados, progredindo por essa solidão naquilo para que a Regra determina que fiquem isoladas.

Haja um campo onde se possam fazer ermidas, a fim de que aí se retirem em oração, como faziam nossos pais...

Não deve haver jamais local onde se reúnam para trabalhar juntas, para que isto não dê ocasião de faltarem ao silêncio”. (Constituições).

Irmã Elisabeth teve atrativo excepcional para êsse silêncio, que foge a todo convívio para permanecer na fé, em presença do Deus vivo.

Tôda a sua ascese se resume no silêncio, tomado na acepção universal. O silêncio constitui, a seu ver, a condição mais fundamental para a alma que quer elevar-se até à união divina.

Sem pretendermos impor-lhe limites demasiado rígidos, incompatíveis com as livres aspirações a que ela se entregava sob a moção do Espírito Santo, podemos encontrar no seu pensamento, três sortes de silêncio: exterior, interior e, enfim, um silêncio todo divino, em que a alma fica puramente passiva, e que é um dos efeitos mais elevados dos dons do Espírito Santo; por falta de têrmo próprio e inspirando-nos em um de seus textos, poderíamos chamá-lo: “o silêncio sagrado”, “o silêncio de Deus”, análogo ao *divinum silentium* do gráfico de S. João da Cruz.

2. — O SILÊNCIO EXTERIOR. — O silêncio exterior não é o mais necessário. Há circunstâncias mesmo em que é impossível. A alma tem então o recurso de fugir para dentro de si mesma para essa solidão interior, única requerida para a união com Deus. Êle deve, porém, ser procurado o mais possível, porque favorece o silêncio interior e a êle conduz normalmente: o amor do silêncio conduz ao silêncio do amor.

Irmã Elisabeth amava a clausura; para ela os locutórios inúteis eram um tormento. Repetidas vêzes relembra aos seus, com doçura e firmeza, êste ponto da Regra; observa fielmente, para a correspondência, o tempo do Advento e da quaresma, a não ser que a obediência a obrigasse a escrever. Se pôde deixar-nos tantas cartas, apesar do desejo de ficar silenciosa atrás das grades do Carmelo, foi por uma permissão que nos parece providencial, se se analisarem de perto as circunstâncias.

Igual silêncio observa nas relações com as Irmãs do interior do mosteiro. Várias vêzes ela aceitou desafios de silêncio, e as duas ou três faltas de que se acusava neste ponto, provinham sempre de sua caridade. Foi fiel a êste espírito de silêncio até o último dia. “Certa vez”, conta uma Irmã, “obtive licença para levar-lhe alguma coisa na enfermaria e ficar com ela até o fim do recreio. Irmã Elisabeth acolheu-me com grande alegria. O sino tocou. Com grande doçura e um belo

sorriso, ela entrou em silêncio. Compreendi que não devia prolongar a conversa. Nela não havia nada de demasiado austero, mas a fidelidade tirava vantagem de tudo”.

Irmã Elisabeth falava sempre do silêncio. As jovens Irmãs sabiam tão bem que era êste o seu único programa, que, na ocasião das novenas ou na véspera dos retiros, lhe diziam maliciosamente: “Silêncio, não é? Silêncio”. E ela inclinava-se sorrindo.

Durante a doença, querendo a Madre Priora que ela saísse ao jardim a tomar ar, ela escolhia sempre o canto mais isolado. “Ao invés de trabalhar em nossa pequena cela, instalo-me qual anacoreta no lugar mais deserto de nosso grande jardim e aí passo horas deliciosas. Tôda a natureza me parece cheia de Deus: o vento que sopra nas grandes árvores, os passarinhos que cantam, o belo céu azul, tudo me fala d’Ele”.⁵

Mais ainda amava o silêncio da cela, “seu pequeno paraíso” como lhe chamava, onde se refugiava com delícia. “Uma enxerga, uma cadeirinha, uma estante sôbre uma tábua, eis tôda a mobília. Ela está contudo, cheia de Deus e passa aí horas esplêndidas, só com o Espôso. “Fico calada e O escuto. É tão agradável ouvir tudo d’Ele... e, ademais, eu O amo”.⁶

Apreciava, sobretudo, as horas do silêncio profundo da noite. Amava tanto o Carmelo silencioso. “O Carmelo é um canto do Céu: no silêncio e na oração, vive-se aí só com Deus”.⁷

Duas ou três vêzes por ano, conforme o costume de cada mosteiro, as religiosas têm *licenças*, isto é, podem visitar-se mùtuamente nas celas, como outrora os eremitas do deserto. Irmã Elisabeth prestava-se de boa vontade a êste costume querido por S. Teresa, a fim de que as Irmãs se inflamem recìprocamente no amor do Espôso. Foi mesmo numa destas licenças que ela recebeu uma das maiores graças da sua vida, o nome de “Louvor de Glória”. Mas quem não vê que, com a fraqueza humana, tais encontros, ao invés de entreter a

⁵ Carta a sua Mãe, agôsto — 1906.

⁶ Carta a Sra. A., 29 de junho de 1903.

⁷ Carta a M-L M., 26 de outubro de 1902.

chama do amor podem degenerar em tagarelíce e dissipação, pura perda para a união divina, fim único do Carmelo? Irmã Elisabeth voltava com grande alegria ao silêncio que prezava acima de tudo. Ela escrevia a sua irmã: “Por ocasião das eleições, tivemos licenças, isto é, durante o dia pudemos fazer pequenas visitas uma às outras. Mas, como sabes, a vida duma Carmelita é o silêncio”.⁸

3 — O SILÊNCIO INTERIOR. — O verdadeiro silêncio da Carmelita é o da alma, onde ela encontra Deus.

Discípula fiel de S. Teresa e de S. João da Cruz, Irmã Elisabeth empenha-se em fazer calar as faculdades e isolar-se de todos os seres criados. Com ardor implacável imola tudo: o olhar, o pensamento, o coração. “O Carmelo é como o céu: é preciso separar-se tudo, para possuir Aquêle que é tudo”.⁹

Esta separação total das criaturas já era o forte atractivo do seu coração de jovem: “Façamos o vácuo, desprendamo-nos de tudo; não haja em nós outra coisa senão *Ele*, só *Ele*”. “Deixemos a terra, abandonemos tôdas as criaturas, todo o sensível”.¹⁰

No meio das reuniões e festas mundanas, sua alma fugia ao tumulto e elevava-se até Deus. “Parece-me que nada pode distrair-nos d*Ele*, quando só agimos por *Ele*, sempre em sua santa presença, sob o olhar divino que penetra até o íntimo da alma. Mesmo no meio do mundo, pode-se ouvi-Lo no silêncio do coração que só quer pertencer a *Ele*”.¹¹

Irmã Elisabeth tinha devoção especial a S. Catarina de Sena, por causa da doutrina desta grande mística dominicana sôbre a “cela interior”, seu refúgio constante no meio das agitações dos homens, e de sua prodigiosa ação apostólica a serviço da política pontifícia.

Este silêncio interior, tão caro a Irmã Elisabeth, ia tomar rapidamente a forma de uma ascese universal e ocupar lugar primordial em sua vida mística. É o puro Evangelho:

⁸ Carta a sua Mãe, outubro de 1901.

⁹ Carta a sua Mãe, agôsto de 1903.

¹⁰ Carta a M. G., 1901.

¹¹ Carta ao Cônego A., 1 de dezembro de 1900.

quem quer elevar-se a Deus, pela oração, deve impor silêncio às vãs agitações de fora e aos ruídos de dentro, retirar-se ao mais profundo de si mesmo, e aí, no segrêdo, recolher-se “de portas fechadas” ¹² diante da Face do Pai. Assim orava Cristo, naquelas noites silenciosas da Palestina, em que ia só, à tarde, para a montanha, a fim de passar a noite “em oração com Deus”. ¹³

Anacoretas e padres do deserto, dos primeiros séculos da Igreja, mostram bem, pela vida separada de todo comércio inútil, o papel purificador do silêncio na concepção primitiva da ascese cristã. O deserto conduzia ao silêncio da alma habitada por Deus.

De acôrdo com sua graça própria, Irmã Elisabeth da Trindade compreendeu esta verdade evangélica num sentido verdadeiramente carmelitano: silêncio de tôdas as potências da alma, guardadas só para Deus.

Nenhum ruído nos sentidos exteriores, na imaginação, na sensibilidade, na memória, na inteligência, na vontade. Nada ver. Nada ouvir. Em nada se deleitar. Não se fixar em nada que possa distrair o coração ou retardar a alma em sua marcha para Deus.

Deve-se vigiar, antes de tudo, o olhar. Já dizia o Mestre: “Se vosso ôlho vos escandaliza, arrancai-o. Porque, se o ôlho é simples, todo o corpo é puro e luminoso”. ¹⁴

A impureza, assim como uma multidão de imperfeições, vem desta falta de vigilância sôbre os olhares; Davi, depois de dolorosa experiência, suplicava a Deus “afastasse seus olhos das vaidades da terra”, ¹⁵ em que sua alma se havia manchado. A alma virgem não consente em um só olhar fora de Cristo.

Não menos necessário é o silêncio da imaginação e das outras potências da alma. Quantas sensações interiores e impressões trazemos sempre conosco e nos ameaçam de prender-nos de novo em suas malhas. Também aí se deve exercer a ascese do silêncio. Uma alma que se diverte ainda com

¹² S. Mat. VI, 6.

¹³ S. Luc. VI, 12.

¹⁴ S. Mat. VI, 22.

¹⁵ Salm. CXVIII, 37.

reminiscências, “que segue um desejo qualquer”,¹⁶ alheio a Deus, não é uma alma de silêncio, como queria Irmã Elisabeth. Há nela “dissonâncias”,¹⁷ sensibilidades ruidosas, que impedem o concerto harmonioso que as potências da alma não deveriam cessar de elevar a Deus.

A inteligência, por sua vez, deve fazer calar todo ruído humano. “O menor pensamento inútil”¹⁸ seria nota falsa que fôra mister banir a todo custo. Um intelectualismo requintado que deixa a inteligência divagar por diletantismo é obstáculo sutil ao verdadeiro silêncio da alma, onde se encontra Deus na fé pura. Irmã Elisabeth da Trindade mostra-se, sôbre êste ponto, intransigente como seu mestre S. João da Cruz. “Cumpre extinguir qualquer outro facho”¹⁹ e atingir Deus, não por um edifício sãbiamente construído com belos pensamentos, mas pela nudez do espírito.

Silêncio, sobretudo na vontade. É nela que se opera nossa santidade: é a faculdade do amor. S. João da Cruz atribui-lhe, com razão, as últimas purificações preparatórias à união transformante. *Nada, nada, nada, nada, nada*, no caminho; e sôbre a montanha: *nada*.²⁰ Irmã Elisabeth quis seguir seu mestre espiritual até neste ponto extremo do “caminho estreito” que conduz ao cume do Carmelo. Enèrgicamente, ela incita a alma desejosa da união divina, a se elevar acima dos gostos pessoais, mesmo os mais espirituais, até o desapêgo total da vontade própria. “Não saber mais nada”, “não fazer mais diferença entre sentir e não sentir, gozar e não gozar”,²¹ estar decidida a tudo superar para se unir sômente a Deus, esquecida de si e desprendida de tudo. Irmã Elisabeth tinha ido até êste ponto com seu ideal de silêncio e de solidão absoluta, longe de todos os sêres criados. Já sabemos que as últimas horas de sua vida foram a viva realização dêste ideal.

Devemos, pois, compreender o sentido profundo que ela dá à ascese do silêncio: “Não se trata da separação material

¹⁶ *Último Retiro*, 2.º dia.

¹⁷ *Último Retiro*, 2.º dia.

¹⁸ *Último Retiro*, 2.º dia.

¹⁹ *Último Retiro*, 4.º dia.

²⁰ Gráfico de S. João da Cruz.

²¹ *Último Retiro*, 4.º dia.

das coisas exteriores, mas de solidão do espírito, de libertação total de tudo quanto não é Deus".²² A alma silenciosa, com relação a todos os acontecimentos de dentro e de fora, "não faz mais diferença entre estas coisas. Transpõe-nas, ultrapassa-as, para repousar, acima de tudo, no próprio Mestre".²³

É a noite de S. João da Cruz, a morte a tóda atividade natural. "A alma que aspira viver na intimidade de Deus, na fortaleza inexpugnável do santo recolhimento, deve ser separada, despojada, afastada de tudo, pelo menos quanto ao espírito".²⁴ É o silêncio absoluto em face só de Deus.

Irmã Elisabeth da Trindade consagrou uma elevação inteira de seu último retiro para cantar êste feliz estado da alma libertada de tudo pelo silêncio interior. "Há outro cântico de Jesus que eu gostaria de repetir sem cessar: "Eu vos conservarei minha fôrça". Minha Regra diz: 'Vossa fôrça está no silêncio'.²⁵ "Creio, pois, que conservar sua fôrça no Senhor, é fazer a unidade em todo o ser pelo silêncio interior; é reunir tódas as potências para ocupá-las unicamente em servir ao amor, é ter aquêlo olhar simples que permite à luz nos iluminar".²⁶

Êste silêncio compreende tudo.

"A alma que discute com o *eu*, que se ocupa com suas sensibilidades, que segue um pensamento inútil, um desejo vão, dispersa as fôrças: não está tóda voltada para Deus. Sua lira não vibra uníssona e o Mestre, ao tocá-la, não pode tirar harmonias divinas. Há nela ainda muita influência humana: é uma dissonância. A alma que guarda ainda alguma coisa em seu reino interior, cuja potência não estão tódas "reclusas" em Deus, não pode ser um perfeito louvor de glória. Não é apta para cantar sem interrupção, o *Canticum magnum* de que fala S. Paulo, porque nela não reina a unidade. Em vez de dar, na simplicidade, o seu louvor, através de tódas as coisas, ela tem que reunir incessantemente tódas as cordas do instrumento, mais ou menos perdidas de todos os lados."²⁷

²² *O Céu na Terra*, 2-2.

²³ *O Céu na Terra*, 4.^a oração.

²⁴ *O Céu na Terra*, 5.^a oração.

²⁵ Salm. LVIII, 10 - Is. XXX, 15.

²⁶ *Último Retiro*, 2.^o dia.

²⁷ *Último Retiro*, 2.^o dia.

4. — *DIVINUM SILENTIUM*. — Existe outro silêncio que não cabe à alma adquirir por atividade própria, mas que só Deus opera, caso ela permaneça sempre fiel. Este silêncio é um dos frutos mais sublimes do Espírito Santo: é o *Divinum silentium* do gráfico de S. João da Cruz. As potências não se dispersam mais à procura das coisas. A alma não conhece senão a Deus: é a unidade.

“Quão indispensável é esta bela unidade interior para a alma que deseja levar na terra a vida dos bem-aventurados, isto é, dos seres simples, dos espíritos. Creio que o Mestre pensava nisto quando falava a Madalena do *unum necessarium*.²⁸

Como a grande Santa o compreendera! O olhar de sua alma, iluminado pela luz da fé, havia reconhecido o seu Deus sob os véus da humanidade e, no silêncio, na unidade das potências, ela ouvia a palavra que Ele lhe dirigia. E podia cantar: “minha alma está sempre nas minhas mãos”²⁹ ou ainda: *Nescivi*.³⁰ Sim, ela nada mais sabia, *senão Ele*. Podiam fazer algazarra, agitar-se em torno dela: *Nescivi*. Podiam acusá-la: *Nescivi*. Nem a honra, nem as coisas exteriores, podiam arrancá-la do silêncio sagrado. Assim acontece com a alma encerrada na fortaleza do santo recolhimento. O olhar da alma, aberto às claridades da fé, descobre Deus presente, vivo nela. Por sua vez, ela permanece tão presente a Deus na bela simplicidade, que Ele a guarda com cuidado e zelo. Podem vir então as agitações de fora, as tempestades de dentro. Podem mesmo atacar-lhe a honra: *Nescivi*. Deus pode esconder-se, retirar a graça sensível: *Nescivi*; ou então repete com S. Paulo: “Por seu amor, tudo deixei”.³¹ O Divino Mestre é então livre, livre de escoar-se, de dar-se segundo sua medida e a alma assim simplificada, unificada, torna-se o trono do Imutável porque a Unidade é o trono da Santíssima Trindade”.³² S. João da Cruz, numa passagem célebre, faz alusão ao silêncio da Santíssima Trindade: “Deus

²⁸ S. Luc. X, 42.

²⁹ Salm. CXVIII. 109.

³⁰ Cân., VI-11.

³¹ Fil. III, 8.

³² *Último Retiro*, 2.º dia.

Pai, só tem uma palavra: o Verbo. Ele a profere num eterno silêncio".³³ Irmã Elisabeth viu neste silêncio da Santíssima Trindade, o modelo do seu: "Faça-se na alma completo silêncio, eco daquele que se canta na Trindade Santa".

A união transformante faz entrar neste silêncio de Deus.

Na alma tudo se cala: da terra nada mais, nenhuma luz senão a do Verbo, nenhum amor senão o Amor eterno. A alma adquire hábitos divinos. Sua vida, ultrapassando e dominando das alturas tôdas as agitações do mundo criado, comunga na vida Imutável, segundo a palavra de Irmã Elisabeth: "Imóvel e tranqüila como se já estivera na eternidade".

Por uma graça especial do Espírito Santo, graça das mais secretas, sua vida foi transportada à Trindade Imutável e silenciosa. Pela fé, mas graças a um dos efeitos mais elevados do dom de Sabedoria, a alma já vive de Deus neste mundo, à maneira de Deus, inteiramente arrebatada nEle. Ela já não ouve senão a Palavra eterna: a Geração do Verbo e a Procição do Amor. Todo o universo é como se não existisse mais para ela. Neste ponto, o silêncio é o refúgio supremo da alma diante do mistério de Deus. É dêste silêncio "completo", "profundo" que falava Davi quando exclamava: "O silêncio é teu louvor". Sim, é o mais belo louvor, porque é o que se canta eternamente no seio da tranqüila Trindade".³⁴

Os hábitos divinos são o modelo das virtudes da alma que atingiu tais alturas. Esquecida de si mesma e despojada de tudo, Irmã Elisabeth tinha galgado êstes cumes nos últimos dias de sua vida, para procurar o ideal de silêncio e de solidão no seio de Deus. "Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito".³⁵ "Deus", diz S. Dionísio, "é o grande Solitário". Meu Mestre pede-me imite esta perfeição e o homenageie, sendo uma grande solitária. O ser divino vive numa eterna e imensa solidão. Ele jamais a deixa, embora se interesse pelas necessidades das criaturas, porque nunca sai de

³³ Máxima n. 217, em *Mots d'ordre*, por D. Chevallier, O. S. B. (Desclée, 1933, pág. 69).

³⁴ S. Mat. V-28.

³⁵ *Último Retiro*. 10.º dia.

si mesmo e esta solidão não é outra coisa senão a divindade".³⁶

"Para que nada me afaste dêste belo silêncio interior, a condição é sempre a mesma: mesmo isolamento, mesma separação, mesmo desprendimento. Se os meus desejos, meus receios, minhas alegrias, minhas dores, se todos os movimentos provenientes destas quatro paixões não estiverem perfeitamente ordenados para Deus, não estarei solitária: haverá ruído em mim. É preciso pois a tranqüilidade, o sono das potências, a unidade do ser. "Ouve, minha filha, presta atenção: esquece o teu povo e a casa do teu pai e o Rei amará tua beleza".³⁷ Parece-me que êste chamado convida ao silêncio. Ouve... presta atenção. Mas para ouvir, é preciso esquecer a casa do pai, isto é, tudo que se relaciona com a vida natural, essa vida a que se refere o Apóstolo quando diz: "Se viverdes segundo a carne, morrereis".³⁸ Esquecer o seu povo, eis o que me parece mais difícil, pois êste povo é tudo quanto faz parte de nós mesmos: a sensibilidade, as reminiscências, as impressões, etc... o *eu*, em uma palavra. É preciso esquecer-lo, abandoná-lo. Uma vez que a alma está livre de tudo isto, o Rei enamora-se de sua beleza, porque a beleza é a unidade pelo menos a de Deus".³⁹

O criador, vendo o belo silêncio que reina na criatura, considerando-a tão recolhida na solidão interior, fica enamorado de sua beleza. Ele a faz passar para aquela solidão imensa, infinita, para aquêle lugar espaçoso, cantado pelo Profeta, e que não é outro senão o próprio Deus".⁴⁰

Esta solidão suprema coloca a alma no silêncio da Santíssima Trindade.

No arroubo sublime que termina sua oração, e na solidão que ela se refugia para perder-se, desde êste mundo, na Tranqüila e Imutável Trindade. "Ó meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente, para me estabelecer em Vós, imóvel e calma como se minha alma já es-

³⁶ Salmos XLIV-11.

³⁷ *Último Retiro*. 8.º dia.

³⁸ Rom. VIII-13.

³⁹ *Último Retiro*. 10.º dia.

⁴⁰ *Último Retiro*. 11.º dia.

tivesse na Eternidade Nada perturbe minha paz nem me faça sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me transporte mais adiante na profundidade de vosso mistério...

Ó meus "Três", meu Tudo, minha Bem-aventurança, *Solidão infinita*, Imensidade em que me perco, entrego-me a Vós como uma prêsa; sepultai-Vos em mim para que eu me sepulte em vossa Luz, no abismo de vossas grandezas".

CAPÍTULO III

A HABITAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

O silêncio é apenas uma condição da verdadeira vida.

Com o mistério da Habitação da Santíssima Trindade na alma, tocamos o ponto central da doutrina e da vida de Irmã Elisabeth, verdadeira Santa da Habitação divina.

Até nisto ela foi Carmelita.

Se há verdade grata à doutrina mística do Carmelo, é sem dúvida êste mistério e a certeza de que Deus está presente em nós, e que, para encontrá-lo, basta entrarmos “dentro”, neste reino interior. A vida espiritual resume-se tôda nisto. Em seu *Caminho da Perfeição*, ao comentar o *Pater S. Teresa* nota com muita razão que Deus não está somente no céu, “mas ainda no mais íntimo de nossa alma, onde cumpre recolhermo-nos para O procurarmos e descobriremos.” No *Castelo Interior*, esta presença da Santíssima Trindade constitui o ponto culminante de sua mística: as almas chegadas à união transformante vivem habitualmente na companhia das Pessoas Divinas e encontram na Sociedade trinitária os gozos mais beatíficos da terra. Para S. João da Cruz, esta presença é o ponto de convergência de tôda a teologia mística, principalmente dos estados espirituais mais elevados. Ele rezava freqüentemente, por devoção, a missa da Santíssima Trindade, e durante a celebração do Santo Sacrifício era com dificuldade que sua alma, transportada irresistivelmente neste mistério, evitava o êxtase. A tradição do Carmelo permaneceu sempre fiel ao ensino dêstes dois grandes mestres espirituais. Não raro se encontram nos

claustros carmelitanos almas cuja vida silenciosa é inteiramente orientada para o mistério trinitário. A própria S. Teresinha não se ofereceu também como vítima no dia da Santíssima Trindade? Sua oferta ao Amor misericordioso é uma oração essencialmente trinitária: “Ó meu Deus, Trindade bem-aventurada, a fim de viver, num ato de perfeito amor, ofereço-me como vítima de holocausto a vosso Amor misericordioso”.¹ Todavia, é preciso reconhecê-lo, Irmã Elisabeth da Trindade recebeu uma graça muito especial para viver dêste mistério. Deus, que a destinava à missão de reconduzir as almas ao interior de si mesmas para aí tomarem consciência das riquezas de seu batismo, fêz dela, verdadeiramente, a santa Habitação Divina.

1. — A SANTA DA HABITAÇÃO DIVINA. — Na primeira página de sua caderneta de notas, quando jovem, ela copiára em exergo o seguinte pensamento de S. Teresa: “É preciso procurar-Me em ti”.² Com 19 anos, sentia-se “habitada”. Muitas vêzes Elisabeth repetia à sua amiga: “Parece-me que Ele está aqui” e fazia o gesto de O ter nos braços e de O apertar no coração. “Quando estiver com meu confessor”, dizia consigo, “hei de pedir-lhe explicação do que se passa em mim”.

Já vimos de que maneira a Divina Providência lhe proporcionou o encontro com o Pe. Vallée e como êste, na qualidade de teólogo contemplativo, a esclareceu sôbre o dogma cristão da habitação divina. Para Elisabeth Catez, esta explicação foi uma luz radiosa e a orientação decisiva da vida. Animada pela verdade dêste mistério de fé, sepultou-se, desde aquêle dia, no íntimo de si mesma para aí procurar os seus “Três”. Testemunhos daquela época não deixam dúvida alguma sôbre êste ponto: antes mesmo de entrar no Claustro, Elisabeth Catez já estava “tomada”, em grau excepcional, pelo mistério da Habitação divina. Era êste o tema de suas confidências íntimas: “A Santíssima Trindade era o seu tudo”.³

¹ *História duma alma.*

² Poema enviado por S. Teresa a Dom Alvaro de Mendonça.

³ Testemunho de uma amiga.

Desde esta revelação súbita, que lhe iluminou a vida, ela não parou mais. Meses depois, já não tocava neste assunto. Sentia-se que ela estava “tomada” pela Santíssima Trindade. Esta expressão de uma testemunha denota bem a *passividade* de sua alma sob a ação do Espírito Santo desde as primeiras graças místicas do retiro de 1899. “Mergulhem-nos nessa Trindade Santa, nesse Deus todo amor. Deixemo-nos transportar para aquelas regiões onde não há senão *Êle, Êle só*”. ⁴ “Deus em mim, eu n^oÊle” seja esta a nossa divisa. Como é suave esta presença de Deus dentro de nós, no santuário íntimo de nossas almas! Aí O encontramos sempre, pôsto que não Lhe sintamos mais a Presença. Mesmo assim *Êle* está aí e é aí que gosto de procurá-Lo. Não O deixemos jamais s^ozinho. Seja nossa vida uma oração contínua. Quem n^o-Lo pode roubar? Quem pode sequer distrair-nos d^aAquele que nos tomou e fêz inteiramente sua”? ⁵

Irmã Elisabeth descobriu aí a fórmula de sua vida: Oito dias depois de entrar no Carmelo, nada mais faz do que transcrevê-la no questionário que lhe pediram preencher:

— Qual é vossa divisa?

— Deus em mim, eu n^oÊle.

No Carmelo, esta vida na presença de Deus é considerada como herança sagrada, cuja origem remonta ao Patriarca Elias: “Conservo-me na presença de *Yaweh*, o Deus vivo: ⁶ aí está a própria essência do Carmelo. Todos os desprendimentos, todos os silêncios, tôdas as purificações tendem ao mesmo fim: conservar a alma na possibilidade de aplicar tôdas as potências a essa presença contínua de Deus.

Irmã Elisabeth, encontrou, pois, s^obre êste ponto tôda uma doutrina espiritual, familiar ao meio em que viveu. Para sua vida interior, foi o indício dum desabrochar completo. Até então, Elisabeth Catez mostrara-se uma jovem de grande pureza e piedade, a quem Deus, em recompensa da heróica fidelidade, comunicara alguns toques místicos; faltava-lhe, porém, uma doutrina e formação espiritual. O encontro com

⁴ Carta a M. G., 1901.

⁵ Carta a M. G., 1901.

⁶ Reis, XVII, 1.

o Pe. Vallée viera estabelecê-la, com segurança, na luz entrevista, A leitura assídua de S. João da Cruz deu-lhe uma doutrina. O ambiente religioso fêz o resto.

Ela notou cuidadosamente as passagens de seu novo mestre espiritual que tratam da natureza e dos efeitos dessa misteriosa mas muito real e substancial presença da Santíssima Trindade na alma. Por uma graça única, Irmã Elisabeth soube encontrar nessa presença das Três Pessoas divinas no íntimo de sua alma “o céu na terra”, segrêdo de sua heróica santidade.

Antes de tudo, o seu nome trinitário a encantava: “Ainda não vos disse o meu nome no Carmelo: Maria Elisabeth da Trindade. Creio que êste nome indica uma vocação particular. É muito bonito, não é? Gosto tanto do mistério da Santíssima Trindade! É um abismo em que me perco”. ⁷ “Sou Elisabeth da Trindade, isto é, Elisabeth que desaparece, que se perde nos “Três” e por Êles se deixa invadir”. ⁸

Foi êste o programa da sua vida de Carmelita. “O meu único exercício é entrar “dentro” de mim, perder-me nos que aí estão. Sinto-o tão vivo em minha alma, que basta recolher-me para encontrá-Lo dentro de mim. Aí está tôda a minha felicidade”. ⁹

“Vivamos com Deus como com um amigo. Tornemos nossa fé viva, para em tudo comungarmos com Êle. É isto que faz os santos. Trazemos o céu em nós, pois Aquêle que sacia os bem-aventurados na luz da visão, se dá a nós na fé e no mistério. É a mesma coisa. PARECE-ME TER ENCONTRADO O CÉU NA TERRA, POIS O CÉU É DEUS E DEUS ESTÁ EM MINHA ALMA. NO DIA EM QUE COMPREENDI ISTO, TUDO SE ILUMINOU PARA MIM E QUISERA DIZER ÊSTE SEGRÊDO, BAIXINHO, A TODOS OS QUE AMO, a fim de que também possam aderir a Deus através de tudo, e se realize a oração de Nosso Senhor: “Pai, sejam todos consumados na Unidade”. ¹⁰

Por um fenômeno de apropriação, familiar às almas dominadas por uma idéia, ela tudo reduz a êste mistério. As

⁷ Carta ao Cônego A., 14 de junho de 1901.

⁸ Carta a G. de G., 20 de agosto de 1903.

⁹ Carta ao Cônego A., 15 de julho de 1903.

¹⁰ Carta à Sra. de S., 1902.

festas litúrgicas, aparentemente mais afastadas do mistério trinitário escondido no fundo de sua alma, para lá convergem, por meio de uma transposição para ela inteiramente natural. A festa de Natal fornece-nos um exemplo característico: “Um Natal no Carmelo é coisa única. A noite, fui instalar-me no Côro e lá se passou tôda a minha vigília, com a Santíssima Virgem, à espera do Deus Menino que ia nascer, não mais no presépio, mas *em minha alma*, em nossas almas, porque Ele é o Emanuel, o “Deus conosco”.¹¹

O tema habitual de sua inspiração poética é esta Habitação de Deus no íntimo da alma:

Ó BEATA TRINITAS

Sim! Que a graça de Deus, inundando a tua alma,
Se derrame em teu ser como um rio de paz,
E submersa te deixe, e tão forte e tão calma
Que alcançar-te, por fim, nada seja capaz;

E nessa profundidade em mistério tão santo,
A Divindade mesma é quem virá habitar-te,
A Trindade bendita, ó minha Mãe! Portanto,
Adorando-A em silêncio, eu quero festejar-te.

Laudem Glorïae - junho de 1906¹²

Por ocasião da festa das irmãs couversas, ela escreve: “No dia de Santa Marta festejamos nossas caras irmãs de véu branco. Em honra de sua Santa Padroeira elas têm folga a fim de se entregarem com Madalena ao doce descanso da contemplação. São as noviças que as substituem na cozinha. Ainda estou no Noviciado, pois aí ficamos três anos depois

¹¹ Carta a suas tias R., 30 de dezembro de 1903.

¹² Para uma Irmã do Carmelo de Dijon:

Que la grâce de Dieu t'inonde et t'envahisse
Se répandant en toi, comme un fleuve de paix.
Sous ses tranquilles flots, qu'Elle t'ensevelisse
Pour que rien du dehors ne t'effleure jamais.

En cette profondeur, ce calme, ce mystère,
Tu seras visitée par la Divinité.
C'est là que je te fête en silence, ô ma mère,
Adorant avec toi la Sainte Trinité.

da profissão. Tive assim ensejo de passar um belo dia perto do fogão. Ao pegar no cabo da caçarola, não entrei em êstase, como nossa Mãe Teresa, *mas senti a divina presença do Mestre no meio de nós, e minha alma adorava no centro de si mesma*. Aquêlê que Madalena soubera reconhecer sob os véus da humanidade".¹³

Sua correspondência é cheia de conselhos sôbre a Presença de Deus: "Seja vossa alma para Êle um santuário, um lugar de repouso na terra, onde Êle é tão ofendido".¹⁴ "Faça êle de vossa alma um pequeno céu onde se apraza em descansar. Retirai tudo quanto lhe poderia ofender o olhar divino. Vivei com Êle. Onde quer que estejais, seja qual fôr vossa ocupação, Êle não vos deixa nunca. Ficai pois continuamente com Êle. Entrai no interior da alma: aí O encontrareis sempre, sequioso de vos fazer algum bem. Faço por vós a súplica que S. Paulo fazia pelos seus: pedia que "Jesus habitasse pela fé em seus corações, a fim de que fôssem enraizadas no amor".¹⁵ Esta palavra é tão profunda, tão misteriosa!... Sim, que o Deus todo amor seja vossa morada, vossa cela, vosso claustro, no meio do mundo. Não vos esqueçais de que Êle mora no mais íntimo de vossa alma como em um santuário onde quer ser amado até à adoração",¹⁶

O mesmo pensamento volta sempre, adaptado às circunstâncias e às pessoas: a verdadeira vida está no fundo da alma com Deus. É ali que Irmã Elisabeth vai encontrar o segrêdo da felicidade que, nesta vida, lhe antecipou o céu.

Irmã Elisabeth foi verdadeiramente a alma de uma idéia. Quando, no domingo, a Igreja lhe punha nos lábios o *Quicumque*, como outrora sua Mãe S. Teresa, ela era transportada por êsse mistério dos mistérios em que sempre vivia sua alma. O domingo era todo consagrado por ela a honrá-lo. Ao aproximar-se a festa da Santíssima Trindade, uma graça irresistível a invadia. Durante vários dias, a terra não existia para ela. "Esta festa dos "Três" é bem a minha. Para mim não há outra igual; eu ainda não compreendia bem vivamen-

¹³ Carta a suas tias R., verão de 1905.

¹⁴ Carta a Sra. de B., 17 de agosto de 1905.

¹⁵ Efés, III - 17.

¹⁶ Carta a Sra. de B., verão 1905.

te o mistério e a vocação do meu nome. É neste mistério que havemos de nos encontrar e êle será o nosso centro... nossa morada. Deixo-te com êste pensamento do Pe. Vallée, para objeto de tua oração: "O Espírito Santo vos leve ao Verbo, o Verbo vos conduza ao Pai, e sejais consumada na Unidade, a exemplo do Cristo e de nossos Santos".¹⁷

Desta maneira os anos e as graças da vida religiosa mergulhavam-na, cada dia mais profundamente, em si mesma com Aquêle cujo contato lhe comunicava, a todo instante, a vida eterna. Os menores acontecimentos revelavam a posse total desta alma pela Santíssima Trindade.

Comuniquem-lhe o nascimento de uma sobrinha e, logo, ela exulta na Santíssima Trindade. "Fizemos verdadeira ovação à pequena Sabeth. Esta manhã, no recreio, nossa Reverenda e cara Madre estava contente ao mostrar-nos sua fotografia e bem podes adivinhar quanto o coração da Tia Elisabeth batia forte. Ó minha Guida, eu amo êsse anjinho, talvez tanto quanto sua mãezinha. Já não é dizer pouca coisa. E, além disso, como sabes, sinto-me tôda penetrada de respeito em face dêsse pequeno templo da Santíssima Trindade. Sua alma parece-me um cristal que reflete a Deus. Se estivesse perto dela, havia de pôr-me de joelhos para adorar Aquêle que habita nela. Queres abraçá-la por sua tia Carmelita e depois tomar minha alma com a tua e recolher-te junto da pequena Sabeth? Se estivesse ainda no meio de vós, quanto gostaria eu de a mimar, de embalar, que sei ainda? Mas Nosso Senhor chamou-me para a montanha a fim de ser o seu Anjo e cobri-la com minha oração. É com grande prazer que faço por ela o sacrifício de tudo".¹⁸

Nos locutórios e cartas, junto de sua mãe, irmã, amigas e de todos quantos dela se aproxima, não cessa de pregar com discrição mas continuamente, a presença divina no íntimo da alma. "Pensai que estais n'Ele e que Ele se faz vossa morada na terra. Pensai ainda mais que Ele está em vós, que o possuís no mais íntimo de vós mesmos, que a todo instante do dia e da noite, em tôda alegria, em tôda provação,

¹⁷ Carta a sua irmã, junho de 1902.

¹⁸ Carta a sua irmã, março de 1904.

podeis encontrá-Lo bem pertinho, bem dentro de vós. É este o segrêdo da felicidade, é o segrêdo dos santos. Eles sabiam perfeitamente que eram o templo de Deus e que, quando nos unimos a Deus, nos tornamos “com Êle um só e mesmo espírito”,¹⁹ como diz S. Paulo. “Por isso, tudo enfrentavam, sob sua irradiação”.²⁰

Seria preciso citar tudo. Para quem observa de perto o desabrochar desta alma, é manifesto que num movimento ascensional o mistério da Santíssima Trindade se torna a verdade dominante de sua vida enquanto o resto se apaga e desaparece.

No dia 21 de novembro, festa da apresentação de Nossa Senhora, todo o Carmelo renova a profissão. Enquanto pronuncia de novo com as suas companheiras a fórmula de votos, Irmã Elisabeth sente um impulso de graça irresistível, que a transporta à Santíssima Trindade. Ao voltar à cela, toma a pena e sôbre uma simples fôlha de caderno, sem hesitação, sem o menor êrro, e ao correr da pena, escreve sua célebre oração, como um brado que sai do coração:²¹

“Ó meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente para me estabelecer em Vós, imóvel e pacífica como se minha alma já estivera na eternidade; que nada me perturbe a paz nem me arranque de Vós, ó meu Imutável, mas que em cada minuto me mergulhe mais profundamente em vosso Mistério!

Pacificai-me a alma; fazei dela o vosso céu, vossa morada querida e o lugar de vosso repouso; jamais vos deixe eu sozinho; mas fique tôda inteira convosco, tôda atenta em minha fé, em atitude de adoração e entregue inteiramente à vossa ação criadora.

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, quanto desejaria ser uma espôsa para vosso coração; quanto desejaria cobrir-vos de glória, quanto desejaria amar-Vos... até morrer!... Mas sinto minha impotência e, por isso, peço-Vos, revesti-me de Vós mesmo, identificai minha alma com os

¹⁹ I Cor. VI, 17.

²⁰ Carta a M.-L. M., 24 de agosto de 1903.

²¹ Esta oração de Irmã Isabel foi encontrada sem título no meio de suas notas.

movimentos da Vossa, submergi-me, penetrai-me, substituí-vos a mim, a fim de que minha vida nada mais seja que uma irradiação da Vossa. Vinde a mim como Adorador, como Reparador, como Salvador.

Ó verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a vida a escutar-Vos, quero ser inteiramente dócil, para aprender tudo de Vós; e depois, através de tôdas as noites, de todos os vácuos, de tôdas as impotências, quero ter sempre os olhos fixos em Vós e ficar sob vossa grande luz. Ó meu astro querido, fascinaí-me a fim de que eu não possa mais sair de vossos raios.

Ó Fogo devorador, Espírito de amor, vinde a mim, para que em mim se opere uma como encarnação do Verbo; que eu seja para Êle uma humanidade de acréscimo na qual renove o seu mistério.

E Vós, ó Pai, inclinaí-vos sôbre vossa pobre criatura, cobri-a com vossa sombra, vêde nela sòmente o vosso Bem-Amado, no qual pusestes tôdas as vossas complacências.

Ó meus "Três", meu Tudo, minha Bem-aventurança, Solidão Infinita, Imensidade em que me perco, entrego-me a Vós qual prêsa, sepultai-Vos em mim, para que eu me sepulte em Vós, na esperança de ir contemplar em vossa luz o abismo de vossa grandeza.

21 de novembro de 1904.

Esta oração, das mais belas do Cristianismo, é o fruto de uma vida inteira de santidade e de um carisma especial que a fêz jorrar do coração.

Almas religiosas há que se nutrem dela desde meses e anos sem jamais se enfastiarem. Enquanto murmuram no silêncio esta prece, Irmã Elisabeth, fiel à sua missão, recolhe estas almas, ajuda-as a saírem de si mesmas por um movimento simples e afetuoso, e transporta-as ao seio da Santíssima Trindade.

Depois de 1904, data da composição de sua Elevação à Santíssima Trindade, quando Deus a visitou pelo sofrimento, foi nessa Presença divina que hauriu a fôrça do seu heroísmo sorridente.

No momento supremo da partida, com maior ternura ainda, ela volta-se para as amigas e para os seus e lhes deixa em testamento sua cara devoção aos "Três". "Deixo-vos minha fé na presença de Deus, do Deus todo Amor que habita em nossas almas. Eu vô-lo confio, esta intimidade com Ele, "lá dentro", foi o belo sol que me iluminou a vida e fêz dela um céu antecipado. É o que me fortalece hoje no sofrimento. Não tenho medo de minha fraqueza, porque o Forte está em mim e sua fôrça é todo-poderosa. Ela opera, diz o Apóstolo, além do que podemos esperar".²²

Igual testamento, ainda mais comovedor, deixa ela à sua irmã: Irmãzinha, sinto-me feliz de ir lá para cima ser o teu Anjo; como serei ciosa da beleza de tua alma já tão querida na terra. Deixo-te minha devoção pelos "Três". Vive dentro com Eles, no céu de tua alma. O Pai cobrir-te-á com sua sombra, interpondo uma nuvem entre si e as coisas da terra, para te guardar só para Si. Comunicar-te-á seu Poder para que O ames com um amor forte como a morte. O Verbo imprimir-te-á na alma, como um cristal, a imagem de sua própria beleza, a fim de que sejas pura de sua pureza, luminosa de sua luz. O Espírito Santo transformar-te-á em lira mística que produzirá no silêncio, sob seu toque divino, um magnífico cântico de Amor. Então serás "o louvor de sua glória", que tanto desejei ser na terra. Tu me substituirás. Serei *Laudem Glorise* diante do trono do Cordeiro, e tu, *Laudem Glorise* no centro de tua alma".²³

A habitação divina no mais profundo da alma foi para Irmã Elisabeth da Trindade o segrêdo de sua rápida santificação. Podemos dar crédito ao testemunho que legou alguns dias antes de morrer: "Lá em cima, no foco do Amor pensarei ativamente em vós. Pedirei por vós — e será êste o sinal de minha entrada no céu — uma graça de união, de intimidade com o Mestre. Foi isto que fêz de minha vida, eu vô-lo confio, um céu antecipado: Crer que um Ser, que se chama Amor, habita em nós, a todo

²² Carta a Sra. de B..., 1906.

²³ Carta a sua irmã, 1906.

instante do dia e da noite, e nos pede vivamos em Sociedade consigo“, ²¹

2. — DOCTRINA SÔBRE A HABITAÇÃO DIVINA. — Seria supérfluo exigir de Irmã Elisabeth da Trindade uma doutrina sistematizada, com todos os elementos em perfeita ordem. Como contemplativa, viveu os mais altos mistérios da fé e especialmente o dogma da habitação divina, sem pretensão de se mostrar Doutor ou Teólogo, sem sequer suspeitar o alcance universal reservado por Deus a seus escritos.

Em suas notas íntimas, alude ela à passagem que particularmente a impressionara, em que S. João da Cruz, no *Cântico Espiritual*, trata da natureza e dos efeitos desta misteriosa presença divina. Encontra-se aí a doutrina clássica da teologia católica em alto grau de luz contemplativa: Deus está substancialmente presente em todos os sêres pelo contato criador. A esta presença comum, ajunta-se outra especial nas almas dos justos e dos bem-aventurados, como objeto de conhecimento e de amor na ordem sobrenatural.

Irmã Elisabeth meditara longamente êstes textos e haurira em S. João da Cruz os elementos de uma doutrina mística sôbre a presença íntima de Deus na alma dos justos, uma das verdades mais tradicionais e mais consoladoras do Cristianismo.

Para a Igreja, a fonte de tal doutrina é o ensino tão claro de Jesus: “Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a êle e nêle faremos nossa morada“, ²⁵ O texto é claro. O Filho e o Pai habitam juntos no íntimo da alma fiel e ao mesmo tempo o Espírito Santo, que forma Um com Êles. Todo o mistério da geração do Verbo e da Procissão do Amor se opera, silenciosamente, nas profundezas mais íntimas da alma; nossa vida espiritual é uma comunhão incessante com a vida da Santíssima Trindade em nós. A alma, divinizada pela graça de adoção, é elevada à amizade divina, e introduzida na família de Deus para aí viver com o Pai, o Verbo, o Amor, “consumada na Unidade“. ²⁶

²¹ Carta a Sra. G. de B..., 1906.

²⁵ S. Jo., XIV, 23.

²⁶ S. Jo., XVII, 23.

Nosso Senhor deixou-nos, em sua oração sacerdotal, a descrição desta vida deiforme das almas perfeitas, admitidas ao *consortium* da vida trinitária: “Pai santo, os que me deste, guarda-os em teu nome para que sejam Um como nós. Sejam todos Um como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, a fim de que também êles estejam em Nós. Sejam Um, como nós somos Um, Eu nêles e Tu em Mim, a fim de que sejam consumados na Unidade... e que o amor que Me tens esteja nêles e Eu nêles”.²⁷

Depois de um discurso tão explícito do Mestre, que mais se pode desejar? Entre a Santíssima Trindade e nós, não existe unidade de natureza — seria panteísmo — mas unidade pela graça que nos associa, como filhos adotivos, à própria vida de nosso Pai dos céus, à imagem do Filho, num mesmo Espírito de amor.

Sem a Trindade, a alma é um deserto. Ela é habitada quando, possuindo em si as Pessoas divinas pela fé e pela caridade, entra “em sociedade”²⁸ íntima com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. As Três Pessoas Divinas estão substancialmente presentes na alma da criancinha batizada, transformada, segundo a expressão de S. Paulo, em “templo do Espírito Santo”.²⁹ Tôda a vida espiritual, desde o batismo até à visão celeste, desenvolve-se num movimento cada vez mais acelerado para a Santíssima Trindade. A visão beatífica, e, com maior razão, todos os estados místicos intermediários, mesmo os mais elevados, da união transformante, estão em germe no batismo. Não refletimos bastante sôbre a importância capital da graça batismal. A ela devemos o sermos admitidos como filhos adotivos, na família da Santíssima Trindade.

Esta bela teologia da habitação divina está subjacente na doutrina espiritual e na vida mística de Irmã Elisabeth. Ela nos permite acompanhá-la nos escrínios mais íntimos de sua alma. Para compreendê-la, não temos que nos perder em longas dissertações sôbre o modo da possibilidade do mistério. Com grande simplicidade e com rara profundidade de

²⁷ S. Jo., XVII, 11... 26.

²⁸ S. Jo., I, 3.

²⁹ I Cor. VI, 19.

pensamento, penetrara Irmã Elisabeth pelo caminho da sabedoria infusa, no sentido de sua vocação batismal e compreendera que desde esta terra, era chamada a viver, segundo a expressão tão cara de S. João, “em sociedade” com a Santíssima Trindade.

Ela chegou mesmo a compor para sua irmã, à guisa de testamento, um retiro inteiro para lhe explicar como podemos “encontrar o céu na terra”. Estas páginas, escritas nas últimas semanas de sua vida e entregues à irmã depois da morte dela, constituem juntamente com o Retiro de *Laudem Glorise*, a pequena Suma de sua Doutrina Espiritual, no estado mais evoluído.

Ora, desde a primeira oração, Irmã Elisabeth, elevando-se à altíssima luz contemplativa da oração sacerdotal de Cristo, julga do nosso destino sobrenatural em conformidade com as próprias palavras do Mestre que chama as almas, pela graça, à “consumação da Unidade”⁸⁰ da Trindade santa.

“Pai, quero que lá onde estou, aquêles que me destes estejam também comigo, a fim de que contemplem a glória de que me revestistes, porque me amastes antes da criação do mundo”.⁸¹ Tal é a última vontade de Jesus, sua oração suprema antes de voltar ao Pai: Ele quer que lá onde está, estejamos nós também, não só durante a eternidade mas desde agora, desde esta vida que é a eternidade começada e sempre em marcha. Cumpre pois saibamos aonde devemos viver com Ele, para realizarmos seu sonho divino. O lugar onde está oculto o Filho de Deus é o seio do Pai, ou a Essência divina, invisível a todo olhar mortal, inacessível a toda inteligência humana e por isso Isaías exclama: “Sois verdadeiramente um Deus escondido”.⁸² E, entretanto, sua vontade é que estejamos unidos com Ele, que moremos onde Ele mora, na unidade do amor; que sejamos, por assim dizer, a sua sombra. “Pelo batismo”, diz S. Paulo, fomos enxertados em Jesus Cristo,⁸³ a fim de mostrar aos séculos futuros as riquezas de sua graça”,⁸⁴ e mais adiante: Não sois mais

⁸⁰ S. Jo., XVII, 23.

⁸¹ S. Jo., XVII, 24.

⁸² Isaías, XLV, 15.

⁸³ Ro. VI, 5.

⁸⁴ Efés, II, 6, 7.

hóspedes ou estranhos, mas concidadãos dos Santos e membros da casa de Deus". *A Santíssima Trindade: eis aí a nossa morada, nosso "em casa", a Casa paterna donde jamais devemos sair".* ³⁵

3. — LUGAR DESTA PRESENÇA: O CENTRO MAIS PROFUNDO DA ALMA — O lugar dêste encontro da alma com Deus esta nela, em seu próprio âmago. Os místicos chamaram a êste lugar secreto das operações divinas onde só Deus pode penetrar e agir: o *mens*, ou o cimo da alma. Irmã Elisabeth da Trindade, segundo da preferência a terminologia de S. Teresa e de S. João da Cruz, designa-o como "o centro da alma", seu centro mais profundo.

"O céu, essa Casa de nosso Pai, está no centro de nossa alma. Quando estamos no centro mais profundo, estamos em Deus". ³⁶ Não precisamos sair de nós mesmos para encontrá-Lo: o reino de Deus está "dentro". ³⁷ S. João da Cruz diz que é na substância da alma, aonde nem o demônio, nem o mundo podem chegar, que Deus se dá a ela. Todos os seus movimentos se tornam divinos, e embora sejam de Deus, são também dela, porque Nosso Senhor os produz nela e com ela. O mesmo Santo diz ainda que "Deus é o centro da alma". Quando a alma conhecer a Deus segundo tôda a sua capacidade, amá-Lo e d'Ele gozar inteiramente, terá chegado ao centro mais profundo que n'Ele possa atingir. Antes de chegar lá, a alma já está em Deus, que é o seu centro, porém não está ainda no centro "mais profundo", visto como pode ir mais longe.

Sendo o amor que une a alma a Deus, quanto mais intenso, é êste, tanto mais profundamente, penetra ela em Deus e n'Ele se concentra. Quando possui apenas um grau de amor, já está em seu centro, mas quando êste amor atinge à perfeição a alma penetra em seu centro mais profundo: é lá que será transformada a ponto de se tornar "semelhante a Deus". A esta alma que vive assim "dentro" podem se aplicar as palavras do Pe. Lacordaire a S. Madalena: "Não pro-

³⁵ O céu na terra, 1.ª oração.

³⁶ Carta a sua irmã, agosto de 1905.

³⁷ S. Luc., XVII, 21.

cureis mais o Mestre junto de ninguém na terra, de ninguém no céu, porque *Ele* é vossa alma, e vossa alma é *Ele*.” ³⁸

4. — SEUS ATOS ESSENCIAIS: A ATIVIDADE DA FÉ — Esta presença divina, misteriosa e real, fica inacessível aos sentidos: “Deus é espírito”, e os que d*Ele* se aproximam, devem fazê-lo “em espírito e em verdade”. ³⁹

Com cuidado particular, Irmã Elisabeth da Trindade insiste em mostrar que a sensibilidade nada tem que ver aqui. O escolho dos principiantes é precisamente quererem sentir Deus. E as almas já avançadas em perfeição, têm por vezes dificuldades em libertar-se de tal desejo, que persiste sempre sob os pretextos mais sutis. Por experiência própria aprendera ela a desconfiar da sensibilidade; a lembrança das terríveis purificações que foram o seu padrão quotidiano, durante todo o ano de Noviciado, conservava-lhe a alma atenta em não procurar outra paz senão a divina, que “está acima de todo sentimento”. ⁴⁰

Depois das primeiras alegrias sensíveis, deliciosas, da presença divina, cuja certeza lhe garantira o Pe. Vallée, Elisabeth Catez teve em breve que se agarrar à fé, para O ver presente dentro da alma. “Já não é um véu, e sim uma parede espessa que O esconde. É penoso, não é? depois de O ter sentido tão perto. Mas estou disposta a permanecer neste estado de alma... Vamos, pois, a *Ele* pela fé pura”. ⁴¹

5. — NA FÉ PURA — Para avançar com segurança “neste caminho magnífico da Presença de Deus”, ⁴² a fé é o ato essencial, o único que dá acesso ao Deus vivo, mas escondido. “Para ir a Deus, é preciso crer”, ⁴³ fala S. Paulo *Ele* diz também: “A fé é a substância das coisas que se devem esperar e a convicção das que se não vêem”. ⁴⁴ Quer dizer que a fé nos torna os bens futuros de tal maneira certos e presentes que por ela eles tomam existência em nossa alma e aí subsis-

³⁸ O céu na terra, 3.^a oração.

³⁹ S. Jo., IV, 24.

⁴⁰ Filip. IV, 7.

⁴¹ Carta a M. G., 1901.

⁴² Último Retiro, 9.^o dia.

⁴³ Hebr. XI, 6.

⁴⁴ Hebr. XI, 1.

tem antes mesmo que dêles gozemos. S. João da Cruz diz que “ela é os pés com que vamos a Deus” e “a posse em estado obscuro”. Sômente ela pode dar-nos luzes verdadeiras sôbre Aquêle que amamos e nossa alma deve escolhê-la como meio para chegar à união beatífica. É ela que derrama a jorros em nossa alma os bens espirituais.

“Nosso Senhor referia-se à Fé quando, falando com a Samaritana, prometeu dar a todos que cressem nêle uma fonte de água viva que jorraria até a vida eterna”.⁴⁵ Assim, pois, a fé nos dá Deus desde esta vida; velado, é verdade, mas real. Quando chegar o que é perfeito, isto é, a visão clara, o que é imperfeito, ou por outra, o conhecimento pela fé, receberá tôda a sua perfeição.⁴⁶

“Conhecemos o amor de Deus para conosco e nêle cremos”.⁴⁷ *Aí está o grande ato de nossa fé*, o meio de retribuirmos a Deus amor pelo amor. É o segrêdo escondido no coração do Pai, de que fala S. Paulo, que penetramos enfim, e tôda a nossa alma exulta. Quando a alma sabe crer nesse demasiado amor que paira sôbre ela, pode-se dizer dela o que se dizia de Moisés: “Era inabalável na fé, como se houvera visto o Invisível”.⁴⁸ Ela não se deixa mais levar pelos gostos, pelos sentimentos. Pouco lhe importa sentir Deus ou não; pouco lhe importa que Ele lhe mande alegria ou sofrimento: ela crê no seu amor. Quanto maiores provações recebe, tanto mais cresce sua fé, porque ela transpõe, por assim dizer, todos os obstáculos para ir descansar no seio do Amor infinito, que só opera amor.

Por isso a voz do Mestre pode segredar a esta alma, sempre atenta em sua fé, aquela palavra que um dia dirigiu a Maria Madalena: “Vai em paz, tua fé te salvou”.⁴⁹

Irmã Elisabeth permaneceu fiel até o fim em caminhar para Deus na fé pura. “Uma Carmelita é uma alma de fé”.⁵⁰ Mesmo depois da graça excepcional da última festa da Ascensão que passou na terra, e em que as Três Pes-

⁴⁵ S. Jo. IV, 14.

⁴⁶ I Cor. XIII, 10.

⁴⁷ I Jo. IV, 16.

⁴⁸ Hebr. XI, 27.

⁴⁹ *O Céu na Terra*, 8.^a oração.

⁵⁰ Carta a Sra. de S..., 1906.

soas Divinas se tinham manifestado a ela com evidência irrecusável, presentes no íntimo de sua alma e aí realizando noite e dia o “seu conselho poderoso”,⁵¹ mesmo depois disto, Irmã Elisabeth da Trindade tem de, na reclusão solitária da enfermeira, procurar o Mestre pela fé sòmente. É esta a condição absoluta de tòda divina na terra.

“Sou a pequena reclusa de Deus, e quando entro em minha cela para aí continuar a palestra começada, uma alegria divina se apodera de mim. Gosto imenso da solidão, a sós com Ele, e tenho uma vidinha de eremita, verdadeiramente deliciosa. Ela está longe de ser isenta de fraquezas, porque devo também procurar o Mestre que se esconde. Mas, então, reavivo a fé e fico mais satisfeita de não gozar de sua presença para deixá-Lo gozar do meu amor”.⁵²

Sua vida religiosa foi a realização das palavras ouvidas no Còro, na noite que precedeu a profissão: “... O céu na fé com o sofrimento e a imolação pelo meu Amado”.⁵³

6. — PRIMASIA DO AMOR. — O exercício da caridade é ainda mais necessário do que o da fé. Estas duas grandes virtudes teologais são duas asas que nos elevam até Deus: crer não basta, é preciso amar... amar sobretudo!... Irmã Elisabeth, como todos os santos, sublinhou vivamente esta primazia do amor sòbre a qual tanto insistia o próprio Mestre, que reduzia a lei, os Profetas, e todos os mandamentos de Deus ao primeiro preceito: “Ouve, Israel,... amarás teu Deus com todo o teu coração, com tòda a tua inteligência, com tòdas as tuas fôrças”.⁵⁴

Tocamos aqui o ponto culminante da doutrina cristã. Cumpre demorar um pouco.

Nada mais comovedor do que verificar com que fidelidade os Apóstolos, os Padres da Igreja, os Doutôres e os Santos recorriam sempre a esta palavra do Mestre que a Igreja, redizendo em todos os séculos, não a repete jamais.

S. João, no peito do Mestre, compreendera a profundeza divina dêste preceito que, a seus olhos, resumia todo o ensi-

⁵¹ Fórmula com que exprimia à sua Priora a graça da Ascensão. 1906.

⁵² Carta a sua irmã, 15 de julho de 1906.

⁵³ Carta ao Cônego A., julho de 1903.

⁵⁴ S. Marc. XII, 29 30; Deuter. VI, 4.

namento de Jesus. Velhinho, seus lábios a repetiam, todos os dias, e quando alguém se admirava, êle dava aquela resposta digna do discípulo amado: “É o mandamento do Mestre, só êle basta”.⁵⁵ S. Paulo ensinava a mesma doutrina: “Caminhai no amor”.⁵⁶ A caridade é a plenitude da lei”.⁵⁷ É conhecida a palavra célebre de S. Agostinho: *Ama et fac quod vis*: “Ama e faze o que quiseses”.⁵⁸ Depois dêle S. Bernardo repetia que “a medida do amor a Deus é amá-Lo sem medida”.⁵⁹ S. Domingos, patriarca duma grande família de intelectuais, confessava: “Estudei no livro da caridade mais do que em qualquer outro: o amor ensina tudo”.⁶⁰ E S. Tomás, sempre conciso: “O amor é a vida da alma”.⁶¹

Será preciso insistir ainda? Tôda a linguagem dos Santos nada mais é do que uma paráfrase do mandamento do amor. S. Teresa notava que para as almas chegadas ao cume da perfeição “todo o ofício consiste em amar”.⁶² S. João da Cruz, Doutor do amor mais ainda do que das *Noites* escreve: “Na tarde da vida seremos julgados sôbre o amor”.⁶³ Depois de vinte séculos, fazendo eco à grande palavra do Mestre, *Diliges*⁶⁴ “Viverás de amor”. S. Teresinha deixava ao mundo moderno o belo cântico: “Viver de amor”. É dizer que estamos aqui na quintessência do Cristianismo. S. Francisco de Sales declarava no começo do *Tratado do amor de Deus*, sua obra-prima: “Tudo é para o amor, no amor, pelo amor e do amor, na Santa Igreja”.⁶⁵

A razão é simples: A caridade põe-nos em estado de amizade com Deus. Tôdas as riquezas da Santíssima Trindade tornam-se nossas pela graça e pela glória. Entramos verdadeiramente em “sociedade” com o Pai, o Filho e o Espírito

⁵⁵ S. Jerônimo, ep. ad Gal. 1, III, cap. VI, P. L. XXVI, 433.

⁵⁶ Efés. V, 2.

⁵⁷ Ro. XIII, 10.

⁵⁸ Fórmula usual que traduz exatamente o texto: “Dilige, et quod vis, fac” in Joan. VII, 8.

⁵⁹ De diligendo Deo.

⁶⁰ Vitae fratrum, lib. II, cap. XXV.

⁶¹ S. Tomás, II-II q. 23, a. 2, ad. 2.

⁶² Cf. ainda S. J. da Cruz, *Cântico*, estrofe XXVIII, onde se encontra a mesma doutrina do *Cast. inter*, 6.^a e 7.^a morada.

⁶³ Silvério, *Obras*, t. 3, p. 238. Avisos y sentencias n.º 57.

⁶⁴ S. Mat. XXII, 37.

⁶⁵ Prólogo do Tratado do Amor de Deus.

Santo. Podemos “gozar” ⁶⁶ das pessoas Divinas. Este comércio espiritual entre Deus e a alma desabrocha segundo as leis mais puras da amizade: o próprio Deus se dá a nós e comunica-nos sua beatitude; o homem, em troca, ama a Deus como um Amigo, infinitamente mais do que a si próprio e põe sua felicidade suprema na de seu Deus.

Irmã Elisabeth da Trindade fizera *sua* a doutrina do Mestre. Repetia com predileção a frase de S. João: Somos dos que creram no amor. ⁶⁷ Podemos mesmo afirmar, sem receio de exagerar, que ela estabelecera tóda a sua vida espiritual sob a luz do “amor excessivo” ⁶⁸ de que fala S. Paulo. “Sinto tanto amor pesar sôbre minha alma: é como um oceano em que mergulho e me perco, é a visão na terra, à espera do face a face na luz; só tenho que amar, deixar-me amar, todo o tempo, em tôdas as coisas. Acordar no amor, mover-me no amor, adormecer no amor, com a alma em sua alma, o coração em seu coração, a fim de que, por seu contato, Ele me purifique, me livre de miséria...” ⁶⁹ Noite e dia, no céu de sua alma ela quer cantar o amor do Mestre”. ⁷⁰ Só me resta um desejo: Amá-Lo, *amá-Lo todo o tempo*, zelar pela sua honra como verdadeira espôsa; fazer sua felicidade, torná-Lo feliz preparando-Lhe uma morada e abrigo em minha alma, para que aí êle esqueça à custa de amor, tôdas as abominações dos maus”. ⁷¹ “Êle me amou e se entregou à morte por mim”. ⁷² Aí está pois o têrmo do amor: dar-se... entregar-se inteiramente àquele que se ama. O amor faz-nos sair de nós e transporta-nos, em êxtase inefável, ao selo do objeto amado. Que belo pensamento! Seja êle uma divisa luminosa para nossas almas; deixem-se elas conduzir pelo Espírito de amor, e sob a luz da fé, apressem-se em cantar com os bem-aventurados o eterno hino de amor, diante do trono do Cordeiro. Sim, comecemos o céu no amor.

⁶⁶ S. Tomás, I, q. 43, art. 3, ad. I.

⁶⁷ I Jo IV, 16.

⁶⁸ Efés. II, 4.

⁶⁹ Carta ao Cônego A., agôsto de 1903.

⁷⁰ Carta ao Cônego A., junho de 1906.

⁷¹ Carta a Sra. A., 15 de fevereiro de 1903.

⁷² Gal. II, 20.

Deus é êste amor. É S. João quem nô-lo diz: *Deus caritas est.* ⁷³ “Fiquemos em seu amor e fique seu amor em nós”. ⁷⁴

Como S. Teresinha, e quiçá sob sua influência, ⁷⁵ ela encontrou sua vocação no amor: “...Quero ser santa, santa para torná-Lo feliz. Pedi-Lhe que eu só viva de amor”. “é esta a minha vocação”. ⁷⁶ “Creio que é o amor que nos não permite ficarmos muito tempo na terra, e, aliás, S. João da Cruz o diz em têrmos formais; em um capítulo admirável descreve êle a morte das almas vítimas do amor, os últimos assaltos que êste lhes faz e depois, todos os rios da alma que se vão perder no oceano do amor divino e que, de tão volumosos, parecem verdadeiros mares. S. Paulo diz que “nosso Deus é fogo devorador”. ⁷⁷ Se ficarmos todo tempo unidas a Êle, por um olhar de fé, simples e amoroso; se, como nosso Mestre adorado, pudermos dizer no fim de cada dia: É porque amo meu Pai que faço sempre o que Lhe agrada ⁷⁸ Êle nos consumirá, e iremos perder-nos na fogueira imensa, para nos abrasarmos à vontade, durante a eternidade”. ⁷⁹

No momento em que tudo morre nela, resplandece inigualável esta primazia do amor. Recebe o padre que lhe traz a Extrema Unção exclamando: “Ó Amor... Amor... Amor!... ⁸⁰

Antes de voar para Deus, escreve a uma amiga: “A hora aproxima-se em que vou passar dêste mundo para meu Pai, e antes de partir quero enviar-te uma palavra do coração, o testamento de minha alma. Jamais o coração do Mestre foi tão transbordante de amor como no momento em que devia deixar os seus. Parece-me que algo de semelhante se passa com sua pobre espôsa, no ocaso de sua vida, e sinto como uma vaga que sobe do meu coração até o vosso... A luz da eternidade, as almas vêem as coisas como são. Que vácuo

⁷³ I Jo IV, 8.

⁷⁴ Carta a Sra. A., 15 de fevereiro de 1904.

⁷⁵ Ela tomara notas sobre *História de uma alma.*

⁷⁶ Carta a G. de G., 20 de agosto de 1903.

⁷⁷ Hebr. XII, 29.

⁷⁸ S. Jo. VIII, 29.

⁷⁹ Carta a C. B., 1906.

⁸⁰ *Memórias*, pág. 180, ed. 1935.

em tudo que não foi feito para Deus e com Deus! Por favor, marcai tudo com o sêlo do amor. Só isto fica". ⁸¹

É êste o último pensamento que dirige às Irmãs que recitam em tórno dela as orações dos moribundos: "Ao entardecer da vida, tudo passa, só o amor fica. É preciso fazer tudo por amor". ⁸²

Desta maneira, para Irmã Elisabeth tôda a doutrina prática da Habitação Divina se resume numa troca contínua de amor. "Há um Ser que se chama Amor e que quer que vivamos em sociedade com Êle" ⁸³

7. — A PRÁTICA: ATOS DE RECOLHIMENTO. — O exercício da presença de Deus não é monopólio das almas contemplativas. A graça do batismo põe em cada um de nós tôda a Trindade: "Esta *melhor parte* ⁸⁴ que parece ser o meu privilégio na querida solidão do Carmelo, é oferecida por Deus a tôda alma de batizado". ⁸⁵

Basta aderir a Deus pela fé, pela caridade, pela prática das virtudes cristãs. Certas pessoas pensam que, para se viver na presença de Deus, deve-se tomar uma atitude forçada, olhos fechados. Nada mais ridículo do que isto. Se a vida espiritual, e, por conseguinte, "o reino de Deus dentro de nós não consiste em comer e beber", ⁸⁶ como observa S. Paulo, em tudo isto, entretanto — adverte-nos o mesmo Apóstolo — pode Deus ser magnificamente louvado.

Dom Bosco rolava no pó com seus garotos. Nas horas de recreio, Irmã Elisabeth da Trindade sabia imitar, com graça, uma atitude de martir: e nem por isso perderam ambos a presença de Deus e, quanto possível, atual.

Aqui começa a diferença entre os santos e nós. Em suas ações, os santos só procuram a glória de Deus "quer comam, quer bebam", ⁸⁷ ao passo que muitas almas cristãs não sabem mais achar a Deus, nem mesmo na oração, porque pensam que a vida espiritual é coisa inacessível, reservada a li-

⁸¹ Carta a Sra. de B..., 1906.

⁸² *Memórias*, pág. 254, ed. de 1935.

⁸³ Carta a sua mãe, 20 de outubro de 1906.

⁸⁴ S. Luc. X, 42.

⁸⁵ Carta a Sra. de S..., 25 de julho de 1902.

⁸⁶ Ro. XIV, 17.

⁸⁷ I Cor. X, 31.

mitado número de privilegiados, chamados “místicos”, enquanto que elas tudo complicam. A verdadeira mística é a do batismo, com a Santíssima Trindade em perspectiva e sob o sêlo do Divino Crucificado, isto é, na banalidade das crucifixões de cada dia.

Irmã Elisabeth da Trindade sabia insistir sôbre êste ponto junto das almas que com ela privavam e que Deus conservava no mundo. Gostaríeis de ser tôda d’Ele, embora no mundo: é tão simples. Ele está sempre conosco. Ficai sempre com Ele. Em tôdas as ações, nos sofrimentos, na fadiga do corpo, permaneci sob o seu olhar. Vêde-o *vivo* em vossa alma”.⁸⁸

Nada nos impede de nos unirmos a Ele pelo amor: nem as alegrias, nem as tristezas da terra, nem a saúde, nem a doença, nem as lisonjas, nem a malícia dos homens, nada, “nem mesmo nossos pecados”⁸⁹ acrescenta Irmã Elisabeth repetindo a expressão ousada de S. Agostinho no comentário do texto de S. Paulo aos Romanos: “Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus”, *etiam paccata*, mesmo os pecados, por causa do perdão que glorifica a misericórdia divina, e da humanidade em que deixa a alma, doravante mais consciente da própria fraqueza.

Irmã Elisabeth não complica as coisas. Para viver dêste grande mistério da habitação divina, ela só dá um conselho: “Fazer atos de recolhimento em sua presença”.

“Querida mãe, aproveita da solidão para te recolheres com Deus. Enquanto descansa o corpo, pensa que o descanso da alma é Ele, e que assim como uma criancinha gosta de ficar nos braços da mãe, assim também encontras o teu repouso nos braços da mãe, assim também encontras o teu repouso nos braços dêsse Deus que te envolve de todos os lados. Nós não podemos sair d’Ele, mas, infelizmente, esquecemos muitas vêzes sua presença, e O deixamos só para nos ocuparmos de coisas fora d’Ele. Esta intimidade com Deus é tão simples, e longe de cansar, reconforta, como a criança que repousa sob o olhar da mãe. Oferece-Lhe todos os teus sofri-

⁸⁸ Carta a Sra. A..., 29 de setembro de 1902.

⁸⁹ *Último Retiro*, VII.

mentos: aí está uma excelente maneira de te unires a **Ele** e uma oração que muito Lhe agrada”.⁹⁰

“Há uma expressão de S. Paulo que é como um resumo de minha vida e que poderia ser escrita a respeito de cada um dos instantes de minha existência: *Propter nimiam caritatem*.⁹¹ Sim, tôda esta inundação de graças é “porque **Ele** me amou até o excesso”. Mãe querida, amemo-Lo, vivamos com **Ele** como um ser amado de quem nos é impossível separar-nos. Hás de dizer-me se tens progredido no caminho do recolhimento na presença de Deus. Bem sabes que sou a “mãezinha” de tua alma; e por isso estou cheia de solicitude por ela. Lembra-te das palavras do Evangelho: “O reino de Deus está dentro de vós”.⁹² Entra nesse pequeno reino para adorares o soberano que aí reside como em seu próprio palácio”.⁹³

Para contar êstes atos de recolhimento, Irmã Elisabeth fizera-lhe um pequeno “contador” e em uma carta pergunta se sua mãe o usava fielmente: “Tu me dirás se passas fielmente as continhas”.⁹⁴

8. — PEQUENO CATECISMO DA PRESENÇA DE DEUS. — Duas cartas revelam particularmente o modo de proceder da serva de Deus e sua psicologia em face do mistério da Habitação divina, que foi tudo em sua vida.

A primeira é dirigida a uma jovem de natureza extremamente rica, mas de temperamento ainda cheio de caprichos, verdadeiro tormento para os seus. Irmã Elisabeth intervém cheia de ternura maternal. “Sim, rezo por ti e guardo-te em minha alma, bem pertinho de Deus, neste pequeno santuário íntimo onde O encontro, a cada hora do dia e da noite. Nunca estou só. Meu Jesus está sempre comigo, **Ele** ora em mim e eu oro com **Ele**. . . Ah se eu pudesse ensinar-te o segredo da felicidade como a mim ensinou o bom Deus! Dizes que não tenho preocupações nem sofrimentos. É verdade que sou muito feliz, mas oxalá soubesses que podemos ser

⁹⁰ Carta a sua mãe, 30 de julho de 1906.

⁹¹ Efés, II, 4.

⁹² S. Luc. XVII, 21.

⁹³ Carta a sua mãe, junho de 1906.

⁹⁴ Carta a sua mãe, junho de 1906.

felizes mesmo na contrariedade. O que é preciso é ter o olhar sempre voltado para Deus. No comêço há esforços a fazer quando sentimos tudo ferver dentro de nós, mas aos poucos, à custa de paciência e de união com Deus, chega-se a triunfar. É preciso construir, como eu, uma pequena cela dentro de tua alma. Pensarás que Deus aí está, e, de vez em quando, entrarás nela. Quando se revoltam os nervos, e te sentes aborrecida, corre, esconde-te aí e confia tudo ao Mestre. Se O conhecesses um pouco, não creio que a oração te aborreceria: ela é um descanso, uma distração. É com simplicidade que se vai Aquele que se ama. Fica se junto d'Ele como a criancinha nos braços da mãe e deixa-se agir o coração. Gostavas tanto de sentar-te perto de mim e de me fazer confidências. Pois é assim que devemos ir ter com Ele. Se soubesses como Ele é compreensível! Não sofrerias mais se chegasses a convencer-te disto. É este o segrêdo do Carmelo. A vida de uma Carmelita, ei-la: comunhão com Deus da manhã à noite e da noite à manhã. Que vácuo enorme seria se Ele não enchesse nossas celas e nossos claustros! Vemo-Lo, porém, em tudo, porque O trazemos em nós e nossa vida é um céu antecipado".⁹⁵

A segunda carta é dirigida à sua mãe. Irmã Elisabeth não costumava tratar ninguém com aspereza, nem precipitar os acontecimentos. Sabia, sem negligência, esperar a hora de Deus. Só o desencadear da crise que, por pouco, não a levou, vai permitir-lhe entrar a fundo na alma de sua mãe, para formá-la por sua vez. Em um locutório que parecia ser o último, o coração da mãe e o da filha entraram em longo contato e compreenderam-se naquele grau de intimidade em que, os que se amam, pressentem que tudo vai acabar. Irmã Elisabeth serviu-se d'ele para iniciar a sua querida mãe no segrêdo da vida interior; foi para ambas o ponto de partida de nova forma de amizade, tôda divina, sob o olhar de Deus. No dia seguinte, a filha mandou-lhe uma carta — verdadeiro pequeno catecismo da presença de Deus. "Se alguém ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a

⁹⁵ Carta a F. de S..., 1904.

êle e nêle faremos nossa morada. ⁹⁶ Mamãezinha querida, começo minha carta por uma declaração. Sabes quanto te amo, mas êste amor redobrou desde nossa última entrevista. Que prazer deixar a alma transbordar na de minha Mãe, e sentir que ambas vibram uníssonas. Quer-me parecer que o meu amor para contigo não é sòmente o de uma filha para com a melhor das mães, mas ainda o de uma mãe para com sua filha. Sou a Mamãezinha de tua alma, não achas? Estamos em retiro para a festa de Pentecostes; eu ainda mais, no meu querido cenáculo, separada de tudo. Peço ao Espírito Santo te revele essa presença de Deus em ti, de que te falei. Com êste fim, consultei alguns livros que tratam do assunto, mas prefiro ver-te primeiro, antes de os dar. *Podes crer em minha doutrina, porque não provém de mim.* Se leres o Evangelho de S. João, verás que, cada instante, o Divino Mestre insiste sôbre êste mandamento: “Permanecei em mim e eu em vós”. ⁹⁷ E ainda, aquêle pensamento tão belo que está no comêço desta carta, em que Êle fala de “fazer em nós sua morada”. S. João, em suas epístolas, deseja que estejamos em “sociedade com a Santíssima Trindade”: esta expressão é tão doce e simples! Basta — S. Paulo o diz — basta crêr: “Deus é Espírito”, ⁹⁸ e é pela fé que vamos a Êle. Lembra-te de que tua alma é o “templo de Deus”. ⁹⁹ é ainda S. Paulo quem o afirma. A cada instante do dia e da noite as Três Pessoas Divinas estão em ti. Não tens a Santa Humanidade, como quando comungas, mas possuís a Divindade. Esta Essência que os Bem-aventurados adoram no céu está em tua alma. Quando sabemos isto, começa para nós uma intimidade adorável: nunca ficamos sós. Se preferes pensar que Deus está perto de ti, antes do que em ti, segue teu atractivo, contanto que vivas com Êle. Não te esqueças de usar o pequeno contador que com tanto amor fiz expressamente para ti. Além disso, espero que faças as três orações mentais de cinco minutos em meu pequeno santuário. Pensa que estás com Êle, e age como farias com um amigo. Ê tão

⁹⁶ S. Jo. XIV, 23.

⁹⁷ S. Jo. XV, 4.

⁹⁸ S. Jo. IV, 24.

⁹⁹ II Cor. VI, 16.

simples: não são necessários belos pensamentos, mas apenas expansão do coração". ¹⁰⁰

9. — PROGRESSO NA PRESENÇA DE DEUS — Não consideramos bastante que esta Presença divina, que o batismo traz ao fundo das almas cristãs, "aumenta sempre". ¹⁰¹ Cada novo grau de graça santificante proporciona nova Presença da Santíssima Trindade. Não quer isto dizer que Deus mude: é a alma, cada vez mais divina, que entra em comunicações mais íntimas com cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade.

O Pai está tanto mais presente, quanto a graça de adoção comunica à alma maior semelhança com a natureza divina.

O Verbo está tanto mais presente quanto a alma, iluminada por seus dons, vê as coisas divinas e humanas unicamente nAquele que é a Sabedoria incriada, a Luz substancial, o Pensamento eterno em que Deus exprime tudo quanto vê: a Santíssima Trindade e o universo .

O Amor está tanto mais presente, quanto a alma, despojando-se de si mesma e de tôda afeição criada, só se deixa conduzir pelos impulsos dêsse Espírito que termina em Deus o ciclo da vida Trinitária.

A teologia não hesita sôbre êsse ponto. A presença da Santíssima Trindade na alma aumenta na razão direta das graças que ela recebe, particularmente em certas épocas em que Deus a visita pelos efeitos de graças excepcionais: graças da profissão religiosa, do sacerdócio, graças das purificações passivas, graças místicas, que elevam as almas de grau em grau até a união transformante.

Irmã Elisabeth não insiste sôbre esta doutrina capital, da qual depende todo o progresso de nossa vida espiritual neste mundo, mas por outro caminho e a seu modo, chega à mesma conclusão e a sublinha fortemente. "Ele quer que, onde está, estejamos nós também, não sômente durante a eternidade, mas desde esta vida, que é a eternidade começada e *sempre em progresso*". ¹⁰²

¹⁰⁰ Carta a sua mãe, junho de 1906.

¹⁰¹ *O Céu na Terra*, 1.^a oração.

¹⁰² *O Céu na Terra*, I. 1.

10. — DOIS EFEITOS PRINCIPAIS DESTA PRESENÇA: O ESQUECIMENTO DE SI E A UNIÃO TRANSFORMANTE. — São múltiplos os efeitos desta presença divina na alma. Tôda pessoa batizada pode gozar à vontade das Pessoas Divinas. Esta intimidade da alma batizada, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é a essência da vida espiritual: seria mister proclamá-lo sôbre os telhados.

“No dia em que compreendi isto”, dizia Irmã Elisabeth, “tudo se iluminou para mim”. ¹⁰³

O primeiro efeito desta presença da Santíssima Trindade na alma é permitir-lhe gozar a Deus: a beatitude começa na terra; só lhe falta a visão, pois, pela presença e pelo amor, ela já possui o seu Objeto.

É o Amor infinito que a envolve e quer associá-la, desde já, a tôdas as suas beatitudes. Sente em si a Trindade, essa Trindade que verá um dia no céu. ¹⁰⁴

“Quando esta alma chegou a compreender tal riqueza, tôdas as alegrias naturais ou sobrenaturais que lhe possam vir das criaturas ou mesmo de Deus, não fazem outra coisa se não convidá-la a entrar em si mesma para fruir do Bem substancial que possui e que é o próprio Deus. Ela adquire desta maneira, diz S. João da Cruz, certa semelhança com o Ser divino”. ¹⁰⁵

Querer especificar todos os efeitos da presença da Santíssima Trindade na alma, seria pretender enumerar, em seus pormenores mínimos, todos os benefícios de Deus na ordem natural e sobrenatural. Irmã Elisabeth habituara-se a mergulhar “dentro” de si, onde a fé lhe mostrava a presença real e substancial, posto que invisível, dAquele que é a Fonte da Graça. “Ele habita em nós a fim de salvar-nos, de purificar-nos, de transformar-nos em Si”. ¹⁰⁶

Ela pedia sobretudo duas coisas ao Deus presente e vivo em sua alma: amá-Lo até o esquecimento total de si mesma e ser transformada nEle.

¹⁰³ Carta a Sra. de S..., 1902.

¹⁰⁴ Carta a G. de G., agôsto de 1903.

¹⁰⁵ *Último Retiro*, IX.

¹⁰⁶ Carta a G. de G., fevereiro de 1905.

“Assim, pois, se estabeleça o Amor, plenamente, em vosso reino interior e o pêso dêsse Amor vos arraste até o esquecimento total de vós mesma... Feliz da alma que atingiu êste desprendimento completo”.¹⁰⁷

“Sim, creio que o segredo da paz e da felicidade consiste em esquecer-se, em despojar-se de si mesmo. Isto não quer dizer não sentir mais as próprias misérias, físicas e morais, pois até os santos passaram por êstes estados penosos; mas não faziam consistir nisto sua vida e desprezavam, a cada instante, tais privações. Não se admiravam quando as sentiam, pois sabiam “de barro eram feitos”¹⁰⁸ como canta o salmista. Mas êle acrescenta também: “com o socôrro de Deus serei sem mancha e preservado do germe de iniquidade que está em mim”.¹⁰⁹ Visto que permitis falar-vos como a uma irmã querida, parece-me que Nosso Senhor vos pede um abandono e uma confiança sem limites nesses momentos penosos em que sentis um vácuo horrível. Pensai que Êle abre então em vossa alma capacidades ainda maiores para recebê-Lo, isto é, capacidades de certo modo infinitas como Êle próprio. Procurai, pois, alegrar-vos, sob a mão que vos crucifica. Direi mesmo: olhai cada sofrimento, cada provação “como uma prova de amor”¹¹⁰ vinda diretamente de Deus para vos unir a Si. Esquecer-vos, no que concerne à saúde, não quer dizer negligenciar os cuidados indispensáveis — porque é êste vosso dever, e a melhor das penitências — fazei-o, porém, com grande abandono, dizendo a Deus “obrigada” por tudo quanto acontecer. Quando o pêso do corpo se faz sentir e vos abate a alma, não desanimeis, mas ide pela fé e pelo amor Àquele que disse: “Vinde a mim e eu vos aliviarei”.¹¹¹ Quanto ao moral, não vos deixais jamais abater pelo pensamento de vossas misérias; o grande S. Paulo diz: “A graça superabundou, onde abundou o pecado”.¹¹² Parece-me que a alma mais fraca, mesmo a mais culpada, é a que deve mais esperar, e êste ato, pelo qual ela

¹⁰⁷ Carta a Sra. de A., 1906.

¹⁰⁸ Salm. CII, 4.

¹⁰⁹ Sal. XVII, 24.

¹¹⁰ Cf. Hebr. XII, 6.

¹¹¹ S. Mat. XI, 28.

¹¹² Ro. V, 20.

se esquece e se lança nos braços de Deus, glorifica-O e dá-Lhe mais prazer do que tôdas as suas reflexões sôbre si mesma, e todos os exames que a põem em contato com suas fraquezas, pois ela possui no centro de si mesma um Salvador que vem purificá-la a cada instante. Lembrai-vos da bela página em que Jesus diz que o Pai "lhe deu poder sôbre tôda carne, para que **Ele** lhe comunique a vida eterna, ¹¹³ eis o que **Ele** quer fazer em vós; cada minuto **Ele** vos quer ver sair de vós, deixar de lado tôda preocupação e retirar-vos a essa solidão que escolheu no centro de vosso coração. **Ele** está sempre aí, embora não O sintais; espera-vos e quer estabelecer convosco "um admirável comércio" ¹¹⁴ como cantamos na bela liturgia, uma intimidade de Espôso para espôsa. As fraquezas, as faltas, tudo o que vos perturba, concorre, incessantemente, sob a orientação d'**Ele**, para libertar-vos de tudo. Não o disse **Ele** próprio: "Não vim julgar mas salvar"? ¹¹⁵ *Nada* deve parecer-vos obstáculo para irdes a **Ele**; não presteis demasiada atenção se vos achais abrasada de amor ou desanimada; é a lei do exílio que passemos assim de um estado a outro. Pensai então que **Ele** não muda nunca, que, em sua bondade, está sempre inclinado sôbre vós, para vos elevar e vos estabelecer n'**Ele**. Se, apesar de tudo, o vácuo, a tristeza vos abatem, uni esta agonia à do Mestre no jardim das Oliveiras, quando dizia ao Pai: "Se é possível, afaste de mim êste cálice". ¹¹⁶ Esquecer-vos, parecer-vos-á talvez difícil. Não vos preocupeis com isso; se soubesseis como é simples! Vou comunicar-vos meu "segrêdo": pensai em Deus que habita em vós, de quem sois o templo, ¹¹⁷ é S. Paulo quem assim fala; podemos crer. Aos poucos, a alma habitua-se a viver em sua companhia, compreende que traz consigo um pequeno céu onde o Deus de amor fixou sua morada. E então respira uma atmosfera divina. Diria mesmo que sômente seu corpo está na terra, mas a alma habita além das nuvens e dos véus, n'Aquele que é o Imutável. Nem digais

¹¹³ S. Jo. XVII, 2.

¹¹⁴ Antífona das las. Vésperas da Circuncisão.

¹¹⁵ S. Jo. XII, 47.

¹¹⁶ S. Jo. XII, 47.

¹¹⁷ I Cor. III, 16.

que isto não é para vós, que sois muito miserável; é, ao contrário, mais uma razão para irdes Aquele que salva. Não é olhando para a nossa miséria que seremos purificados, mas olhando para Aquêle que é todo pureza e santidade. S. Paulo diz que Êle nos predestinou para sermos conformes com sua imagem".¹¹⁸ Nas horas mais dolorosas, pensai que o divino Artista se serve do cinzel para tornar a obra mais bela, e ficai em paz debaixo de sua mão que vos trabalha. O grande Apóstolo, de quem vos falo, depois de ter sido arrebatoado até o terceiro céu, sentia sua fraqueza, e queixou-se a Deus, que lhe respondeu: "Basta-te a minha graça, porque a fôrça se aperfeiçoa na fraqueza".¹¹⁹ Isto é bem consolador, não é?... Coragem, pois, minha senhora e irmã querida, confio-vos particularmente a uma pequena Carmelita falecida aos vinte e quatro anos em odor de santidade, que se chamava Teresa do Menino Jesus. Ela dizia antes de morrer que havia de passar o céu a fazer o bem sôbre a terra; sua graça é dilatar as almas, lançá-las no oceano do amor, da confiança, do abandono: ela dizia ter encontrado a felicidade quando começou a esquecer-se. Invocai-a todos os dias comigo, a fim de que vos obtenha essa ciência que faz os santos e proporciona à alma tanta paz e felicidade".¹²⁰

Irmã Elisabeth revela aqui o seu mais íntimo segrêdo. Durante vários anos, o último obstáculo à plenitude da santidade nela foi esta falta de esquecimento total de si. Durante muito tempo, sua súplica à Santíssima Trindade é: "Ajudai-me a me esquecer inteiramente", até que essa Trindade a libertou, para ocupar tôdas as suas faculdades no exercício exclusivo do amor. Foi, já o dissemos, o sinal do desabrochar definitivo de sua vida espiritual e do triunfo do amor: suprema graça duma espiritualidade essencialmente contemplativa, que atrai as almas ao recolhimento interior para obrigá-las a saírem de si mesmas e não pensarem mais senão na glorificação de Deus.

¹¹⁸ Rom. VIII, 29.

¹¹⁹ II Cor. XII, 9.

¹²⁰ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1905.

O efeito correlativo dêste esquecimento de si é a consumação da união transformante. Sobretudo no fim da vida, Irmã Elisabeth procura isto com insistência e amor. A medida que Deus opera em sua pessoa a obra de destruição, sente-se que esta feliz união transformante se torna seu pensamento familiar, o têrmo desejado a que aspira a santa doente a fim de melhor realizar seu desejo de “configuração com o crucificado” e seu sonho de “Louvor de Glória”. Ela glorificará a Deus na medida que fôr transformada n’Ele.

É a finalidade que tem em mira, seguindo sempre o mesmo método: utilizar-se da presença divina, deixar-se purificar e salvar por um contato contínuo com Deus. “Ele gosta tanto de perdoar-nos, de levantar-nos, de transportar-nos em sua pureza e santidade infinita! Assim é que nos purificará por seu contato contínuo, por seus toques divinos. Quer que sejamos puras. Ele próprio será nossa Pureza. Cumpre nos deixemos transformar na mesma imagem com Ele”.¹²¹ “Ele tem sêde de nos associar a tudo quanto Ele é, de transformar-nos em Si”.¹²²

Enquanto cumpunha o último retiro de “Louvor de Glória” Irmã Elisabeth gostava de mergulhar na leitura das sublimes passagens do *Cântico* e da *Viva Chama*, em que S. João da Cruz descreve esta transformação da alma na Santíssima Trindade, e que é o ápice de sua teologia. Isto lhe era uma delícia e, com fidelidade constante, aplicava-se a pedir a Deus esta graça suprema”.

Deus noster ignis consumens,¹²³ “nosso Deus”, escreve S. Paulo, “é um fogo devorador”, isto é, fogo de amor que destrói e transforma em si tudo que se toca. Para as almas entregues a sua ação no íntimo de si mesmas, a morte mística, de que nos fala S. Paulo, é tão simples, tão suave! Elas pensam muito menos no trabalho de destruição e de despojamento que lhes resta a fazer do que em se mergulharem no foco de amor que arde nelas e não é outro senão o Espírito Santo, aquêle mesmo Amor que na Santíssima Trindade, é o laço entre o Pai e o Verbo. Elas penetram n’Ele pela fé

¹²¹ Carta a G. de G., 20 de agosto de 1903.

¹²² Carta a G. de G., 14 de setembro de 1903.

¹²³ Hebr. XII, 29.

viva; e ali, simples, calmas, são transportadas acima do mundo, dos gostos sensíveis, na “treva sagrada”, e transformadas na imagem divina. Vivem, como diz S. João, “em sociedade” com as Três Pessoas adoráveis. Uma vida em comum: eis aí a vida contemplativa. ¹²⁴

“Assim, o grande meio de atingir esta perfeita semelhança com o Pai celeste, exigida pelo Mestre, é ainda — e sempre — a Presença de Deus, segundo a ordem do próprio Deus a Abraão: “Anda em minha presença e serás perfeito”. ¹²⁵

Sem conhecer jamais rodeios nesta estrada esplêndida da presença de Deus, a alma caminha “só com o Só”, levada pela força de sua dextra protegida por suas asas, sem temer as emboscadas da noite nem a flecha que voa de dia, nem o mal sorrateiro das trevas, nem os assaltos do demônio do meio-dia”. ¹²⁶

É a hora da união transformante, a alma só aspira agora à visão beatífica.

“Assim como o cervo sequioso suspira pelas fontes de água viva, assim minha alma suspira por ti, ó meu Deus. Minha alma tem sede do Deus vivo. Quando irei e aparecerei diante de Tua face? Entretanto, do mesmo modo que o pássaro encontrou o lugar de seu retiro, que a rôla encontrou um ninho para por os seus filhotes, assim a alma chegada a estas alturas encontrou — até que seja transferida à Jerusalém — *Beata pacis visio* — o seu retiro, sua beatitude, o céu antecipado, onde começa a vida de eternidade”. ¹²⁷

Ela sente-se habitada pela Santíssima Trindade. Isto lhe basta à felicidade.

“Eis o mistério que hoje canta minha lira. Como a Zaqueu, o Mestre: disse-me: “Depressa, desce, porque é preciso que Eu fique contigo”.¹²⁸ Depressa, desce, mas aonde? Ao mais profundo de mim mesma, depois que me desprezei, que me separei de mim mesma, que me despojei a mim mesma: . . . em uma palavra, *sem mim*. “É preciso que eu

¹²⁴ O Céu na Terra, 6.^a oração.

¹²⁵ Gên. XVII-1.

¹²⁶ Último Retiro. IX.

¹²⁷ Último Retiro. XVI.

¹²⁸ S. Luc. XIX, 5.

fique contigo”. É o Senhor quem exprime êste desejo, o Senhor que quer habitar em mim com o Pai e o Espírito de amor, para que, segundo a expressão do Discípulo amado, eu entre em “sociedade” com Êles. “Já não sois hóspedes nem estrangeiros... mas familiares de Deus”;¹²⁹ diz S. Paulo. Eis como entendo o que é ser da Casa de Deus: É viver no seio da tranqüila Trindade, em meu abismo interior, nessa fortaleza inexpugnável do santo recolhimento, de que fala S. João da Cruz.

Davi cantava: “minha alma desfalece ao entrar nos átrios do Senhor”.¹³⁰ Esta deve ser, a meu ver, a atitude de tôda alma que entra nestes átrios interiores, para aí contemplar a Deus e receber o seu contato. Ela cai num desfalecimento divino, em face dêsse Amor todo poderoso, dessa Majestade infinita que nela mora. Não é a vida que a deixa, é ela que despreza esta vida natural e dela se afasta, porque sente que não é digna da Essência divina tão rica, e vai então morrer e desaparecer em Deus.

“Quão bela é esta criatura assim despojada, libertada de si própria. Pode “dispor ascensões” em seu coração,¹³¹ para passar do vale de lágrimas, isto é, de tudo que está abaixo de Deus ao lugar de seu destino, êsse lugar espaçoso cantado pelo salmista, que é — parece-me — a Trindade insondável: *Immensus Pater, Immensus Filius, Immensus Spiritus Sanctus*.¹³²

“Ela sobe... eleva-se acima dos sentidos, da natureza. Vai além de si mesma, ultrapassa tôda alegria e dor, para só descançar quando tiver penetrado no *interior* do Amado que lhe dará o repouso do abismo! E tudo isto, sem ter saído da santa fortaleza. O Mestre disse-lhe: “Depressa, desce”. É sem sair de lá que ela viverá à maneira da Trindade Imutável, uma *presença eterna*, adorando-A sempre e tornando-se, por um olhar cada vez mais simples, mais unitivo, o esplendor de sua glória, ou por outros têrmos, “o incessante louvor de glória de suas perfeições adoráveis”.¹³³

¹²⁹ Efésios, II, 19.

¹³⁰ Salm. LXXXIII, 2.

¹³¹ Salm. LXXXIII, 7, 8.

¹³² Símbolo dito de S. Atanásio.

¹³³ *Último Retiro*. VI.

11. — AH! SE EU PUDESSE DIZER A TÔDAS AS ALMAS...! — Foi para levar-nos até êste abismo de Glória, nota S. João da Cruz, que Deus nos criou à sua imagem e semelhança...

“Almas, criadas para tais maravilhas e chamadas a vê-las realizadas em vós, que fazeis?

Com que miseráveis nadas perdeis vosso tempo?

Vossas ambições são apenas baixezas; vossos pretensos bens, só misérias. Como não compreendeis que, correndo atrás das grandezas da glória terrestre, ficais sepultadas na indigência e na ignomínia?

Ignorais êstes tesouros incalculáveis que vos são reservados, e tornai-vos indignas dêles”.¹³⁴

Levada pela mesma tristeza divina, Irmã Elisabeth da Trindade, na tarde de 2 de agosto de 1906 — quinto aniversário de sua entrada no Carmelo — ao lembrar-se de tôdas as graças hauridas nesta contínua presença de Deus e desperdiçadas por tantas outras almas que poderiam também viver delas, exclamou:

*Ah! se eu pudesse dizer a tôdas as almas que manancial de fôrça, de paz e de felicidade, encontrariam se quisessem viver nesta intimidade. Elas não sabem esperar. Se Deus não se comunica de maneira sensível, deixam sua Santa Presença; e, quando Ele volta, com todos os seus dons, não encontra mais ninguém: a alma está fora, nos negócios exteriores. Elas não habitam no íntimo de si mesmas.*¹³⁵

¹³⁴ *Cântico Espiritual*, estrofe XXXIX. Edição das Carmelitas de Paris, 1892, pág. 426, utilizada pela Irmã Elisabeth.

¹³⁵ Carta a sua mãe, 3 de agosto de 1906.

CAPÍTULO IV

O LOUVOR DA GLÓRIA

Por um antropomorfismo quase invencível, a maioria das almas julgam as coisas e até o próprio Deus segundo o seu modo de ver, ao passo que deviam julgar tudo e a si mesmas segundo o ponto de vista de Deus.

É por isso que a santidade se apresenta a muitos como um fim em si. Na realidade, a santidade é, por sua vez, subordinada a um fim superior, último: a glória da Santíssima Trindade. Deus não criou o universo e não enviou seu Filho ao mundo senão para a sua própria glória. Se suas obras tivessem outro fim que não Êle, Deus deixaria de ser Deus.

Esta verdade, a mais elementar para quem compreende a transcendência divina, só muito tarde aparece como predominante na vida dos santos, quando já estão consumados na unidade. Tendo-se tornado um só espírito com Êle, seus pensamentos identificam-se com a Sabedoria eterna, sua vontade com a de Deus. Só a Santíssima Virgem e o Cristo realizaram com perfeição, desde o primeiro instante de sua existência, este programa de glorificação divina que é o termo de toda santidade na terra.

Há, com efeito, um duplo movimento em nosso amor para com Deus: amamo-Lo por nós e amamo-Lo por Êle mesmo.

É muito legítimo amarmos a Deus por nós mesmos. É o mesmo que procurarmos n'Ele o escopo que sacia todas as nossas faculdades. Era neste sentido que cantava o Salmista:

“Meu bem supremo é aderir a Deus”.¹ E Irmã Elisabeth não deixava de repetir: “Encontrei o céu na terra, porque o céu é Deus e Deus está em minha alma. É o mesmo que possuímos pela fé e os bem-aventurados pela visão”.²

S. Agostinho indicava outro modo de amar a Deus e de procurar a união divina: “Viver de Deus, para Deus”. e S. Tomás: “Não viver para si; mas para Deus”.³ Aí está o cume e a mais alta definição da vida espiritual; não um puro amor desinteressado que exclui o desejo tão santificador da beatitude mas, antes de tudo, amar a Deus, para Deus, como deve ser. Em tudo, mas principalmente no amor, “Deus, o primeiro servido”.

Os Santos só se compenetraram profundamente desta evidência quando os cuidados e as cruces da vida já os libertaram de si próprios. Então começa nêles aquela vida deiforme, revestida dos costumes de Deus. Sua fé luminosa e tranqüila mostra-lhes tôdas as coisas na Luz do Verbo. Pela esperança, sentem-se como estabelecidos na posse definitiva das riquezas trinitárias. Seu amor parece identificado com o repouso beatífico em que Deus encontra em si mesmo inefáveis complacências. Sua justiça é a vontade invencível de prestar a Deus, em tudo, honra e glória. Sua prudência mostra-lhes a Providência soberana nas menores particularidades do govêrno do universo. Possuem aquela pureza inacessível que isola a Essência divina de todo contato criado. Sua fôrça triunfa de tôdas as agitações humanas e as domina avizinhando-os da imutabilidade de Deus. Êste belo ocaso da vida dos santos é uma visão antecipada e pacífica dos hábitos da eternidade. A alma vive em estado deiforme em união com a Trindade.

Ê a fase suprema da união transformante, habitual nos bem-aventurados, mas atingida na terra apenas por alguns raros perfeitos.

¹ Sal. LXXII, 28.

² Carta a Sra. de S., 1902.

³ S. Tomás, II-II, q. XVII a. 6, ad. 3: *Caritas facit tendere in Deum, uniendo affectum hominis Deo: ut scilicet homo non sibi vivat, sed Deo.*

1. — O NOME NOVO. — Algo de idêntico se passou no ocaso tão curto da vida de Irmã Elisabeth da Trindade. Por muito tempo, sentiu-se como prêsa a si mesma sem poder alçar vôo. Deus livrou-a por uma intervenção pessoal, tendo-a antes preparado para esta graça suprema pela revelação do seu novo nome, aquêle que lhe devia dar à vida espiritual um sentido definitivo.

Fê-lo Deus num período de “licença”.

Irmã Elisabeth tinha ido visitar, em sua cela, uma irmã mais antiga.⁴ Ela escutava, qual discípula. Ambas falavam, com simplicidade, dos seus encontros felizes e estimulavam-se mütuamente no amor de Deus, do mesmo modo que os maus maquinam juntos. De repente diz a interlocutora da Irmã Elisabeth: “Encontrei-me em S. Paulo uma passagem esplêndida: “Deus criou-nos para o louvor de sua glória”. Irmã Elisabeth ficou arrebatada e encantada. Ao entrar na cela, querendo recorrer ao texto latino, tomou o livro das Epistolas e pôs-se à procura da passagem que, tão vivamente, a impressionara. Não a tendo encontrado, volta à irmã:— “Não encontro a passagem; quer, por caridade, indicar-me de novo?” A irmã acrescentava ao contar-nos êste fato: “Ela nunca mais me falou disso. Só mais tarde, quando Irmã Elisabeth estava na enfermaria, pude perceber que nossa Mãe e outras irmãs lhe chamavam *Laudem Glorïae*. Eu não ligara importância a êste texto de S. Paulo. Não tive a mesma graça que ela, que devia fazer dêle seu nome de: “Louvor de glória”.

Com efeito, a graça servira-se desta fórmula do seu querido S. Paulo para transportar aquela alma às alturas.

Êste encontro foi durante a primavera ou o verão de 1905. A graça evoluiu, a principio lentamente, mas dando, mesmo assim, nova orientação à sua vida interior. Escreve, a 1.º de janeiro de 1906: “Venho fazer-vos uma confidência muito íntima: meu sonho é ser “o louvor de sua glória”, Foi em S. Paulo que li isto e o Espôso deu-me a entender que esta era minha vocação, desde o exílio, até que eu vá cantar o *Sanctus* na pátria dos bem-aventurados”.⁵

⁴ Obtive êstes dados da própria irmã.

⁵ Carta ao Cônego A..., janeiro de 1906.

Depois disto, logo que Irmã Elisabeth puder, vai dirigir-se confidencialmente a um correspondente sacerdote e pedir que, à hora da Missa, a consagre como “hóstia de louvor” ou como “louvor de glória”.

Quando, no domingo de Ramos, o Mestre se precipitou sobre ela com sobre uma prêsa, com a crise fulminante, a Irmã Elisabeth pensou que tudo estava acabado. Espera a morte com alegria. Admirada de sentir pequena melhora, o Mestre deu-lhe a entender que dora em diante as ocupações terrestres não existiam mais para ela e que a queria inteiramente entregue à sua glória. Irmã Elisabeth compreende, então, melhor o próprio nome, êste nome novo que seria o seu na terra e na eternidade. “Ser louvor de glória da Santíssima Trindade”, eis o que o Mestre lhe pede neste leito de dores, transformado em “altar de imolação contínua com Ele”.⁶

Sua vida interior simplifica-se: “Deixar-se crucificar para ser “louvor de glória”, e é só. A princípio lentamente, depois com rapidez, ela começa a deixar-se em total esquecimento. Em tudo só procura o louvor incessante. O resto parece-lhe vão. Escrevendo às pessoas íntimas, não mais assina Elisabeth, e sim *Laudem Glariae*. Irmã Elisabeth era a alma escondida nas profundezas de si mesma para aí gozar do Deus presente. *Laudem Gloriae* marca outra etapa incomparavelmente superior: a preocupação exclusiva da glória divina.

É o canto do cisne desta vida que se apaga. De sua grande alma de artista nada mais sairá senão harmonias divinas sob o toque do Espírito Santo. Passou a fase de esforço violento para concentrar as potências da alma: ela as possui tôdas na unidade. O *Canticum Novum*, o Cântico de seu novo nome brota sem cessar da sua alma: louvor de glória ininterrupto. Passaram os pensamentos inúteis, os vãos desejos. Em sua alma tranqüila e crucificada reina a unidade, fruto do triunfo do amor. Tôdas as cordas de sua lira estão prontas a vibrar ao menor sôpro do Espírito. As notas graves do seu doloroso Calvário misturam-se com os

⁶ Carta ao Cônego A..., julho de 1906.

acentos vibrantes de júbilo divino, que a perspectiva das próximas alegrias beatíficas produz em sua alma. Tudo se harmoniza e sobe para Deus — hino e glória que o Verbo entôa nesta alma inteiramente transformada n'Ele.

Este fim da vida de Irmã Elisabeth da Trindade é algo de divino. O Pe. Vallée, quando teve notícia de sua morte, lembrando-se do que foram suas últimas semanas, escreve à Sra. Catez dizendo que foram horas “divinamente belas”. Deus acabava de configurá-la com o Cristo na Cruz. Aliás, ela não tinha outro sonho senão identificar-se com o Divino Crucificado por amor, “Aquêlê que foi o perfeito Louvor de glória”⁷ e de exprimi-Lo aos olhos do Pai.⁸ “Vivo no céu da fé, no centro de minha alma e procuro tornar o Mestre feliz, sendo desde esta vida o “louvor de Sua Glória”.⁹

É a expressão que lhe vem naturalmente quando trata com pessoas íntimas. Com a Madre Piora, só trata disto. Sobretudo na doença, a alma da filha não tem mais segrêdo algum para ela. Ela é o sacerdote que deve oferecer à Trindade Santa a pequena “hóstia de louvor”! Palestras e festas íntimas, tudo a leva a isto: Por ocasião da festa de Santa Germana, a última que vai passar na terra, Irmã Elisabeth pede a uma amiga que pinte a Santíssima Trindade e três almas, com uma harpa, a cantarem sua glória: “Delas uma deve ser bela, porque representará nossa Madre. A outra uma irmãzinha que muito estimo neste Carmelo, e a terceira sou eu...” E escreva em baixo: *Deus praedestinavit nos ut essemus laudem gloriae ejus*.¹⁰ Tratava-se, em suma, de representar simbòlicamente a sua vocação suprema de louvor de sua glória.

Foi assim que, da enfermaria, pôde festejar a Madre, tão terna, tão filialmente querida. “A tarde, em nossa pequena cela, houve, só entre nossa Madre e suas duas benjamins, a sua festinha íntima. Minha querida irmãzinha, verdadeiro serafim, há de retribuir-vos, junto de Deus, a alegria que lhe destes. Ela organizou verdadeira exposição de

⁷ *Último Retiro*, I.

⁸ *Último Retiro*, XIV.

⁹ Carta ao Cônego A..., maio de 1906.

¹⁰ Carta a Sra. H., 3 de junho de 1906.

flores sôbre uma mesinha. Vosso belo presente ocupava o lugar de honra, com o quadro da Santíssima Trindade, pelo qual muito vos agradeço. As fitas flutuavam de cada lado; a medalha de Mamãe e um presentinho de Guida lá estavam também, além de pequenos trabalhos, ramalhetes, místicos, entre os quais vossa Missa era a mais bela flor".¹¹

Com as irmãs do Claustro, na confidência do "segrêdo" de graça, seu nome será de ora em diante *Laudem Glorïae*. E em *post-scriptum* da carta de adeus dirigida a sua irmã Margarida, acrescenta: "Este será o meu nome no céu".¹²

Este nome novo é da mais alta importância para o psicólogo ou o teólogo que deseje certificar-se do desenvolvimento supremo da graça batismal em Irmã Elisabeth da Trindade. Aquêlle "nome pessoal" pelo qual o divino Pastor discerne e chama cada uma das ovelhas, permite descobrir o têrmo de predestinação duma alma. Tal nome, temos disto plena convicção, é o traço mais característico da missão de Irmã Elisabeth.

O grande obstáculo da Carmelita, e de tôda alma contemplativa é viver em presença de si mesma, ao invés de viver de Deus presente em si. A graça própria de Irmã Elisabeth da Trindade, que se tornou *Laudem Glorïae*, é introduzir as almas no íntimo de si mesmas, para obrigá-las a *sairer* de si pelo amor e o louvor de glória.

Quase nada saberíamos de sua vida nestas alturas, se Madre Germana, que já considerava Irmã Elisabeth como santa, não tivesse tido a inspiração providencial de pedir-lhe por escrito o seu segrêdo... No momento de entrar em retiro, de 15 a 31 de agosto, o último que fêz, prescrevi-lhe anotasse seus pensamentos e como compreendia e encarava a sua vocação de "louvor e glória". A santa doente compreendeu e aceitou sorrindo.¹³ Tomou um caderno e depois, a partir de onze horas à meia-noite, quando tinha certeza de que a Madre não viria, punha-se a escrever durante insônias terríveis. Quando o caderno ficou cheio entregou-o

¹¹ Carta a Sra. H., julho de 1906.

¹² Verão de 1906.

¹³ Esta particularidade foi-nos fornecida pela própria Madre Germana.

à Priora, sem mais preocupações. Estas páginas, manifestamente ditadas pelo Espírito Santo a uma alma inteiramente mergulhada na dor e na beatitude, são verdadeira obra-prima de espiritualidade e colocam Irmã Elisabeth da Trindade entre os maiores escritores místicos. Não se pode explicar aquelas elevações sublimes, saídas ao correr da pena e sem correções, sem um verdadeiro carisma de composição. E instintivamente pensamos na rapidez com que S. Catarina de Sena, sob o impulso do mesmo Espírito Santo, ditou aos secretários, que mal podiam segui-la, o seu admirável *Diálogo*. São modos de agir que ultrapassam tôda arte humana, e onde se reconhecem, com evidência, os toques supra-técnicos do Espírito de Amor, que é também Arte divina e suprema Beleza.

Para se conhecer o pensamento mais profundo de Irmã Elisabeth da Trindade, é preciso recorrer ao seu último retiro. O *Último Retiro de Laudem Glorïae* é, por assim dizer, sua pequena suma mística, a medula de sua doutrina espiritual, no momento mais elevado de sua experiência mística. Verdadeiro tratado da união transformante tal qual ela a concebia na linha de sua vocação de *louvor de glória*, e como a vivia interiormente. Ela deixa aí um programa de vida a todos os "louvores de glória" que quiserem, mais tarde, seguir o mesmo caminho de santidade inteiramente esquecida de si, e orientada para a glória puríssima da Santíssima Trindade.

Na maneira de conceber sua missão de "louvor de glória" encontramos as idéias mais fundamentais de sua vida interior e as linhas mestras de sua espiritualidade: silêncio, desapêgo absoluto, amor à Santíssima Trindade, culto de vontade divina, identificação cada vez mais ardente com a alma de Cristo Crucificado; mas tudo isto sob uma luz que tudo transforma: a luz pura da glória da Santíssima Trindade. É um mundo espiritual novo que surge qual uma pancada de varinha mágica que faria aparecer em pleno dia seres familiares que, à noite, sentimos viver em tórno de nós.

A alma já não conhece outra coisa senão Cristo, o crucificado por amor, no qual sonha morrer transformada —

a Santíssima Trindade, de que deseja ser o incessante louvor de glória — a Virgem Santíssima, Mãe de Graça cuja missão é formar-lhe na alma a imagem viva e atraente do seu unigênito, Filho do Eterno, Aquêlê que foi o perfeito louvor de glória do Pai.

Aí estão os sentimentos mais íntimos de Irmã Elisabeth no momento de se recolher no último retiro sôbre a terra, à tarde de 15 de agosto, suplicando a *Janua Coeli* que a prepare para a eternidade. Aqui, como sempre, é sua psicologia concreta que explica a doutrina.

2. — LOUVOR DE GLÓRIA: ALMA DE SILÊNCIO. — Antes de tudo, um Louvor de glória é uma alma de silêncio. E aqui encontramos a ascese fundamental de Irmã Elisabeth: “Ignorar tudo”: programa completo de um louvor de glória, despojado de tudo e de si próprio, apto a vibrar ao menor sôpro do Espírito Santo.

NESCIVI, tudo ignoro, eis o hino da Espôsa dos Cantares depois de introduzida no celeiro interior. Creio que deve ser êste também o estribilho dum “louvor de glória” no primeiro dia de retiro em que o Mestre a introduz no imenso abismo para ensinar-lhe a cumprir o ofício que terá na eternidade e no qual deve exercitar-se desde esta vida, que é a eternidade começada.

“Nada mais sei, e nada mais quero saber senão conhecê-Lo, comungar nos seus sofrimentos, configurar-me com sua morte.

”Quanto esta unidade interior é indispensável à alma que, nesta terra, aspira a levar a vida dos bem-aventurados, isto é, dos sêres simples, dos espíritos”! ¹⁴

“Podem vir então as agitações de fora, as tempestades de dentro; seu ponto de honra pode ser atingido: *Nescivi*. Deus pode esconder-se, retirar a graça sensível: *Nescivi*”. ¹⁵ A alma recolhida no íntimo de si mesma, no silêncio e na unidade das suas potências fica tôda entregue ao louvor de sua glória.

¹⁴ *Último Retiro*, I.

¹⁵ *Idem*, II.

Irmã Elisabeth alia-se, dêste modo, à doutrina do *não-saber*, que é a base da teologia mística do seu grande mestre espiritual — S. João da Cruz.

3. — O LOUVOR DE TODOS OS DONS DE DEUS. — Este aspecto negativo do desapêgo absoluto de si, característica da espiritualidade de Irmã Elisabeth da Trindade e dos grandes místicos, é apenas uma frase preliminar. Esse *nada* que a alma procura é a condição preparatória à posse do *Tudo*, no qual consiste positivamente nossa vida espiritual: o espírito do Evangelho manifesta-se, antes de tudo, como uma religião essencialmente positiva. Cada um glorifica a Deus segundo os próprios dons. A Virgem Santíssima e Jesus Cristo foram os que mais glorificaram, porque foram os que mais receberam. Esta doutrina é fundamental em boa espiritualidade. Ouve-se dizer frequentemente: contanto que eu obtenha o céu, nem que seja no último lugar... É compreender mal o verdadeiro amor de Deus e o zêlo de sua glória. Este ponto é capital na doutrina de Irmã Elisabeth da Trindade.

Que é a glória de Deus? A brilhante manifestação do que *Ele* é, a revelação de suas perfeições infinitas.

Há duas espécies de glórias de Deus: glória íntima, dentro de Si mesmo e glória exterior, no universo criado. Não se trata aqui na glória essencial, aquela que Deus encontra em si mesmo, no Verbo, Pensamento único, eterno, que exprime adequadamente tudo que *Ele* é, na Unidade indivisível de Essência e na Trindade das Pessoas. O Verbo diz tudo: a inexaurível fecundidade do Pai, a Beleza do Filho, o Amor que os consuma na Unidade, o universo que surgiu de seu poder criador e é, nas mãos de Deus, como brinco de criança. Desta maneira, o Pai manifesta ao Filho a própria glória. No Verbo, imagem e esplendor de sua glória, resplandece o Pai; o Verbo, por sua vez, manifesta ao Pai tudo que é. *N*Ele o Pai e o Filho conhecem o Amor eterno que os une. Tal a glória essencial de Deus, glória íntima, intratrinitária, isto é, o Verbo.

O universo nada acrescenta a esta glória infinita, e em face da Santíssima Trindade, a própria alma de Cristo deve confessar seu nada. Na Sociedade trinitária das Pessoas di-

vinas e na indivisível Unidade de Essência, Deus basta-se a si próprio. Tudo quanto pode vir de fora, mesmo do Cristo, é apenas accidental. Entretanto, Deus o quer absolutamente. Porque a jerarquia dos valores e a ordem das coisas assim o exigem. “Ao Criador: honra, sabedoria, poder e glória”.

Grças ao admirável equilíbrio da Sabedoria e dos outros atributos divinos, Deus não recebe esta glória accidental senão para nossa felicidade e *na medida mesmo desta felicidade*.

“É a glória do Pai que deis muitos frutos”, ¹⁶ ensinava o Mestre. Quem é mais santo, glorifica-O mais. Nesse sentido o Verbo Encarnado, por causa das riquezas incompreensíveis de sua santa humanidade, é o mais perfeito louvor de glória de todos os dons de Deus. Em seguida, pôsto que a uma distância infinita, vem a alma da Santíssima Virgem, a criatura que mais recebeu, depois de Jesus Cristo. E assim todos os outros santos. Falsa concepção da glória divina é querer contentar-se com uma santidade medíocre.

Irmã Elisabeth da Trindade, sob o impulso da graça, elevou-se, sem esforço e com profundidade de pensamento admirável em uma jovem, a essa luz altíssima de sabedoria, a mais deiforme em que se possa fixar o olhar da criatura para julgar o universo à luz de Deus. Ela compreendeu perfeitamente que devia ser santa, e santa para Deus primeiramente; tão santa quanto possível, porque a glória de Deus estava intimamente ligada à sua santidade.

Em seu diário de jovem escreve: “Quero ser santa”, depois, corrigindo: “santa para Ti”. O fim de sua vida foi a magnífica realização deste desejo expresso aos 19 anos.

Ela viu que, quanto mais uma alma se eleva às alturas da união transformante, melhor desempenhará o ofício de louvor de glória. Deus é glorificado na medida em que “a beleza” de suas perfeições resplandece nas almas. Os bem-aventurados já atingiram esta transformação suprema porque contemplam a Deus na simplicidade de sua Essência. Conhecem-no como d’Ele são conhecidos, isto é, na visão intuitiva. Eis porque são transformados, de claridade em claridade, na própria imagem divina, pelo poder do Espírito

¹⁶ S. Jo. XV, 8.

Santo. São assim um incessante louvor de glória ao Ser eterno, que nêles contempla seu próprio esplendor. *À sua imagem e semelhança*: eis o sonho do Criador. Poder contemplar-se na criatura, nela ver irradiadas tôdas as suas perfeições, tôda a sua beleza, como em cristal puro e sem mancha, não é isto, de qualquer sorte, uma extensão de sua própria glória? A alma que permite ao Ser divino refletir-se nela, é, verdadeiramente, o louvor de glória de seus dons. Em tudo, até nas ações mais vulgares, ela canta o *Canticum magnum*, o *Canticum novum* que faz Deus exultar nas suas profundezas”.¹⁷

Dar a Deus o testemunho de tôdas as potências, orientando-as sòmente para Ele, eis o que ela entende por louvor de glória de todos os seus dons. Para Irmã Elisabeth, um verdadeiro louvor de glória é ávido de receber Deus no máximo grau. Esta alma torna-se uma lira sob os dedos do Artista, e todos os seus dons são como uma corda que vibra, dia e noite, a cantar o louvor de sua glória.¹⁸

Quão longe estamos da estreiteza de tôdas aquelas concepções mesquinhas que, em vez de libertar as almas e lançá-las, plenamente, em Deus, as conduzem a si mesmas, as deprimem e nelas paralisam o desenvolvimento do perfeito amor!

4. — VIDA ETERNA COMEÇADA. — Sempre atraída para as alturas, Irmã Elisabeth da Trindade vai procurar modelos de “louvor de glória” entre os santos que, continuamente, suplicam e adoram, diante do trono do Cordeiro.

Sob a influência das leituras do *Cântico* e da *Viva Chama*, a visão beatifica torna-se o pensamento dominante de seus últimos dias, comunicando-lhe a todos os impulsos da alma um ritmo de eternidade.

Os derradeiros capítulos de Apocalipse, sobretudo o último, eram o alimento mais familiar de sua alma. Aí hauria ela aquêle sentido de eternidade que perpassa pelas páginas do último retiro. Repetia aos que a cercavam: “O Mestre não me fala mais senão de eternidade”.

¹⁷ *Último Retiro*, III.

¹⁸ *Último Retiro*, II.

Neste ponto, e com um senso doutrinal sempre impecável, aborda ela outra doutrina espiritual familiar à teologia católica: nossa vida divina sôbre a terra é “a vida eterna em comêço”. “Parece-me”, diz ela, “que causaríamos imensa alegria ao coração de Deus, se nos exercitássemos, no céu da alma, a essa ocupação dos bem-aventurados. ¹⁹ S. Paulo, levantando ontem um pouco do véu, permitiu-me lançar um olhar à herança dos santos, à pátria da luz, a fim de que, vendo-lhes a ocupação, procure, tanto possível, conformar *minha vida com a dêles*, e assim cumpra meu ofício de *Laudem Gloriam*. Hoje é S. João, o discípulo amado, que vai entreabrir-me as portas eternas para que minha alma repouse na santa Jerusalém, nessa visão de paz. E, primeiramente, êle diz que não há necessidade de luz na Cidade, porque a claridade de Deus a ilumina e o Cordeiro é o seu farol. Se eu quiser minha cidade interior levemente parecida com a do Rei dos séculos imortais e amplamente iluminada por Deus, é mister apague eu tôda outra luz e, como na cidade santa, seja o Cordeiro meu único fanal”. ²⁰

A vida dos bem-aventurados é de luz e de amor. Sôbre êste duplo movimento, Irmã Elisabeth organiza o programa do louvor de glória que no céu da alma deseja imitar a ocupação dos bem-aventurados. A virtude de fé supre a visão beatífica, impossível na terra.

“Eis a fé, bela luz de fé que aparece. Sòmente ela deve iluminar-me para ir ao encontro do Espôso. O Salmista canta que Êle se esconde nas trevas; e, alhures, parece contradizer-se com estas palavras: “A luz envolve-o como uma veste”. O que me parece claro, nesta contradição aparente, é que devo mergulhar-me na treva sagrada, obscurecendo e desentulhando tôdas as minhas potências. Descobrirei, então, meu Senhor, e a luz que o envolve qual veste, envolver-me-á igualmente com seu brilho, sob a claridade de Deus. Diz-se que Moisés era inabalável na fé, como se houvera visto o Invisível. Parece-me que deve ser esta a atitude dum “louvor de glória” que, através de tôdas as coisas, continua o seu

¹⁹ *Último Retiro*, III.

²⁰ *Último Retiro*, IV.

hino de ação de graças: inabaláveis pela fé no “amor excessivo” nós conhecemos o amor de Deus e nêle cremos”.²¹

“A fé é a substância das coisas que devemos esperar e a convicção das que não vemos”. A alma recolhida sob a claridade nela criada por esta palavra que importa sentir ou não estar nas trevas ou na luz, gozar ou de não gozar? Ela até se envergonha de estabelecer diferença entre tais coisas. Penso que a esta alma inabalável em sua fé no Deus-Amor, se podem aplicar as palavras do príncipe dos Apóstolos: “Porque crêstes, sereis repletos de inefável alegria e glorificados”²²

Um segundo sentimento deve animar o “louvor de glória” que deseja imitar a ocupação dos bem-aventurados: a atividade adorada do amor.

Tôda psicologia do “louvor de glória” deve ser modelada pela atitude espiritual dos eleitos: “Eles não descansam dia e noite, repetindo: Santo, Santo, Santo, Santo é o Senhor Onipotente, que era, que é, que será pelos séculos dos séculos... Prostram-se, adoram e lançam suas corôas diante do trono, dizendo: Senhor, Vós sois digno de receber glória, honra e poder. *Como poderei imitar no céu de minha alma esta ocupação incessante que os bem-aventurados têm no céu de glória?*

Prostram-se, adoram, lançam suas coroas.

Antes de tudo a alma deve *prostrar-se*, mergulhar-se no abismo de seu nada, nêle sepultar-se de tal maneira que, segundo a bela expressão dum místico, encontre a paz verdadeira invencível e perfeita, que nada pode perturbar, porque ela se precipitou tão baixo que ninguém irá procurá-la.

“Então poderá adorar... A adoração, ah! é uma palavra do céu. Penso que se pode defini-la: o êxtase do amor. É o amor esmagado pela beleza, pela fôrça, pela grandeza imensa do objeto amado. Adorai o Senhor, porque é santo, diz um Salmo. E ainda: Êle será adorado sempre por causa de Si mesmo”.²³

Esta psicologia de eternidade dos bem-aventurados é, destarte, para ela, o exemplar vivo da santidade na terra. “A

²¹ *Último Retiro*, IV.

²² *Último Retiro*, IV.

²³ *Último Retiro*, VIII.

alma que se recolhe nestes pensamentos, e os penetra segundo o pensamento de Deus lembrado por S. Paulo, vive num céu antecipado, acima do que passa, acima de si própria. Ela sabe que Aquêle que adora possui em Si tôda felicidade e tôda glória, e lançando a coroa em sua presença como os *bem-aventurados*, ela despreza-se, perde-se de vista e encontra sua felicidade na do ser adorado, no meio de todo sofrimento e dor, porque saiu de si e passou ao outro. Nesta atitude de adoradora, esta alma não se parece com aquêles raros eleitos de que fala S. João da Cruz, que recebem as águas descidas do Líbano? Ao vê-la pode-se dizer: a impetuosidade do rio alegre a cidade de Deus".²⁴

5. — O LOUVOR DA ALMA CRUCIFICADA. — A vida espiritual de Irmã Elisabeth da Trindade, alma essencialmente trinitária como nenhuma outra, ficou, entretanto, até o fim, cada vez mais centralizada em Jesus Cristo. O sonho de *Laudem Glorïae* durante suas penosas insônias foi sempre morrer "não sòmente pura como um anjo, mas transformada em Cristo Crucificado".²⁵

Êste divino modêlo está sempre sob suas vistas. Seu único ideal é contemplá-Lo para O reproduzir: quisera exprimi-Lo aos olhos do Pai! Entretanto, ela bem o sabe, a configuração suprema com a imagem de Cristo leva à "conformidade com sua morte". É o pensamento que a acompanha, a todo instante, durante êste último retiro. Enquanto compõe seus retiros sôbre a Habitação da Santíssima Trindade e sôbre o Louvor de glória, repete, baixinho, à Madre Priora, com a voz lânguida de doente: "sinto que Êle me conduz ao Calvário". É êste o têrmo de tôda santidade.

Um louvor de glória é essencialmente uma alma crucificada. Ela contemplou no céu a grande multidão "que ninguém pode contar", sabe que "êles vêm da grande tribulação, que lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro, e, por isso, diante do trono de Deus, servem-no, dia e noite, em meu templo. O que está sentado no trono, habita nêles; não sofrerão mais fome nem sêde; nem sol, nem outro

²⁴ *Último Retiro*, VIII.

²⁵ Carta a G. de G..., fim de outubro de 1906.

ardor os queimará, porque o Cordeiro será o seu Pastor e os conduzirá às águas vivas. E Deus enxugar-lhes-á as lágrimas.

Todos êstes eleitos que têm uma palma nas mãos e são banhados pela grande luz de Deus, tiveram que passar primeiramente pela enorme tribulação, conhecer aquela dor "imensa como o mar" cantada pelo Profeta. Antes de contemplar, face a face, a glória do Senhor, comungaram no aniquilamento de Cristo. Antes de serem transtormados, de claridade em claridade, na imagem do Ser divino, conformaram-se com a do Verbo encarnado, o Crucificado por amor.

A alma que quer servir a Deus ininterruptamente em seu templo, quero dizer neste santuário íntimo a que alude S. Paulo: "O templo de Deus é santo e vós sois êste templo", esta alma deve estar decidida a comungar efetivamente na Paixão do Mestre. É uma alma resgatada, que deve, por sua vez, resgatar outras, e por isso cantará em sua lira: "Ufanome da cruz de Cristo. Estou pregado à Cruz com Cristo". Ou ainda: "Completo em minha carne o que falta à paixão de Cristo, para o seu Corpo que é a Igreja".

A rainha ficou à vossa direita"; tal é a atitude desta alma. Segue a estrada do Calvário, à direita do seu Rei crucificado, aniquilado, humilhado e todavia sempre forte, calmo, cheio de majestade, indo à Paixão para fazer brilhar "a glória de sua graça", segundo a forte expressão de S. Paulo. Ele quer associar a espôsa à sua obra redentora, e essa estrada dolorosa afigura-se-lhe o caminho da beatitude, não só porque a ela conduz, mas ainda porque o Mestre lhe permite compreender que deve ultrapassar tôda amargura no sofrimento para encontrar como Ele o completo repouso.

Então, pode servir a Deus, sem cessar, em seu templo. As provações de dentro e de fora não podem arrancá-la da fortaleza onde Ele a encerrou. Não sente mais fome nem sede, porque, não obstante o desejo de ardente da beatitude, ela se nutre do mesmo alimento do seu Mestre: a vontade do Pai. Não sente mais o sol, isto é, já não sofre com o sofrimento. O Cordeiro pode então conduzi-la aonde e como quer, pois ela não olha mais as trilhas por onde passa: fita apenas para o Pastor que a conduz. Deus inclina-se sôbre esta alma,

sua filha adotiva, tão parecida com a imagem do Filho, o primogênito entre tôdas as criaturas e reconhece-a por uma daquelas que predestinou, chamou, justificou. Alegra-se Êle em suas entranhas de Pai e pensa em consumir sua obra, isto é, glorificá-la transferindo-a para o seu Reino, a fim de aí cantar nos séculos sem fim: o louvor de sua glória". ²⁶

6. — A ALMA É UM CÉU QUE LOUVA A DEUS. — Fiel à idéia mestra dos seus ultimos dias: cumprir, desde esta vida, sua vocação eterna de *Laudem Gloriae*, Irmã Elisabeth tenta realizar no "céu da alma" o que fazem os bem-aventurados no "céu de glória".

Este estado de espirito e o desabrochar supremo de sua vocação interior, de *Casa de Deus*. Sua graça fundamental foi viver recolhida, com o Hóspede íntimo, no mais profundo da alma. Aí encontrou o céu na terra. Por uma evolução normal, vive também, no íntimo, sua vocação suprema de "Louvor de glória": "Já que minha alma é um céu em que vivo à espera de Jerusalém celeste, é preciso que êste céu cante também a glória do Eterno, só a glória do Eterno". ²⁷

Nesse céu interior, tôdas as atividades íntimas, todo o exercício do amor e da prática das virtudes são um louvor de glória ao Deus que nela habita, do mesmo modo que as obras de Deus cantam no exterior a glória do Eterno. Esta glorificação de Deus no silêncio da alma é a mais sublime que sobe das criaturas do Criador.

Coeli enarrant gloriam Dei. Eis, o que cantam os céus: a glória de Deus. Um dia transmite ao outro esta mensagem. Tôdas as luzes, tôdas as comunicações de Deus à minha alma são êste dia que ao dia transmite a mensagem de sua glória. "O decreto de *Yaweh* é puro" canta o Salmista, "êle ilumina o olhar". Por conseguinte, minha fidelidade em corresponder a cada um dos seus decretos, a cada uma de suas ordens interiores, faz-me viver na luz; ela é também uma mensagem que transmite sua glória.

"Mas eis aqui a doce maravilha: *Yaweh*, que te olha, resplandece, exclama o Profeta. A alma que, na profundeza

²⁶ *Último Retiro*, V.

²⁷ *Último Retiro*, VII.

do olhar interior, contempla Deus em tudo, na simplicidade que a separa de qualquer outro ser, esta alma é resplandecente: é um dia que ao dia transmite sua mensagem de glória.”²⁸

No céu interior, tudo canta a glória do Eterno: alegrias, e consolações espirituais, como também tôdas as crucifixões. “A noite o anuncia”. Isto é bem consolador: minhas fraquezas, meus desgostos, minhas obscuridades, até mesmo minhas faltas, cantam a glória do Eterno; meus sofrimentos de alma e de corpo cantam igualmente a glória do meu Senhor.

Davi cantava: “Que poderei dar ao meu Senhor em paga de todos os benefícios que tenho recebido? Tomarei o cálice de salvação”. “Se tomo êsse cálice purpurado com o sangue do Mestre, a render graças, e alegre, misturo meu sangue com o da divina vítima, êle torna-se de certo modo “infinito” e pode dar ao Pai um louvor magnífico: o sofrimento é então uma mensagem que transmite a glória do Eterno.

Naquela alma que anuncia a sua gloria, Êle pôs uma tenda para o sol: o sol é o Verbo, o Espôso. Se encontra minha alma vazia de tudo quanto não entra nestes dois vocábulos: seu amor, sua glória, êle escolhe-a para seu quarto nupcial. Precipita-se a ela qual gigante triunfante em sua carreira, e impossível será furtar-me ao seu calor. É êste fogo devorador que operará a união transformante de que fala S. João da Cruz: “um parece ser o outro e ambos são apenas um”, para o louvor da glória do Pai”²⁹

7. — O OFICIO DE UM LOUVOR DE GLÓRIA. — Mudança de perspectivas muito curiosa fàcilmente explicável pela unidade concreta da psicologia religiosa de Irmã Elisabeth da Trindade, nos seus últimos dias de vida: ao passo que “o último retiro de *Laudem Glorïae*” termina por um arroubo à Habitação da Santíssima Trindade, o pequeno tratado, composto para o uso de sua irmã a fim de ensinar-lhe como devia encontrar o “céu na terra”, conclui, ao contrário, por um impulso que resume todo o officio dum louvor de glória.

²⁸ *Último Retiro*, VII.

²⁹ *Último Retiro*, VII.

Esta passagem, menos conhecida do que a sua oração, merece maior atenção.

Sob a influência duma graça irresistível, Irmã Elisabeth revela-nos, no fim da vida, seu ideal supremo de santidade. Retomando o texto de S. Paulo aos Efésios, que a tinha impressionado vivamente e que é, na verdade, a passagem clássica da teologia sôbre o sentido mais profundo de nossa predestinação em Cristo, sua alma de artista canta, em ritmo bem acentuado, seu ofício supremo na terra. Nada há que acrescentar-lhe ao pensamento, tão denso e tão doutrinal, que é, de certo modo, o testamento de sua alma não só para a irmã, mas também para todos que desejam realizar, a seu exemplo, o ofício de um louvor de glória.

“Fomos predestinados por um decreto dAquele que tudo opera segundo o conselho de sua Vontade para sermos “o louvor de sua glória”. É S. Paulo quem assim fala, S. Paulo instruído pelo próprio Deus. Como podemos realizar êste sonho do coração de nosso Deus? êsse querer imutável sôbre nossas almas? De que maneira, enfim, podemos corresponder à nossa vocação e tornar-nos perfeitos “louvores de glória” da Santíssima Trindade? No céu, cada alma é um louvor de glória ao Pai, ao Verbo, ao Espírito Santo, porque cada alma está fixada no puro amor e não vive mais de sua vida própria, mas da vida de Deus. “Então ela O conhece”, diz S. Paulo, “como d’Ele é conhecida”.³⁰

Em outros têrmos:

“Um louvor de glória é uma alma que habita em Deus, que O ama com amor puro e desinteressado, sem se procurar na doçura dêsse amor; que O ama, acima de todos os seus dons, mesmo se nada houvesse recebido d’Ele, e que deseja o bem ao objeto do seu amor. Ora, como se pode desejar e querer efetivamente algum bem a Deus, a não ser cumprindo-lhe a vontade, visto como esta vontade dispõe tôdas as coisas para sua maior glória? Portanto, esta alma deve entregar-se plenamente e sem reserva à vontade divina, até não poder querer mais senão o que Deus quer.

³⁰ O Céu na Terra, X, 2.

Um louvor de glória, é uma alma de silêncio, uma lira, apta a produzir, sob o dedo do Espírito Santo, harmonias divinas. Sabe que o sofrimento é uma corda, das mais belamente sonoras; por isto, gosta de tê-la em seu instrumento, para alegrar mais deliciosamente o coração de Deus.

Um louvor de glória é uma alma que fita a Deus na fé e na simplicidade; é um refletor de tudo quanto Ele é um abismo em que Ele pode derramar-se. É também um cristal através do qual pode Ele irradiar e contemplar as próprias perfeições e o próprio esplendor. Uma alma que permite assim ao Ser divino saciar nela a sua necessidade de expansão de tudo que é e de tudo que tem, é verdadeiramente "louvor de glória" de todos os seus dons.

Enfim, um *louvor de glória* é um ser sempre em ação de graças: cada um dos seus atos, dos seus movimentos, de seus pensamentos, cada uma de suas aspirações, ao mesmo tempo que o enraízam profundamente no amor, são como um eco do *Sanctus* eterno.

No céu de glória, os bem-aventurados, sem descanso, dizem dia e noite: "Santo, Santo, Santo, o Senhor onipotente"... e, prostrando-se, adoram Aquêle que vive nos séculos sem fim.

No céu da alma, o louvor de glória começa, desde agora, o seu ofício de eternidade. O cântico é ininterrupto, porque entoado sob a ação do Espírito Santo que tudo opera. E, embora nem sempre o perceba, pois a fraqueza humana não lhe permite fixar-se em Deus sem distrações, transforma-se êle, inteiramente, em louvor, em amor apaixonado pela glória de Deus.

No céu da alma sejamos *Louvor de Glória da Santíssima Trindade*, louvor de amor de nossa Mãe Imaculada. Um dia o véu cairá e seremos introduzidos nos átrios eternos, e lá cantaremos no seio do Amor infinito. Deus nos dará o nome novo prometido ao verdadeiro vencedor. Qual é este nome? *Laudem Glorïae*".³¹

³¹ O Céu na Terra. 13.^a oração.

CAPÍTULO V

A CONFORMIDADE COM O CRISTO

Há um traço comum entre os santos de tôdas as escolas: “Os predestinados”, diz S. Paulo, “devem ser conformes com a imagem do Filho” e o axioma tradicional diz que o cristão é um outro Cristo: *Christianus alter Christus*.

Esta configuração com Cristo é uma graça essencialmente multiforme. Alguns reproduzem com brilho especial tal ou qual aspecto da vida de Jesus: o silêncio de Nazaré, o poder de sua palavra sôbre as multidões e seu império sôbre as almas. Outros, os traços do Messias padecente, como Jeremias; as ignomínias da Paixão e o abandono dos “seus”, como Jó; a humildade, a paciência, o desprêzo das riquezas, a vida de adoração e reparação, o amor para com o Pai; as luzes de Doutor, a prudência de chefe supremo da Igreja, a a fôrça de seu martírio na Cruz. Os mais queridos imitam o Mestre no desapêgo absoluto: “êstes são virgens e seguem o Cordeiro onde quer que vá”.¹ A santidade de Jesus é, de certo modo, infinita. Ele é o modelo de tôdas as virtudes, e Deus poderia multiplicar indefinidamente os santos sôbre a terra sem jamais estancar as “riquezas incompreensíveis”² da graça capital de Cristo, exemplar da nossa.

Não admira, pois, encontremos na Irmã Elisabeth essa viva semelhança com o Mestre: *Vivo enim, jam non ego, vivit vero in me Christus*: eis aí o meu sonho de Carmelita”.³

¹ Apoc. XIV, 4.

² Efésios, III, 8.

³ Carta ao P. Ch., 23 de nov. 1904.

Esta transformação em Cristo, iniciada no batismo, prosseguiu, sem interrupção, através de tôdas as etapas de sua vida. Ela anotava em seu "diário" de jovem: Ah! se eu pudesse fazer com que tôda a terra O amasse..."⁴ "Amo-o até morrer..."⁵ Mesmo as festas mais mundanas não conseguiam afastá-la da invisível presença de Cristo. Era preciso ver com que ardor apaixonado ela apertava ao peito o belo crucifixo da profissão, no qual se lia a divisa: *Jam non ego, vivit vero in me Christus*. Jesus Cristo é o centro de sua sublime oração à Santíssima Trindade, onde, num arroubo de amor, se exprime todo o movimento de sua vida interior: "Ó meu Cristo adorado, quero ser uma espôsa para o vosso coração... Desejaria amar-Vos... até morrer..." No leito de dores seu único sonho é morrer transformado no Crucificado.

A devoção para com o Cristo constitui o cerne de sua vida e doutrina.

Durante o retiro conventual, pregado em outubro de 1902, o Pe. Vallée expusera, à luz de elevada contemplação e com os fortes argumentos, os grandes princípios da Cristologia tomista. Insistiu, de modo particular, sobre a natureza do Verbo Encarnado e seu caráter essencial de Salvador, sobre a graça capital, a ciência, o amor, a oração de Jesus, etc... Este retiro, de pouca consolação interior, abriu a Irmã Elisabeth horizontes imensos sobre o mistério de Cristo, e estas luzes penetraram-lhe imediatamente a vida: "Tivemos um retiro tão belo, tão profundo, tão divino! O Pe. Vallée falou-nos sempre de Cristo e eu desejava ver-vos ao meu lado para que vossa alma ficasse enlevada juntamente com a minha. Fiquemos sempre unidas através de tudo, em comunhão permanente com êsse Verbo Encarnado, com êsse Jesus, estabelecido em nós e ansioso por nos revelar todo o seu mistério. Na véspera da Paixão, dizia Êle ao Pai a respeito dos "seus": "Dei-lhes a conhecer as palavras que me confiastes antes que o mundo existisse".⁶ Êle está sempre vivo, sempre operando em nossa alma: deixemo-nos edificar por Êle e seja Êle a alma de nossa alma, a vida de nossa vida, para poderemos exclamar com S. Paulo: "Viver, para mim, é Jesus Cris-

⁴ *Diário*, 30-1-1899.

⁵ *Diário*, 1.º de março de 1899.

⁶ S. Jo., XVII, 8, 22.

to”.⁷ Ele não quer tristeza em nossa alma, vendo o que não foi feito inteiramente por Ele. “É Salvador: sua missão é perdoar”. — E o Pe. Vallée dizia-nos no retiro: “No coração de Cristo só há um movimento: apagar o pecado e conduzir a alma a Deus”.⁸

As epístolas de S. Paulo foram, em particular, fonte de luz para essa alma: era ali que ia “beber o Cristo”. (S. Ambrósio).

Ela não poderia encontrar melhor escola. O Doutor das nações recebeu de Deus a missão de manifestar ao mundo as riquezas de graça, os tesouros de ciência e de sabedoria divina ocultos em Cristo: *Cor Pauli, cor Christi*. O coração de S. Paulo era o de Jesus. As fórmulas de fé por êle dirigidas aos primeiros cristãos contêm, resumidamente, todo o ensino da Igreja sôbre o mistério de Nosso Senhor.

Irmã Elisabeth da Trindade, cujo temperamento de artista era tão livre em sua inspiração e tão inimigo dos métodos demasiadamente rígidos, organizara um fichário íntimo para o estudo de seu caro S. Paulo. Estas notas, bem analisadas e com indicações precisas, se referem quase sempre a um aspecto do mistério de Jesus. Seu pensamento estava tão identificado com o do grande Apóstolo que recorria frequentemente a trechos de suas epístolas em abono dos movimentos de sua alma contemplativa; por vêzes, nas cartas e nos dois retiros, acontece-lhe citar por inteiro longas passagens. Nossa predestinação em Cristo e a restauração nEle de todo o universo, nossa incorporação ao Filho de Deus, cabeça do corpo místico, composto de todos os remidos, a necessidade de nos identificarmos com todos os movimentos de sua Alma divina, de exprimi-Lo diante do Pai, de ser-Lhe, de certo modo, uma humanidade de acréscimo em que possa renovar todo o seu mistério de Cristo Adorador e Salvador — todos êstes vastos horizontes da teologia da redenção, tornam-se, na escola de S. Paulo, familiares ao pensamento contemplativo de Irmã Elisabeth, proporcionam-lhe essa amplidão doutrinária que faz a riqueza e a fôrça de seus escritos espirituais.

⁷ Filipenses, I, 21.

⁸ Carta a Sra. A..., 9 de novembro de 1902.

A enumeração de todos os textos utilizados por ela acarretaria citações intermináveis. Traremos à luz apenas as grandes linhas da sua doutrina mística, nêles inspirada.

1. — NOSSA PREDESTINAÇÃO EM CRISTO. — O convívio com S. Paulo imprimiu à doutrina de Irmã Elisabeth um caráter cristocêntrico bem nítido.

Ela anotou cuidadosamente o texto fundamental da *Epístola dos Romanos* em que S. Paulo desenvolveu todo o sentido de nossa predestinação em Cristo: “Aquêles que Deus conheceu em sua preciência, destinou-os a serem conformes à imagem de seu Filho, e os que destinou, chamou-os; os que chamou, justificou-os e os que justificou, glorificou-os”.⁹

Tal é, aos olhos do Apóstolo, o mistério da predestinação, da eleição divina.

“Os que Ele conheceu”. Não somos nós dêste número? Não pode Deus dizer à nossa alma o que dizia outrora pelo Profeta: “Passei perto de ti e te considerei; vi que já era tempo de seres amada; estendi sobre ti o meu manto; jurei proteger-te, fiz aliança contigo e passaste a ser minha”?¹⁰ Sim, nós passamos a ser suas pelo batismo. É o que S. Paulo quer exprimir por estas palavras: “chamou-nos”. Chamadas, sim, a receber o sêlo da Santíssima Trindade. Ao mesmo tempo que, segundo S. Pedro, “nos tornamos participantes da natureza divina”¹¹ “recebemos um comêço do seu ser”. Depois, “justificou-nos”, pelos sacramentos, por toques diretos, no recolhimento profundo de nossa alma; justificados fomos também pela fé, e na medida de nossa fé na redenção de Cristo.

“Enfim Ele quer *glorificar-nos*; eis porque”, diz S. Paulo, “nos tornou dignos de participarmos da herança dos santos na luz”.¹² Mas seremos glorificados na medida em que tivermos sido “conformes com a imagem de seu Filho”.

“Contemplemos pois esta imagem adorada, fiquemos sempre sob sua irradiação e que ela se imprima em nós. De-

⁹ Rom. VIII, 25, 30.

¹⁰ Ezequiel, XVI. 8.

¹¹ II Pedro. I-4.

¹² Col. I-12.

pois, executemos tôda as coisas com as disposições com que as fazia o nosso Mestre divino. Realizaremos então o grande desígnio de Deus de “tudo restaurar em Cristo”.¹³

Irmã Elisabeth não passa o tempo, como um teólogo especulativo, a estudar a economia providencial da redenção em Cristo. Abandona tôda exposição puramente teórica, e aplica imediatamente esta economia à sua alma, procurando na redenção um “regulamento de vida”.

“*Instaurare omnia in Christo*. É ainda S. Paulo quem me instrui, S. Paulo, que acaba de penetrar no grande conselho de Deus, me assegura que Ele decidiu tudo restaurar em Jesus Cristo. Para que eu realize pessoalmente êste plano divino, o Apóstolo vem ainda em meu auxílio e me traça uma norma de vida: “Caminhai em Cristo, enraizados n’Ele, edificados n’Ele, firmes na fé... e crescendo n’Ele em ação de graças”.¹⁴

Cada ponto dêste programa vai dar lugar a uma paráfrase mística de ordem prática. Não se exija dela uma exegese objetiva segundo as leis rigorosas do método histórico. Irmã Elisabeth lê S. Paulo como contemplativa que procura nos livros santos “a luz da vida.”¹⁵ É no comentário aparente das fórmulas paulinas que nos desvenda seu pensamento espiritual mais íntimo. Como verdadeira Carmelita, insiste antes de tudo sôbre o desapêgo total, prelúdio da união divina.

Caminhar em Cristo: é sair de si, deixar-se, para entrar mais profundamente, que n’Ele fiquemos *enraizados*, e, diante de qualquer acontecimento, de qualquer coisa, possamos lançar o belo desafio: “Quem me separará da caridade de Cristo?”¹⁶ Quando a alma se fixou tão profundamente n’Ele e adquiriu tais *raízes*, a seiva divina nela circula abundantemente. Tudo quanto existe de imperfeito, de banal, de natural, é destruído. Então, como lembra o Apóstolo, “O que é mortal é absorvido pela Vida”.¹⁷

¹³ Efés. I, 10 — *O Céu na Terra*, 9.^a or.

¹⁴ Col. II, 6. 7 — *Último Retiro*, XIII.

¹⁵ S. Jo. VIII - 12.

¹⁶ Rom. VIII, 35.

¹⁷ I Cor. XV, 54.

A alma assim despojada de si e radicada em Cristo, já não teme o contato de fora nem as dificuldades de dentro. Tudo isto, longe de lhe ser obstáculo, não faz senão alicerçá-la mais profundamente no amor do Mestre. Através de tudo, pró e contra tudo, ela é capaz de adorá-Lo, sempre por causa d'Ele mesmo, porque é livre, libertada de si própria e de tudo. Pode cantar com o Salmista: "Que um exército me sitie, nada receio; deflagre-se a luta, mesmo assim ainda espero, *Yaweh* me esconde no segrêdo de sua tenda, que não é outra senão Ele próprio." ¹⁸

É isto, a meu ver, o que pretende dizer S. Paulo quando fala de sermos 'enraizados' em Cristo.

"E que significa "ser edificada n'Ele"?"

O poeta canta: "Ele elevou-me sôbre uma rocha. Minha cabeça ergue-se então acima dos inimigos que me rodeiam." ¹⁹ Parece-me que esta é a figura da alma *edificada* em Cristo." ²⁰ Ele é o rochedo onde ela se eleva acima de si mesma, dos sentidos, da natureza, acima das consolações e das dores, acima de tudo que não é unicamente Ele, E então, na plena posse de si, ela é superior a si mesma e superior a tôdas as coisas.

S. Paulo recomenda-me ainda que seja "firme na fé", nessa fé jamais deixa a alma adormecer, mas a conserva sempre atenta, sob o olhar do Mestre, inteiramente recolhida sob sua palavra criadora; nessa fé no "amor excessivo" ²¹ que leva Deus, diz S. Paulo, a encher a alma "segundo sua plenitude." ²²

Finalmente, quer êle que eu "cresça em Jesus Cristo", pela *ação de graças*. É aí que tudo deve terminar. "Pai, dou-vos graças." ²³ Aí está o canto da alma de meu Mestre e Ele deseja ouvir-lhe o eco na minha". ²⁴

2. — A PRESENÇA ÍNTIMA DE JESUS — Ao passo que, para a maioria dos cristãos, Jesus é um ser histórico, desaparecido

¹⁸ Salmo XXVI, 3, 5.

¹⁹ Salmo XXVI, 6.

²⁰ Col. II, 7.

²¹ Efés. II, 4.

²² Efés. III, 19.

²³ S. Mat. XI, 25.

²⁴ *Último Retiro*, XIII.

há vinte séculos do cenário do mundo, ou entidade abstrata retirada nos altos céus, em uma eternidade inacessível, para Irmã Elisabeth da Trindade, como para todos os Santos, Jesus é uma realidade concreta, quotidiana, que anima as menores atividades de sua existência. Em uma palavra, é a realidade suprema. A cada instante sentem-no, pertinho de si, êsse Jesus, Filho de Deus e de Maria, que lhes prodigaliza a graça, os ilumina, sustenta, castiga se necessário, salva e lhes dá a vida eterna.

Para bem compreender esta doutrina da presença íntima de Cristo na vida dos santos, cumpre lembrar que, como Verbo, Jesus está presente em tôda parte, assim como o Pai e o Espírito Santo. A Santíssima Trindade é indivisível. Com o Pai e o Espírito Santo, o Verbo enche o tempo e o espaço: não há sequer um átomo no universo que não seja impregnado de sua presença divina. Se Êle se retirasse, tôda a criação voltaria ao nada.

Como Verbo Encarnado, está no Céu resplandescente de glória, saciando os bem-aventurados com a beleza de sua Face de Cristo, e, na Hóstia, com a Humanidade velada. “Mas é o mesmo que os eleitos contemplam na visão e com o qual as almas na terra comungam pela fé”.²⁵ Êle é a vida de todos: à multidão dos predestinados comunica a luz de glória que os beatifica; à Igreja militante dá-se pela fé e os sacramentos. Dia e noite, d’Êle “emana uma virtude secreta”²⁶ que os santifica, e seu contato diviniza, a todo instante, a alma dos santos. A Humanidade de Jesus, “orgão do Verbo” e instrumento universal de tôdas as graças que descem da Santíssima Trindade sôbre as almas, a todos traz: graça, luz, força e todos os carismas, de qualquer espécie, de que a Igreja necessita para o cumprimento de sua missão na terra. Na ordem sobrenatural, temos em Cristo o ser, o movimento, a vida: e “sem Êle, nada podemos”: *Sine Mes nihil.*²⁷

A teologia católica sublinhou bem êste ponto de doutrina cuja importância é primordial na economia da vida espiri-

²⁵ Carta a suas tias R..., 1903.

²⁶ S. Luc. VI, 19.

²⁷ S. Jo., XV-5.

tual: a graça capital de Cristo. A vida trinitária do batismo não se desenvolve em nós senão “no Cristo Jesus”: *in Cristo Jesu*.²⁸

Nesta doutrina se apoiavam os movimentos interiores de Irmã Elisabeth da Trindade. Gostava de refugiar-se, a cada instante, no mais íntimo da alma, sob o impulso da graça dêste Cristo que nela vivia. “Sinto que Êle me comunica a vida eterna”, dizia à sua Priora. Ela habituara-se a ir a tudo “por Êle, suplicando-Lhe a revestisse de sua pureza divina, a virginizasse, elevasse sua alma acima das agitações da terra, a conservasse calma e pacífica como se já estivesse na eternidade.

“Conservemo-nos recolhidos junto dAquele que Ê, junto do Imutável cuja caridade está sempre em nós. Vamos Aquelle que quer sejamos inteiramente suas e nos envolve de tal modo que já não vivamos mais, porém Êle quem viva em nós”.²⁹ “Quão suave e doce é esta divina presença do Mestre; ela fortifica a alma. Pensar que Deus nos ama a ponto de habitar em nós, de fazer-se o companheiro de nosso exílio, o confidente, o Amigo de todos os instantes.” Ê a intimidade do filho com a mãe, da espôsa com o espôso. Eis aí a vida da Carmelita; a união, o sol brilhante, que lhe permite ver horizontes infindos”.³⁰

Esta união íntima com Cristo, presente no fundo da alma, tornara-se o ponto de convergência de sua fé, de sua caridade, de sua vida de prece e de adoração. “Permanecei em mim.”³¹ Ê o Verbo quem ordena, quem exprime esta vontade. “Permanecei em mim” não por alguns instantes, por algumas horas fugitivas, mas *permanecei*, de modo contínuo, habitual. “Permanecei em mim”, orai em mim, adorai em mim, amai em mim, sofrei em mim, trabalhai em mim. “Permanecei em mim” para comigo irdes a todos e a tudo”.³²

Uma de suas atitudes preferidas consistia em recolher-se em face dêstes “excessivo amor”³³ de Cristo e deixar-se in-

²⁸ Efés., 1-3 (e frequente em S. Paulo).

²⁹ Carta a M. G..., 1901.

³⁰ Carta a G. de G..., 1903.

³¹ S. Jo. XV, 4.

³² *O Céu na Terra*. 2.^a oração.

³³ Efés. II, 4.

vadir por Ele. “S. Paulo escreve que “não somos mais hóspedes ou estrangeiros, mas fazemos parte da cidade dos santos e da casa de Deus”.³⁴ É neste mundo sobrenatural e divino que já habitamos pela fé. Sua caridade, sua “excessiva caridade”, para empregar ainda a expressão do grande Apóstolo, eis minha visão na terra. Chegaremos jamais a compreender quanto somos amados? Parece-me que nisto consiste a ciência dos santos. Em suas magníficas epístolas S. Paulo prega apenas êste mistério do amor de Cristo: “Que o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo vos conceda a graça de serdes, segundo as riquezas de sua glória, fortificados por seu Espírito no homem interior. Que Cristo habite em vossos corações pela fé, que sejais enraizados e alicerçados na caridade de modo que possais compreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura, a profundidade, e conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa tôda ciência, a fim de que sejais cheios segundo a plenitude de Deus. Visto que Nosso Senhor mora em nós, sua oração é nossa e eu desejaria comungar nela sem cessar, como um pequeno vaso no manancial, na fonte de vida, a fim de poder comunicá-lo em seguida às almas e fazer cair sôbre elas as ondas de sua caridade infinita”.³⁵

Os textos de Irmã Elisabeth sôbre esta presença de Jesus em nós são tão fortes que, tomados muito ao pé da letra, levariam à conclusão de uma verdadeira habitação de Jesus em nós. Ela própria previne sua mãe contra tal exagêro: “Não possuis a santa Humanidade como quando comungas; mas a Divindade, essa essência que os bem-aventurados adoraram no céu, esta sim está em tua alma”.³⁶

Feita esta restrição, ela dá livre curso aos arroubos de sua alma que a levam sempre no íntimo de si mesma, para aí viver na intimidade do Mestre e deixar-se salvar por Ele. “Ele está em nós para santificar-nos. Peçamos-Lhe pois seja Ele próprio nossa santidade. Quando Nosso Senhor estava na terra, diz o Evangelista, “uma virtude secreta emanava d’Ele”.

³⁴ Efés. II, 19.

³⁵ Carta ao Padre Ch..., 25 de dezembro de 1904.

³⁶ Carta a sua mãe, junho de 1906.

³⁷ O seu contato restituía a saúde aos doentes, a vida aos mortos. Êle está sempre vivo: vivo em seu adorável Sacramento, vivo em nossas almas. Êle o diz: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e viremos a êle e nêle faremos nossa morada". ³⁸ Se Êle está conosco, façamos-Lhe companhia, como um amigo a seu amigo. Esta união divina e tôda íntima é como a essência do Carmelo". ³⁹

"A alma possui, no centro de si mesma, um Salvador que a purifica a cada momento". ⁴⁰ O divino Adorador está em nós. Logo, temos Sua oração. Oferecemo-la. Comunguemos nela, rezemos com sua alma". ⁴¹

3. — DEVOÇÃO À ALMA DE CRISTO. — O que caracteriza verdadeiramente Irmã Elisabeth da Trindade é sua devoção pessoal para com a alma de Cristo.

Outros sentem-se levados a honrar Nosso Senhor em tal ou tal mistério particular, a venerar-lhe esta ou aquela parte do corpo sagrado. A devoção interior de Irmã Elisabeth vai direito à alma de Cristo, obra-prima da Santíssima Trindade.

Por causa da união em pessoa com o Filho de Deus, tudo em Cristo é adorável: em si mesmo e em cada um de seus mistérios. Depois da união hipostática, é a alma de Jesus o que de mais nobre existe no Verbo Encarnado. Tôda a atividade dos espíritos celestes e dos santos não iguala o menor ato de virtude da alma de Cristo, revestida duma plenitude de graça, de certo modo infinita, que a torna digna da Pessoa Incrriada no Verbo Encarnado. A Santíssima Trindade aí encontra delícias infinitas. Ela possui abismos de luz, de amor, de beleza divina, cuja contemplação intuitiva será, depois da visão de Deus, a maior alegria da eternidade. Eis porque Jesus dizia ao Pai, em presença dos discípulos: "A vida eterna, é ver-Te face a face, a ti e a teu Cristo". ⁴²

4. — IDENTIFICAÇÃO COM TODOS OS MOVIMENTOS DA ALMA DE CRISTO. — Irmã Elisabeth compreendeu até que ponto

³⁷ S. Luc. VI, 19.

³⁸ S. Jo. XIV, 23.

³⁹ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1904.

⁴⁰ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1905.

⁴¹ Carta a G. de G..., fim de setembro de 1903.

⁴² S. Jo. XVII, 3.

Jesus Cristo é nosso: “Sinto que todos os tesouros da alma de Jesus são meus”.⁴³ Ela escreveu que “a alma de Cristo foi o seu livro preferido”.⁴⁴

A tarde do primeiro dia de sua entrada no Carmelo, Madre Germana encontrou-a silenciosa e recolhida perto do grande Cristo que domina no jardim.

— Que fazeis aí, minha filha? perguntou a Madre.

— Uno-me à alma de meu Cristo, foi a resposta.⁴⁵

Tomou como lema de sua vida religiosa: “Identificar-se com todos os movimentos da alma de Cristo”.

A medida que progride sua vida espiritual, esta identificação com os sentimentos mais íntimos da alma do Mestre torna-se uma grande realidade. Todo o esforço de sua vida interior consiste em “entrar no movimento de sua alma divina”⁴⁶ e em deixar-se transportar com o Cristo até o seio do Pai.

Na sua oração (é a ela que cumpre recorrer, cada vez que se quiser conhecer o ritmo mais secreto de sua vida espiritual), os traços mais essenciais desta devoção para com a alma de Jesus manifestam-se com evidência e resumem perfeitamente tôda a sua doutrina sôbre êste assunto: “Ó meu Jesus amado, crucificado por amor... Pego-vos me revistais de Vós mesmo, identifiqueis minha alma com todos os movimentos da vossa. Submergi-me, invadi-me, substituí-vos a mim, a fim de que minha vida não seja senão um reflexo da vossa”.

5. — EXPRESSAR CRISTO DIANTE DO PAI. — Um dos efeitos mais excelentes desta devoção foi identificar Irmã Elisabeth com os sentimentos mais íntimos de Jesus para com o Pai.

Os teólogos bem o sabem: Um duplo movimento espiritual opera-se dia e noite na Alma de Cristo: a redenção do mundo e a glória do Pai Eterno. De fato, a Encarnação não teve outro fim: salvar os homens, e depois de os purificar no sangue divino, torná-los adoradores da Santíssima Trindade.

⁴³ Carta ao Cônego A..., 11 de setembro de 1901.

⁴⁴ Questionário preenchido oito dias depois da entrada no Carmelo.

⁴⁵ Êste fato nos foi referido, diretamente, pela Madre Germana.

⁴⁶ Carta a Sra. A., 29 de setembro de 1902.

Esta preocupação primordial da glória do Pai aparece com evidência nos menores feitos da vida de Jesus. Seu primeiro pensamento, ao entrar no mundo é para o Pai: “Os holocaustos e os sacrifícios dos homens não te agradaram: Aqui estou para imolar-Me por tua glória”.⁴⁷ Um único episódio nos ficou do mistério da infância e da vida oculta de Jesus: o encontro no Templo e a resposta que então deu à sua Mãe: “Não sabeis que devo ocupar-me dos interesses de meu Pai”?⁴⁸ Esta única palavra envolta em trinta anos de silêncio, ilumina como relâmpago todo o mistério de Jesus. Como Maria, devemos saber que o Filho veio, antes de tudo, para a glória do Pai. As declarações de sua vida pública não deixam a menor dúvida a êste respeito. “Igual” ao Pai enquanto Deus (“Meu Pai e Eu, somos Um”),⁴⁹ presta-lhe, em sua humanidade, submissão e reverência em todos os atos: “Faço sempre o que Lhe agrada”.⁵⁰ Analisa-se de perto, a título de exemplo, a cena da Samaritana e verificar-se-á que o ponto culminante dêste episódio, que transformou a história religiosa da humanidade, aparece no desejo secreto do coração do divino Mestre: achar “adoradores em espírito e em verdade para o Pai que os procura”, *Pater quaerit*.⁵¹

Seria necessário citar aqui todo o Evangelho de S. João, e sobretudo a oração sacerdotal, suprema confiança do coração de Jesus, fonte da vida contemplativa da Igreja até o fim dos séculos. Lançando um olhar sôbre sua vida, o Mestre resume-a em duas palavras: *Glorificavi Te*.⁵² “Pai, só Te dei glória”. Ao morrer, é ao Pai que Jesus dirige suas últimas palavras de Crucificado. Logo depois de ressuscitar, é de “seu Pai que é nosso Pai, seu Deus que é nosso Deus”⁵³ que fala de novo. S. Paulo nô-Lo mostra na eternidade “sempre vivo, a interceder por nós”⁵⁴ até que, num gesto supremo, no fim dos tempos, “Jesus entregue seu reino ao Pai. Será então o fim.”⁵⁵

⁴⁷ Salmo XXXIX, 7.

⁴⁸ S. Luc. II, 49.

⁴⁹ S. Jo. X, 30.

⁵⁰ S. Jo. VIII, 29.

⁵¹ S. Jo. IV, 23.

⁵² S. Jo. XVII, 4.

⁵³ S. Jo. XX, 17.

⁵⁴ Hebr. VII, 25.

⁵⁵ I Cor. XV, 24.

Irmã Elisabeth da Trindade teve, em grau excepcional, consciência dêste lugar primordial da glória do Pai nos sentimentos mais íntimos da alma de Jesus, Aquêle que foi “o mais perfeito louvor de glória do Pai” e da Santíssima Trindade. Os textos deixados por ela sôbre êste assunto são pouco numerosos, porém explícitos e ligados à última evolução e seu pensamento. “No belo discurso, depois da Ceia, que é como um derradeiro hino de amor da sua alma, o Divino Mestre dirige ao Pai aquela palavra tão bela: “Eu vos dei glória na terra e consumei a obra que me confiaste”.⁵⁶ Penso que cada uma de nós devia repetir estas palavras todos os dias, nós que lhe pertencemos como espôsas, e que por conseguinte, devemos identificar-nos totalmente com Êle. Dir-me-eis talvez: Mas, como glorificá-lo? É muito simples. É Nosso Senhor quem nos revela o seu segrêdo: “Meu alimento, é fazer a vontade dAquele que me enviou”.⁵⁷

Desta maneira, enquanto em sua vida interior Irmã Elisabeth se esforçava por “identificar-se com todos os movimentos da alma de Cristo”, uma transformação misteriosa nela se operava. O *mihi vivere Christus est*⁵⁸ realizava-se nela e ditava-lhe uma fórmula que traduz perfeitamente o carater próprio de sua devoção para com o Filho de Deus: *exprimir Crsito diante do Pai*, êste é o mais elevado ideal do cristão.

“Tudo me parece vil, desde que aprendi quão transcendente é o conhecimento de Cristo, meu Senhor. Por seu amor tudo deixei e tudo considero como imundície, a fim de ganhar a Cristo e de nEle estar, não com minha própria justiça, mas com a justiça que vem de Deus pela fé. O que ambiciono é conhecê-Lo, comungar em seus sofrimentos, conformar-me com sua morte. Continuo minha carreira procurando atingir a meta que Jesus me traçou ao atrair-me a Si. Minha única preocupação é esquecer o que ficou para trás. Corro direto ao alvo, ao prêmio da vocação a que Deus me chamou em Cristo”.⁵⁹

⁵⁶ S. Jo. XVII, 4.

⁵⁷ Carta a Sra. A..., 1906.

⁵⁸ Filip. I, 21.

⁵⁹ Filip. III, 8, 14.

O Apóstolo revelou várias vezes a grandeza desta vocação: “Deus escolheu-nos em seu Filho, antes da criação, para sermos imaculados e santos em sua presença no amor”.⁶⁰ “Fomos predestinados por um decreto dAquele que tudo faz segundo o conselho de sua vontade, para sermos louvor de sua glória”.⁶¹ Mas, como corresponder à dignidade de tal vocação? Aqui está o segrêdo: *Mihi vivere Christus est...*⁶² *Vivo enim, jam non ego, vivit vero in me Christus.*⁶³ É preciso transformarmo-nos em Jesus Cristo, é ainda S. Paulo quem o ensina: “Aquêles que Deus conheceu em sua preciência, predestinou-os a serem conformes com a imagem de seu Filho”.⁶⁴ Cumpre, portanto, que eu copie êste divino modêlo, *a fim de identificar-me tão perfeitamente com Êle, que possa sem cessar exprimi-Lo diante do Pai.*

“E o que diz Êle ao entrar neste mundo? “Eis-me aqui, ó meu Deus, venho fazer a vossa vontade”.⁶⁵ Esta oração devia ser como que as pulsações do coração da espôsa: “Eis-nos aqui, ó Pai, para fazer vossa vontade. O divino Mestre foi tão verdadeiro nesta primeira oblação. Sua vida não foi, por assim dizer, senão a consequência dela. “Meu alimento, insistia, é fazer a vontade dAquele que me enviou”.⁶⁶ Tal deve ser igualmente o alimento da espôsa, e como que a espada que a imola: “Se é possível, afasta-se de mim êste cálice; todavia, não como quero, ó Pai, mas como vós quereis”.⁶⁷ Então, em paz, alegre, ela corre, com o Mestre ao encontro de tôdas as imolações, satisfeita de ter sido lembrada pelo Pai que a crucifica com o seu Filho. “Escolhi vossas ordens para serem minha herança sem fim, porque elas são as delícias do meu coração”.⁶⁸ Eis o hino da alma do Mestre, o qual deve ecoar na alma da espôsa. É pela fidelidade, de todos os instantes, em cumprir estas ordens interiores e exteriores, que ela dará testemunho à verdade e poderá dizer: Aquêle que me enviou não

⁶⁰ Efés. I, 4.

⁶¹ Efés. I, 11, 12,

⁶² Filip. I, 21.

⁶³ Galat. II, 20.

⁶⁴ Rom. VIII, 29.

⁶⁵ Hebr. X, 7.

⁶⁶ S. Jo. IV, 34.

⁶⁷ S. Mat. XXVI, 39.

⁶⁸ Salmo CXVIII, 111.

me deixou só. Está sempre comigo, porque faço sempre o que Lhe agrada. ⁶⁹ Sem o deixar jamais e entrando em contato íntimo com Êle, ela poderá irradiar aquela virtude secreta que salva e livra as almas. Despojada, libertada de si própria e de tudo, poderá acompanhar o Mestre ao alto da Montanha e aí fazer com Êle, em sua alma, oração divina.

“Depois, sempre por intermédio do Divino Adorador, Aquêlê que foi o grande louvor de glória do Pai, ela oferecerá sem cessar uma hóstia de louvor, isto é, o fruto dos lábios que glorificou seu nome. Como canta o Salmista, “ela o louvará na expansão de seu poder, segundo a imensidão de sua grandeza”. ⁷⁰ No momento da humilhação, do aniquilamento, lembrar-se-á daquela palavra: *Jesus autem tacebat*, ⁷¹ e então calar-se-á, guardando tôda a sua fôrça para o Senhor, aquela fôrça que se recebe no silêncio. Quando vier o abandono, o desprezo, a angústia que arrancaram a Nosso Senhor o grande grito: “Porque me abandonaste”? ⁷², ela repetirá sua oração: “Que êles tenham a plenitude de minha alegria”. ⁷³ E, bebendo até a última gôta o cálice preparado pelo Pai, ela encontrará na amargura uma doçura divina. Finalmente, depois de ter dito muitas vêzes: “Tenho sêde”, ⁷⁴ sêde de possuir-Vos na glória, ela cantará: “Tudo está consumado”... ⁷⁵ “Em vossas mãos entrego minha alma”... ⁷⁶ E o Pai virá tomá-la para transportá-la à sua herança, a vida na luz, ela verá sua luz”. ⁷⁷ “Sabei”, cantava Davi, “que Deus glorificou maravilhosamente o seu Santo”. ⁷⁸ Sim, o Santo de Deus terá sido glorificado nesta alma, porque terá destruído tudo nela para revesti-la de si próprio, e ela terá vivido praticamente a palavra do Precursor: “É preciso que Êle cresça e que eu diminua”. ⁷⁹

⁶⁹ S. J. VIII, 29.

⁷⁰ Salmo CL, 1, 2.

⁷¹ S. Mat. XXVI, 63.

⁷² S. Mat. XXVII, 46.

⁷³ S. Jo. XVII, 13.

⁷⁴ S. Jo. XIX, 28.

⁷⁵ S. Jo. XIX, 30.

⁷⁶ S. Luc. XXIII, 46.

⁷⁷ Salmo XXXV, 10.

⁷⁸ Salmo IV, 4.

⁷⁹ S. Jo. III, 30. — *Último Retiro*, XIV.

“A alegria de minha alma — quanto à vontade e não quanto à sensibilidade — é tudo o que possa imolar-me, destruir-me, rebaixar-me, porque quero deixar lugar a meu Mestre: “Já não sou eu quem vive, é Ele quem vive em mim”.⁸⁰ Não aspiro mais a viver de minha própria vida, mas a ser transformada em Jesus Cristo, a fim de que minha vida seja mais divina do que humana e que o Pai, ao inclinar-se sobre mim, reconheça a imagem do Filho querido no qual pôs tôdas as complacências”.⁸¹

*Sejamos “Ele” e vamos ao Pai no ritmo de sua alma divina.*⁸²

6. — HUMANIDADE DE ACRÉSCIMO. — Um segundo movimento animava, dia e noite, a alma de Cristo: o desejo de nossa redenção.

Caminhava ele pensativo e solitário pelas estradas da Palestina? ou era comprimido, de todos os lados, pelas multidões de Jerusalém? Jesus, sempre em solidão com o Pai, tratava dos negócios de nossa salvação. Não nos perdeu de vista um momento sequer, seguindo-nos sempre com o seu olhar de Cristo que tudo vê: o céu, o inferno, os destinos da Igreja, os interesses das almas, mesmo nos mínimos pormenores. Sua visão do mundo igualava, não em intensidade de luz mas em extensão, à da própria Trindade. Nada lhe ficou oculto do passado, do presente ou do futuro. Esta ciência de Jesus visava a nossa salvação. Igual ao Pai pela natureza divina, o Cristo-Homem era, também, inteiramente nosso. “Um” com o Pai, “um” com seus irmãos: eis todo o mistério de Jesus. O Cristo completa-se em nós. O pensamento cristão analisou longamente e com amor êste aspecto de “Jesus Cristo em nós” de que fala S. Paulo, o Doutor por excelência do Corpo Místico.

Duas correntes apresentam-se aqui:

A especulação dos Padres gregos, que contempla sobretudo aquela misteriosa unidade que une os cristãos entre si

⁸⁰ Gal. II, 20.

⁸¹ *O Céu na Terra*, 5.^a oração.

⁸² *Carta*. 29-9-1902.

e com o Cristo, e cujo exemplar é a unidade da Santíssima Trindade.

O pensamento ocidental, ao contrário, considera menos esta unidade no Deus Trino do que nos membros padecentes do Salvador. S. Agostinho, eco de S. Paulo, deixou-nos disto um exemplo em páginas clássicas e inigualáveis.

A esta última corrente vem ligar-se a fórmula célebre em que Irmã Elisabeth traduziu sua concepção tão pessoal do papel que lhe cabia no corpo místico: “Ser para o Cristo uma humanidade de acréscimo, em que **Ele** possa renovar todo seu mistério”.

Dois dias depois de compor a oração donde é extraída esta fórmula, assim explicava ela o seu pensamento: *Vivo, jam non ego, vivit vero in me Christus.*⁸³ É este o meu sonho de Carmelita, e penso que é também o sonho de vossa alma sacerdotal, mas é principalmente o sonho de Nosso Senhor e peço-lhe que o realize plenamente em nossas almas. Sejamos-Lhe de certo modo uma humanidade de acréscimo na qual possa renovar todo o seu mistério. Supliquei-lhe que fique em mim como Adorador, como Reparador e como Salvador. Impossível dizer-vos a paz de minha alma ao pensar que **Ele** supre as minhas impotências e que, se caio a cada instante, **Ele** está perto de mim para erguer-me e transportar-me mais longe em Si, ao íntimo da Essência divina, onde já habitamos pela graça e onde eu desejaria sepultar-me tão profundamente que nada fôsse capaz de arrancar-me dali”.⁸⁴

Quão longe estamos, com esta doutrina do corpo místico que é sua vida, daqueles pontos de vista estreitos a que se deixam arrastar, por vêzes, as almas religiosas encerradas em sua pequena vida de comunidade. Os grandes horizontes da vida da Igreja, tornam-se-lhe familiares: “Que necessidade sentimos de nos santificarmos, de nos esquecermos para servirmos exclusivamente aos interesses da Igreja. Pobre França! Gosto de cobri-la com sangue “do Justo”, dAquele que está sempre, a vivo fim de interceder e de implorar misericórdia. Sublime a missão da Carmelita! Deve ser medianeira com Cristo, ser para **Ele** uma humanidade de acréscimo em

⁸³ Gal. II - 20.

⁸⁴ Carta ao Padre Ch..., 23 de novembro de 1904.

que possa perpetuar sua vida de reparação, de sacrifício, de louvor e de adoração". ⁸⁵

Quem não admiraria a fecundidade apostólica dessa alma que sabe elevar-se assim até à visão habitual do Cristo total. "Quem vive na caridade", ensina S. Tomás, "participa de todo o bem que se opera no mundo". ⁸⁶ As verdadeiras contemplativas compreendem tudo isto. O sonho de S. Teresinha do Menino Jesus era trabalhar pelo bem da Igreja até o fim do mundo. A ambição de Irmã Elisabeth da Trindade era "dizer a tôdas as almas" o segredo de felicidade e de santidade oculto nelas pelo mistério da habitação divina.

Uma verdadeira Carmelita se ocupa, o dia todo, em salvar as almas pela oração e pela imolação silenciosa; e quando, à tarde, chega a hora do repouso indispensável, refugia-se, antes de adormecer, sob a onipotente intercessão universal da Virgem Co-redentora e supplica-lhe que, durante seu sono, continue por ela a obra de mediação em prol dos pobres pecadores e prossiga eficazmente a destruição do mal no mundo.

Assim fazia Irmã Elisabeth, esquecendo a própria dor e ultrapassando-se a si mesma, com o único desejo de "gastar-se" por amor, de "destilar seu sangue gôta a gôta" "em favor do corpo de Cristo que é a Igreja". ⁸⁷ Ela chamava a isto: "Ser para Cristo uma humanidade de acréscimo".

7. — CONFORMIDADE COM SUA MORTE. — Ser outro Cristo, porém na Cruz: tal foi o sonho supremo de Irmã Elisabeth da Trindade. "Durante muito tempo o Crucificado foi o objeto de sua oração", escrevia o Pe. Vallée que a conhecia bem. Mais tarde, após as grandes graças da Habitação da Santíssima Trindade, voltou ela ao Crucificado, não como simples contemplativa, mas como imitadora de sua morte; *Configuratus morti ejus*, ⁸⁸ eis o que me dá vida e forças no meio do sofrimento. Se soubesseis a obra de destruição que experimento em todo o meu ser: é o caminho do Calvário que se

⁸⁵ Carta ao Cônego A..., janeiro de 1906.

⁸⁶ *In Symbolum Apostolorum: "Sanctorum Communionem"...*

⁸⁷ Col. I, 24.

⁸⁸ Filip. III, 10.

abriu e sinto-me feliz em seguir por êle como espôsa ao lado do divino Crucificado.”⁸⁰

A sua mãe cujo coração se dilacerava ao pensar que ia perdê-la, dirige algumas palavras de consolação para lembrar-lhe o sentido de seu sofrimento redentor. “É Deus quem se compraz em imolar sua pequena hóstia, mas esta Missa que Êle celebra comigo e em que o sacerdote é o seu Amor, pode durar ainda muito tempo. A pequena vítima não acha o tempo longo na mão dAquele que a sacrifica. Ela pode afirmar que, se segue pela trilha do sofrimento, palmilha, mais ainda, a estrada de felicidade, da verdadeira felicidade, daquela que ninguém pode roubar-lhe.

“Alegro-me”, dizia S. Paulo, “em completar em minha carne o que falta à Paixão de Cristo para o seu corpo que é a Igreja”.⁸⁰ Quanto deveria exultar divinamente o teu coração de mãe, ao pensar que o Divino Mestre se dignou escolher tua filha, o fruto de tuas entranhas, para associá-la à grande obra de redenção e para sofrer nela uma como extensão da sua própria Paixão. A espôsa pertence ao espôso, e o meu tomou posse de mim; quer que eu seja para Êle uma humanidade de acréscimo em que possa sofrer ainda pela glória do Pai, para servir às necessidades da Igreja”.⁸¹

“Que felicidade para mim se o Mestre quisesse que eu derramasse também o sangue por Êle! Mas o que Lhe peço é sobretudo aquêlo martírio de amor que consumiu minha Mãe S. Teresa, a quem a Igreja proclama “vítima de caridade”. E, se a Verdade disse que a maior prova de amor é dar a própria vida por quem se ama, dou-lhe a minha para que dela faça o que Lhe aprouver; se não posso ser martir do sangue, sê-lo-ei do Amor”.⁸²

“Alegra-te com o pensamento de que, tôda a eternidade, o Pai nos conhece, como diz S. Paulo, e quer ver em nós a imagem de seu Filho crucificado. Se soubesses quanto o sofrimento é necessário para a realização da obra de Deus na

⁸⁰ Carta ao Cônego A..., julho de 1906.

⁸⁰ Col. I, 24.

⁸¹ Carta a sua mãe, 10 de setembro de 1906.

⁸² Carta a sua mãe, julho de 1906.

⁸³ S. Jo. XVIII, 11.

alma. Deus tem imenso desejo de enriquecer-nos com suas graças, mas a medida destas graças depende da proporção em que nos deixamos imolar por Êle, imolar na alegria, na ação de graças, a exemplo de Nosso Senhor e com Êle repetindo: “Não hei de beber o cálice que meu Pai me preparou”?⁹³ O divino Mestre chamava à hora da Paixão “sua hora”, aquela para a qual viera e pela qual ardentemente aspirava. Quando a nós se apresenta um grande sofrimento ou um pequenino sacrifício, pensemos logo que é “nossa hora”, o momento em que vamos provar nosso amor para com Aquêle que nos “amou até o excesso”, diz S. Paulo”.⁹⁴

Como todos os santos, Irmã Elisabeth conhecia o valor dos sofrimentos e sabia que a união divina só se consuma na cruz. Várias vêzes exalta êste sofrimento abençoado, tôdas estas crucifixões da vida que imprimem a effigie de Cristo Crucificado em sua alma e em seu corpo. “O sofrimento é coisa tão grande, tão divina! Parecem que se os bem-aventurados pudessem ambicionar alguma coisa no céu, seria êste tesouro. Que alavanca poderosa sôbre o coração de Deus! Além disso, não achais que é muito agradável dar a quem se ama? A cruz é a herança do Carmelo: “Sofrer ou morrer”, exclamava S. Teresa. E quando Nosso Senhor apareceu a nosso Pai S. João da Cruz e lhe perguntou que recompensa queria pelas penas suportadas por Êle, sua resposta foi: “Senhor sofrer e ser desprezado por vosso amor”.⁹⁵

Não é que a dor a deixasse insensível, mas sabia tirar a fôrça de sofrer da lembrança do Mestre Crucificado. Ela mesma nos revela o seu segrêdo: “Vou dizer-vos como faço quando sinto o cansaço: fito o Crucificado. Quando vejo como se entregou à morte por mim, parece-me que o menos que possa fazer é “gastar-me” em troca do muito que me deu. Pela manhã, na Santa Missa, comunguemos em seu espírito de sacrifício, pois, sendo suas espôsas, devemos ser semelhantes a Êle se formos fiéis em viver de sua vida, em identificar-nos, com muita simplicidade, a todos os movimentos da Alma do Crucificado, já não teremos que recear nossas fra-

⁹³ Carta a sua mãe, setembro de 1906.

⁹⁴ Carta a Sra. A..., agosto de 1904.

⁹⁵ Carta a Sra. A..., fevereiro de 1903.

quezas, porque Ele será nossa fôrça. E quem pode arrancar-nos de seus braços"? ⁹⁶

Verdadeiro martírio foram os últimos oito meses de sua vida. O sofrimento era-lhe uma delícia: suas cartas e bilhetes de então eram datados do "Palácio da beatitude e da dor". "Saboreio, experimento alegrias desconhecidas: A alegria da dor. *Meu sonho antes de morrer é ser transformada em Jesus Crucificado*". ⁹⁷

Seu derradeiro canto é, assim, um hino ao sofrimento: o verdadeiro "louvor de glória" é uma alma crucificada.

⁹⁷ Carta a G. de G..., fim de outubro de 1906.

CAPÍTULO VI

JANUA COELI

Irmã Elisabeth da Trindade não podia deixar de dar à Santíssima Virgem um lugar especial em sua vida.

A devoção à Mãe de Jesus é condição essencial de salvação. Todos os santos amaram, apaixonadamente, a Santíssima Virgem, cada um na linha própria de sua graça pessoal. Em conformidade com sua missão, S. Paulo assinalou-lhe o lugar na economia da redenção, em função do mistério de Cristo “nascido duma mulher” ¹ para salvar sua raça decaída em Adão. S. João conservou a lembrança da hora suprema em que Cristo, suspenso na Cruz, lhe entregou Maria como Mãe, a ele e a todos os predestinados; é ele quem, no Apocalipse, nos revelou como, depois de sua morte e assunção gloriosa, longe de se desinteressar por nós, a Virgem Santíssima utiliza sua presença diante da Face do Eterno para melhor velar sobre nós, sempre inclinada sobre a multidão de seus filhos: mais Mãe do que nunca. S. Agostinho nô-la mostra no momento da Encarnação, tornando-se, pela caridade, Mãe do Cristo total. Os Padres Gregos exaltaram, com muita poesia e magnificência, a “santíssima”, o tabernáculo vivo do Verbo Encarnado, o templo puríssimo da Trindade Augusta. Desde vinte séculos, a Igreja do Oriente e do Ocidente com S. Efrem, S. Cirilo, S. Anselmo, S. Boaventura, S. Tomás — e mister fôra citar todos os doutôres e todos os santos — não cessa de proclamar o papel único e universal de

¹ Gal. IV, 4.

Maria na obra de nossa salvação. Mãe de Deus e dos homens, Maria realiza o plano divino de sua beneficência maternal. No universo da redenção nenhum movimento se executa sem que, depois de Jesus e com Ele, Maria tenha sua parte. “É esta a vontade de Deus que quer que tudo nos venha por Maria”.²

A graça marial reveste fisionomia própria em cada santo.

A alma ardente de um São Bernardo, o citarista de Maria, prorrompe em hinos diante das grandezas da Virgem-Mãe. *De Maria nunquam satis*. S. Tomás paira seu olhar de teólogo sôbre a maternidade divina, chave de abóbada de tôdas as grandezas de Maria. Contempla a Mãe do Verbo elevando-se, graças a essa maternidade, até os confins da Divindade: com o Pai Eterno, ela tem parte no mesmo Filho.

Seria êrro reduzir a devoção marial de Irmã Elisabeth a uma espécie de escravidão, como a concebia, por exemplo, S. Luiz Grinon de Montfort. Teria ela lido sequer essa obra-prima da literatura marial que é o *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem?* É com tôda a sua alma de contemplativa que vai a Maria e nela encontra a perfeita realização do seu ideal interior. Sente-se atraída particularmente pela Virgem da Encarnação, que adora o Verbo oculto em seu seio ou passa calma e silenciosa através das montanhas da Judéia, recolhida dentro de si com o Verbo que nela habita: no mundo exterior nada pode distraí-la da visão interior. A Virgem preferida da Irmã Elisabeth da Trindade é a Virgem do silêncio e do recolhimento.

Mas não foi sempre assim. Durante muito tempo sua piedade para com Maria foi como a de muitas jovens cuja fisionomia espiritual não tem ainda traços perfeitamente característicos. Dirigia-se à Santíssima Virgem como protetora de sua pureza, e em tôdas as suas festas renovava o voto de virgindade. Recorria a Maria em tôdas as necessidades, mais ou menos como a criança que, instintivamente, se põe sob a proteção da mãe. Nos momentos difíceis, recomendava-lhe com fervor o seu futuro e a sua vocação. A Virgem de Lourdes viu-a durante três dias prostrada a seus pés, supli-

² S. Bernardo *Sermo de Nativitate B. M. V.*

cando-lhe que a protegesse e oferecendo-se, em suas mãos, como vítima pelos pecadores. Elisabeth Catez não saía jamais de casa para ir a uma festa mundana sem primeiro implorar as bênçãos da Santíssima Virgem. Maria ouve sempre os pedidos dos corações puros. Sua graça de Virgem é virginalizar as almas, guardá-las santas e imaculadas no amor, sob o olhar de Deus. Graças à sua proteção Irmã Elisabeth passou pela terra pura como um lírio.

Seu *Diário* é cheio de pensamento de Maria. Em toda ocasião, feliz ou nefasta, recorre à Virgem suplicando-lhe a intervenção em minúcias que nos fariam quase sorrir. As vistas dos santos são mais penetrantes do que as nossas. Certo dia, receando ser aplaudida e ter tentações de vaidade, pede à Santíssima Virgem não a deixe assistir a uma *matinée* de crianças: na véspera, à tarde, é atacada de tão violenta dor de ouvidos, que, no dia seguinte, é-lhe impossível comparecer ao concerto. Aos 14 anos, Elisabeth vai em peregrinação, acompanhada de u'a amiguinha, ao Santuário de N. Sra. D'Etang, para pedir a graça de morrer jovem: ela deixa a terra aos vinte e seis anos. Cada vez que há uma nova graça a obter, são orações e novenas sem conta. A cada passo encontra-se Nossa Senhora em sua vida de jovem. Citemos ao acaso o *Diário*:

— “2 de fevereiro de 1899. — Purificação. — Em cada festa de Maria, renovo minha consagração a esta boa Mãe. Hoje, pois, confiei-me a ela e de novo lancei-me em seus braços, com a mais inteira confiança. Recomendé-lhe meu futuro e minha vocação”.

“12 de março de 1899. — Meu Mestre querido, sei que morro de dor se me não derdes aquela alma. Dai-ma, vô-lo conjuro, mesmo à custa de qualquer tormento. Maria, Virgem de Lourdes, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, vinde em meu auxílio; sem um milagre vosso tudo está perdido. Conto com êste milagre”.

“24 de março de 1899. — Ó Maria, a quem imploro, todos os dias, a graça da humildade, vem em meu socorro, esmaga o meu orgulho, envia-me muitas humilhações, querida Mãe”.

“2 de abril de 1899. — Tudo terminado! Como passou ligeiro esta missão! Antes de sair da igreja confiei meu pobre pecador à Virgem do Perpétuo Socorro; prometera invocá-la todos os dias por aquela pobre alma. Depois consagrei-me novamente a Maria. A ela me abandonei com plena confiança. Ela ouviu-me tão bem a respeito de minha vocação! Jamais poderei dizer-lhe todo o meu amor e gratidão. Sinto-me tão feliz! Meu coração transborda de alegria. São as prelibações da minha felicidade. Ó Mãe do Perpétuo Socorro, cada dia hei-de invocar-te por uma dupla intenção: para que continues a sustentar minha querida Mamãe que agora me compreende tão bem, e para que me sustentas também a mim neste caminho da Cruz onde entro tão alegre, após o meu Jesus. Mãe, obtém-me a graça de perseverar e de tornar-me perfeita. Guarda o meu coração puro.”

1. — A VIRGEM DO CARMELO. Sua piedade de Carmelita para com Nossa Senhora chegou rapidamente à vida de intimidade profunda. Em virtude de uma marcha psicológica normal, mas nem por isso, menos digna de nota, encontram-se na devoção marial dos santos os traços gerais da fisionomia espiritual de cada um. Irmã Elisabeth da Trindade que, desde o primeiro dia de Carmelo, já estava “tôda passada na alma de Jesus,” vai, graças aos mesmos reflexos psicológicos, fixar seu olhar contemplativo na alma da Santíssima Virgem. Decorridos apenas alguns dias desde a entrada no Convento, escrevia a sua Mãe:

“Depositei tua alma na da Mãe das Dores e pedi-lhe que te console. No fundo do claustro, temos uma estátua da *Mater dolorosa*, pela qual tenho muita devoção. Tôdas as noites vou falar-lhe de ti. Gosto muito das lágrimas da Virgem”.

O Carmelo é, por excelência, uma Ordem marial. “As almas chamadas por Deus a servi-Lo em nossa Ordem devem saber que sua primeira e principal obrigação, como Carmelitas, é honrar com um cuidado especial a Santíssima Virgem Maria, primeiramente em sua suprema dignidade de Mãe de Deus, em todos os privilégios e grandezas que esta qualidade encerra e na soberania que ela lhe confere no céu e na terra. Em segundo lugar, no excesso de bondade e de

humildade que levou a Virgem Santíssima a tornar-se Mãe e padroeira da Ordem.

“Para satisfazer êste dever, cada uma procurará comungar, ao menos uma vez por mês, em honra da Santíssima Virgem: pela realização de seus planos na terra, pelo aumento de sua glória em tôdas as almas, e para obter dEla que suas filhas nesta Ordem a amem, honrem, sirvam e lhe pertençam segundo todos os desígnios de misericórdia de seu divino Filho e segundo os seus próprios desejos”.³

A ninguém, por certo, terá passado despercebida a especial elevação desta devoção marial. A Carmelita vai direito à Mãe de Deus para regozijar-se com ela pela maternidade divina que nela explica tudo: “privilégios, grandezas, soberania sôbre o universo”.

É a atitude normal duma Carmelita: antes de tudo e sempre *Deus*, sem ser necessário acrescentar “Deus só”. É natural: a alma da Carmelita move-se em face do mistério, numa luz inteiramente divina, com exclusão radical de qualquer outra. A Virgem Maria, assim como a Santa Humanidade de Jesus e tôdas as outras criaturas só lhe aparecem relacionadas com Deus. Só depois, descendo desta “suprema dignidade de Mãe de Deus”, ela penetra com o olhar nessa maternidade de graça, cujo “excesso de bondade e de humildade levou a Santíssima Virgem a tornar-se Mãe e padroeira de sua Ordem”. Mas a Carmelita não deve parar aí. Segundo a vocação apostólica da Ordem, deve ela orar e imolar-se “pela realização dos desígnios de Maria na terra, pelo aumento de sua glória em tôdas as almas e particularmente para que os membros desta Ordem a amem, honrem, sirvam e lhe pertençam, segundo tôda a extensão dos planos de misericórdia de seu divino Filho”.

Irmã Elisabeth da Trindade lucrou, em alto grau, da devoção tão equilibrada que, durante o período de formação, recebem os membros das grandes Ordens religiosas. Uma longa tradição de santidade, uma palavra ouvida por ocasião dum comentário da Regra ou das Constituições, um soergui-

³ Papel de exação (Costumeiro levado a França pelas Madres espanholas).

mento quotidiano operado pelo simples jogo da vida comum, que restabelece as coisas nos verdadeiros lugares, o exemplo das almas fiéis que se impregnam do mais puro espírito da Ordem, tudo contribui para o avanço rápido na perfeição. Isto se manifesta particularmente, para Irmã Elisabeth da Trindade, na evolução de sua vida marial.

Ao entrar no claustro, sua piedade marial adquire, rapidamente, um aspecto carmelitano. Para bem compreender esta forma marial de devoção, cumpre lembrar que no Carmelo a solidão é tudo.

E que solidão na alma de Maria! Nela nada mais há de humano. É o ser puro, luminoso, transparente, livre de tudo, e que o amor culpável ou simplesmente sensível jamais atingiu: é virgem por excelência, separada de tudo. É aquela que passou sua vida “só com o Só” sem querer outra companhia senão a d’Ele, tanto na felicidade como na dor. Solidão do coração da Virgem, jamais retido pelas coisas sensíveis, que passou pelas afeições deste mundo efêmero “santa e immaculada no amor”. Solidão da alma da Virgem, em comércio com Deus só, tomando parte, sem dúvida, na vida dos homens, mas apenas para nêles cumprir uma obra divina; alma de Co-redentora, cada vez mais identificada com todos os movimentos da alma de Jesus, tão solitário, à noite, na montanha ou em Getsêmani. Solidão divina da alma da Virgem, transportada com o Verbo, seu Filho, até os confins da Divindade e ali associada a todos os desígnios da Santíssima Trindade, por causa do lugar universal que ocupa na salvação do mundo, mas sobretudo ali tão distante do Deus seu Filho. Abismos que fazem tremer!

No cume da vida, os santos são os homens mais solitários da terra. Que dizer então da Santíssima Virgem e do Cristo?

Quem pensa naquela solidão da alma do Verbo? No começo era o Verbo, e o Verbo estava em Deus... e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e os seus não o receberam. E vimo-Lo qual um Deus solitário passando no meio de sua criação. É verdade que no íntimo Ele vivia em companhia do Pai e do Amor, na Unidade, mas quem o suspeitaria ao vê-Lo? Assim é, proporcionalmente, quanto à alma da Santíssima

Virgem, tão isolada no meio dos homens em Nazaré, em Belém, ao pé da Cruz; na realidade tôda oculta em Deus com Jesus Cristo, cujo mistério repassava dia e noite no coração.

2. — A VIRGEM DA ENCARNAÇÃO. — Esta Virgem do Carmelo, estranha a tôdas as coisas criadas e adoradora do Verbo, oculto em seu seio, é a Virgem da Encarnação, a Virgem predileta de Irmã Elisabeth, cujo único ideal é também viver em silêncio e adorar a Deus, escondido no mais profundo de sua alma. “Pensamos nós assaz no que se devia passar na alma da Virgem Santíssima quando, depois da Encarnação, possuía em si o Verbo Encarnado, o Dom de Deus? Com que silêncio, com que recolhimento, com que adoração devia ela penetrar no íntimo de sua alma para apertar êsse Deus de quem se tornara Mãe”. ⁴ “Nenhum esforço me é preciso para entrar no mistério da habitação divina em Maria. Parece que encontro aí meu sentimento habitual, e que foi também o dela adorar em mim o Deus escondido”. ⁵

A leitura de S. João da Cruz, faz-lhe ver em Maria o modelo perfeito da união transformante e deseja passar pela terra como a Santíssima Virgem: silenciosa e adoradora do Verbo, inteiramente perdida na Santíssima Trindade. “Estou lendo neste momento páginas bellissimas em nosso Pai S. João da Cruz, sôbre a transformação da alma nas Três Pessoas divinas. A que abismo de glória somos chamados! Oh! compreendo bem os silêncios, os recolhimentos dos Santos que não podiam mais sair de sua contemplação. Por isso, Deus podia conduzi-los aos píncaros divinos onde o “Um” se consuma entre Êle e a alma tornada sua espôsa no sentido místico da palavra. Nosso bem-aventurado Pai diz que o Espírito Santo a eleva a uma altura tão admirável, que a torna capaz de produzir em Deus a mesma expiração de amor que o Pai produz com o Filho, e o Filho com o Pai, e que não é outra senão o próprio Espírito Santo. E dizer que Deus nos chama, por vocação, a vivermos sob êstes clarões divinos! Mistério adorável de caridade... Quisera corresponder a êle passando pela terra como a Virgem Maria: “guardando

⁴ Carta a sua irmã, novembro de 1903.

⁵ Carta a sua irmã.

tudo em meu coração”, ⁶ sepultando-me, por assim dizer, no fundo de minha alma, a fim de perder-me na Trindade santa que aí habita, e nela me transformar. Então minha divisa, meu “ideal luminoso”, será realizado: serei verdadeiramente Elisabeth da Trindade”. ⁷

Tinha grande devoção para com um quadro que lhe deram e que representava a Virgem da Encarnação, recolhida sob a ação da Santíssima Trindade: “Na solidão de nossa cela, a que chamo o meu pequeno paraíso — porque ela é tôda impregnada dAquele de quem vive no céu — olharei freqüentemente para o precioso quadro e me unirei à alma da Santíssima Virgem, no momento em que o Pai a cobria com sua sombra, enquanto o Verbo se encarnava nela e o Espírito Santo operava o grande mistério. É tôda a Santíssima Trindade que age, que se entrega, que se dá. E não é, porventura, nessa intimidade que deve escoar-se a vida da Carmelita”? ⁸

A Virgem da Encarnação, tôda recolhida sob a ação criadora da Santíssima Trindade que “nela opera grandes coisas”, ⁹ eis o ideal íntimo, tão caro à devoção de Irmã Elisabeth, para o qual se sente atraída como por “conaturalidade”, poderíamos dizer com a teologia. Desta longa experiência marial devia jorrar um dia a bela elevação a Santíssima Virgem: *Como encontrar o céu na terra.*

Si scires donum Dei ¹⁰ “se conhecesses o dom de Deus”, dizia Nosso Senhor à Samaritana. Mas, qual é êste dom de Deus, senão Ele mesmo? Entretanto, diz o discípulo amado: “Ele veio para os seus, e os seus não o receberam”. ¹¹

“S. João Batista poderia dirigir ainda a muitas almas aquela censura: “No meio de vós — em vós — está alguém que não conheceis”. ¹² “Se conhecesses o dom de Deus...”

“Há uma criatura que conheceu êste dom de Deus, uma criatura que não perdeu sequer uma parcela dêle, que foi tão pura, tão luminosa que parece a própria Luz: *speculum justi-*

⁶ S. Luc., II, 51.

⁷ Carta ao P. Ch..., 23 de novembro de 1903.

⁸ Carta a Sra de S..., 1905.

⁹ S. Luc., I, 49.

¹⁰ S. Jo., IV, 10.

¹¹ S. Jo., I, 11.

¹² S. Jo., I, 26.

tiae, criatura de vida tão simples, tão abismada em Deus que nada se pode dizer dela: *Virgo fidelis*: é a Virgem fiel “aquela que conserva tôdas as coisas em seu coração”. Ela se conservava tão pequena e recolhida diante de Deus, no segrêdo do Templo, que atraiu sôbre si as complacências da Santíssima Trindade. Por ter Ele olhado para a pequenez de sua serva, tôdas as gerações a proclamaram doravante bem-aventurada...

“O Pai inclinou-se sôbre a criatura tão bela, tão indifferente à própria beleza, e quis fôsse ela, no tempo, Mãe dAquele de quem é Pai na eternidade. Então veio sôbre ela o Espírito de Amor que preside a tôdas as operações da divindade, e a Virgem pronunciou o seu *fiat*: — “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo vossa palavra”¹³ e nela operou-se o mais sublime dos mistérios. Pela descida do Verbo, Maria ficou sendo para sempre prêsa de Deus.

Parece-me que a atitude da Virgem Maria durante os meses que decorreram entre a Anunciação e o Nascimento é o modelo das almas interiores, dos sêres que Deus escolheu para viverem no íntimo, no fundo do abismo insondável. Com que paz e recolhimento Maria se entregava a tôdas as ocupações! As mais banais eram por ela divinizadas, porque, em tudo, a Virgem não deixava de ser a Adoradora do dom de Deus. Isto não a impedia de entregar-se às obras exteriores quando se tratava de exercer a caridade. O Evangelho diz-nos que “Maria percorreu diligente as montanhas da Judéa para visitar sua prima Isabel”.¹⁴ Jamais a contemplação inefável nela diminui a caridade exterior, porque se a contemplação conduz ao louvor e à eternidade do Senhor, ela possui a unidade que jamais perderá”.¹⁵

3. — *JANUA COELI*. — Tal elevação de pensamento não jorra ao acaso. Supõe longa vida de intimidade marial, o que é confirmado pelos documentos.

Suas primeiras poesias, quando ainda jovem, tiveram por objeto a Virgem, “Anjo tutelar de sua pureza”. O pensa-

¹³ S. Luc. I, 38.

¹⁴ S. Luc. I, 39.

¹⁵ *O Céu na Terra*, 12.ª oração.

mento de Maria enchia o seu *Diário* de môça. Tendo-se feito religiosa, a Virgem Santíssima entra em todos os pormenores de sua vida. Suas cartas trazem, muitas vêzes, como assinatura: Irmã Maria Elisabeth da Trindade. Sua célebre oração foi composta na festa da Apresentação, festa “tão cara” em que encontrava o movimento mais habitual de seu coração: a oblação de Maria à Santíssima Trindade, não em Jerusalém, mas no templo de sua alma...

“Ó meu Deus, Trindade que adoro... Pacificai minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada querida, o lugar de vosso descanso. Jamais vos deixe eu Só, mas esteja sempre ao vosso lado, inteiramente atenta em minha fé, tôda ocupada em adorar-vos, sempre entregue à vossa ação criadora”.

Chegada ao fim de sua curta carreira, Irmã Elisabeth voltou-se num redobramento de ternura para a Imaculada, a Virgem de sua tomada de hábito: “Foi Ela, a Imaculada, que me deu o hábito do Carmelo, e agora peço-lhe me revista daquela veste de linho fino de que se orna a espôsa para assentar-se ao banquete de núpcias do Cordeiro”.¹⁶

Certa noite, na enfermaria, ao pousar o olhar sôbre uma imagem da Mãe das Dores, suspensa à parede, Irmã Elisabeth ouviu interiormente uma repreensão, como Deus costuma fazer aos Santos. Então, lembrando-se de uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes, junto da qual recebera, quando jovem, muitas graças, mandou pedi-la à sua mãe, a fim de que, Aquela que velara sôbre si, em sua entrada no mundo, “lhe guardasse também a saída”. Desde então, chamou-a *Janua Coeli*. Esta imagem não a deixou mais. Exausta, Irmã Elisabeth arrastava-se até a pequena tribuna que dava para o Côro, levando com dificuldade, nas mãos emagrecidas, aquela imagem de mais de trinta centímetros e demasiado pesada para o seu corpo enfraquecido. Quando se via *Janua Coeli*, *Laudem Glorïae* não estava longe.

Um dia, depositou na cela da Madre Priora um quadro representando uma cidadela com pontes-pênceis. Perto da porta cerrada estava a Virgem de Lourdes: era *Janua Coeli*.

¹⁶ Carta ao Cônego A..., fim de julho de 1906.

Num dos cantos da torre dentada baloiçava pequeno estandarte com a seguinte inscrição: “Cidadela da dor e do recolhimento, habitação de *Laudem Glorïae*, à espera da casa do Pai”.

Janua Coeli ¹⁷ tornara-se para ela a porta da Santíssima Trindade.

Nas últimas horas de sua agonia, as Irmãs consolavam-na, lembrando-lhe a presença da Virgem tão querida: “Nossa Senhora estará presente, é ela quem vos dará a mão”. — “Sim, é verdade: *Janua Coeli* deixará passar *Laudem Glorïae*”.

Na antevéspera da morte ainda ouviram-na murmurar: “Daqui a dois dias estarei no seio dos meus Três. *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi*. ¹⁸ É a Santíssima Virgem, êsse ser luminoso e puro, que vem tomar-me pela mão para introduzir-me no céu, nesse céu radiante”.

Ela quis pôr sob a proteção de *Janua Coeli* seu último retiro na terra, e, à tarde de 15 de agosto, entrava nesse retiro como “no noviciado do céu, a fim de preparar-se para receber o hábito de glória”. ¹⁹ Desde o primeiro dia Irmã Elisabeth dirigia-se à Santíssima Virgem, pedindo-lhe a realização do desejo supremo de sua alma: ser identificada com o Crucificado por amor e tornar-se, à sua imagem, um perfeito louvor de glória da Santíssima Trindade. “Ninguém viu jamais o Pai”, ²⁰ diz S. João, “senão o Filho e aquêles a quem aprouve ao Filho revelá-lo”. ²¹ Penso que se pode dizer assim: “Ninguém penetrou o mistério de Cristo em sua profundidade, senão a Virgem Maria”. João e Madalena penetraram-no muito. S. Paulo fala muitas vêzes da “inteligência” que teve dêle. Entretanto todos os santos ficaram na sombra quando fitamos a claridade da Santíssima Virgem. Ela, é a inenarrável. Nenhuma língua pôde jamais revelar, nenhuma pena traduzir “o segrêdo que ela guardava e meditava em seu coração”.

¹⁷ *Janua Coeli*: invocação das Ladainhas de Nossa Senhora, que significa: *Porta do Céu*.

¹⁸ Salmo CXXI, 1.

¹⁹ Bilhete a uma Irmã do Carmelo, 15 de agosto de 1906.

²⁰ S. Jo., VI, 46.

²¹ S. Mat. XI - 27.

Esta Mãe de graças vai formar minha alma a fim de que sua filhinha seja uma imagem viva, “atraente”, de seu Unigênito, o Filho do Eterno, Aquêle que foi o mais perfeito louvor de glória do Pai”.²²

No último dia de retiro, Irmã Elisabeth compôs ao correr da pena, uma bela elevação à Virgem, impulso espontâneo do coração, notável pela segurança da doutrina e pela admirável profundidade.

Certas páginas dos santos deviam ser lidas de joelhos:

“Depois de Jesus Cristo, sem dúvida alguma, e à distância que vai do infinito ao finito, existe uma criatura que foi também o grande louvor de glória da Santíssima Trindade. Ela corresponde plenamente à eleição divina de que fala S. Paulo: sempre pura, imaculada, irrepreensível aos olhos do Deus três vezes santo.

Sua alma é tão simples, seus movimentos tão profundos que ninguém os pode surpreender. Parece que reproduz na terra a vida do Ser divino, do Ser simples. É tão transparente e luminosa que se poderia tomá-la pela própria luz. Entretanto é apenas o “espelho do sol de justiça: *speculum justitiae*”.

“Maria guardava estas coisas em seu coração”.²³ Tôda sua história pode resumir-se nestas poucas palavras: foi em seu coração que viveu, e tão profundamente que nenhum olhar pôde segui-la.

Quando leio no Evangelho que Maria percorreu, “com tôda pressa, as montanhas da Judéia” para cumprir um dever de caridade para com sua prima Isabel, parece-me vê-la passar bela, calma, majestosa, recolhida em seu interior com o Verbo de Deus. Como Ele, sua oração foi sempre: *Ecce: Eis-me aqui.* — Quem? — A escrava do Senhor, a última das criaturas, Ela, sua Mãe.

Ela foi tão verdadeira em sua humildade! É porque foi sempre esquecida, ignorada, despreocupada de si mesma. Por isso podia cantar: “O Onipotente operou em mim maravilhas, e para o futuro tôdas as gerações me chamarão bem-aventurada”.

²² *Último Retiro, I.*

²³ S. Luc. II, 51.

Rainha das virgens, ela é também Rainha dos mártires; mas foi em seu coração que a espada a transpassou, porque nela tudo se passa dentro...

Quanto é bela e digna de ser contemplada em seu longo martírio, tão serena, cercada de uma espécie de majestade que revela a um tempo fôrça e doçura. É que o próprio Verbo lhe ensinara como devem sofrer aquêles que o Pai escolheu como vítimas, aquêles que quis associar à grande obra da redenção, "aquêles que conheceu e predestinou para serem conformes com o seu Cristo", ²⁴ o Crucificador por amor.

Ela está junto à Cruz: de pé, cheia de fôrça e de coragem, e eis que o Mestre me diz: *Ecce Mater tua*. ²⁵ Ele ma entrega por Mãe. E agora que Ele voltou ao Pai, e me deixou em seu lugar na cruz, a fim de que eu sofra em mim o que falta à sua Paixão, pelo seu corpo que é a Igreja, a Virgem ainda lá está para ensinar-me a sofrer como Ele, para repetir-me, para fazer-me ouvir os derradeiros cânticos de sua alma que ninguém, senão Ela, pôde perceber.

Quando tiver pronunciado o meu *consummatum est* ²⁶ é Ela, *Janua Coeli*, quem me introduzirá nos átrios divinos, repetindo-me baixinho a palavra misteriosa: *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi, in domum Domini ibimus...* ²⁷

²⁴ Rom, VIII - 29.

²⁵ S. Jo., XIX - 27.

²⁶ S. Jo., XIX - 30.

²⁷ Salm., CXXI - 1. — *Último Retiro*, 15.º dia.

CAPÍTULO VII

IRMÃ ELISABETH DA TRINDADE E AS ALMAS SACERDOTAIS

A alma de uma contemplativa não se deixa encerrar nos acanhados horizontes dos muros do convento. Sua vida espiritual transpõe os limiares da grande corrente de idéias da Igreja, e sua atmosfera é o ambiente mesmo da redenção. Sua oração co-redentora cobre, a cada instante, o mundo inteiro. Assim fazia a Virgem do Cenáculo. Enquanto os primeiros Apóstolos corriam à ação e ao martírio, Maria, orando em silêncio, acompanhava-os em todos os seus combates por Cristo. E quem ousaria pensar que a poderosa intercessão da Mãe de Deus não era mais eficaz para a extensão do reino de Cristo do que os trabalhos heróicos de um S. Pedro ou de um S. Paulo? A Igreja de Jesus jamais se esquecerá, no decorrer dos séculos de sua história militante, de que seu berço foi a oração contemplativa do Cenáculo, e de que a base constante de sua ação sobre as almas é a oração dos santos.

A maior parte das grandes famílias religiosas adotaram esta maneira de encarar o apostolado, e as Ordens mais apostólicas têm por costume sustentar o ministério exterior dos religiosos pela oração contínua das religiosas. S. Domingos, antes de fundar sua Ordem, começou por estabelecer as irmãs contemplativas e pregadoras de S. Maria de Prouille, cuja missão era apoiar com a vida de súplicas e sacrifícios os trabalhos dos Irmãos Pregadores.

No Carmelo, Irmã Elisabeth da Trindade viu-se neste ponto, em presença duma das tradições mais caras à sua

Ordem e mais fecundas para o bem espiritual da Igreja. São os sacerdotes que se beneficiam primeiramente da imolação silenciosa das filhas de S. Teresa.

Irmã Elisabeth professou sempre verdadeiro culto pelo sacerdócio. Teria ela oferecido a vida pelos padres? Seu pároco, que durante muito tempo foi seu confessor, estava disso persuadido. ¹ Se nenhum indício positivo nô-lo permite afirmar, numerosos documentos atestam que lhes reservou lugar de preferência em suas orações de Carmelita.

Quando um padre lhe recomendava seu ministério, tomava muito a peito a promessa de rezar por êle: “Senhor Paróco... desde nosso último locutório, sinto-me particularmente unida convosco e um poderoso impulso de oração transporta minha alma até a vossa, sobretudo no santo Ofício. Prometo reservar-vos, cada dia, um grande momento na recitação de Têrça, a fim de que o Espírito do Amor, que sela e consuma a Unidade na Santíssima Trindade, vos dê copiosa efusão de Si mesmo, vos transporte, sob a luz da fé, até àqueles altos cumes onde a vida é só paz, amor, união, reflexo dos raios do Sol Divino”. ²

1. — AMIZADE SACERDOTAIS. — Um respeito imenso apoderara-se de Irmã Elisabeth cada vez que aborda uma alma sacerdotal, ainda que membro de sua família: diante de Cristo o homem desaparece.

No locutório, jamais a menor sombra de sensibilidade feminina. “Era uma alma, eis tudo”, dizia-nos o jovem sacerdote que entrara em sua família, e a quem ela dirigira o maior número de cartas dêste gênero, ao todo uma dúzia. “Desde o início da conversa, “Deus só”, e não se descia mais daquela atmosfera inteiramente divina”. Irmã Elisabeth tinha uma idéia tão elevada e tão pura do sacerdócio!

A correspondência que entreteve com um seminarista durante sua preparação ao sacerdócio, e mais tarde em seu apostolado, revela-nos todos os impulsos de sua alma.

O primeiro encontro que tiveram foi todo sobrenatural. Ela escrevia a sua irmã: “. . . Tive um locutório divino com o

¹ Foi êle próprio quem nô-lo afirmou.

² Carta ao Padre J..., 11 de fevereiro de 1902.

P. Ch. Creio que houve fusão entre a alma do sacerdote e a da Carmelita". ³

Era uma intimidade que nascia e à qual só a morte havia de pôr termo. "Antes de entrar no grande silêncio da Quaresma, venho responder vossa carta e minha alma sente necessidade de dizer-vos que está em comunhão com a vossa para deixar-se prender, enlevar, invadir por Aquêlê cujo Amor nos envolve e nos quer consumir em sua Unidade. Lembrei-me de vós ao ler, no Pe. Vallée, as seguintes palavras sobre a contemplação: "O contemplativo é uma alma que vive sob a irradiação da Face de Cristo, que penetra no mistério de Deus não com a claridade que sobe do pensamento humano, mas com a que produz a palavra do Verbo Encarnado".

"Não vos apaixonou ouvi-lo? Por vêzes é tão forte a necessidade de nos calarmos que quiséramos não fazer outra coisa senão contemplar, como Madalena aos pés do Mestre, ávidos de tudo ouvir, de penetrar sempre mais a fundo no mistério de caridade que Êle veio revelar-nos. Não vêdes que na ação, enquanto aparentemente se cumpre o ofício de Marta, a alma pode ficar sempre mergulhada na contemplação, como Madalena, sem sair dêste manancial? É assim que entendo o apostolado, tanto para a Carmelita como para o sacerdote. Um e outro podem então irradiar Deus, dá-Lo às almas, com a condição de não deixarem esta fonte divina. Penso que seria preciso aproximar-se bem pertinho do Mestre, entrar em comunhão com sua alma, identificar-se com todos os seus movimentos e depois, como Êle fazer a vontade do Pai". ⁴

A mesma nota sobrenatural anima tôdas as suas cartas. Nada daquelas fórmulas de polidez banal: desde a primeira frase, as almas voam para Deus e não descem mais.

"Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim". ⁵ Parece-me que nada exprime tanto o amor do coração de Deus como a Eucaristia. É a união, a consumação, Êle em nós e nós n'Ele. Não é isto o céu na terra? O céu na fé, até que venha a visão, face a face, tão suspirada. Sere-mos saciados quando aparecer sua glória, quando o virmos em

³ Carta a sua irmã, setembro de 1902.

⁴ Carta ao Padre Ch., 24 de fevereiro de 1903.

⁵ S. Jo. XIII, 1.

sua luz. ⁶ Não achais que é um descanso para a alma pensar nesse encontro, nessa entrevista com Aquêle que é objeto único de seu amor? Tudo então desaparece e tem-se a impressão de entrar no mistério de Deus... Mistério tão “nosso”, como me dizíeis em vossa carta.

“Pedi a Deus que eu viva plenamente meu dote de espôsa, que esteja inteiramente à sua disposição, tôda atenta em minha fé e possa o Mestre conduzir-me aonde lhe aprouver. Quisera estar sempre perto dAquele que conhece todo o mistério e ouvir tudo de seus lábios. “A linguagem do Verbo é a efusão do Dom”. Não é assim que Ele fala à nossa alma no silêncio? Para mim, êste caro silêncio é uma beatitude. Da Ascensão ao Pentecostes estivemos em retiro, no Cenáculo, à espera do Espírito Santo. Estávamos tão bem! Durante tôda esta oitava temos o Santíssimo exposto no Oratório; são horas divinas que passamos naquele cantinho do céu, onde possuímos a visão em substância, debaixo da humilde Hóstia. Sim, é o mesmo que os bem-aventurados contemplam na claridade e que nós adoramos na fé. Outro dia, alguém me escrevia êste belo pensamento que vos envio: “a fé é um face a face nas trevas”. Porque não seria o mesmo para nós, visto que Deus não quer outra coisa senão apoderar-se de nós como se apoderou dos santos? Mas êles estavam sempre atentos, como diz o Pe. Vallée, “Êles calam-se, recolhem-se, e não têm outra atividade senão transformarem-se no ser que os recebe”. “Fiquemos unidos, Senhor Padre, para fazermos a felicidade “dAquele que nos amou ao excesso”, ⁷ como diz S. Paulo. Demo-Lhe em nossa alma um lugar de paz, onde se canta sempre o cântico de amor, de ação de graças. Depois, o grande silêncio... eco do que existe em Deus... Aproximemo-nos, como me dizíeis, da Virgem pura, luminosa, para que nos introduza nAquele em que Ela penetrou tão profundamente. Seja nossa vida uma comunhão contínua, um movimento simples para Deus. Rogai por mim à Rainha do Carmelo. Também rezo por vós. Ficai certo de que estou sempre unida convosco na adoração e no amor”. ⁸

⁶ Salm. XVI, 15.

⁷ Efés. II-4.

⁸ Carta ao Padre Ch..., 14 de junho de 1903.

Nenhum traço de sentimentalismo nestas linhas cuja pureza nada tem de terrestre.

Aproxima-se o diaconato do seminarista. Irmã Elisabeth escreve-lhe, em nome do Carmelo de Dijon, para dizer-lhe que não ficará esquecido: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*.⁹ Estando nossa Reverenda Madre ocupada esta tarde, encarrega-me de vos escrever, a fim de que recebais uma palavrinha do Carmelo dizendo-vos quanto estamos unidas convosco neste grande dia. Quanto a mim, é até o fundo da alma, lá onde habita o Espírito Santo, que me recolho e me retiro. Peço a êste Espírito de amor, “que tudo penetra, até as profundezas de Deus”¹⁰ que se dê a vós com superabundância, ilumine vossa alma para que, sob essa grande luz, possais receber a “Unção do Santo”, de que fala o discípulo do amor. Convosco canto o hino de ação de graças e calo-me para adorar o mistério que vos envolve todo o ser. É tôda a Trindade Santa que se inclina e desce sôbre vós para fazer brilhar em vós a “glória de sua graça”.¹¹

“S. Paulo, na epístola dos Romanos, diz que “aquêles que Deus conheceu em sua preciência, predestinou-os a serem conformes com a imagem de seu Filho”.¹² Parece-me que é de vós que se trata nesse trecho. Não sois porventura êsse predestinado que Deus escolheu para seu sacerdote? Penso que, em sua atividade de amor, o Pai se inclina para vossa alma, que a modela com sua mão divina e seu toque delicado a fim de que seja cada vez maior a semelhança dela com o Ideal divino, até o dia em que a Igreja vos dirá: *Tu es sacerdos in aeternum*.¹³ Então, tudo em vós será como uma cópia de Cristo, o Pontífice Supremo e podereis *reproduzi-Lo, sem cessar, diante do Pai e diante das almas*. Que grandeza! É a virtude “eminente” de Deus que passa em vosso ser para transformá-lo e divinizá-lo. Que recolhimento, que atenção afetuosa para Deus exige essa obra sublime”.¹⁴

⁹ Salmo LXXXVIII, 2.

¹⁰ I. Cor. II, 10.

¹¹ Carta ao P. Ch..., abril de 1905 (por ocasião de seu diaconato)

¹² Rom. VIII, 29.

¹³ Salmo CIX, 4.

¹⁴ Carta ao P. Ch..., primavera de 1905 (antes do sacerdócio).

Chegada, enfim, a hora da ordenação sacerdotal, diante do mistério iminente, a alma de Irmã Elisabeth sente-se impotente para traduzir os seus sentimentos e refugia-se numa oração mais intensa. “Pedi licença à reverenda Madre para vos escrever e dizer-vos quanto minha alma estava ao lado da vossa nestes últimos dias que precedem vossa ordenação. Mas eis que ao me aproximar de vós diante do grande mistério que se prepara, não sei mais senão calar-me. . . e adorar os excessos de amor de nosso Deus. Com a Santíssima Virgem, podeis cantar o *Magnificat* e exultar em Deus vosso Salvador, porque o Onipotente operou grandes coisas em vós e sua misericórdia é eterna. Em seguida, como Maria, conservai tôdas estas coisas no coração. Chegai-o bem perto do dela, pois esta Virgem sacerdotal é também “Mãe da divina graça”, e, em seu amor, quer preparar-vos para vos transformar “no sacerdote fiel segundo o coração de Deus”,¹⁵ de que fala a Sagrada Escritura. Como êsse pontífice “sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem nascimento, sem fim de vida”,¹⁶ imagem do Filho de Deus, como observa S. Paulo, na epístola aos Hebreus, sois, também, pela unção sagrada, alguém que não pertence mais à terra, o mediador entre Deus e as almas, chamado a fazer brilhar a “glória de sua graça” pela participação eminente da grandeza de sua virtude. Jesus, o Sacerdote eterno, dizia ao Pai, ao entrar no mundo: “Eis-me aqui para cumprir vossa vontade”.¹⁷ Penso que deve ser esta a vossa oração nessa hora solene de vossa entrada no sacerdócio e quero fazê-la convosco. Sexta-feira, no Santo Altar, no momento em que, pela primeira vez, em vossas mãos consagradas, Jesus, o Santo de Deus, virá encarnar-se na humilde hóstia, não vos esqueçais daquela que Êle trouxe para o Carmelo para ser o *louvor de sua glória*. Pedi-Lhe que a sepulte nas profundezas de seu mistério e a consuma no fogo de seu amor. Depois, ofereci-a ao Pai com o Cordeiro divino. Adeus, Sr. Padre. Se soubesseis quanto rezo por vós! “Que a graça

¹⁵ I Reis, II, 35.

¹⁶ Hebr. VII, 3.

¹⁷ Hebr. X, 9.

de Nosso Senhor Jesus Cristo, a caridade de Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam convosco".¹⁸

2. — O PADRE NA MISSA. — Irmã Elisabeth apreciava o padre, sobretudo no altar, no momento em que, em suas mãos, o Verbo Encarnado se imola pela Igreja. O senso de Cristo gravado em sua alma pelo batismo fazia-lhe compreender que, naquela hora principalmente, o sacerdote exerce no mundo o officio de mediador. Ela não ia, como Santa Catarina de Sena, beijar as pegadas do sacerdote que, na Comunhão, lhe dera Jesus Cristo, mas, com insistência comovente, jamais deixava de suplicar aos sacerdotes conhecidos que se lembrassem dela no santo Altar, e mergulhassem sua alma "no sangue do Cordeiro".¹⁹ "Sei que rezais por mim cada manhã na santa Missa. Ponde-me no cálice para que minha alma seja inteiramente banhada no Sangue de Cristo, de que tenho tanta sêde, para que eu seja pura, transparente, e que a Santíssima Trindade possa se refletir em mim como em um cristal".²⁰

Não deixa passar nenhuma ocasião de festas ou aniversários sem pedir êste grande favor. "Amanhã é a festa de Santa Madalena, de quem a Verdade afirmou: "Ela amou muito".²¹ É também festa para minha alma, porque celebro o aniversário de meu batismo. Já que sois o sacerdote do Amor, venho pedir-vos, com licença de Nossa Reverenda Madre, que me consagreis a Êle, amanhã na santa Missa. Batizai-me no sangue do Cordeiro, a fim de que, virgem de tudo que não é Êle, eu não viva senão para amar cada vez mais apaixonadamente, até chegar à unidade a que Deus nos predestinou por sua vontade eterna e imutável. Com meus agradecimentos, Revdo. Padre, acolho-me sob vossa benção".²²

Igual pedido faz ela por ocasião do retiro particular: — "Parto esta tarde para uma grande viagem, que nada mais é do que um retiro particular. Vou ficar dez dias em solidão absoluta, com várias horas de oração suplementar e não

¹⁸ II Cor. XIII, 13. Ao P. Ch..., 27 de junho de 1905.

¹⁹ Carta ao Cônego A..., agôsto de 1902. (Of. Apoc. VII. 14).

²⁰ Carta ao Cônego A..., agôsto de 1902.

²¹ S. Luc. VII, 47.

²² Carta ao P. Ch..., 21 de julho de 1905.

circulando no mosteiro senão com o véu baixo. Minha vida será antes a de um eremita no deserto. Antes de entrar em minha Tebaida, sinto necessidade de vir implorar o socorro de vossas orações, sobretudo uma grande intenção no santo Sacrifício da Missa. Quando consagrardes a hóstia, Jesus, “o único Santo”, vai encarnar-se. Consagrai-me com Ele, como “vitima de louvor” à sua glória, a fim de que tôdas as minhas aspirações, todos os meus movimentos, todos os meus atos sejam uma homenagem à sua santidade!

“Sêde santos, porque Eu sou santo”.²³ Recolho-me sob esta palavra: ela é a luz sob cujos raios vou empreender minha santa viagem. Seu comentário está em S. Paulo: “Deus escolheu-nos em seu Filho, antes da criação, para sermos imaculados e santos em sua presença no amor”.²⁴ Aí está o segredo da pureza virginal: permanecer no amor, isto é, em Deus: “Deus é Amor”.²⁵ Durante êstes dez dias rezai muito por mim; confio inteiramente em vossas orações. Direi mesmo que isto é muito simples. Foi para nos ajudarmos mutuamente que Deus uniu nossas almas. Ele mesmo o diz: “O irmão auxiliado pelo irmão é como uma cidade fortificada”.²⁶ É esta a missão que vos confio. Fazei por mim aquela oração que o grande coração de S. Paulo elevava a Deus em favor dos seus caros Efésios: “Que o Pai, segundo as riquezas de sua glória, vos encha de fôrça no poder de seu Espírito, de modo que Cristo habite pela fé em vossos corações, e sejais enraizados e alicerçados no amor. Oxalá compreendesseis a altura e a profundidade dêste mistério e conhecesseis o amor de Cristo que fica acima de todo conhecimento, a fim de que habite em vós a plenitude de Deus”.²⁷ “Santifiquemos Jesus em nossos corações para que se realize o que Davi cantava sob a inspiração do Espírito Santo: “Sobre êle resplandecerá minha santificação”.²⁸

²³ Levítico XI, 44.

²⁴ Efés. I, 4.

²⁵ I Jo. IV, 16.

²⁶ Prov. XVIII, 19.

²⁷ Efés. III, 4-14. — Carta ao Pe. Ch..., 8 outubro 1905.

²⁸ Salm. CXXXI, 18.

Quando, na última fase da vida, Irmã Elisabeth encontrou na Sagrada Escritura o seu nome novo, é ao sacerdote da Missa que se volta ainda:

“Ajudai-me, Revdo. Padre, tenho grande necessidade de ser auxiliada. Quanto maior é a luz, maior é também a minha impotência. No dia 8 de dezembro, visto que sois pontífice magno, consagrai-me, por obséquio, ao seu poderoso amor, a fim de que eu seja realmente *Laudem Glorise*. Foi em S. Paulo que li isto e compreendi que era esta minha vocação, desde êste exílio até que vá cantar o *Sanctus Eterno*”.²⁹

3. — ASSOCIADA AO APOSTOLADO SACERDOTAL. — No mistério da Missa, há dois gestos do celebrante que revelam bem a missão do sacerdócio, e todo o sentido de sua mediação ascendente e descendente. Na consagração, o sacerdote eleva a Hóstia à Santíssima Trindade e depois na Comunhão, volta-se para os fiéis e distribui-lhes o Pão de Vida. Ofertar Jesus à Santíssima Trindade e dá-Lo ao mundo, eis a dupla missão do sacerdote na terra.

Seria necessário possuir uma alma de Cristo para exercer esta função divina. Eis porque tôda a Igreja deve ajudá-lo a adquiri-la e mais particularmente ainda as almas contemplativas. Daí vem a imolação silenciosa duma multidão de vidas: são as mais puras, as mais crucificadas que passam pelos claustros.

Irmã Elisabeth da Trindade possuía alto conhecimento dos interesses espirituais do sacerdócio, da necessidade de rezar pela santificação dos padres.

É claro que não se pode exigir de uma Carmelita todo um tratado teológico do sacerdócio. Irmã Elisabeth não entra na análise de tôdas as virtudes sacerdotais, piedade, pureza, desapêgo das riquezas, ciência, obediência, zelo pela salvação das almas e pela glória de Deus. Não é êste seu papel nem tampouco seu temperamento espiritual. Segundo o seu método habitual, ela vai tomar as virtudes da sua fonte: a união com Deus. Graças a uma marcha psicológica normal, transpõe ela para a alma do sacerdote seu o próprio sonho de

²⁹ Carta ao P. Ch..., dezembro de 1905.

vida interior. Traduz o ideal do sacerdócio numa fórmula de concisão sublime: o padre é *um outro Cristo que trabalha pela glória do Pai*. Quanto teria ela apreciado a bela palavra de Pio XI em sua magistral encíclica sôbre o sacerdócio: "Que o padre viva com outro Cristo: *Vivat ut alter Christus*".⁸⁰

Em conformidade com sua graça própria, com delicada discrição e total modéstia, Irmã Elisabeth, sem pretender dar lições, mas deixando simplesmente desabafar-se sua alma de Carmelita na alma do sacerdote, sabe lembrar o segrêdo de todo apostolado: sem vida interior o padre pode fazer muito ruído mas pouco será o bem que opera, se é que não faz o mal, um mal irreparável.

Conhecia perfeitamente o texto de seu pai espiritual, S. João da Cruz, no *Cântico*: "O menor ato de puro amor tem maior valor diante de Deus que tôdas as outras obras reunidas".⁸¹ A menor centelha de puro amor tem assim para a Igreja máxima importância.

Ser apóstolo é comunicar Cristo ao mundo. Mas ninguém o dá senão na medida em que O possui. Em seu último discurso aos discípulos, na véspera de morrer, o Mestre ensinou-nos as verdadeiras leis do apostolado: "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem fica em Mim e Eu nêle produzirá frutos abundantes. Separado do tronco o ramo não pode frutificar. O mesmo acontece convosco: Sem Mim nada podeis fazer. Mas se ficardes em Mim (e tanto quanto estiverdes unidos a Mim) dareis fruto, muito fruto". "Pela oração obtereis tudo quanto quizerdes. Vai nisto a glória de meu Pai, que deis os mais abundantes frutos possíveis. Assim como meu Pai me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor."⁸² Este discurso de Jesus depois da Ceia é a Carta do apostolado cristão.

A exemplo do Mestre Irmã Elisabeth da Trindade, tão preocupada com a vida interior, não podia deixar de notar a necessidade que o padre tem de estar unido com Deus, se por sua vez, quiser comunicá-Lo às almas. No pensamento dela,

⁸⁰ *Ad catholici sacerdotii*: 20 de dezembro de 1935.

⁸¹ *Cântico Espiritual, estrofe XXIX* (ed. das Carmelitas de Paris, 318).

⁸² S. Jo., XVI, 1-9.

o apóstolo é, antes de tudo, um homem de oração e de imolação silenciosa, como o Divino Crucificado que salvou o mundo, não por ações brilhantes nem por discursos pomposos, mas pelos sofrimentos e pela morte. Seu apostolado de Carmelita, associado à ação do sacerdote, quer conservar-se na linha dessa imolação redentora e na imitação daquela morte. Ela toma o cuidado de “completar em sua carne o que falta à paixão de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja”³³ e de preencher destarte as misteriosas lacunas da Paixão, deixadas por Deus a fim de que também nós possamos trazer nossa gôta de sangue à obra grandiosa da redenção do mundo.

“Peçamos-Lhe nos torne verdadeiros no nosso amor, isto é, faça de nós seres de sacrifício, pois, para mim, sacrifício é amor em ação “Ele amou-me e entregou-se à morte por mim.” Gosto muito dêste pensamento: a vida do padre — e da Carmelita — é um Advento que prepara a Encarnação nas almas.” Davi canta em um salmo: “O fogo irá adiante do Senhor”.³⁴ O fogo, não é o amor? E não é também nossa missão preparar os caminhos do Senhor por nossa união com Aquêle a quem o Apóstolo chama de fogo devorador”?³⁵ Nossa alma, em contato com êle, torna-se uma chama de amor a espalhar-se por todos os membros do corpo de Cristo, que é a Igreja. Consolaremos, então, o Coração do Mestre e Êle poderá dizer, mostrando-nos ao Pai: “Eu já sou glorificado nêles”.³⁶

Sua alma apostólica soube penetrar o sentido profundo do dogma da Comunhão dos Santos, que associa cada membro ao bem espiritual da Igreja inteira. Consciênte desta verdade, e para julgar seu papel particular de contemplativa no conjunto do corpo místico, sabia elevar-se, sem falsa humildade, à luz altíssima da unidade da Igreja militante e triunfante no “Cristo total” em marcha para a Santíssima Trindade. Longe de ninharias e sensibilidades, sua grande alma de contemplativa movia-se à vontade nos horizontes do plano divino.

³³ Colos. I, 24.

³⁴ Salm. XCVI, 3.

³⁵ Hebr. XII, 29.

³⁶ Ao P. B..., 1902 — S. Jo. XVII, 10.

“Bem vêdes que para as almas não há distância nem separação, mas a realização da oração de Jesus: Sejam êles consumados na unidade”.³⁷ Parece-me que tanto as almas, na terra, como os bem-aventurados na luz da visão, vivem pertinho uns dos outros, visto que todos comungam no mesmo Deus, no mesmo Pai que se dá a uns na fé e no mistério e aos outros sacia na sua claridade divina. Mas, é o mesmo Deus, que trazemos em nós. Êle inclina-se para nós com tôda a sua caridade, dia e noite, querendo comunicar-nos, infundir-nos vida divina, a fim de fazer de nós sêres deificados que O irradiem por tôda parte. Que poder tem sôbre as almas o apóstolo que nunca deixa as fontes de água viva! Êle pode, então, transbordar em torno de si sem jamais esvaziar sua alma, porque comunga com o Infinito. Rezo muito por vós, para que Deus penetre tôdas as potências de vossa alma e vos dê participação em todo o seu mistério; que tudo em vós seja divino e marcado com o seu sinete a fim de que possais ser *um outro Cristo a trabalhar pela glória do Pai*. Rezai também por mim. Quero trabalhar pela glória de Deus e para isto devo estar inteiramente cheia d’Êle. Serei então poderosa: um olhar, um desejo, tornam-se oração irresistível que pode obter tudo porque é, por assim dizer, Deus que oferecemos a Deus. Possam nossas almas ser uma mesma coisa com Êle. Enquanto vós O levais às almas fico eu, como Madalena, em silêncio e adoração junto do Mestre, pedindo-Lhe que torne vossa palavra fecunda. Apóstolo, Carmelita, é a mesma coisa. Sejamos d’Êle sem reserva, deixemo-nos invadir por sua seiva divina. Seja Êle a vida de nossa vida, a alma de nossa alma e permaneçamos dia e noite conscientes, sob sua ação divina”.³⁸

Equilíbrio perfeito nesta doutrina da Carmelita associada ao apostolado do sacerdote na Igreja! Enquanto o padre leva Cristo às almas pela palavra, pelos sacramentos e pelas outras várias formas do ministério, a Carmelita fica em silêncio — outra Madalena aos pés de Jesus, ou melhor, como a Virgem Co-redentora, junto da Cruz, identificada interior-

³⁷ S. Jo., XVII, 23.

³⁸ Carta ao P. B..., 22 de junho (sem data).

mente com todos os movimentos da alma do Crucificado e sofrendo a morte com Ele pelos mesmos fins redentores.

4. — O PADRE E A DIREÇÃO DAS ALMAS. — O padre ocupa realmente lugar primordial na vida cristã. Pela participação no govêrno das almas, êle é constituído, como diz S. Paulo, “colaborador de Deus”.³⁹ Irmã Elisabeth da Trindade escrevia: “Vós sois o dispensador dos dons de Deus, e o Todo-Poderoso, cuja imensidade cobre o universo, parece necessitar de vós para dar-se às almas”.⁴⁰

Não refletimos bastante nisto.

É das mãos do sacerdote que o mundo recebe Jesus Cristo. É por êle que a criança nasce à vida de Cristo pelo batismo. Por êle que, na confirmação, ela cresce e se fortifica nesta vida. Pelas mãos do padre, tôdas as manhãs, a alma se alimenta de Deus; e sempre pelo padre, levanta-se de suas faltas e ressuscita para a vida divina. No momento em que, chegado à maturidade, é-lhe necessário fixar o seu estado, é o padre que vem dar Cristo a seu lar. Enfim, no declinar da existência quando tudo se acaba, um supremo gesto do padre atrai sôbre o velho cuja vida se apaga, a benção de Deus: “Parte, alma cristã, para o Cristo de teu batismo”: é o padre que lhe abre as portas do céu. Desta maneira, do berço até o túmulo, o padre está sempre presente.

Esta influência do sacerdote sôbre tôda a vida do homem, não se limita exclusivamente aos indivíduos, mas estende-se também às nações. Só o padre recebeu de Cristo a missão de “ensinar a todos os povos até os confins da terra”.⁴¹ Pela palavra e pela ciência, êle leva as inteligências e se submeterem ao “jugo suave de Cristo”.⁴² “Se considerarmos as verdades que o padre ensina”, nota o Papa Pio XI na Encíclica *Ad catholici sacerdotii*,⁴³ “se quisermos pesar-lhe a fôrça íntima, fácil será compreender quanto a influência do padre é benfazeja para a elevação moral e a tranqüillidade dos povos. É êle — e muitas vêzes ele só — quem lembra

³⁹ I Cor. III, 9.

⁴⁰ Ao P. B... (sem data).

⁴¹ S. Mat. XXVIII, 19.

⁴² S. Mat. XI, 30

⁴³ 20 de dezembro de 1935

a grandes e pequenos a rapidez desta vida, o caráter fugidio dos bens do mundo, os verdadeiros valores espirituais e ternos, a realidade dos juízos de Deus, a santidade incorruptível do olhar divino que perscruta todos os corações para recompensar a cada um segundo suas obras. O padre é verdadeiramente o mediador entre Deus e os homens, para fazer subir até o Altíssimo a oração que Lhe acalma a ira”.

E que dizer da ação do sacerdote sôbre as almas de vida espiritual mais elevada na Igreja? Mais do que as outras, têm elas necessidade de sua sábia direção, a fim de se não extraviarem no “caminho estreito” e cercado de precipícios que conduz à união divina. S. João da Cruz deixou páginas severas e avisos rigorosos aos diretores ineptos, falhos de ciência e de virtude. Um bom diretor de almas é raro e precioso! “É preciso escolhê-lo entre mil”, dizia S. Francisco de Sales. S. Teresa, que tanto sofreu com isto, guardou sempre grande reconhecimento aos sacerdotes doutos e piedosos, que Deus lhe dera nas horas difíceis, como poderoso apoio à sua alma e às suas fundações. Devido aos benefícios recebidos em tais circunstâncias, dos grandes teólogos da Ordem de S. Domingos, ela dizia-se “dominicana de coração”.

Este gôsto de sã doutrina e da sábia direção ficou tradicional no Carmelo. Irmã Elisabeth, neste ponto como nos outros, mostrou-se verdadeiramente filha de S. Teresa.

Quando criança e môça, ia confessar-se regularmente com o pároco que lhe servia de diretor. Achava-o mesmo “demasiado bom” e pensou um momento em pedir a um padre jesuíta uma direção mais enérgica.

Diário — 6 de fevereiro de 1899: “Sexta-feira, sábado e domingo, realizam-se as festas da adoração perpétua de nossa paróquia. É o meu antigo confessor que deve pregar. Ficarei muito satisfeita de vê-lo, de falar-lhe de minha vocação. Quantas vêzes já senti falta de sua direção firme e severa. O Sr. Pároco é excelente, é mesmo bom demais; falta-lhe energia; conduz-me muito vagarosamente. Outro dia falei a Mãe de deixá-lo e tomar o Pe. Chesnay, pregador do retiro; ela, porém, não gostou; não tocarei mais nisto”.

“Sexta-feira, 10 de fevereiro: “Fui confessar-me hoje e fiquei muito satisfeita. Falei do retiro com meu diretor. Comuniquei-lhe minhas resoluções e tôdas as graças que Deus me concedeu durante êstes dias. Aconselhou-me a me acusar em cada confissão das faltas cometidas contra as resoluções tomadas. Disse-me que farei assim muito progresso”.

Em Dijon, ela gostava de assistir às conferências espirituais e retiros dos padres jesuítas; consultava-os para as necessidades da alma e punha fielmente em prática os seus avisos.

Admirava e apreciava imenso a doutrina do Pe. Vallée, “tão profundo, tão luminoso”.⁴⁴ A influência dêste eminente religioso se manifesta em alguns dos traços mais característicos de sua fisionomia espiritual: calar-se e crer no amor; viver no íntimo da alma em sociedade com Aquêle que lá está e que quer a cada instante purificar-nos e salvar-nos. Três meses antes da morte, Irmã Elisabeth ainda lhe pedia conselhos e rogava que lhe traçasse um programa prático de conformidade com o divino Crucificado, idéia dominante de seus últimos dias”.

“Penso que no ano próximo celebrarei vossa festa com S. Domingos, na herança dos santos, na luz da visão. Êste ano, é ainda no céu de minha alma que me recolho para festejar-vos na intimidade; sinto necessidade de vô-lo dizer; tenho também necessidade de me recomendar a vossas orações, para que seja muito fiel, muito atenta e possa galgar o calvário como espôsa do Crucificado. “Os que Deus conheceu em sua preciência, predestinou-os a serem conformes com a imagem de seu Filho”. Quanto gosto dêste pensamento do grande S Paulo: êle descansa minha alma. Penso que, “em seu amor excessivo, o Pai conheceu-me, chamou-me, justificou-me, e, à espera de que me glorifique, quero ser o incessante louvor de sua glória. Pedi-lhe esta graça para vossa filha. Ainda vos lembrais? faz cinco anos hoje que eu batia à porta do Carmelo e vós lá estáveis para abençoar-me os primeiros passos na santa solidão. Agora é às portas da eternidade que bato e vos peço vos inclineis de novo sôbre minha

⁴⁴ A' Sra. A..., 29 de setembro de 1902.

alma e a abençoeis na entrada da "casa do pai". Quando estiver no grande foco de amor, no seio dos "Três", para os quais orientastes minha alma, não esquecerei o que fizestes por mim, e por minha vez procurarei retribuir a meu Pai, de quem tanto recebi.

Ousaria eu exprimir-vos um desejo? Ficaria tão satisfeita se recebesse algumas linhas em que me direis como devo realizar o plano divino: "ser conforme com a imagem do Crucificado".

Adeus, Rev. Padre. Abençoi-me em nome dos "Três" e consagrai-me a *Ele* como pequena hóstia de louvor".

Irmã Elisabeth não corria, como tantas almas inquietas, de diretor em diretor. Contentava-se, com simplicidade e docilidade, com os confessores que a Providência enviava ao Carmelo. Mas não hesitava também, quando necessário, em recorrer a um ministério extraordinário. Assim, na véspera da profissão, só pôde recobrar a plenitude da paz, com a palavra autorizada dum religioso, discreto e sábio, vindo expressamente para ela.

Guardou, durante tôda a vida, afeição filial e reconhecida para com o bondoso Cônego, amigo de sua família, que recebeu suas primeiras confidências.

"Se a santa Regra do Carmelo impõe silêncio à minha pena, nem por isso minha alma e meu coração deixam de ir ter convosco; êles transpõem muitas vêzes, a clausura. Penso que Nosso Senhor me perdoa, pois é com *Ele* e n^o*Ele* que faço esta viagem. Rezai por vossa pequena Carmelita, a fim de que êste ano seja mais cheio de fidelidade e de amor. Eu quisera tanto ser a consolação do Mestre ficando sempre unida a *Ele*. Vou fazer-vos uma confidência muito íntima: meu sonho é ser "o Louvor de Sua glória". Li isto em S. Paulo e o divino Espôso fêz-me compreender que é esta minha vocação, desde êste exílio até que vá cantar o *Sanctus* eterno na pátria dos eleitos. Mas isto exige grande fidelidade porque, para ser "louvor de glória", é mister morrer a tudo que não é *Ele* e não vibrar senão sob seu toque, e a pobre Elisabeth comete ainda muita tolice para com o Mestre; mas como Pai terno, *Ele* perdoa-lhe e seu divino olhar a purifica. Como S. Paulo,

ela procura “esquecer o passado a fim de correr para o que está adiante”. ⁴⁵

“Vejo quanto é necessário santificar-me, esquecer-me para só cuidar dos interesses da Igreja. Pobre França! Gosto tanto de cobri-la com o Sangue do Justo, “dAquele que está sempre vivo para interceder por nós”, ⁴⁶ e de implorar misericórdia. Quão sublime é a missão da Carmelita! Deve ser medianeira, com Cristo, ser-Lhe uma como humanidade de acréscimo na qual possa Ele perpetuar sua vida de reparação, de sacrifício, de louvor e de adoração. Rogai-Lhe que eu esteja à altura de minha vocação e que não abuse das graças a mim prodigalizadas. Se soubesseis quanto medo tenho, às vêzes! Então, lanço-me nAquele a quem S. João chama de “Fiel, Verdadeiro” e suplico-lhe seja Ele próprio minha fidelidade... Domingo da Epifania é o terceiro aniversário de minhas núpcias com o Cordeiro imaculado. Peço-vos que no Santo Sacrifício, ao consagrardes a hóstia em que Jesus se encarna, consagreis também vossa filha ao Amor Todo-Poderoso, para que Ele a transforme em Louvor de Glória”. ⁴⁷

Desta maneira, fiel à vontade do Mestre e à sabedoria da Igreja, pede a Carmelita ao sacerdote que a auxilie nas diversas fases da vida espiritual e a conduza à união divina. É o verdadeiro sentido do sacerdócio: pela palavra, pela oração, pelos sacramentos, e pela missa sobretudo, “formar Jesus Cristo no mundo das almas, e por Ele, com Ele, nEle”, “consumá-las na unidade” com Deus.

Havia uma coisa que Irmã Elisabeth da Trindade não suspeitava: era a atmosfera divina a que conduzia as almas sacerdotais que tiveram a dita de privar com ela, e que guardaram a lembrança de sua elevada santidade. ⁴⁸ Assim acontece, muitas vêzes, no exercício do sacerdócio. A Sabedoria divina faz com que, freqüentemente, o padre que se inclina sobre as almas é por elas santificado. Sabem-no os que disto têm experiência: Se o padre é dado por Deus às almas para dirigi-las e salvá-las, há, no plano da Providência, almas

⁴⁵ Filip. III, 13.

⁴⁶ Hebr. VII, 25.

⁴⁷ Carta ao Cônego A..., janeiro de 1906.

⁴⁸ Testemunhos recebidos (seu confessor tributa-lhe verdadeiro culto).

postas junto aos padres para mostrar-lhes ou antes lembrar-lhes o caminho das alturas. Mestre Bañez, o célebre professor da Universidade de Salamanca e fiel apoio de S. Teresa, deveu a seus entretenimentos com a santa reformadora algumas das mais elevadas luzes que o tornaram tão profundo teólogo contemplativo. S. João da Cruz, por sua vez, acrescentava a seu "cântico" uma estrofe sublime sôbre a Beleza divina, depois de ter ouvido as confidências duma Carmelita de Veas.

Quem poderá dizer o número de iniciativas sobrenaturais e obras de apostolado que, no decorrer da história da Igreja, tiveram igual inspiração?

Quantas almas sacerdotais hauriram nos escritos de Irmã Elisabeth da Trindade uma visão definitiva dos altos horizontes, donde tudo se renova! Era assim que a humilde Carmelita de Dijon retribuía ao sacerdócio um pouco do que havia dêle recebido. Do alto do céu, Irmã Elisabeth continua, mais do que nunca, sua missão de Carmelita, associada ao apostolado sacerdotal, a fim de apressar "o dia do Senhor", ⁴⁹ em que "Deus será tudo em todos" ⁵⁰ para "louvor de Sua glória". ⁵¹

⁴⁹ Filip. I, 10.

⁵⁰ I Cor. XV, 28.

⁵¹ Efés. I, 12.

CAPÍTULO VIII

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

1. — PAPEL DO DONS DO ESPÍRITO SANTO. — O estudo dos dons do Espírito Santo trata das mais elevadas operações da vida espiritual e toca os pontos culminantes da teologia mística. Esta atividade *deiforme*, que reveste as almas dos “hábitos da Santíssima Trindade”, é o triunfo supremo da graça, cujo brilho só se manifesta no declínio da vida dos Santos, no momento em que o *eu*, de certo modo desaparecido, só Deus parece tomar as iniciativas de sua vida. Introduzida de modo permanente na intimidade das Pessoas divinas, a alma entra em comunhão com a vida trinitária. Segundo a expressão de S. João, ela vive “em sociedade” ¹ com o Pai, o Filho e o Espírito Santo “na unidade”. ² É a graça do batismo em seu pleno desabrochamento.

No comêço não é assim. O cristão move-se “em Deus”, mais ou menos como o filho adotivo que se não habituou ainda em sua nova família. A pessoa batizada só possui *imperfettamente* esta vida essencialmente deiforme e não sabe ainda como fazer para viver “à maneira de Deus”. É mister, pois, que as Pessoas divinas venham ensinar-lhe a habitar na família trinitária como Deus mesmo e, mais especialmente, “à maneira do Verbo” visto que a conformidade com o Filho marca o térmo supremo de nossa predestinação em Cristo.

A *passagem do modo humano* das virtudes cristãs ao *modo divino*, constitui precisamente o objeto próprio da ati-

¹ I Jo., I, 3.

² S. Jo., XVII, 21.

vidade dos dons do Espírito Santo. A medida que o cristão avança na vida divina e nêle desabrocha a graça do batismo, êste ser humano que, segundo a expressão de S. Pedro, é verdadeiramente “participante da natureza divina” ³ tal qual ela subsiste na unidade da Santíssima Trindade, deve tomar cada vez mais consciência da filiação divina que o torna “estranho” a tudo que não é Deus. O cristão é outro Cristo cuja vida profunda está escondida com o Filho único no seio do Pai para ser ai “consumado” na unidade do mesmo Amor. É da natureza divina, comunicada pelo Pai ao Filho e por Eles ao Espírito Santo, que os predestinados participam pela graça. De grande importância é compenetrar-se desta verdade fundamental. A definição da graça contém, rigorosamente, todo o sentido sobrenatural das virtudes e dos dons do Espírito Santo que dela derivam como as propriedades derivam da essência. Como havemos de saber que a fé nos torna “participantes do Verbo” ⁴ se ignoramos que, em sua essência mais íntima, a alma, pela graça de adoção, se tornou conforme com a Santíssima Trindade? Só êste conceito da graça, o mais tradicional e o mais profundo ao mesmo tempo, explica como, sob a moção especial das Pessoas Divinas, podemos viver desde esta vida “com uma alma de eternidade”, “à maneira do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, pelo menos tanto quanto o permitem as obscuridades da fé e as dificuldades da vida presente, obstáculo insuperável ao perfeito exercício atual da caridade. O termo “participação” ⁵ inclui e define tôdas as modalidades que a vida deiforme pode assumir nas almas, desde os primeiros passos do recembatizado até os atos mais divinos dos “raros perfeitos da terra”, ⁶ estabelecidos de maneira permanente nos cumes da união transformante, prelúdio normal da vida eterna. A graça, com efeito, por essencialmente ordenada ao modo deiforme da glória, encaminha, sempre mais e mais, os predestinados para essa vida perfeita de semelhança com Deus, de que a Santíssima Trindade é, para todos os batizados sem exceção, princí-

³ II Pedro, 1-4.

⁴ Cf. S. Tomás, I, q. 38, a. 1.

⁵ Participação formal, analógica, inadequada.

⁶ S. Tomás, III, q. 61, a. 5.

pio exemplar. “Sêde perfeito *como vosso Pai*”,⁷ dizia Jesus, isto é: vivei à maneira duma Pessoa divina. Todo o progresso de nossa vida espiritual consiste, precisamente, em nos despojarmos, cada vez mais, dêsse modo humano das virtudes para nos aproximarmos, por imitação, do movimento mais íntimo, mais oculto, mais divino da vida trinitária. Não julgar mais os acontecimentos à maneira humana, mesmo sob as luzes da fé, mas, unicamente, à luz do Verbo e “como Êle”; amarmos à maneira de Deus, sem nos inclinar para um bem criado ou incriado, a não ser por Deus primeiramente, por sua glória, assim como as Pessoas Divinas se amam e amam o universo, num mesmo impulso de Amor.

Relembrar êstes princípios da mais elevada teologia mística, é retraçar todo o papel dos dons do Espírito Santo, cujo efeito próprio é encaminhar as almas para a união transformante ou conservá-las aí revestidas dos costumes da Santíssima Trindade.

O Espírito age a princípio lentamente, progressivamente, e por intermitências; depois, se a alma é fiel, sua atividade é cada vez mais freqüente, mas rápida, até tornar-se permanente. É o triunfo da *predominância dos dons* do Espírito Santo na alma dos santos. Jesus Cristo que fazia cada um de seus atos sob a moção do Espírito Santo, é disto o modelo mais perfeito. Depois d’Êle, a Virgem fiel é o tipo ideal mais acessível à nossa fraqueza, visto como Cristo é Deus, e por isso fica sempre a distância infinita de nós.

Esta vida mística desabrochamento normal da graça do batismo, é a preparação imediata à vida deiforme dos bem-aventurados. A teologia chega mesmo a defini-la “a vida eterna começada”. A alma, revestida dos habitos divinos, tanto quanto pode uma criatura na terra, está, como dizia Irmã Elisabeth da Trindade: “imóvel e pacífica como se já habitasse na eternidade”, “em sociedade” com o Pai, o Verbo e o seu Amor comum. Sob a luz deiforme que lhe é comunicada, a alma considera Deus e todos os sêres “à maneira do Verbo”, à maneira de Deus, naquela Luz única em que

⁷ S. Mat. V, 48.

o Pai contempla o Filho e o Espírito Santo e em que a criação aparece a cada uma das Pessoas da Trindade.

Ela ama as Pessoas Divinas e o próximo, como Deus se ama a si próprio e a todo o universo, no mesmo Espírito de Amor. Assim, graças a essa atividade deiforme das virtudes teologais, sob a moção dos dons, a alma torna-se, segundo a expressão ousada de S. Tomás, “participante do Verbo e do Amor: *particeps Verbi, particeps Amoris*.⁸ Ela conduz-se, em meio dos acontecimentos da vida, “à maneira de Deus”,⁹ como Jesus Cristo, seu modelo, sempre dirigia, em tôdas as suas ações, pelo sôpro do Espírito. Este “modo deiforme” é o efeito próprio dos dons do Espírito Santo. Para a alma, é a vida com Deus na união transformante, “tendo com Ele um só e mesmo espírito”,¹⁰ com exclusão de qualquer outra luz, de qualquer outro amor. Por participação, sem dúvida, e com tôdas as *distinções que comporta nossa irreduzível individualidade em face do Incrriado*. Sob a moção do Espírito de temor e de ciência, a alma é consciente do seu nada, mas, ao mesmo tempo, repousa, confiada no socorro onipotente e salvador que guarda segura sua herança eterna.

Por sua vez, as virtudes cardiais entram nessa fase de transformação divina na medida em que se pode descobrir em Deus seu protótipo ideal. Em Deus, a Prudência é a Providência universal e tutelar que dirige os menores acontecimentos do mundo, “com fôrça e suavidade”.¹¹ Em Deus não há temperança, porque as paixões animais não se encontram na Divindade, mas sim uma feliz concentração na unidade e uma misteriosa *circunsessão*¹² das Pessoas divinas que repousam uma na outra: o Pai no Filho e ambos no Amor, a gozarem em comum da mesma felicidade. A Fortaleza em Deus é a tranqüillidade imutável que mantém a Santíssima Trindade numa paz inalterável, acima das agitações humanas. Enfim a Justiça de Deus consiste na observância benévola, porém fiel, das leis livremente estabelecidas por seu

⁸ S. Tomás, I, q. 38, a. 1.

⁹ S. Tomás, 3 Sent. d. XXXIV q. I a 3, *ut jam non humanitus, sed quasi Deus factus participatione operetur*.

¹⁰ I Cor VI, 17.

¹¹ Sabedoria, VIII, 1.

¹² Circunsessão

Amor, visando sua própria glória e o bem verdadeiro dos predestinados.

A alma que entrou nos costumes de Deus participa mais ou menos dessa vida deiforme, que a torna agradável às Pessoas Divinas. “A Santíssima Trindade gosta de rever nas criaturas Sua própria imagem”.¹³ O Mestre bem o sabia: “Sêde perfeitos como o Pai Celeste”.¹⁴ Tôdas estas virtudes, de “modo deiforme”, imprimem na alma a semelhança com a vida de Deus. Pela graça e suas propriedades, a alma *participa verdadeiramente da natureza Incriada e dos atributos divinos*.

Sua prudência, desprezando tôdas as contingências e vaidades do mundo, vai refugiar-se exclusivamente na contemplação das coisas divinas. Sua temperança, enquanto lhe permite o corpo, deixa de lado tôdas as alegrias sensíveis, até desconhecê-las por completo. É o *Nescivi* da alma que encontrou seu Deus, cuja posse a deixa num ardente e feliz esquecimento de tudo mais. Sua fortaleza é uma certa semelhança com a Imutabilidade divina. Nada mais pode distraí-la e, menos ainda, afastá-la de Deus. A luta já não existe para ela; é o triunfo de Deus em sua vida. Tôdas as potências são pela justiça orientadas para Êle, a fim de servi-Lo e adorá-Lo. Em tudo ela presta a Deus honra e glória, vivendo com Êle na unidade do mesmo Espírito. A alma que chegou a tais alturas entra definitivamente no ciclo da vida trintária e parece viver como Deus “em um eterno presente”.¹⁵

Irmã Elisabeth da Trindade, leitora assídua do *Cântico* e da *Viva Chama*, não se deteve na descrição dêstes estados superiores. Não por ignorar ou desprezar o áspero caminho da Subida do Carmelo. Ao contrário, um penoso ascetismo está implícito na descrição que faz dos mais elevados estados místicos: a alma que não morreu a tudo, que “segue um pensamento inútil, um desejo qualquer”,¹⁶ põe barreiras em sua marcha para as alturas. Sòmente “às almas decididas a co-

¹³ Carta ao Cônego A..., agosto de 1902.

¹⁴ S. Mat. V, 48.

¹⁵ *Último Retiro*, X.

¹⁶ *Último Retiro*, II.

mungar *efetivamente* na Paixão de Cristo e na conformidade com sua morte”,¹⁷ conseguem chegar à união transformante: um verdadeiro louvor de glória é crucificado como o Filho. Entretanto, é mister se reconheça também que a tendência de seu espírito é antes de tudo mística. Encontra-se nela uma doutrina muito pessoal sobre a união transformante, de que as últimas cartas e os dois retiros fornecem a expressão mais evoluída, no momento em que sua vida estava dominada pelo modo deforme da atividade dos dons do Espírito Santo. A ninguém deve surpreender este caráter original, absolutamente irreduzível da doutrina mística de Irmã Elisabeth. O Espírito Santo é essencialmente multiforme e na união transformante há diferentes mansões, poderíamos mesmo dizer uma variedade infinita e Deus manifesta assim melhor a sua glória. Encontram-se descrições diversas nos Padres e Doutores da Igreja que tratam das questões místicas de conformidade com os seus temperamentos, gostos, educação e meio próprio. S. João da Cruz e S. Teresa, nas análises que nos deixaram dos estamos místicos, ao lado de um acôrdo essencial, apresentam diferenças notáveis. S. Tomás de Aquino, gênio essencialmente didático, utiliza o pensamento de Plótino, o maior místico da antiguidade, e condensa em um interessante artigo o estudo sucinto, mas profundo, da semelhança com os hábitos divinos acessível apenas a alguns “raros perfeitos na terra”,¹⁸ Neste artigo temos, em resumo, como em suma mística, o ponto culminante de sua doutrina moral e de sua opinião pessoal sobre a união transformante.

Nesta questão, principalmente, seria pueril esperar que Irmã Elisabeth nos desse um ensinamento sistemático sobre a existência, a necessidade, a natureza, as propriedades dos dons do Espírito Santo, considerados à luz da união transformante. Não cabe à Carmelita ensinar magistralmente os caminhos espirituais, porém segui-los no silêncio duma vida inteiramente “escondida em Deus com Cristo”.¹⁹ É ao teólogo que compete discenir o valor doutrinal deste testemunho e

¹⁷ *Último Retiro*, V.

¹⁸ S. Tomás, III, q. 61, a. 5.

¹⁹ Colos. III, 3.

de nêle descobrir a realização concreta dos princípios da ciência mística.

É assim que, no fundo da alma carmelitana de Irmã Elisabeth, se manifesta a encarnação viva da doutrina clássica dos dons do Espírito Santo.

Alguns pensam muitas vêzes, mas sem razão, que as moções do Espírito Santo são reservadas exclusivamente aos atos heróicos e que êles são acompanhados de graças extraordinárias: simples carismas concedidos, às vêzes, por Deus a seus servos para utilidade da Igreja, mas que é de grande importância distinguir da atividade dos dons. Por si mesmos, êles não os implicam. A Mãe de Deus, tipo ideal, absolutamente perfeito, da alma fiel, sempre dócil ao Espírito Santo, não teve jamais êxtases, e provàvelmente não fêz milagre algum na terra. Passou despercebida entre as mulheres de Nazaré, e, todavia, o menor gesto, o menor olhar seu tinha maior eficiência co-redentora do que os sofrimentos de todos os mártires juntos, e até do que todos os méritos da Igreja militante até o fim do mundo. As operações da graça santificante pertencem à mesma ordem infinitamente superior, essencialmente trinitária. Quanto mais deiforme é o princípio do agir, tanto mais meritória é a atividade. O menor ato de Jesus Cristo, pelo fato de emanar da Pessoa de um Deus, tinha um valor meritório, impetratório e satisfatório infinito. Com um sorriso e como a brincar, Jesus poderia ter resgatado milhares de mundos.

Este ponto de doutrina é capital. E consola ver que os próprios santos nêle se apóiam. Como Santa Teresinha, Irmã Elisabeth declara que a mais alta santidade não consiste nas revelações e nos milagres, nem num gênero de vida extraordinário, mas na fé pura, em uma caridade tão divina e atual quanto possível, manifestada pela prática incessante do dever quotodiano. "Tudo está na intenção. Podemos santificar as menores ações, divinizar os atos mais ordinários da vida".²⁰ Não sonhemos com martírio nem com êxtase: "A alma, que vive unida a Deus, só faz obras sobrenaturais, e

²⁰ Carta a sua mãe, 10 de setembro de 1906.

as ocupações mais vulgares, longe de afastá-la, aproximam-na d'Ele, cada vez mais".²¹

Irmã Elisabeth deixou-nos sôbre a Virgem Maria uma palavra profunda que revela quanto possuía a intuição destas verdades: "As coisas mais banais eram por Ela divinizadas".²² Ela descobria na Virgem da Encarnação, silenciosa e fiel, adoradora do Verbo oculto em seu seio, o verdadeiro modelo das almas interiores que desejam viver na simplicidade, sempre dóceis aos menores impulsos do Espírito Santo. Eis aí, a seu ver, a verdadeira santidade. Mas, "que recolhimento, que atenção afetuosa para com Deus exige esta obra sublime. S. João da Cruz diz que a alma deve conservar-se no silêncio e na solidão para que o Altíssimo possa realizar os planos que tem sôbre ela. *Ele a conduz*, então, qual mãe que toma o filhinho nos braços, *encarrega-se de sua direção íntima* e reina sôbre ela, pela abundância e tranqüillidade de paz que lhe comunica".²³

"Todos os seus atos procedem, ao mesmo tempo, dela e de Deus".²⁴ É a um tempo passiva, sob a moção divina e ativa pelo seu livre arbítrio. Deus não suprime a atividade pessoal, mas dirige-a, eleva-a, segundo o seu modo divino de agir. São êstes, manifestantes, os traços caraterísticos do regime dos dons. "A alma que penetra e permanece nestas profundezas de Deus, cantadas pelo Rei-profeta, e que, por conseguinte, faz tudo n'Ele, por Ele e para Ele, com a limpidez de vistas que a assemelha ao Ser simples, esta alma, por todos os atos, *mesmo os mais ordinários*, enraíza-se, cada vez mais profundamente, em seu Bem-amado. Nela tudo presta homenagem ao Deus três vêzes santo; ela é, por assim dizer, um *Sanctus* perpétuo, um permanente louvor de glória".²⁵ É a vida perfeita, na docilidade de cada instante ao menor sôpro do Espírito Santo.

Ainda uma última observação geral.

A graça santificante traz simultâneamente à alma todo o organismo sobrenatural das virtudes e dos dons. Mas sua

²¹ Idem.

²² *O Céu na Terra*. 12.^a oração.

²³ Carta ao P. Ch..., primavera de 1905.

²⁴ *O Céu na Terra*, 3.^a oração.

²⁵ *Último Retiro*, VIII.

livre atividade não guarda em todos o mesmo relevo. Certas almas salientam-se por esta ou aquela virtude, enquanto que as outras (presentes, todavia, e agindo quando o exigem as circunstâncias) passam ao segundo plano. Assim é que a fortaleza brilha particularmente nos mártires; a pureza, nas virgens; a fé esclarecida, na vida dos doutôres; o puro amor de Deus, no silêncio da contemplação. Do mesmo modo há dons do Espírito Santo que predominam na vida dos santos. O dom de conselho, nos homens de govêrno; o dom de ciência, acompanhado, às vêzes, do dom de lágrimas, nos apóstolos convertedores de almas, as quais se comovem profundamente à vista da miséria moral de seus irmãos em Cristo. O dom de sabedoria predomina nos grandes contemplativos que se elevam acima do mundo criado, para viverem só para Deus, na companhia habitual das Pessoas Divinas.

Não é pois de admirar que, na vida e doutrina espiritual de Irmã Elisabeth Trindade, os sete dons do Espírito Santo não se apresentem com igual brilho. O dom de temor de Deus parece apenas esboçado. Do mesmo modo, o dom de Conselho. Enquanto que o dom de Fortaleza brilha no meio dos sofrimentos que fizeram de seus últimos dias um atroz Calvário. São principalmente os grandes dons contemplativos de Inteligência e de Sabedoria que, instintivamente, lhe transportam a alma para as profundezas da vida trinitária.

A análise dos dons do Espírito Santo vai permitir-nos entrar nas mais secretas operações do amor da Santíssima Trindade nesta alma tão divinamente amada.

2. — TEMOR DE DEUS. — Jamais uma falta mortal manchou a alma virgem de Irmã Elisabeth da Trindade. Em consequência, nela não existiu vestígio algum daquele temor culpável dos mundanos. O mêdo do inferno, que atormenta tantas almas santas, nem de leve parece tê-la tocado. Para ela só uma coisa importou sempre no pecado: a ofensa infinita ao Deus de amor. É o que a atormenta na sorte dos pecadores e em sua própria vida: temor filial da alma que só receia a ofensa causada ao Pai infinitamente bom, digno de

tôda fidelidade. “Lamento os pecados que tanto mal vos fizeram”. ²⁶

Antes morrer do que pecar: “Se eu devesse algum dia ofender mortalmente o Espôso que amo acima de tudo, então, ó morte, ceifa-me antes que cometa tão grande mal”. ²⁷ “Estou disposta a morrer antes que ofender-vos voluntariamente, ainda que seja pelo pecado venial”. ²⁸

Sob a influência deste Espírito de Temor, a alma treme diante da Infinita Majestade que nela habita e poderia aniquilá-la num momento, como lhe parece merecer, por causa de suas faltas. Enquanto a alma permanece em tal sentimento de temor religioso, diríamos quase de terror sagrado, todo movimento de complacência em si mesma é impossível. A alma afasta, com tôdas as fôrças, tudo quanto poderia desagradar a Deus. Este espírito de temor conserva-a na humildade, guarda da caridade perfeita. Sentimento necessário a tôda criatura diante da Majestade de Deus, e que anima. a cada instante, os bem-aventurados no céu, êle atinge sua expressão suprema na alma de Cristo, em face do Poder formidável do Pai, infinitamente temível para os pecadores.

Se em Irmã Elisabeth não se encontra aquela forma de temor reverencial, inspirado pelo pensamento da tremenda Majestade divina, tão cruciante na alma de certos Santos e no Agonizante de Getsêmani, fácil é descobrir em sua vida outros efeitos característicos do mesmo temor. A êste dom está unida a bem-aventurança dos “pobres de espírito”, a primeira de tôdas, em afinidade especial como o primeiro dos sete dons que tornam a alma perfeitamente dócil ao Espírito Santo. “Bem-aventurados os pobres de espírito”, ²⁹ os desprendidos de tudo, aquêles para quem a única riqueza ambicionada é a Santíssima Trindade. Quanto ao resto: nada. Nada nas criaturas; nada na memória e nos sentidos; pobreza, pobreza, pobreza. Nada na inteligência, a não ser a Luz do Verbo; nada na vontade e no íntimo da alma, a não ser a presença da Santíssima Trindade, a única que dá feli-

²⁶ *Diário*, 14 de março de 1899.

²⁷ *Diário*, 10 de março de 1899.

²⁸ *Diário*, 11 de março de 1899.

²⁹ S. Mat. V, 3.

cidade. Sob a influência dêste Espírito de temor, a alma, livre de qualquer pensamento de amor estranho a Deus, corre para o seu nada, esvazia-se de si mesma, teme o menor pecado, a menor mancha, a menor imperfeição, o menor apoio na criatura. Para realizar esta feliz pobreza libertadora, nada lhe serve senão andar "Só com o Só".

Foi esta a forma nitidamente carmelitana que tomou na Irmã Elisabeth o dom de temor de Deus: O Espírito Santo levou-a a desapegar-se de tudo e a refugiar-se, acima de qualquer motivo humano, em Deus só, vazia de tôdas as coisas criadas.

3. — ESPÍRITO DE FORTALEZA. — O dom de fortaleza é um dos mais característicos da fisionomia espiritual e da doutrina mística de Irmã Elisabeth.

A contemplação da Alma do Crucificado fêz desaparecer sem demora os seus primeiros temores de criança. Foi êste o segrêdo da transformação tão rápida de sua atitude diante do sofrimento. Seu diário de môça mostra já as vitórias sôbre si mesma e sôbre aquela sensibilidade pueril que lhe fazia temer ir ao dentista. Seu ideal virilizou-se. Agora ela fita a dor de frente e até a deseja com veemência.

Aos dezenove anos escreveu: "Quero viver e morrer como crucificada".⁸⁰

Verdadeiro martírio é a vida religiosa. Os Santos nela encontram ampla seara de sacrifícios cruciantes, cujo mérito pode igualar e até superar o do martírio de sangue. Contudo que se não deixe passar ocasião alguma de mortificar a natureza e de se entregar sem reserva ao Amor, Deus sabe descobrir na vida religiosa, para cada alma, no âmbito de sua vocação, o caminho do Calvário que a levará, sem desvio, à configuração perfeita com o Divino Crucificado. A observância — fiel em tudo — duma regra religiosa aprovada pela sabedoria da Igreja bastaria para encaminhar as almas aos cumes mais elevados da santidade. Daí dizer o Papa João XXII: "Dai-me um Dominicano que observe fielmente sua Regra e suas Constituições e, sem milagre, o canonizarei". O mesmo se poderia dizer da legislação do Carmelo e de

⁸⁰ *Diário*, 31 de março de 1899.

qualquer outra forma de vida religiosa. O cumprimento perfeito do dever obscuro exige o exercício quotidiano do dom de fortaleza. Não são os atos extraordinários que fazem os Santos, mas a *maneira divina* de realizá-los. Este "heroísmo de pequenez", de que S. Teresinha deu na Igreja o exemplo talvez mais brilhante, revestiu, na Carmelita de Dijon, nova forma de realização. Como as mortificações extraordinárias que lhe foram sempre interditas, procurou supri-las por uma fidelidade heróica às menores observâncias da Ordem; na Regra do Carmelo, encontrou "a forma de sua santidade", ⁸¹ e o segrêdo de "derramar seu sangue gôta a gôta pela Igreja, até o total extenuamento". ⁸²

O dom da fortaleza, com efeito, ao contrário do que comumente se pensa, não consiste tanto em empreender ações extraordinárias, mas em suportar com paciência e alegria tôdas as cruces da vida. Esta fôrça de alma brilha nos Santos no momento do martírio. Na vida de Jesus, ela tem seu esplendor na Cruz. Joana d'Arc foi mais forte na fogueira do que na entrada vitoriosa em Orléans à frente de seu exército.

Em Irmã Elisabeth da Trindade encontram-se estas duas formas do dom de fortaleza e principalmente a segunda.

No comêço da vida religiosa, levada pelo entusiasmo do primeiro fervor, devoram-na uma fome e sêde incríveis de santidade: "Gosto de viver nestes tempos de perseguição. Como devíamos ser santos... Implorai para mim essa santidade de que tenho tanta sêde... Pudesse eu amar como os santos, como os mártires"! ⁸³ Não são palavras ao vento, como, por vêzes, em certas almas que sonham com martírio de amor e não suportam as pequenas desinteligências, as pequenas alfinetadas da vida comum. Irmã Elisabeth, ao contrário, não se perde nas miragens de uma santidade quimérica, mas guia-se pelo realismo prático dos santos. Iluminada pelo Deus Crucificado, soube descobrir nos menores atos da vida ordinária o melhor meio de dar a Deus o penhor de seu amor. "Não sei se terei a felicidade de dar a meu Divino Espôso o testemunho do sangue, mas, pelo menos, se levar

⁸¹ Carta ao Cônego A..., 15 de julho de 1903.

⁸² A sua Priora.

⁸³ Carta ao Cônego A..., 11 de setembro de 1901.

plenamente minha vida de Carmelita, tenho a consolação de gastar-me por **Ele**". ³⁴ Se me perguntassem em que consiste o segrêdo da felicidade, dizia: "em não fazer mais caso de si, em renunciar-se sempre". ³⁵ Durante os últimos meses de sua vida, ela foi ao encontro da dor "com a majestade de uma rainha". ³⁶ Todo o seu ser arruinado, calcinado, corria à destruição. Foi para aquela alma de mártir a hora triunfal do dom de força. O intrépido "louvor de glória", cada vez mais identificado com a Alma do Divino Crucificado, dava a impressão da força divina do Calvário. Ao vê-la, a Madre Piora pensava imediatamente na imagem de Cristo crucificado. Ela também tinha consciência do verdadeiro sentido desta consumação de sua vida no meio da dor. Numa carta à sua mãe dizia: "Receias que eu seja uma vítima destinada ao sofrimento. Peço que te não aflies, pois não sou digna disto. Imagina que não é pouca honra partilhar os sofrimentos do meu Espôso Crucificado e ir à paixão com **Ele** e com **Ele** ser redentora". ³⁷ "O sofrimento atrai-me cada vez mais. Este desejo parece sobrepujar o do céu que, entretanto, é bem forte. Deus não me tinha ainda feito compreender que a dor é a maior prova de amor que **Ele** possa dar à criatura. Em cada novo sofrimento, beijo a Cruz de meu Mestre e digo-Lhe: obrigada! Sinto-me indigna. Considera que o sofrimento foi o companheiro de sua vida e não mereço que o Pai me trate como a **Ele**". ³⁸ O sinal pelo qual reconhecemos que Deus está em nós e que seu amor nos domina, é recebermos não só com paciência, *mas com gratidão*, o que nos fere e faz sofrer. Para chegarmos a este ponto, cumpre contemplarmos o Deus Crucificado por amor e esta contemplação, se é verdadeira, leva-nos ao amor do sofrimento. Mãe querida, recebe, à luz que jorra da cruz, tôda provação, tôda contrariedade, tôda maneira de agir pouco agradável. É assim que agradamos a Deus e progredimos no amor. Oh! agradece-Lhe por mim pois me sinto *tão, tão* feliz! Pudesse eu espalhar um pouco

³⁴ Carta ao Cônego A..., julho de 1903.

³⁵ Carta a Fr. de S..., 11-9-1906.

³⁶ Palavras duma testemunha.

³⁷ Carta a sua mãe, 18 de julho de 1906.

³⁸ Carta a sua mãe, 25 de setembro de 1906.

desta felicidade entre as pessoas queridas Nosso encontro será à sombra da Cruz para aí aprendermos a ciência do sofrimento”.³⁹

Irmã Elisabeth sentia-se “alegre pela vontade sob a mão que a crucificava.” Gostava então de refugiar-se na devoção à Rainha dos Mártires, abismada na dor “imensa como o oceano”,⁴⁰ mas “firme e forte aos pés da Cruz”⁴¹ na plenitude do gôzo divino — *plane gaudens*⁴² pensando ir à Santíssima Trindade aplacada pela oblação do Filho e o espetáculo da Redenção que se operava sob seus olhos. Um dos últimos bilhetes dirigidos a sua mãe nos permite surpreendê-la nessa atitude heróica do dom de fortaleza: “Há um ser que é Amor e que deseja viver em sociedade conosco. Ele está a meu lado, fazendo-me companhia, ajudando-me a sofrer, ensinando-me a *sobrepujar a dor* para repousar nEle. Isto transforma tudo”.⁴³

É evidente, tudo isto ultrapassa o modo humano de agir e se explica pelo dom de fortaleza, que sustentava Cristo na Cruz.

4. — DOM DE PIEDADE. — O Espírito de Jesus reveste em nós aspectos multiformes: É Espírito de temor, de fortaleza, de piedade, de conselho, de ciência, de inteligência, de sabedoria.

Pelo dom de temor e pela bem-aventurança dos pobres, Ele leva a alma ao despreendimento absoluto: nada, nada, nada⁴⁴ e à confiança em Deus que nunca falta. A alma desconfia de si para se refugiar na Onipotência divina. O Espírito de Fortaleza apodera-se dela e a faz repetir cheia de confiança: “Tenho fome e sede de justiça,⁴⁵ de santidade.” “Senhor, espero em Ti, não serei jamais confundida”.⁴⁶ Disposta a sofrer todos os martírios por Deus, podia exclamar com S. Teresinha: “Um martírio não me bastaria, eu os

³⁹ Carta a sua mãe, 25 de setembro de 1906.

⁴⁰ Cf. *Trenos*, II, 19.

⁴¹ *Stabat Mater*.

⁴² Encíclica *ad diem illum*, 2 de fevereiro de 1904.

⁴³ Carta a sua mãe, 20-10-1906.

⁴⁴ Gráfico de S. João da Cruz.

⁴⁵ S. Mat. V, 6.

⁴⁶ Salmo XXX, 2.

quereria todos”,⁴⁷ ou como Elisabeth da Trindade: “Eu quisera amar como os santos, como os mártires... amar até morrer”.⁴⁸ Que dizer das maravilhas que o Espírito de Jesus pode realizar em tais almas? Ele penetra as mais íntimas profundezas de seu ser e leva-as a soltarem gemidos inefáveis para Deus. A alma, filha adotiva da Santíssima Trindade, murmura com ternura filial: “*Abba Pater*”,⁴⁹ meu Pai”. É o mesmo Espírito do Filho.

Inteiramente cônica desta Paternidade divina, Irmã Elisabeth gostava de entreter-se, guiada pelo seu caro S. Paulo, com esta graça de adoção que vivificava todo o seu culto a Deus. Não se deixa manietar por métodos demasiado rígidos, nem embaraçar-se com fórmulas complicadas, que poderiam paralisar-lhe os impulsos do coração filial. Ela vai a Deus como uma filha ao pai. Coisa simples: a Santíssima Trindade é para ela “a mansão querida”, a “casa paterna”, donde não quer jamais sair,⁵⁰ a atmosfera familiar onde sua alma de batizada se sente inteiramente “em casa”. Todos os movimentos de sua alma são dirigidos a Deus como a um Pai ternamente amado. Sua sublime oração à Santíssima Trindade, é apenas o desabafo de seu coração de filha. Mister fôra analisar esta *elevação*, à luz do dom de Piedade, para nela descobrir-se o segredo de sua vida de oração. Que distância de todo aquêlê comércio interesseiro que embaraça tantas vidas de oração, cujo intuito, ao se dirigirem a Deus, parece ser, quase exclusivamente, o de mendigar socorros. Aqui, o primeiro lugar é dado à oração de silêncio e adoração, à identificação com todos os movimentos de Alma de Cristo, à contemplação dos “abismos” da Santíssima Trindade. Sua alma eleva-se sem esforço até às Pessoas divinas como próprio Espírito do Filho: “Ó meu Jesus, vinte a mim como Adorador e Reparador... E vós, ó Pai, inclinai-vos sôbre vossa pequena criatura e vêde nela sômente o Filho querido no qual pusestes as vossas complacências”.⁵¹

Sem dúvida a oração de súplica pelos pecadores prende

⁴⁷ História de uma alma.

⁴⁸ Cf. *Diário* e carta ao Ch. A., 11 de setembro de 1901.

⁴⁹ Rom. VIII, 15

⁵⁰ *O Céu na Terra*, 1ª oração.

⁵¹ *Elevação à Santíssima Trindade*.

igualmente sua alma de Carmelita e de co-redentora. Mas, em sua vida de oração, o louvor e a adoração ocupam o primeiro lugar: é o puro Espírito de Jesus, o perfeito Adorador do Pai, vindo ao mundo, antes de tudo, para unir em tórno de si os verdadeiros adoradores, tais como “o Pai procura” ⁵² e a Santíssima Trindade espera.

O caráter próprio do dom de piedade, é levar a alma, em suas relações com Deus a pairar acima de tóda consideração interesseira acima de todo motivo criado: necessidade ou benefício. ⁵³

Ao passo que a virtude infusa de religião presta a Deus o culto que Lhe é devido como Senhor Supremo, Princípio e Fim último de tódas as coisas, Autor de tóda a ordem natural e sobrenatural, o dom de piedade, sem considerar o que se deve à liberalidade divina, só visa a Excelência Incriada do Eterno e só mede o seu louvor pela glória íntima de Deus, aquela que Ele recebe do Verbo e de suas perfeições infinitas, Maria Santíssima deixa entrever no *Magnificat* um belo movimento de sua alma impelida pelo Espírito de piedade: exalta a Deus, não tanto por causa de suas “misericórdias sem número operadas de geração em geração”, nem tampouco pela graça sublime da maternidade divina que lhe valerá ser chamada por todos os povos “bem-aventurada”, mas principalmente pela grandeza que Ele tem em Si mesmo. As maravilhas realizadas por Ele em sua pobre escrava são apenas o sinal da “Onipotência e da Santidade de seu Nome”, *et Sanctum nomen ejus*. ⁵⁴ De maneira que a razão de glorificar a Deus e de nEle exultar não é outra senão a magnificência divina de que as obras exteriores são apenas uma pálida manifestação.

A virtude de religião considera o Deus criador e Providência: “Sois digno, Senhor, de glória e honra, porque fostes Vós que criastes tódas as coisas e é vossa vontade que as conserva na existência”. ⁵⁵ Esta virtude presta também a Deus um

⁵² S. João, IV, 26.

⁵³ Cf. João de S. Tomás, o teólogo clássico dos dons do E. Sto. (q. 70 disp. XVIII, art 6).

⁵⁴ Apoc. IV, 11.

⁵⁵ Apoc. IV, 11.

culto de gratidão e louvor porque Êle é o Autor da Redenção e de tôda a ordem sobrenatural: "Sois digno, Senhor, de receber o livro e de romper-lhe os sêlos, porque fostes imolado e por vosso sangue ganhastes para Deus homens de tôdas as nações. Vós os fizestes reis e sacerdotes e êles reinarão na terra". ⁵⁶

O dom de Piedade eleva-se acima de tôdos êstes motivos da bondade divina para conosco e só considera Deus em si mesmo e o mistério insondável das infinitas perfeições da Essência divina no seio da Santíssima Trindade. Seu olhar vai além da paternidade que Deus exerce sôbre as almas pela graça. O Espírito de Piedade penetra, como o Verbo, nas mais íntimas profundezas da Divindade; perscruta as riquezas mais ocultas da Natureza Incriada: Paternidade eternamente fecunda; Geração do Verbo consubstancial ao Pai, de quem é Imagem, Glória, Esplendor; Procissão do Amor comum, consubstancial e co-eterno, que os une, desde sempre e para sempre, agora e pelos séculos sem fim. Natureza idêntica, comunicada pelo Pai ao Filho, pelo Pai e o Filho ao Espírito Santo, sem anterioridade de tempo, sem desigualdade de perfeição, sem dependência, mas com ordem e distinção de Pessoas em Unidade indivisível.

O motivo do dom de Piedade é a própria Santíssima Trindade. A alma, sem se deter mais na apreciação de benefícios recebidos, queria glorificar a Deus tanto quanto Deus mesmo se glorifica. Quisera *igualar a medida divina* que lhe imprime algo de deiforme em todo o culto de oração, de ação de graças e sobretudo de adoração. Segundo a fórmula tão profunda, familiar a Irmã Elisabeth, ela *adora a Deus por Êle mesmo* e porque é Deus. É sob a moção especial do dom de piedade que a Igreja da terra canta, todos os dias, no Glória da Missa: "Nós Vos damos graças, Senhor, por causa de vossa glória infinita", *Gratias agimus Tibi propter magnam gloriam tuam*. Êste culto de glorificação de Majestade divina não é motivado por nenhum benefício, mas exclusivamente pela grandeza de Deus em Si mesmo. O motivo dêste movimento de piedade adoradora é, pois, a Deidade em sua

⁵⁶ Apoc. V, 9, 10.

própria Excelência Incriada, infinitamente superior a todos os dons. Sentimento análogo apoderava-se da alma da Irmã Elisabeth, como outrora da de sua Mãe S. Teresa, cada vez que, aos domingos, o ofício de Prima lhe punha nos lábios a recitação do *Quicumque*, que mostra aos olhares contemplativos da Igreja as perfeições divinas, ocultas no seio do mistério trinitário: Unidade na Trindade e Trindade na Unidade, sem confusão de Pessoas, sem separação de Substância. Uma só Divindade: Pai, Filho, Espírito Santo; glória idêntica, majestade co-eterna, igualdade de Poder, de Imensidade, de Eternidade. ⁵⁷

Nas últimas horas de sua vida, Irmã Elisabeth, dominada pela idéia da eternidade, deleitava-se com a leitura dos capítulos do Apocalipse que lhe descreviam a vida de adoração da liturgia celeste: ali a alma, “vivendo acima do que passa e acima de si mesma, adora sempre a Deus por Deus mesmo, como diz o Salmista: “Adorai o Senhor, porque é Santo”. “A adoração é verdadeiramente uma palavra do céu. Penso que se pode defini-la: o êxtase do amor. É o amor esmagado pela beleza, pela fôrça, pela grandeza imensa do objeto amado.” “A alma sabe que Aquêle que ela adora possui em Si tôda felicidade e tôda glória; e, *lançando sua coroa* diante d’Ele, como fazem os bem-aventurados, despreza-se, perde-se de vista; sua felicidade é a do ser adorado”. ⁵⁸

Nesta liturgia eterna, desabrochar supremo do dom de piedade, a Igreja triunfante transportada, por Cristo e em Cristo, ao louvor do Verbo, realiza o sonho mais grato da alma adoradora de Irmã Elisabeth: o incessante louvor de glória da Santíssima Trindade.

5. — ESPÍRITO DE CONSELHO. — O dom de Conselho é por excelência o dom de govêrno.

Mas, Irmã Elisabeth nunca foi priora, nem estêve em ofício algum com encargo de almas. Tôda a sua vida se passou do noviciado à enfermaria. E, entretanto, possui o Espírito de Conselho em grau elevado. Com efeito, se êste dom é mais aparente nos que são constituídos em autoridade, nem por isso é desnecessário a tôdas as almas, para a perfeita

⁵⁷ *Quicumque*, na Hora de Prima, aos domingos.

⁵⁸ *Último Retiro*, VIII.

orientação de sua vida de acôrdo com os planos de Deus. Nos Superiores êle toma a forma dum govêrno prudente e sobrenatural, que se preocupa antes de tudo, mesmo no meio da organização dos negócios materiais, com o bem espiritual das almas religiosas e da glória de Deus. Aos subordinados, êle dá uma docilidade vigilante para se submeterem a todos os desejos do Senhor, manifestado por seus representantes legítimos. Quaisquer que sejam os talentos ou defeitos, só Deus fala nêles e merece ser ouvido.

O dom de conselho manifestou-se em Irmã Elisabeth primeiramente sob esta forma de pronta docilidade ao diretor espiritual. Quando môça, pedia-lhe conselho para tudo quanto dizia respeito ao bem de sua alma e seguia-lhe fielmente as decisões. Noviça, recorria constantemente à priora, algumas vêzes até quase em excesso, por questões de some-nos, levada pelo desejo de seguir inteiramente a vontade divina. Uma testemunha dizia: “Bastava insinuar: “Nossa Rvda. Madre o disse” para fazê-la ir ao fim do mundo”. O Espírito de conselho não faz apenas conduzir as almas por inspirações pessoais e secretas, mas incita-as também a se deixarem dirigir e a receberem em paz as luzes dos que têm graça para decidir e dar ordens.

Mais tarde, o dom de conselho tomou nela outra modalidade mais elevada. Entre suas correspondentes, algumas esperavam dela a palavra decisiva que devia orientá-las na união com Deus. É de admirar a facilidade de adaptação de Irmã Elisabeth no meio da extrema variedade de suas relações: membros da família, crianças, jovens, pessoas do mundo nas situações mais diversas, almas sacerdotais. Nada de convencional em sua correspondência. Nenhum vestígio do pedantismo de quem pretenderia fazer moral ou dar lições, mas, ao contrário, grande espírito de discrição, tato particular, verdadeira compreensão das situações. Se necessário, ela esperará anos para fazer passar delicadamente a palavra de repreensão que vai revolucionar a alma: “Adeus! quando eu estiver lá em cima, permití que vos auxilie, que vos repreenda mesmo se vir que não dais tudo ao Divino Mestre, e é porque vos amo que assim agirei”. “Que Êle vos conserve

inteiramente, sua, inteiramente fiel. Nêle serei sempre vossa".⁵⁹

Em fórmulas luminosas e calmas, põe ao alcance de tôdas as almas as luzes mais elevadas sôbre o "louvor de glória" ou o mistério da Santíssima Trindade. Foi o equilíbrio e justiça doutrinal de sua espiritualidade que determinou uma multidão de almas a fazerem de seus escritos o livro de cabeceira. Esta facilidade de transposição e de adaptação deriva diretamente do dom de conselho, o qual inclina as almas, depois de terem consultado as razões supremas da Sabedoria do Verbo, a discernirem os meios mais simples e mais rápidos para chagarem através das mil e uma dificuldades da vida, ao ápice da união divina.

Foi esta a forma caraterística do dom de conselho em Irmã Elisabeth. Sua missão não era dirigir uma Comunidade, mas conduzir multidões de almas às profundezas da vida trinitária, pelo caminho do desprendimento absoluto e do esquecimento de si mesmas, até chegarem àquele "grande silêncio interior que permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las em Si".⁶⁰

6. — ESPÍRITO DE CIÊNCIA. — Com os dons de ciência, inteligência e sabedoria atingimos a psicologia mais profunda dos santos. A atividade dêstes dons superiores nos permite descobrir a atitude mais secreta dêles em face do "nada" da criatura e do "Tudo" de Deus. Daí sua importância primordial no estudo duma alma contemplativa. São êles que vão fornecer-nos a chave da vida espiritual e da doutrina mística de Irmã Elisabeth da Trindade.

O espírito de ciência apresenta as criaturas à luz da caridade. Permite julgá-las segundo suas propriedades contingentes e temporais e por elas elevar-nos a Deus.

Sob seu impulso, duplo movimento opera-se na alma: a experiência do vácuo da criatura, do seu nada, e ao mesmo tempo, a descoberta dos vestígios de Deus na criação. O mesmo dom de ciência arrancava lágrimas a S. Domingos, quando pensava na sorte dos pecadores, e inspirava a S. Fran-

⁵⁹ A uma amiga.

⁶⁰ Carta à Irmã Odila, outubro de 1906.

cisco de Assis o famoso *Cântico ao Sol*, diante do espetáculo da natureza. Estes dois sentimentos aparecem na passagem conhecida do *Cântico Espiritual* de S. João da Cruz: o santo descreve o socorro e, ao mesmo tempo, o tormento da alma mística em face da criação, porque o universo lhe revela a passagem invisível do Bem-Amado, até que a alma, transformada n'Ele, possa encontrá-Lo na visão beatífica.

Nos grandes convertidos — S. Agostinho, por exemplo, em suas *Confissões* — êste dom toma a expressão duma dolorosa experiência do pecado. A alma virginal de Irmã Elisabeth da Trindade não sentiu jamais, sob esta forma aguda e trágica, os efeitos do dom de ciência. Segundo o ritmo calmo das almas contemplativas, sua tendência era antes tornar-se um poderoso agente de desapêgo e de perfeição. As criaturas são enganadoras e obstam à plenitude da vida divina: cumpre portanto libertar-se delas, desprezá-las e considerar tudo como lixo a fim de ganhar Cristo e tudo esquecer n'Ele. É o *Nescivi do Ultimo Retiro* e de *O Céu na Terra*. Sua alma quer passar, entre as criaturas, sem vê-las, para só se deter em Cristo. É o que explica tôda a sua ascese do silêncio. Tôdas as criaturas reunidas valerão por acaso um olhar para quem, ainda que uma só vez, sentiu Deus?

O dom de ciência assume nos Santos outra forma positiva. O espetáculo do universo, como outrora no estado de inocência, conduz invencivelmente a Deus. Esta voz poderosa da criação exercia por vêzes, sôbre certas almas contemplativas, tão viva censura que exclamavam-se à vista das flores; “Calai-vos!” Sob a moção do espírito de ciência, o Salmista cantava: *Coeli enarrant gloriam Dei*. “Os céus cantam a glória de Deus”.⁶¹ A êste segundo aspecto se devem atribuir os impulsos de graça que experimentava habitualmente Irmã Elisabeth em face das belezas da criação. Para ela, como para os Santos, a natureza era “o grande livro de Deus.” Quando môça, amava os bosques solitário, a grandeza selvagem dos Pireneus, a imensidade do Oceano; e acima de tudo, os espaços infindos das noites estreladas. O sentimento

⁶¹ Salmo XVIII, 2.

do infinito apoderava-se então de sua alma e o contato da natureza lhe comunicava intensamente Deus.

Quanto mais avança na vida, mais êstes dois sentimentos do dom de ciência se confundem em sua alma. A miséria da criatura e o sentimento do próprio nada lançam-na em Deus Só: “Se olho para a terra, só vejo solidão e vácuo, pois não posso dizer que meu coração não tenha sofrido”.⁶² “Quanto é bom nas horas em que a miséria pesa sobre nós irmos procurar n’Ele a salvação”.⁶³ Quando elevamos nossos olhares para o mundo divino que nos envolve, desde êste exílio, e no qual podemos mover-nos, tôdas as coisas da terra desaparecem. “Tudo isto é o que não é, é menos que nada”. Os Santos compreenderam muito bem a verdadeira ciência, aquela que nos arranca a tudo e a nós mesmos para lançarmos em Deus e d’Ele vivermos”.⁶⁴

Era assim que se manifestava à sua alma o conhecimento revelador do “nada” da criatura e do “Tudo” de Deus, que o Espírito de Jesus comunica aos que O amam, e que a Sagrada Escritura chama: “a ciência dos Santos”.⁶⁵

7. — ESPÍRITO DE INTELIGÊNCIA. — Os grandes contemplativos, como as águias, fitam sempre as alturas. Sabem que a menor luz sobre a Santíssima Trindade é infinitamente mais delectável do que qualquer conhecimento do universo. Que é todo o movimento dos átomos e das criaturas saídas de Deus, ao lado da silenciosa e eterna geração do Verbo escondido no seio da Trindade Augusta?

A função dos dons de inteligência e de sabedoria, os dois grandes dons contemplativos, é fazer-nos penetrar no íntimo dêstes abismos trinitários. Sob esta luz deiforme, a alma tudo vê com o próprio olhar de Deus. S. João da Cruz chega a dizer que, chegada a êste grau de união transformante, a alma participa do mistério das operações íntimas de Deus: geração do Verbo, procissão do Amor. Graças à fé e à caridade, sob a sublime luz dos dons, ela realiza atos reservados a Deus e pró-

⁶² Carta ao Cônego A..., 4 de janeiro de 1904.

⁶³ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1905.

⁶⁴ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1905.

⁶⁵ Sabedoria, X, 10.

prios das Pessoas divinas. É segundo a promessa de Jesus, “a consumação na unidade”.⁶⁶ O termo participação indica a um tempo a distância infinita — que existe sempre entre Deus e a criatura — e uma verdadeira comunicação da vida trinitária pela graça. A alma entre em comunhão com a Luz do Verbo, e com o movimento do Amor Incriado. *Particeps Verbi, particeps Amoris*,⁶⁷ segundo a fórmula audaciosa de S. Tomás, tão preocupado sempre com a exatidão doutrinária e tão comedido nas expressões.

O efeito essencial do dom de Inteligência é fazer-nos penetrar o mais possível no íntimo das verdades sobrenaturais, às quais a fé se contenta de aderir só pelo testemunho exterior. Esta penetração amorosa e inebriante das mais sublimes verdades divinas, sobretudo do mistério trinitário, seu principal objeto, não depende da acuidade intelectual do sujeito, mas do seu grau de amor e de sua docilidade perfeita ao sôpro do Espírito Santo.

Os impulsos mais secretos dêste Espírito nos escaparão sempre, na terra, assim como o que de mais divino existe na vida dos Santos. Os vestígios, que podemos descobrir em Irmã Elisabeth da Trindade, deixam-nos ver que a ação do espírito de inteligência só chegou nela ao pleno desenvolvimento, depois que ela entrou no Carmelo. Isto por causa do contato da teologia mística de S. João da Cruz e da leitura de S. Paulo, depois de passadas as purificações supremas de sua vida e fé.

Os efeitos do dom de inteligência podem resumir-se em seis principais. Uma realidade divina pode, com efeito, ocultar-se sob os acidentes, as palavras, as figuras ou analogia, as coisas sensíveis, suas causas e seus efeitos. Claro é que as manifestações dêste Espírito são muito diferentes, segundo as circunstâncias, os diversos temperamentos dos santos e sua missão. A uns, dá êle compreensão penetrante da Sagrada Escritura; a outros, o discernimento da ação divina nas almas, conhecimento particular da alma de Jesus Cristo ou do Mistério de Maria; o sentido da Redenção, da Provi-

⁶⁶ S. Jo., XVII-23.

⁶⁷ I, q. 38, a. I (in corpore); cf. também IIa. IIae., q. 24, a. 2.

dência, de tal ou tal atributo divino, da Unidade na Trindade. Iríamos longe se quiséssemos pormenorizar as inúmeras maneiras pelas quais pode comunicar-se aos homens e aos Anjos êste Espírito de inteligência, essencialmente multiforme, segundo apraz à bondade de Deus revelar sua glória.

Em Irmã Elisabeth da Trindade, os dons do Espírito Santo assim como os aspectos de sua vida espiritual, tomaram normalmente feição inteiramente carmelitana. Fácil é recolher em seus escritos, à luz de sua vida, inúmeros textos reveladores da ação do dom de inteligência.

Seu olhar contemplativo detinha-se longamente em adorar, sob as espécies eucarísticas, a alma de Jesus oculta no tabernáculo: “Debaixo da humilde hóstia possuímos a visão em substância”.⁶⁸

O dom de inteligência abre-lhe os Livros santos e revela-lhe o seu sentido. É um dos aspectos mais notáveis pelo qual o Espírito de Deus atua em Irmã Elisabeth. Sua maneira mais habitual de agir é a parafrase mística, aprofundada com rara penetração. Sem forçar o sentido literal, tira dos textos sagrados *sua* admirável doutrina espiritual. As palavras inspiradas servem de ponto de partida às magníficas elevações contemplativas em que se compraz aquela alma de Carmelita. Basta por vêzes uma palavra da Sagrada Escritura para dar-lhe, durante anos, “a luz de vida”,⁶⁹ É desta maneira que descobre em S. Paulo o “nome novo” que lhe indica, da parte de Deus, qual a sua missão na eternidade, missão que deve começar a cumprir desde esta vida: “o incessante louvor de glória da Santíssima Trindade”. Na última fase de sua vida, é ainda S. Paulo quem lhe fixa, numa fórmula que lhe inunda a alma de graça, o programa supremo de sua transformação em Cristo: “a conformidade com sua morte”.⁷⁰ As vêzes, basta um simples confronto de textos para que a luz divina se faça em sua alma: “Fomos predestinados por um decreto dAquele que faz tôdas as coisas segundo o Conselho de sua vontade, para servirmos ao *louvor de sua glória...* Deus elegeu-nos em Jesus Cristo

⁶⁸ Carta ao P Ch..., 14 de junho de 1903.

⁶⁹ S. Jo., VIII, 12.

⁷⁰ Filip. III, 10.

antes da criação para que sejamos imaculados e santos *em sua presença* na caridade". Se confronto estas duas exposições do plano divino, eterno e imutável, chego à conclusão de que, para cumprir dignamente meu ofício de *Laudem Glorïae*, devo em tudo conservar-me "na presença de Deus", e ainda mais, como diz o Apóstolo: *in caritate*, isto é, em Deus mesmo: *Deus caritas est*, e é o contato com o Ser divino que me tornará "imaculada e santa a seus olhos". ⁷¹ Louvor de glória pelo exercício contínuo da presença de Deus: eis tôda a sua vocação. De um relance ela viu isto em S. Paulo.

Manifesta-se também nela um segundo movimento do dom de Inteligência, familiar às almas puras e contemplativas, a quem os menores fatos relembram, simbolicamente ou por analogia, a presença de Deus: "Quando vejo o sol invadir-nos os claustros com seus raios, vem-nos o pensamento de que é assim que Deus invade a alma que o procura", ⁷² Todo o universo visível toma, na alma dos santos, um sentido espiritual que os eleva até Deus. Só a faceta mística das coisas atrai-lhe o olhar. S. Catarina de Ricci não podia ver uma rosa encarnada sem pensar no sangue redentor. Irmã Elisabeth da Trindade pertencia à linhagem dessas almas virgens que parecem ter voltado ao estado de inocência e lêem Deus no livro da criação. Desde sua entrada no Carmelo ela descobre fãcilmente a Deus, nos mais insignificantes detalhes da vida: "Aqui, tudo fala d'Ele". ⁷³ "No Carmelo, Deus está em tôda a parte". ⁷⁴ O Mestre está tão presente aqui que seríamos levadas a crer que vai aparecer nas alamedas solitárias". ⁷⁵ Quando lhe participam o nascimento de uma sobrinha, logo se informa da data do batismo, para estar presente pelo pensamento, no momento em que, sob os sinais da regeneração cristã, a Santíssima Trindade vai descer àquela alma. É o desabrochar do simbolismo místico: "Cada coisa é um sacramento que nos transmite Deus". ⁷⁶

⁷¹ *Último Retiro*, III.

⁷² Carta a G. de G..., 14 de setembro de 1902.

⁷³ A M.-L. M., 26 de outubro de 1902.

⁷⁴ A sua irmã, 1901.

⁷⁵ A suas tias, Páscoa de 1903.

⁷⁶ Carta a Sra. A..., 1906.

Existe ainda outro aspecto do dom da Inteligência particularmente notável nos teólogos contemplativos. Depois do rude labor da ciência humana, de súbito tudo se ilumina para eles, sob o impulso do Espírito Santo. É um mundo novo que se manifesta num princípio ou numa causa universal: o Cristo Sacerdote, Mediador único do céu e da terra, ou então o mistério da Virgem corredentora, que traz espiritualmente em seu seio, todos os membros do Corpo Místico, ou enfim, o mistério da identificação dos inúmeros atributos de Deus em sua soberana simplicidade; a conciliação da Unidade de Essência com a Trindade de Pessoas numa Deidade que ultrapassa infinitamente as investigações mais profundas de todo olhar criado. Verdades essas que o dom de inteligência aprofunda sem esforço, deliciosamente, com o júbilo beatífico duma “vida eterna começada na terra” sob a luz de Deus.

Duas causas atraíram particularmente o olhar contemplativo de Irmã Elisabeth; a influência universal da Santíssima Trindade, presente no íntimo das almas para santificá-las e guardá-las, “pacíficas e calmas”, sob a ação criadora, e a atividade redentora de Jesus Cristo que nela habita, dia e noite, para purificá-la, divinizá-la e tudo salvar: dois pontos cardiais de sua espiritualidade.

Em sentido contrário, o dom de Inteligência pode revelar Deus e sua Onipotente causalidade nos efeitos, sem fazer apêlo ao trabalho discursivo do pensamento humano deixado a suas próprias forças; ele age, então, por meio dum simples olhar comparativo e por intuição, “à maneira de Deus”, Nos vestígios mais imperceptíveis, nos menores acontecimentos da vida, a alma atenta ao Espírito Santo descobre, de relance, todo o plano da Providência a seu respeito. Sem raciocínio dialético sôbre as causas, a simples consideração dos efeitos da justiça e da misericórdia de Deus deixa-lhe entrever todo o mistério da Predestinação divina, o “Amor excessivo” ⁷⁷ que vai em busca das almas para uni-las à Trindade beatífica. Através de tudo, Deus conduz a Deus.

⁷⁷ Efés. II, 4.

Para quem conhece a pouca cultura teológica de Irmã Elisabeth, não podem deixar de causar admiração as páginas tão profundas e luminosas que nos legou sobre o mistério da Santíssima Virgem e de Jesus Cristo, sobre a habitação de Deus nas almas dos justos, sobre o louvor de glória que sem cessar deve subir à Trindade adorável.

O teólogo atento é obrigado a concluir que este conhecimento supratécnico só se pode explicar pela experiência do saber incomunicável que Deus reserva “aos corações puros”. ⁷⁸

8. — ESPÍRITO DE SABEDORIA. — O dom de sabedoria é o dom régio, aquêle que introduz as almas, mais intimamente, na participação do modo deiforme da ciência divina. Impossível elevar-se mais alto, aquém da visão beatífica que é sua regra superior. É o olhar do “Verbo *espirando* o Amor” que se comunica à alma para que julgue de tudo pelas causas mais elevadas, mais divinas, pelas razões supremas, “à maneira de Deus”.

A caridade a introduz na intimidade das Pessoas divinas e como que no coração mesmo da Santíssima Trindade. Assim divinizada, e sob o impulso do Espírito de Amor, ela contempla tudo, dêste centro, ponto indivisível, no qual se lhe manifestam, como ao próprio Deus: os atributos divinos, a criação, a redenção, a glória, a ordem hipostática, os menores acontecimentos do mundo. Tanto quanto é possível a uma simples criatura, seu olhar tende a colimar o ângulo de visão que Deus tem de si mesmo e de todo o universo. É a contemplação deiforme, à luz da experiência da Deidade cuja inefável doçura a alma saboreia: *per quamdam experientiam dulcedinis*. ⁷⁹

Para compreender isto, cumpre lembrar que Deus não pode ver as coisas senão em si mesmo: em sua causalidade. Deus não conhece as criaturas diretamente, nelas mesmas, nem nos movimentos das causas contingentes e temporais que lhes regulam a atividade. Contempla-as em seu Verbo,

⁷⁸ S. Mat. V, 8.

⁷⁹ S. Tomás, I-II, q. 112-a. 5.

de modo eterno. Aprecia todos os movimentos da Providência à Luz de sua Essência e de sua Glória.

De duas maneiras pode a alma entrar em comunicação com a Luz incriada: primeiramente, sob um modo imutável, medido pela eternidade participada: é a visão de glória no Verbo. Em segundo lugar, fora do Verbo, por experiência mística e conhecimento delicioso das doçuras de Deus: na irradiação da Luz beatífica, ou, na sua falta — mas em estado violento — no regime da fé iluminada pelos dons. Nunca será de mais repetir que a experiência mística é como um exílio na terra; a verdadeira pátria dos dons é o céu, no prolongamento das alegrias beatíficas da visão face a face da Santíssima Trindade.

Que se passa aqui na terra, na alma que julga assim, de tudo, à luz da Santíssima Trindade, cuja presença ela experimenta em seu íntimo, tanto quanto lhe permite o estado de união? Das potências mais elevadas, mais espirituais do seu ser *deificado* pela graça santificante, brota uma atividade de natureza idêntica que permite à alma viver “em sociedade” com as Pessoas divinas, elevada ao nível duma experiência propriamente trinitária. Graças à fé, ela descobriu as perspectivas sobrenaturais e entrou em contato com todo o céu; os dons de Ciência e de Inteligência fizeram-na sentir, juntamente com o “nada da criatura”, o “Tudo de Deus” e entrar nas riquezas insondáveis da vida trinitária. Vem então o dom de Sabedoria, o mais divino de todos os dons, fazer com que ela participe, no mais alto grau possível na terra, do conhecimento experimental que Deus tem de si mesmo, em seu Verbo, que dá origem ao Amor. Ela pode assim “gozar de Deus”,⁸⁰ porque está estabelecida de modo permanente na atmosfera divina das Pessoas Incriadas e pertence, como filha adotiva, à Família da Santíssima Trindade. Daí por diante, ela tem certa *conaturalidade* com Deus e pode julgar de tudo, do mundo e de si mesma, com a experiência da Deidade. Ao passo que o movimento de dom de ciência é ascendente, transportando a alma das criaturas para Deus, e que o dom de inteligência, por um simples

⁸⁰ S. Tomás, I, q. 43, a. 3, 1.

olhar de amor, penetra todos os mistérios de Deus, por dentro e por fora, o dom de sabedoria não sai jamais, por assim dizer, do coração mesmo da Santíssima Trindade. É dêste centro indivisível que ela vê tudo. A alma tornada assim deiforme só contempla as coisas em suas razões mais elevadas, mais divinas. O seu olhar abraça todo o movimento do universo até os menores átomos, e tudo considera à luz puríssima da Trindade e dos atributos divinos, mas com a ordem, no mesmo ritmo em que as coisas procedem de Deus. Criação, redenção, ordem hipostática, tudo, até o mal, se lhe apresenta como sendo ordenado à maior glória de Deus. Elevando-se, enfim, num olhar supremo, acima da Justiça, da Misericórdia, da Providência e de todos os atributos divinos, ela descobre, de súbito, tôdas estas perfeições em seu Manancial eterno: a Deidade, Pai, Filho e Espírito Santo, que ultrapassa, infinitamente, tôdas as nossas estreitas concepções humanas e faz com que Deus permaneça incompreensível, inefável, mesmo aos bem-aventurados, mesmo ao olhar beatificado de Cristo. Ao mesmo tempo, êste Deus aparece-lhe em sua simplicidade eminentíssima, como Unidade e Trindade, Essência indivisível e Sociedade de Três Pessoas vivas, realmente distintas, numa ordem de procissão que em nada lhes diminui a igualdade consubstancial. As vistas humanas jamais poderiam descobrir tal mistério, nem o ouvido perceber tais harmonias, nem o coração suspeitar tal beatitude, se, por amor, a Deidade não tivesse baixado até nós em Jesus Cristo, para fazer-nos entrar, conduzidos pelo seu próprio Espírito, nessas insondáveis profundezas de Deus.

Depois disto, é inútil insistir ainda para fazer compreender que a alma, vivendo habitualmente sob estas altas inspirações do dom de sabedoria, se eleva, em todos os domínios, à visão do Princípio supremo, que é Deus, e, como já o notava e praticava Irmã Elisabeth, “não se detém em julgar pelas causas segundas”.

Esta última reflexão deixa perceber o segrêdo mais íntimo da Irmã Elisabeth da Trindade. Após uma convivência de longos anos com seus escritos e com todos os movimentos de sua alma, chegamos a esta convicção fundamental: o *dom*

de sabedoria é o mais característico de sua doutrina e de sua vida.

Possuía, por instinto, o senso das coisas eternas e divinas. Verdadeira violência tinha ela que fazer a si própria para descer ao nível das ninharias em que se arrastam numerosas almas, mesmo religiosas — que se dizem contemplativas — e que não sabem esquecer suas misérias e seu nada. Irmã Elisabeth ia direto a Cristo sem se preocupar com as raras faltas que lhe escapavam à fragilidade. Pregada à cruz do dever, não se embaraçava com uma multidão de pequenas práticas: ao contrário, através das minúcias sem conta da vida banal de todos os dias, sabia, como a Virgem da Encarnação, guardar as vistas sempre voltadas para as alturas. Seguindo as pegadas de sua irmã Maria Madalena de Pazzi, a “imitadora do Verbo”, Irmã Elisabeth vê na vocação de Carmelita o meio de ser, com Jesus Cristo, co-redentora do mundo e glorificadora da Santíssima Trindade.

“Quão sublime é a vocação de Carmelita! Ela deve ser medianeira com Cristo, ser-lhe como uma humanidade de acréscimo, na qual Ele possa perpetuar sua vida de reparação, de sacrifício, de louvor e de adoração. Pedi-Lhe que me conserve sempre à altura de minha vocação”.⁸¹

Os Santos enxergam longe. Quem não se lembra do brado apostólico de S. Teresinha: Quero passar o meu céu a fazer o bem sobre a terra. Não, não poderei descansar até o fim do mundo. Mas, quando o anjo disse: “O tempo já não existe”, então descansarei, e poderei gozar, porque o número de eleitos já está completo”. Irmã Elisabeth sentia em sua alma as mesmas ambições:

“Quisera dizer a todos que a fonte de fôrça, de paz e de felicidade encontrariam em viver nesta intimidade”⁸² das Pessoas divinas. Como verdadeira Carmelita, animavam-na imensos desejos de “zelar pela glória de Deus”. A Ele me entrego pela sua Igreja e por todos os seus interêsses. Sua honra é para mim, como para minha Mãe S. Teresa,

⁸¹ Carta ao Cônego A..., janeiro de 1906.

⁸² Carta a sua mãe, 2 de agosto de 1906.

⁸³ Carta ao Cônego A..., junho de 1906.

uma verdadeira necessidade. Rezai para que seja eu também “vítima de amor: *caritatis victima*.”⁸³ Tendo vivido em tempo de perseguição, ela condoia-se de seu país: “Pobre França! Gosto de cobri-la com o sangue do Justo”.⁸⁴

Em seu ideal íntimo de união com Deus, vai direto à causa exemplar suprema: a alma de Jesus; seu sonho único é “ser de tal modo transformada em Cristo que sua vida seja mais divina do que humana e que o Pai possa reconhecer nela a imagem de seu Filho”.⁸⁵ Fórmulas de concisão vigorosa, traduzem esta sabedoria cristiforme: “Enfrentemos tudo na mesma atitude do Mestre Divino”.⁸⁶ Nestoutra, manifesta-se o mais alto olhar de sabedoria sobre o sentido da vida cristã: “Expressar Cristo aos olhos do Pai”.⁸⁷ “Que eu não mais seja eu e sim Ele e que o Pai, ao me olhar, possa reconhecê-Lo”.⁸⁸ “Quando estiver inteiramente identificada com este Exemplar divino, quando tiver passado totalmente nEle, e Ele em mim, realizarei então minha vocação eterna, aquela para a qual Deus me escolheu “nEle”, *in principio*, aquela que viverei *in aeternum*, quando, mergulhada no seio da Santíssima Trindade, me tornar o incessante louvor de sua glória, *Laudem gloriae ejus*.”⁸⁹

Esta doutrina projeta a luz adequada para a solução do do problema do mal e mistério do sofrimento: *configuratus morti ejus*, a conformidade com sua morte, eis a idéia que me persegue”⁹⁰ “Quero ir à minha Paixão com Ele, para com ele ser redentora”.⁹¹ Tais fórmulas revelam tôda uma vida.

Sua atitude era a mesma, diante de todos os mistérios divinos. Tôda a sua vida é baseada “na fé no amor excessivo”. É esta a sua visão na terra.⁹² “Cada coisa é para ela um sacramento que lhe transmite Deus”.⁹³ O sofrimento, não o considera como mal, mas, como instrumento do Amor”.⁹⁴

⁸⁴ Carta ao Cônego A..., Janeiro de 1906.

⁸⁵ *O Céu na Terra*, 5.^a oração.

⁸⁶ Carta, 1904.

⁸⁷ *Último Retiro*, XIV.

⁸⁸ Carta ao Cônego A..., julho de 1906.

⁸⁹ *Último Retiro*, I.

⁹⁰ Ao Cônego A..., julho de 1906.

⁹¹ Carta a sua mãe, 18 de julho de 1906.

⁹² Carta ao P. Ch..., 25-12-1904.

⁹³ Carta a Sra. A..., janeiro de 1906.

⁹⁴ Carta a Sra. de S..., 25-7-1902.

Em seu leito de dores, repete: “Nosso Deus é um Fogo devorador, e eu soffro sua ação”.⁹⁵

Desta maneira, com o desenrolar dos acontecimentos, todos os atos da vida se lhe apresentam sob uma luz cada vez mais divina. No momento em que, pela última vez, suas Irmãs de claustro se reúnem em tórno dela, impulsionada pelo dom de sabedoria, balbucia com voz melodiosa: “No oca-so da vida, tudo passa. Só o amor fica”, o que relembra o o pensamento de S. João da Cruz: “No fim da vida é sôbre o amor que seremos julgados”. Eco do mandamento supremo de Jesus: a primazia da caridade que tudo ordena na vida dos Santos.

Mas, o objeto de predileção do dom de Sabedoria é o mistério da Santíssima Trindade. Para desenvolver êste ponto, teríamos de recommençar aqui, sob êste aspecto, todo o capítulo consagrado ao estudo da habitação divina e ao seu papel central na doutrina e na vida de Irmã Elisabeth. Nada mostra com maior evidência a predominância do dom de sabedoria em sua vida íntima. O exercício contínuo da presença de Deus tornou-se, em breve, para ela, o segredo de tóda a sua fidelidade. Ela mesma nô-lo atesta, poucos dias antes de morrer: “Pensar que um Ser que se chama Amor habita em nós, a todo instante do dia e da noite, e que nos pede vivamos em sociedade com Êle, eis, eu vô-lo confio, o que fêz de minha vida um céu antecipado”.⁹⁶

Para ela, todo o movimento da vida espiritual se resumia nisto: “Meu único exercício é entrar dentro de mim mesma e perder-me nos que aí estão”.⁹⁷

No fim de sua curta existência, tendo já atingido a união transformante, conseguiu ela chegar ao perfeito esquecimento de si mesma. Foi a fase suprema de sua vida, que já analisamos extensamente.⁹⁸ Irmã Elisabeth da Trindade desaparece para dar lugar a *Laudem Gloríae*. Desde então, só assina as cartas com êste “nome novo” e só assim quer ser

⁹⁵ A sua Priora.

⁹⁶ A Sra. G. de B..., 1906.

⁹⁷ Carta a G. de G..., fim de setembro de 1903.

⁹⁸ Cf. capítulo I, § II: “Carmelita”, e sobretudo o cap. IV: “Louvor de Glória” que nos parece o mais importante para a penetração de sua doutrina e de sua vida.

chamada. Sua alma eleva-se acima das doçuras da presença divina e ultrapassa a si mesma, para se esquecer inteiramente, e ser apenas “o incessante louvor de glória da Santíssima Trindade”. É o triunfo do dom de sabedoria. Um único pensamento predomina em tudo: a glória da Santíssima Trindade. Ela afasta enèrgicamente tudo quanto não concorre para esta obra de glorificação de Deus ou tão sòmente ameaçaria retardá-la. A alegria beatífica desta presença das Pesssoas divinas, que lhe transforma a vida num antegôzo do céu, não a encerra egoísticamente em si, para quedar-se no “gozo de Deus”. Não. O que importa antes de tudo é a glória de Deus. E no “céu de sua alma” seu officio essencial é cantar, dia e noite, como os Bem-aventurados “no céu da glória”, o louvor da Santíssima Trindade. Tudo em sua vida é conexo com o exercício e o aumento da caridade, e toma, sob o impulso do dom de sabedoria, o ritmo que convém a um louvor de glória.

Louvor de glória é uma alma de silêncio, é como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo, que dela tira harmonias divinas. O sofrimento é para ela uma corda que produz sons mais belos ainda; por isso, gosta de vê-la em seu instrumento para comover mais deliciosamente o coração de Deus.

Louvor de glória é uma alma que fita a Deus, na fé e na simplicidade. É um refletor de tudo o que Ele é. É como um cristal através do qual Ele pode irradiar e contemplar tôdas as suas perfeições e seu próprio esplendor. A alma que permite assim ao Ser divino saciar sua necessidade de expandir tudo o que é e tudo o que tem, é, realmente, o louvor de glória de todos os seus dons.

“Enfim, *louvor de glória* é um ser sempre em ação de graças: cada um de seus atos, movimentos, pensamentos, cada uma de suas aspirações, o enraizam mais profundamente no amor e, ao mesmo tempo, são como um eco do *Sanctus* eterno.

No céu da glória, os Bem-aventurados não descansam, cantando dia e noite: “Santo, Santo, Santo, o Senhor Onipotente...”, e, prostrando-se, adoram Aquêle que vive nos séculos dos séculos. No céu de sua alma, o “louvor de glória”

começa na terra seu officio da eternidade, porque *está sempre sob a ação do Espírito Santo que tudo opera nêle*. E, sem que disto tenha sempre consciência, porque a fragilidade da natureza não lhe permite fixar-se em Deus sem distrações, o "louvor de glória" canta e adora sempre; êle transformou-se, por assim dizer, em um hino de amor, tão grande é sua paixão pela glória de Deus." ⁹⁹

⁹⁹ O Céu na Terra, 13.^a oração.

CAPÍTULO IX

ELEVAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

(COMENTÁRIO)

Ó MEU DEUS, TRINDADE QUE ADORO...

Olhar uma alma em oração, e surpreendê-la no momento de sua maior intimidade com Deus, como acontece com o sacerdote no altar. A oração é a síntese da alma: tal oração, tal vida. Todo o gênio doutrinal dum S. Tomás brilha no ofício do Santíssimo Sacramento. O próprio Verbo Encarnado não escapa a esta lei de nossa psicologia humana: a Oração Sacerdotal é a revelação suprema do seu Coração de Cristo. Nada manifesta melhor seu amor para com o Pai e sua caridade redentora para com seus irmãos do que o movimento circular de sua Alma, que fala ao Pai de sua glória e da consumação de todos os homens na Unidade. Eis aí todo o seu mistério de Cristo.

O mesmo se dá com a oração dos Santos. Irmã Elisabeth da Trindade não escreveu, como sua Mãe S. Teresa, um tratado de oração, mas a sublime elevação: “Ó meu Deus, Trindade que adoro...” testa-nos, de maneira admirável, sua maneira, inteiramente carmelitana, de conceber a vida de oração: uma comunhão incessante com a Santíssima Trindade. “Orar não é impor-se uma quantidade de orações vocais a serem recitadas cada dia, mas é elevar a alma para Deus, através de tôdas as coisas, é estabelecer-nos

numa espécie de comunhão contínua com a Santíssima Trindade, sob cujo olhar agimos".¹

Composta ao correr da pena, sem a menor correção, e num dia em que todo o Carmelo renovava os votos, esta oração, já tão célebre, é a síntese de sua vida espiritual. Todos os traços essenciais de sua alma aí se acham perfeitamente caracterizados: a grande devoção de sua vida: a Santíssima Trindade; — a forma própria de sua vida de oração: a adoração; — sua ternura apaixonada para com Jesus Cristo, “amado até morrer”, amado na cruz; — e enfim o impulso irresistível para os “Três”, “sua beatitude, seu Tudo, Solidão infinita em que sua alma se perde”. Nossa Senhora não é mencionada, mas nem por isso está ela ausente, como o revela a data autógrafa: 21 de novembro de 1904, festa da Apresentação.

Só uma coisa falta — nota-se bem: o supremo desabrochar de sua vida, isto é, os vastos horizontes de “Louvor de Glória”, ainda não vislumbrados.

Durante muito tempo, hesitamos em tentar um comentário desta oração, uma das mais belas do cristianismo, pois sentíamos algo do embaraço em que deve debater-se o exegeta ou o teólogo diante da oração sacerdotal de Cristo. Todos os comentários exegéticos ou teológicos, por mais sublimes que sejam, não chegarão jamais a traduzir a simplicidade divina da última prece de Jesus pela Unidade. Mas pensamos na multidão de almas contemplativas para as quais esta elevação à Santíssima Trindade se tornou a oração preferida e o programa de vida interior que lhes desvenda o segrêdo do esquecimento de si mesmas. Uma Carmelita escrevia-nos: “Cada palavra desta oração obriga a orar e ela dá à minha alma tanto recolhimento quanto os mais belos tratados de mística”.

Tendo, durante anos, estudado a fundo esta alma privilegiada, o nosso comentário será talvez de alguma utilidade para lhe penetrar o sentido autêntico e profundo.

Sem pretendermos impor ao movimento desta alma tão contemplativa, divisões demasiado rígidas, poderíamos, talvez, discernir nesta oração cinco aspectos principais:

¹ Carta a G. de G..., fevereiro de 1905.

1.º Um impulso espontâneo da alma para a Santíssima Trindade, que foi tudo em sua vida: “Ó meu Deus, Trindade que adoro”.

2.º A descrição do clima espiritual em que se movia sua vida contemplativa no centro da alma, a atmosfera de paz inalterável: “Pacificai minha alma”...

3.º Um movimento de ternura apaixonada para com o Cristo “amado até morrer”. Aqui os termos vêm aos borbotões, denotando a impetuosidade dos sentimentos daquela alma cujo sonho ardente foi sempre identificar-se com todos os movimentos da alma do Cristo: “Ó meu Jesus amado”...

4.º Em seguida, a interpelação súbita e sucessiva de cada uma das Três Pessoas divinas, para as quais tende sua vida: “Ó Verbo Eterno... Ó fogo devorador... E Vós, ó Pai...” Ela detém-se mais demoradamente no Verbo, mais acessível por sua encarnação a nossos olhos carnis: sua alma é fascinada por êste Verbo Eterno, “Palavra de seu Deus”. O “Espírito de Amor” é invocado, mas para operar nela uma como encarnação do Verbo de modo que seja para Êle, de certo modo, uma humanidade de acréscimo, na qual o Pai possa rever a Face dêsse Cristo “em que pôs tôdas as suas complacências”. Jesus Cristo ocupa verdadeiramente o centro de sua oração assim como o de sua vida.

5.º Exclamação final, por onde termina a oração. Sua alma de artista retoma então o tema do comêço: “Ó meu Deus, Trindade que adoro...” mas desenvolvido amplamente, num movimento bem ritmado que transporta, definitivamente, a alma às profundezas da Trindade: “Ó meus Três... Eu me entrego a Vós qual uma prêsa”...

I — Ó MEU DEUS, TRINDADE QUE ADORO.

Ó meu Deus. — Sua alma vai direto, não às perfeições divinas, mas à essência, fonte de todos os atributos, a Deus mesmo.

Trindade. — Não é o Deus dos filósofos, nem o dos sábios, mas o Deus dos cristãos e dos místicos: Pai, Verbo, Amor.

Outras almas serão especialmente atraídas ao Pai, como, por exemplo, Santa Catarina de Sena, ou ao Filho, como Santa Gertrudes, Santa Margarida Maria ou, ainda, ao Espí-

rito Santo. A Igreja aprova tôdas estas formas de oração, visto que em sua liturgia, também ela se dirige ora ao Pai, ora ao Filho, ora o Espírito Santo. É o culto das pessoas, infinitamente distintas na Santíssima Trindade. Como verdadeiro teólogo, S. Tomás de Aquino terá devoção para com “a Trindade na unidade”, fórmula lapidar que sintetiza tôda a essência dêste mistério.

Irmã Elisabeth preocupa-se menos com esta feição íntima do mistério do que com descobrir o térmo beatífico e explícito de sua vida de união: “A Santíssima Trindade, eis a nossa morada, nosso “em casa”, a habitação paterna donde nunca devemos sair”.² Era preciso ver com que ternura ela cruzava as mãos sôbre o peito como a apertar uma presença querida e falava dos seus “Três”: “Gosto tanto dêste mistério! É um abismo em que me perco”.

Que adoro — A adoração é a forma própria desta vida de adoração. Ela tem grande afeição pela atitude dos Bem-aventurados da Pátria celeste, cuja descrição lhe é fornecida pelos últimos capítulos do Apocalipse: “êles prostram-se e adoram lançando palmas diante do trono do Cordeiro”.

Êste aspecto, essencialmente adorador, da vida de oração nos mostra a distância em que estamos daquela multidão de almas que parecem não se dirigir a Deus senão com as mãos estendidas para receber. Como verdadeira contemplativa que conhece a Deus, começa ela por lhe prestar homenagem, em virtude de suas perfeições infinitas, ou, segundo sua fórmula preferida: “por causa d’Ele mesmo”. A expressão de sua alma religiosa assume, diante de Deus, a atitude mais fundamental: a adoração. A oração de súplica considera a indigência a aliviar; a ação de graças visa aos benefícios recebidos; a expiação vem de envolta com a lembrança dos pecados pesados; só a adoração contempla Deus em Si mesmo, na soberania incriada de sua Essência e de suas Pessoas. A alma esquece tudo diante da glória de Deus: “A adoração é o êxtase do amor esmagado pela beleza, pela fôrça, pela grandeza imensa do objeto amado”.³

Ajudai-me a esquecer-me totalmente. — O grande obstáculo da Carmelita, e, em geral, de tôda alma contemplativa,

² *O Céu na Terra*, 1.^a oração.

³ *Último Retiro*, 8.^o dia.

é o próprio eu. “O amor-próprio só morre um quarto de hora depois de nós”, dizia sorrindo S. Francisco de Sales. Os santos travaram os maiores combates contra si próprios, para destruir este “eu” tão tenaz. Quem se admiraria de sua persistência obstinada, mesmo nas grandes almas, as mais queiridas de Deus, enquanto Nosso Senhor, por uma graça inteiramente gratuita, não se digna livrá-las dEle para sempre?

Irmã Elisabeth da Trindade, chamada por vocação especial a ser modelo e padroeira das almas interiores, devia conhecer, por experiência própria, o grande perigo das almas que Deus quer se recolham no íntimo de si mesmas e aí vivam só d’Ele. Este pobre “eu” foi durante anos, o obstáculo de sua vida espiritual. Ela sofria. Nada a libertava. Esta libertação suprema das almas é efeito exclusivo do triunfo da graça e dos dons do Espírito Santo. Não é, pois, por acaso, mas levada por um sentimento muito íntimo, que, desde a segunda frase desta sublime oração, ela se volta para si, numa última queixa dêsse “eu” que não tardará a morrer. “Ajudai-me a esquecer-me totalmente”. Três dias depois de composta esta elevação, repetia a mesma idéia: “Os Santos compreenderam tão bem a ciência verdadeira, a ciência que nos arranca a tudo e a nós mesmos para lançar-nos em Deus e fazer-nos viver somente d’Ele”! ⁴

Totalmente — Compreendamos bem: “esquecer-se totalmente”: Não sermos mais retidos por coisa alguma em nossa marcha para Deus, nem pelos acontecimentos de fora, nem pelas vicissitudes de dentro. Irmã Elisabeth visa longe: trata-se de chegarmos àquela feliz transformação em Cristo, expressa pela fórmula audaciosa de S. Paulo: “Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em mim”. “Quanto isto supõe sairmos de nós! Que morte! O grande Apóstolo escrevia aos Colossenses: “Estais mortos, e vossa vida está escondida em Deus com Jesus Cristo”. É esta a condição: é preciso estarmos mortos. Sem isto, podemos estar ocultos em Deus em dados momentos, mas não *vivemos* habitualmente no Ser divino, porque as nossas sensibilidades e tôdas as demais fraquezas vêm arrancar-nos d’Ele. A alma não está totalmente em Deus”. ⁵ E ainda: “Isolei-me, separei-me, des-

⁴ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1904.

⁵ *Último Retiro*, 6.º dia.

pojei-me de mim e de tôdas as coisas, tanto na esfera do natural como na do sobrenatural, mesmo quanto aos dons de Deus. Porque a alma que não é destruída, libertada de si terá naturalmente de ser, em certas horas, banal e porsaica, o que é indigno de uma filha de Deus, espôsa de Cristo, templo do Espírito Santo. ⁶

Ajudai-me — Esta libertação suprema é, nos santos, o triunfo da graça sôbre a natureza. Irmã Elisabeth solicita-a humildemente: “ajudai-me”.

Sabemos que Deus ouviu sua humilde serva. Um ano depois ela podia escrever a u'a amiga:

“A vós vos parece talvez difícil esquecer-vos. Mas se soubesseis como é simples. Aqui está o meu segrêdo: pensai em Deus que habita em vós e de quem sois o templo. É S. Paulo quem o diz; podemos crer. Pouco a pouco a alma habitua-se a viver em companhia dêle. Compreende que tem em si um pequeno céu onde Deus fixou sua morada. E ela respira numa atmosfera divina. Direi mesmo que só o corpo está na terra, a alma, porém, habita no Imutável”. O método é o seguinte: “não é olhando para nossa miséria que seremos purificados, mas olhando para Aquêle que é todo pureza e santidade”. ⁷

Para estabelecer-me em Vós. — Tendo-se a alma libertado totalmente de si e chegado aos cimos nevados da montanha do Carmelo, entra definitivamente no ciclo da vida trinitária: está estabelecida em Deus. Tão familiar era a Irmã Elisabeth esta intimidade divina que lhe parecia que Deus ia mostrar-se a ela nos claustros: “Deus em mim e eu nEle, eis a minha vida”.

Imóvel e pacífica como se minha alma já estivera na eternidade. — Um dos frutos desta espiritualidade essencialmente contemplativa é arrancar a alma a si própria e as suas preocupações mesquinhas para estabelecê-la de maneira habitual, numa atmosfera de eternidade. Tôda alma cristã devia considerar-se exilada na terra, visto que a graça do batismo depositou nela o germe da existência imutável e, pela

⁶ Último Retiro, 10.º dia.

⁷ Carta a Sra. A..., 24 de novembro de 1904.

fé, já vive na luz do Verbo. Uma palavra do Credo, de profundidade inaudita, denota a atitude fundamental de toda alma de fé em face do mundo que passa: *Expecto*, “guardo a vida eterna”. A medida que passavam os anos, este sentimento de eternidade predominava mais na alma da serva de Deus. Sua alma inteira morava nesse além invisível e, ao mesmo tempo, tão próximo. Nos seus últimos meses de vida ela murmurava: “Ele não me fala mais senão de eternidade”.

“*Imóvel e pacífica*. — A paz ocupa lugar primordial na doutrina de Irmã Elisabeth. Por três vezes, em sua curta oração, ela a menciona. “Imóvel e *pacífica* como se minha alma já estivesse na eternidade”. — “Que nada possa perturbar minha paz”. — “*Pacificai* minha alma”. Esta paz que sobrepõe todo sentimento, não provém da terra, mas origina-se num atributo divino: “Que nada me possa arrancar de Vós, ó meu Imutável”. S. Agostinho deixou da paz uma definição célebre: “a tranqüilidade da ordem”: *pax est tranquillitas ordinis*. A paz espiritual é a harmonia das potências da alma na unidade, a *sinergia* de seu esforço para o mesmo fim. Seu princípio é Deus amado em tudo acima de tudo. Os teólogos sabem que a paz é um dos efeitos interiores da caridade. Na alma, inteiramente ordenada para Deus, reina a paz.

Irmã Elisabeth da Trindade deixou-nos descrições equivalentes: “é fazer a unidade em todo o ser, pelo silêncio interior, é reunir todas as potências para ocupá-las exclusivamente em amar”.⁸ “Se meus desejos, meus temores, minhas alegrias ou minhas dores, se todos os movimentos provenientes destas quatro paixões não estiverem perfeitamente ordenados em Deus, haverá ruído em mim, e não terei a paz. É preciso, pois, ter a calma, o sono das potências, a unidade do ser”.⁹ Então a alma não receia mais o contato do mundo exterior nem as dificuldades interiores”.¹⁰ Sua vontade perde-se na de Deus, as inclinações, as faculdades não se movem senão no amor, no puro amor”.¹¹ O mundo, longe de

⁸ *Último Retiro*, 2.º dia.

⁹ *Último Retiro*, 10.º dia.

¹⁰ *Último Retiro*, 2.º dia.

¹¹ *O Céu na Terra*, 7.ª oração.

ser-lhe obstáculo, não faz senão arraigá-la mais profundamente ainda no amor de seu Mestre".¹² Na unidade das potências guardadas em Cristo, reina a paz inalterável.

Que cada minuto me transporte mais profundamente em vosso mistério. — Nesta súplica, surpreende-se a alma ardente da Carmelita, sedenta de realizar, cada vez mais, o sentido primordial de tôda vida religiosa: a tendência à perfeição. Esta preocupação do mais perfeito, de que S. Teresa fizera o objetivo de um voto especial, encontra-se em grau eminente em sua filha. Por que não confessá-lo? A impressão que domina em nós, após vários anos de contato com a alma de Irmã Elisabeth da Trindade, é a velocidade sempre acelerada de sua marcha para Deus. Uma Carmelita de Dijon que viveu com ela em grande intimidade e de quem a serva de Deus dizia: "nós somos como dois quartos dum mesmo apartamento", declãrava-nos que, no fim de sua vida sobretudo, sua ascensão foi admirável; "não podíamos mais acompanhá-la". Isto nos explica aquela frase que traduz tão bem sua avidez de perfeição soberana: "Que cada minuto me transporte mais profundamente em vosso mistério". "Cada minuto nos é dado para nos firmarmos mais em Deus, a fim de que nossa semelhança com o divino modelo seja mais impressionante, nossa união com Ele mais íntima". Seu pensamento não varia. No retiro que, à guisa de testamento, compôs para sua irmã, volta sôbre a mesma idéia com uma concisão ainda mais rica e define a vida espiritual: "uma vida eterna começada e sempre em progresso".

II — PACIFICAI MINHA ALMA

Um novo aspecto desta oração vai introduzir-nos em sua concepção pessoal da vida interior. Não é a descoberta duma doutrina inédita do cristianismo, mas ela soube penetrar profundamente o sentido da palavra de Jesus: "O reino de Deus está *dentro* de vós". Sôbre êste ponto ela recebeu manifestamente de Deus a graça de reconduzir as almas ao puro evangelho. Não poderíamos dizer de Irmã Elisabeth o que escrevia sôbre a Santíssima Virgem, modelo de sua própria vida

¹² *Último Retiro*, 8.º dia.

interior: “nela tudo se passava no interior”? Sua graça própria foi viver, no íntimo da alma, das riquezas trinitárias do batismo e convidar as almas a voltarem às verdadeiras fontes da vida divina.

Fazei dela o vosso céu. — A alma estabelecida na paz e livre do “eu” torna-se o teatro das maravilhas da graça e um verdadeiro céu para Deus, *sua morada querida, o lugar de seu repouso*. Note-se bem a elevação desta vida de intimidade com as Pessoas Divinas. As perspectivas ordinárias estão transtornadas: a maioria das almas procura a união com Deus, com o desejo louvável de se tornarem santas. Mas pensam elas assaz na razão suprema de tôda santidade: o gôzo de Deus e sua maior glória? Tendem para Deus com tôdas as suas forças mas sem conseguir esquecer-se totalmente. Quantos perigos latentes nesse método de espiritualidade que se poderia chamar do “eu” santificado. Aqui, ao contrário, a primazia cabe a Deus.

A alma é um templo vivo onde a Santíssima Trindade recebe, constantemente, um culto de adoração, de ação de graças, de louvor e de amor. As Pessoas divinas gozam Uma da Outra, no íntimo desta alma, onde moram juntas, onde o Pai gera o Filho, onde do Pai e do Filho procede o mesmo Amor. A alma torna-se um céu para Deus. Mais tarde, Irmã Elisabeth, diante do espetáculo da bondade de Deus cujas delícias é viver no meio do filhos dos homens, dará a descrição do ofício dum louvor de glória: “uma alma que permite ao Ser Divino satisfazer nela sua necessidade de comunicar tudo o que é e tudo o que tem”.

Que eu não vos deixe jamais só. — Esta é a parte indispensável da colaboração pessoal: “estar inteiramente em Deus, atenta em sua fé, em atitude de adoração, totalmente entregue à ação criadora”.

Em verdade, Deus nunca está só: nem em Si mesmo, nem nas almas. A Sociedade Trinitária basta-lhe. O Pai, o Filho, o Espírito Santo vivem juntos “agora e sempre e por todos os séculos dos séculos”. No íntimo de sua Essência, êles gozam duma amizade perfeita: Luz, Amor, Felicidade, em

grau infinito. Deus não está, portanto, jamais Só e a teologia trinitária nota com razão que, a falar rigorosamente, é proibido e perigoso chamar a Deus: Solitário.

A vida íntima de Deus constitui de tal modo a sua felicidade que se, por absurdo, a pluraridade de Pessoas não existisse no seio da vida Trinitária, mesmo no meio duma multidão de homens e de Anjos, chamados gratuitamente a compartilhar sua vida íntima, nosso Deus seria o Eterno Solitário, à maneira duma criatura humana, dotada de inteligência e vontade, a passear só, num jardim, não obstante a presença de inúmeras plantas e animais. ¹³

Por excesso de bondade e de amor, Deus quis encontrar suas delícias na companhia dos filhos dos homens. Mostrou-se no meio de sua criação. O Verbo fêz-se carne e habitou entre nós. Nós somos do número dos privilegiados que tiveram a ventura de tornar-se “filhos de Deus” e de poder entrar em comunhão com o Verbo, “que foram predestinados a viver em “sociedade” com Êle”. “Em sociedade”, esta expressão de S. João, tão cara á Irmã Elisbeth da Trindade, explica o sentido de sua prece: “Que eu não vos deixe jamais Só”.

Mas esteja tôda convosco. — Sua ascese e sua mística consistiam justamente em conservar-se livre e desembaraçada de tudo para viver no íntimo de sua alma “em presença do Deus vivo”.

Bem atenta em minha fé. — “Uma Carmelita é uma alma de fé”. A serva de Deus recorria freqüentemente, para uma vida íntima, a esta primeira das virtudes teológicas. “O programa de meu retiro será conservar-me, pela fé e pelo amor, sob a unção do Santo”. “Ser atento na fé é ir além das fórmulas que apresentam a nosso espírito as verdades que se devem crer: é habitar em Deus.

Tôda adoração. — Sempre a mesma atitude essencialmente adoradora diante de Deus.

Totalmente entregue à vossa ação criadora. — Irmã Elisabeth da Trindade foi daquelas almas entregues, sem reserva, à ação do Espírito Santo, convictas de que a vida espiritual consiste menos em multiplicar os esforços pessoais do

¹³ Cf. o texto tão profundo de S. Tomás, Ia., q. 31, a. 3, ad. I.

que em se deixar dominar por Deus. Sua preocupação constante, e cada vez mais palpável, foi de “crer no Amor”, de se deixar transformar por Ele. De máxima importância é compenetrar-se bem, em sua escola, de que tôdas as iniciativas de santidade vêm primeiramente de Deus e dependem sobretudo das realizações da graça, isto é, do amor gratuito. Com efeito, não é o caráter próprio do Amor de Deus para conosco ser um Amor criador? Deixar-se amar, é, pois, deixar Deus agir no íntimo de nós, deixá-Lo criar em nós suas maravilhas de graça e de glória.

Irmã Elisabeth compreendera o sentido da correspondência a êste Amor que nada mais quer do que operar em nós: “ser totalmente entregue à sua ação criadora”.

III — Ó MEU JESUS QUERIDO

Aqui está agora o caminho que leva à Santíssima Trindade: Jesus Cristo. Ele aparece como de improviso; mas em realidade ocupa o centro da oração de Irmã Elisabeth, assim como o centro de sua vida.

Ó meu Jesus querido. — Logo que O menciona, sua linguagem é só de amor, e, de “amor até morrer”. Ela escrevera em seu *Diário* de jovem: “Quisera fazê-Lo conhecer, fazê-Lo amar pela terra inteira”. Desde então, cinco anos se passaram de intimidade quotidiana, de vida de espôsa de Cristo.

Sua devoção para com o Cristo vai direto ao essencial: ao *crucificado por amor*, Aquêle que, no dia de sua profissão, lhe dissera que a tinha escolhido para uma vida de silêncio e de amor. Ela entregara-se: “Quisera ser verdadeira espôsa para vosso coração”, e, “naquele dia, o mais belo de sua vida”, tornara-se espôsa de Cristo até à morte. Sua vida nada será senão o Cristo.

Cobrir-vos de glória. — *Mulier gloria viri.* ¹⁴ Como espôsa fiel, pôs-se com ardor ainda maior, a “zelar por sua honra”. Deus ainda não lhe revelou sua vocação suprema de “Louvor de glória”, mas já a encaminha para isto. Dia virá em que êste movimento suplantarás tudo em sua alma, para glória da Santíssima Trindade e do Cristo.

¹⁴ I Corint XI, 7.

Mas sinto minha impotência. — É animador saber que os santos se sentiam fracos como nós. Não quis o próprio Jesus Cristo aceitar na agonia o socorro do Anjo e, no caminho do Calvário, o auxílio do Cireneu? Os santos não recuavam diante dum ideal sôbre-humano. Sabiam recorrer ao Forte, Aquele cuja virtude secreta aí está, a cada instante, para purificar-nos, salvar-nos, divinizar-nos, transformar-nos em Si. “Esta sempre vivo, sempre em ação em nossa alma. Deixemo-nos edificar por Ele. Seja Ele a alma de nossa alma, a vida de nossa vida, de modo que possamos dizer com S. Paulo: “Minha vida é Cristo”.¹⁵ Suas misérias ou fraquezas, longe de assustá-los e de detê-los, lançam-nos ainda mais em Deus e em Cristo. Notai êste *crescendo* sublime da confiança dos Santos. “Peço-Vos me revistais de Vós mesmo, identifiqueis minha alma com todos os movimentos da vossa”. E as palavras acumulam-se, precipitam-se como para traduzir um sentimento estuante. “Eu Vos peço... submergi-me, invadi-me, substituí-Vos a mim a fim de que minha vida não seja senão o reflexo da vossa”. “Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador”. A transformação em Cristo é total. A divisa gravada no “belo Cristo da profissão está realizada: “Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em mim”. *Jam non ego, vivit vero in me Christus.*

IV — Ó VERBO ETERNO

A face do Crucificado conduz aos esplendores do Verbo. É êste um dos temas familiares aos autores místicos. Tôda devoção verdadeira para com Nosso Senhor tem por objeto *principal* sua Divindade. A Humanidade é apenas caminho. E aqui estamos ainda em plena linha tradicional, perfeitamente equilibrada. Depois de se deter nas chagas redentoras do “Crucificado por Amor”, o pensamento vôa até o Verbo: “Ó Verbo Eterno, Palavra de meu Deus”, quero passar minha vida a escutar-Vos”. De que valem à alma que encontrou o Verbo tôdas as maravilhas da natureza e da graça? Estas criaturas não são Ele, e “é Ele que procuramos”. Por acaso

¹⁵ Carta a Cra. A..., 9 de novembro de 1902.

os céus que nos cantam sua glória, não o furtam a nossas vistas? “Verbo eterno, Palavra de meu Deus, quero passar a vida a ouvir-Vos”; “Vós me direis todo o segrêdo que se oculta no seio do Pai, o mistério dos Três na unidade”.

Quero tornar-me discípula a fim de aprender tudo de Vós. — A serva de Deus descobre aqui a fonte de suas mais elevadas luzes: a escola de Deus. É difícil encontrar alma menos apaixonada pelos livros. Pouco são os livros de espiritualidade de que se nutriu: o *Cântico Espiritual, a Viva Chama*, de S. João da Cruz, “o qual penetrou tão profundamente em Deus, a as epístolas de S. Paulo. Ela mesma dizia baixinho à sua priora: “O que Ele me ensina interiormente é inefável”. Madre Germana, por sua vez, tinha plena convicção disto: Irmã Elisabeth foi, acima de tudo, discípula e ouvinte do Verbo.

Depois, através de tôdas as noites, de todos os vácuos, de tôdas as impotências. — Reconhece-se aqui o caminho do “nada” que conduz ao cume do Carmelo. A alma contemplativa, a alma carmelitana em particular, tem de passar pelas longas e dolorosas purificações das “noites”, a fim de chegar à união divina: após haver tudo deixado por Cristo, senti-Lo desaparecer... não por um dia ou por alguns meses, mas durante anos, durante tôda a vida quem sabe, e, apesar de tudo, permanecer fiel sem jamais retroceder, sem murmurar! Nas palavras seguintes, oculta-se uma longa experiência vivida: Que as almas de oração não procurem Deus nas consolações, mas na nudez da fé e do desprendimento absoluto. Permaneçam fiéis “através de tôdas as noites, de todos os vácuos, de tôdas as impotências”.

Quero fitar-vos sempre e ficar debaixo de vossa grande luz. — Irmã Elisabeth da Trindade havia saboreado também, nos primeiros passos pelos caminhos místicos, as doces alegrias da presença de Deus. Agora, porém, terá de procurar a Deus na fé pura. “Depois destes êxtases, destes arroubos sublimes, durante os quais a alma esquece tudo e não vê senão a Deus, quão árdua e penosa nos parece a oração ordinária, com que dificuldade trabalhamos para reunir nossas potências e como tudo isto custa e parece difícil! “Entre-

tanto, não é o momento de deixar a vida de oração. É esta a hora abençoada que conduz à união transformante, no silêncio da noite. Portanto, mais do que nunca “fitá-Lo sempre” e “permanecer em paz sob a grande luz” da noite obscura e translúcida. Deixar-se atrair, sempre mais, pelo Verbo. “Ó meu astro querido, fascinaí-me para que eu não possa sair mais de vosso reflexo”. “Como a borboleta, seja eu vencida pelo brilho de vossa grande luz”.

*

* *

Espírito de Amor. — Ser no seio da Santíssima Trindade o Amor Pessoal do Pai e do Filho, eis todo o mistério do Espírito Santo, verdadeiro “Espírito de Amor” no qual Deus se ama a si mesmo e a todo o universo. A natureza mais íntima desta Pessoa Divina, igual ao Pai e ao Filho dos quais procede, é ser o Amor de ambos, consubstancial e eterno numa mesma vida de Três.

A serva de Deus apóia-se, também aqui, sobre um dado fundamental do dogma trinitário. É o argumento mais profundo para a alma contemplativa que queira viver, desde esta vida, do mistério dum Deus que é o Amor pessoal. Mas a preocupação de Irmã Elisabeth é de ordem mais prática. Sua prece não é uma elevação sobre a vida trinitária, mas o impulso de uma alma contemplativa que encontra no mistério da Santíssima Trindade “seu Tudo, sua Beatitude, a Solidão Infinita em que se perde”. O Espírito do Amor é invocado por causa de seu papel santificador nas almas que procuram a união divina. “Ó Fogo devorador, ó Espírito de Amor, vinde a mim a fim de que em mim se opere uma como encarnação do Verbo”. Já havia pedido a Nosso Senhor a identificasse com todos os movimentos de Sua Alma e a substituisse a fim de que sua vida nada mais fôsse que um reflexo da Sua. Ela exprime o mesmo pensamento ao invocar o Pai e o Espírito Santo; prova de que o desejo de transformação em Cristo ocupa o centro desta oração essencialmente trinitária. Nada mais mostra com maior evidência quanto Jesus se tinha apossado de sua vida.

Que em mim se opere uma como encarnação do Verbo.
 — Expressão audaciosa que é preciso interpretar bem: “uma como encarnação”. Não se pode entender ao pé da letra: seria um desejo quimérico. É a linguagem da alma inteiramente cheia de Cristo e cujo sonho é tornar-se como um outro Cristo.

Seja eu para Ele uma humanidade de acréscimo na qual renove todo o seu mistério. — Fórmula luminosa que tudo esclarece. Ela mesma a explica em carta a um jovem sacerdote: “Que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo”: isto é, “que possa perpetuar em mim sua vida de reparação, de sacrifício, de louvor e de adoração. Eu Lhe pedi venha a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador”.



E Vós, ó Pai. — Aqui está o Pai, Princípio de tóda a Divindade. Ele é Pai: é êste todo o seu mistério, seu caráter próprio no seio da Santíssima Trindade. É o Princípio sem princípio, é o manancial infinamente fecundo donde decorre, no seu íntimo, tóda a vida trinitária. Esta será a luz suprema da visão face a face: ver o mistério dos Três na Unidade. Mas não é disto diretamente que se trata na hora feliz em que Irmã Elisabeth compôs sua oração. É sobretudo o seu próprio nada que aparece em face da Paternidade divina. *Ó Pai, inclinai-Vos sôbre Vossa pobre criatura.* E, lembrando-se da Virgem da Encarnação, sua Virgem preferida, ela acrescenta: “Cobri-a com vossa sombra”, isto é, protegei-a. Enfim, sua alma sempre unida a Jesus Cristo, murmura: “Vêde nela sòmente o Filho Amado no qual pusestes tódas as vossas complacências”.

V — Ó MEUS TRÊS

A oração termina. Num arroubo supremo, ela transporta-se a seus “Três” aos quais havia consagrado a vida. “Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade em que me perco, entrego-me a Vós qual uma

prêsa, sepultai-Vos em mim para que eu me sepulte em Vós, até que vá contemplar em vossa luz o abismo de vossas grandezas”.

A súplica do comêço é ouvida: até o seu traço característico desaparece. A alma está transformada em Deus.

EPILOGO

A MISSÃO

Os grandes santos, no momento de deixar este mundo, tinham consciência de que sua atividade apostólica em favor da Igreja, longe de cessar com a morte, ia, ao contrário, ampliar-se, mormente ao entrar a alma na glória. Não tinham êles o exemplo e a lembrança da promessa do Divino Mestre aos apóstolos: “Convém que eu vá? Quando Eu subir a meu Pai, vos mandarei ao Espírito Santo”. S. Paulo descreve esta atividade do Cristo, *sempre vivo* diante do Pai, sem dúvida para adorá-Lo e glorificá-Lo, mas também *para interceder*, dia e noite, por nós”, ¹ Quem ousa sequer pensar que, desde sua Assunção gloriosa, a Mãe dos homens se tenha desinteressado de nossas misérias da tua terra ou que, em seu mistério eterno, no meio das venturas da visão, não esteja inteiramente ocupada em servir a êstes outros filhos, com sua onipotência de intercessão, sempre inclinada sôbre os povos para “gerá-los todos para Cristo”, mostrando-se mais Mãe do que nunca?

Não raro se encontram nos lábios dos grandes fundadores de Ordens palavras como as de S. Domingos a seus filhos que lhe choravam a morte iminente: “Eu vos serei mais útil no céu”. O mundo inteiro ouviu o desejo da “maior santa dos tempos modernos”. ² Teresinha do Menino Jesus: “No céu, não ficarei inativa. Quero passar meu céu a fazer o bem sôbre a terra”. Sua humilde irmã de Dijon soltou o mesmo

¹ Hebreus VII, 25.

² Pio X, a um bispo missionário.

brado apostólico: “Ficai certa de que lá em cima, na fornalha de amor, pensarei ativamente em vós. Pedirei para vós a graça de união, de intimidade com o Mestre; foi isto que fêz de minha vida um céu antecipado”. Dias antes da sua morte, movida pelo Espírito Santo, dirigiu a lapis, com mão exausta, a uma irmã conversa, a célebre passagem: “Parece que no céu minha missão será atrair as almas, ajudando-as a saírem de si para se unirem a Deus por um movimento simples, afetuoso, e guardá-las *no grande silêncio interior* que permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las em Si”.

Palavras proféticas, cuja realização é atestada, pela propaganda rápida, mundial, das *Memórias*.

1 — O GRANDE SILÊNCIO INTERIOR. — No céu, cada santo tem sua missão em harmonia com o plano da redenção, e em recompensa dos méritos que adquiriram na terra. Continuam, até o fim do mundo, a trabalhar pela extensão do reino de Deus e pela formação do “Cristo total”: a Mãe do Verbo Encarnado, como Medianeira universal de tôdas as graças; os outros santos, cada um em sua esfera particular, de acôrdo com o seu lugar na economia providencial. Assim é que os patriarcas das Ordens religiosas velam de modo particular sôbre os membros de seus institutos, uma S. Joana D’Arc sôbre o próprio país, um bispo sôbre sua diocese, um pároco sôbre sua paróquia, um pai ou u’a mãe sôbre seus filhos. A missão providencial de Irmã Elisabeth não é intervir ruídosamente no govêrno do mundo, mas conduzir as almas aos caminhos do silêncio e do recolhimento para maior glória da Santíssima Trindade: “Parece-me que no céu minha missão será atrair as almas”.

Ajudando-as a saírem de si mesmas. — É a graça das graças. Quantas almas “labirintos” que não conseguem jamais “sair de si”, embaraçadas nas intermináveis malhas do eu! As mais fervorosas gemem e desesperam. Debalde procuram libertar-se com os próprios esforços, nada adianta: é tarefa acima das fôrças do homem, só a graça de Deus a realiza. É, pois, graça preciosíssima que a serva de Deus promete às almas interiores, encarceradas no próprio eu. Do

alto do céu, sua intervenção silenciosa as conduz até esta libertação total que as lança “de cheio em Jesus Cristo”.

A alma não se desprende de si mesma senão para unir-se, “para aderir a Deus”. É êste o aspecto positivo e fundamental da missão íntima da serva de Deus. Seus escritos espirituais já produziram frutos sem conta nos meios católicos mais diversos. Seu apêlo à vida interior dirige-se a todos os fieis da Igreja. Todavia, forçoso é reconhecê-lo, a silenciosa Carmelita de Dijon parece ter a missão mais particular junto das almas contemplativas, para arrancá-las a si próprias, e algumas vêzes a seus “trapos”, e levá-las à grande corrente de vida divina que lhes dá, sôbre o Coração de Deus, poder de redenção.

Ora, na prática da vida espiritual, quanta complicação para uma multidão dessas almas interiores. Umam procuram Deus em mortificações excessivas, outras numa fidelidade de minúcias demasiado literal e mecânica, mas pouco atentas ao sôpro do Espírito Santo. A tôdas estas almas de boa vontade, por vêzes mal esclarecidas, a serva de Deus lembra que é preciso ir a Deus *por um movimento inteiramente simples, afetuoso*. Só o amor opera a simplicidade. A alma que, numa caridade perfeita, só procura em tudo a glória divina é uma alma simples, que vai direto a Deus. *Deus ignis consumens*: nosso Deus é fogo devorador, isto é, fogo de amor que destrói, que transforma em si tudo quanto toca. Para as almas entregues à sua ação no fundo de si mesmas, a morte mística, de que fala S. Paulo, torna-se tão simples, tão suave! Elas pensam muito menos no trabalho de destruição e de desprendimento que lhes resta fazer do que em lançar-se na fornalha de amor que arde nelas e que não é senão o Espírito Santo, êsse mesmo Amor que, na Santíssima Trindade, é o laço entre o Pai e o Verbo.

Ê pela fé viva que entram no Amor, onde, marcadas pela simplicidade e pela paz, são transportadas acima das contingências e dos gostos sensíveis até à “Treva Sagrada”. Ali, transformadas na imagem divina, elas vivem, segundo a expressão de S. João, “em sociedade” com as Três Pessoas

Adoráveis das quais partilhavam a mesma vida: eis a vida contemplativa".³

Então, a alma entra naquele *grande silêncio interior*, tão caro a Irmã Elisabeth e centro de convergência de tãda a sua doutrina espiritual. Depois do capítulo que consagramos à ASCESE DO SILÊNCIO, não temos mais que insistir sôbre êste ponto capital. O ativismo moderno invade tudo. Só se pensa na ação exterior. As almas não sabem mais calar-se para ouvir a Deus. Na agitação ruidosa do mundo atual, haverá missão mais urgente do que aquela confiada pela Providência à santa Carmelita de Dijon: reconduzir as almas ao caminho do recolhimento e "guardá-las, nêsse grande silêncio interior que permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las sem Si"? Ela própria nos ensinou que a "alma que guarda ainda alguma coisa em seu reino interior, cujas potências não estão perfeitamente "reclusas" em Deus, não pode ser um perfeito louvor de glória... A alma que discute com o eu, que se ocupa com suas sensibilidades, que segue um pensamento inútil, um desejo fútil, dispersa fôrças, e não está inteiramente orientada para Deus. Sua lira não vibra uníssona e o Mestre, ao tocá-la, não pode tirar harmonias divinas. Há nela ainda muita parte humana".⁴

Tudo deve calar-se em nós: os sentidos exteriores relativamente às coisas da terra; as potências interiores relativamente a todos os ruídos de dentro. Silêncio da vista, silêncio da imaginação e da memória, silêncio do coração sobretudo. "Para que nada me tire dêste belo silêncio interior, as condições são as mesmas: isolamento separação, desapêgo de tudo. Se meus desejos, meus temores, minhas alegrias, minhas dores, se todos os movimentos provenientes destas quatro paixões não são perfeitamente ordenados para Deus, não serei silenciosa, mas haverá ruído em mim. Indispensável é, pois a calma, o sono das patências, a unidade do ser".⁵ As mais altas faculdades espirituais devem, por sua vez, entrar nesse "grande silêncio interior"; silêncio da inte-

³ O Céu na Terra, 6.ª oração.

⁴ Último Retiro, 2.º dia.

⁵ Último Retiro, 10.º dia.

ligência: nenhum pensamento inútil; — silêncio do juízo, tão radicalmente libertador do espírito moderno, crítico em excesso; — silêncio da vontade sobretudo, que opera na alma o grande silêncio do amor.

Este *grande silêncio interior*: estabelecido nas almas, *permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las em Si*. Realiza-se, então, o fim supremo de tôda vida humana: a união transformante. “Então o Divino Mestre fica livre, livre de escoar-se, de dar-se como deseja, e a alma assim simplificada, unificada, torna-se o trono do Imutável, porque a Unidade é o trono da Santíssima Trindade”.

2. — LOUVOR DE GLÓRIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE. — Um documento póstumo, de importância excepcional, vai revelar-nos outro aspecto ainda mais importante da missão providencial da serva de Deus. Depois de sua morte descobriram um pequeno envoltório cuidadosamente lacrado com as seguintes palavras: *Segredos para nossa Madre*. Confidência suprema, no momento em que os santos vêem tudo à luz da eternidade. “Querida Madre, quando lerdes estas linhas, vosso pequeno “Louvor de glória” não cantará mais na terra, porém habitará na imensa fornalha de amor... A hora é grave, solene; não quero tardar mais em dizer-vos coisas que eu poderia diminuir, querendo exprimi-las em palavras... Vossa filha vem revelar-vos o que sente, ou mais exatamente, o que Deus, nas horas de recolhimento intenso, de contato unificante, lhe deu a compreender. ..Madre venerada, Madre consagrada para mim desde a eternidade, no momento de minha partida, *lego-vos minha vocação no seio da Igreja militante e que vou cumprir, agora sem cessar, no seio da Igreja triunfante: Louvor de glória da Santíssima Trindade*.

A glória da Santíssima Trindade, eis o testamento supremo da Santa Carmelita a tôdas as almas que quiserem segui-la no caminho da vida interior. Este “louvor de glória da Trindade”, sua vocação, desde esta vida, e “seu ofício de eternidade” diante da Face de Deus, está de acôrdo com os mais elevados planos divinos sôbre tôdas as criaturas. Nas obras de Deus tudo é ordenado a essa glória. *Universa*

propter se operatus est Dominus. ⁶ Se Êle mandou seu Filho ao mundo, foi antes de tudo para reparar esta glória, lesada pelo pecado. O próprio Jesus resumia assim tôda a sua missão na terra: “Pai, não busquei outra coisa senão tua glória”, *Pater clarificavi Te.* ⁷



Agora podemos compreender, em tôda a sua amplitude, a doutrina mística de Irmã Elisabeth. A adorável Trindade é o Bem supremo a que tendem tôdas as almas e o mundo dos puros espíritos. É para fazer-nos entra “em Sociedade” com as Pessoas divinas que o Pai criou o universo e “mandou Seu Filho”. Todo o mistério da Igreja e da Mãe de Deus, Medianeira de todas as graças, é de conduzir o “Cristo total” à contemplação da Santíssima Trindade. A visão da Trindade na Unidade, eis o sublime destino do homem. ⁸ É com dificuldade que êle anda na terra pelo Cristo, o “Crucificado por Amor”, a fim de ir eternizar-se em Deus. Através de tôdas as cruces, de tôdas as noites, de tôdas as mortes da Igreja militante, continua a silenciosa ascensão das almas rumo à Trindade Imutável e Beatificante.

Só chegam à visão divina que os “consuma na unidade” aquêles que, nesta subida, têm a coragem de abandonar tudo quanto é estranho a Deus para, em seu isolamento, simplicidade e pureza, gozar dêste Ser de quem tudo depende, ao qual tudo converge, do qual provém o ser, a vida, o pensamento. “Há um Ser que é Amor e que quer que vivamos em sociedade consigo”. ⁹ O amor infinito que nos envolve quer associar-nos, desde esta vida, a tôdas as suas beatitudes. Tôda a Santíssima Trindade repousa em nós: mistério que será nossa visão no céu”. ¹⁰

Tudo mais parece vão à alma que entreviu tais esplendores trinitários. Ela tem consciência de “possuir, no íntimo

⁶ Prov. XVI - 4.

⁷ S. Jo., XVII - 4.

⁸ Cf. S. Tomás, I, *Sent.* I, II, 1. *Expositio textus: Cognitione Trinitatis in unitate est fructus et finis totius vitae nostrae.*

⁹ Carta a sua mãe, 20 de outubro de 1906 .

¹⁰ Carta a G. de G., 20 de agosto de 1903.

de si mesma, um Bem eminentíssimo, diante do qual todos os outros desaparecem. Tôdas as alegrias que lhe advêm, são outros tantos avisos que a convidam a saborear de preferência o Bem que possui e ao qual nenhum outro pode ser comparado". Para á alma feliz que encontrou êste Bem, que amor e que ânsia de unir-se a Êle! Ela ama-O, com amor "mais forte do que a morte", com anseios ardentes, zombando de qualquer outro amor, desprezando as outras belezas que poderiam talvez seduzi-la. Para quem traz Deus em si, a privação das coisas criadas não é sofrimento algum! Infeliz é unicamente aquêle que se privou desta suprema Beleza. É preciso, pois, deixar tudo para possuir esta riqueza divina. Desprender-se inteiramente da fascinação das belezas fugitivas que poderiam afastar a alma do seu fim; não ambicionar nada mais na terra e "fugir só com o Só", indiferente a tudo mais. A verdadeira pátria da alma é "no seio da tranqüila Trindade", no silêncio e no recolhimento. A Santíssima Trindade: eis a nossa habitação, nosso "em casa", a morada paterna donde não devemos jamais sair". ¹¹

A fase superior de tôda vida espiritual é aquela em que a alma, triunfando do próprio eu e esquecendo-se inteiramente de si mesma, não vive senão para Deus, como fazem os bem-aventurados no céu, num "incessante louvor de glória". "Em cada um de seus movimentos, em cada uma de suas aspirações, bem como em cada um de seus atos, por mais ordinários que sejam, esta alma é por assim dizer um *Santus* perpétuo, um contínuo "louvor de glória". ¹² Começa no tempo seu ofício de eternidade. E o faz, sem deixar de recolher-se no fundo de si mesma, nesse santuário íntimo de sua vida, para onde se retirou só com o seu Deus.

Ó criatura, bela entre tôdas, alma que desejais tão ardentemente conhecer o lugar onde se encontra vosso Bem-Amado para buscá-Lo e unir-vos a Êle, sob êsse retiro onde Êle se abriga, a morada em que se oculta. Vosso Bem-Amado, vosso tesouro, vossa única esperança, está tão perto de vós que habita em vós e, em realidade, não podeis estar sem

¹¹ *O Céu na Terra*, 1.^a oração.

¹² *Último Retiro*, 8.^o dia.

Ele". ¹³ Mas, que esta alma tome cuidado. Não é só para felicidade dela que Deus aí habita, mas antes de tudo para sua glória". A Santíssima Trindade gosta tanto de rever nas criaturas a própria imagem e semelhança! Desta maneira a glória da Santíssima Trindade deve, enfim, elevar a alma acima de si mesma e do próprio gôzo. "Visto que minha alma é um céu, onde vivo à espera da Jerusalém celeste, êste céu deve cantar a glória do Eterno, nada mais do que a glória do Eterno". ¹⁴ É a êste ponto que a doutrina espiritual de Irmã Elisabeth quer, definitivamente, conduzir as almas. "Viver à imagem da Imutável Trindade, num eterno presente, adorando-A por causa de Si mesma e tornando-se por um olhar cada vez mais simples, unificante, o esplendor de sua glória, ou por outros têrmos: o incessante louvor de glória de Suas perfeições adoráveis". ¹⁵

Ao passo que S. Teresinha arrastou após inúmeras almas com seu ato de oferecimento de holocausto ao Amor misericordioso, Irmã Elisabeth da Trindade parece ter recebido por missão suscitar na Igreja uma multidão de "louvores de glória" à Santíssima Trindade

*Lego-vos minha vocação no seio da Igreja militante e que vou agora cumprir sem cessar na Igreja triunfante:
Louvor de glória da Santíssima Trindade.*

¹³ S. João da Cruz: *Cântico Espiritual*, estrofe I.

¹⁴ *Último Retiro*, 7.º dia.

¹⁵ *Último Retiro*, 16.º dia.

TEXTOS ESPIRITUAIS

ÚLTIMOS CONSELHOS DE VIDA INTERIOR ¹

Aqui está, enfim, Sabeth que vem com seu lápis instalar-se perto de sua Fr. . . querida; digo com *seu lapis*, porque de coração a instalação está feita de há muito, não é assim? e continuamos ambas fusionadas. Que prazer nos nossos encontros da tarde! É como o prelúdio daquela comunhão que se estabelecerá entre nossas almas do céu à terra; parece que estou inclinada sobre ti como uma mãe sobre seu filho de predileção! Levanto os olhos para Deus, depois abaixo-os sobre ti expondo-te aos raios de seu amor. Nada digo a teu respeito, mas Ele me compreende ainda mais e prefere o meu silêncio. Minha filha, quisera eu ser santa para ajudar-te desde esta vida, à espera de que o possa fazer da outra. A que sofrimento não me submeteria para obter as graças de força de que tens necessidade!

Quero responder a tuas perguntas.

Tratemos primeiro da *humildade*. Li sobre este assunto páginas magníficas. Um piedoso autor diz que “ninguém pode perturbar o humilde, que ele possui uma paz invencível, porque está precipitado em tal abismo que ninguém vai procurá-lo”. Diz ainda que “o maior prazer que o humilde experimenta em sua vida é o sentimento de sua impotência diante de Deus”.

¹ Trata-se duma resposta dirigida aos 11 de setembro de 1906 (algumas semanas antes de sua morte) a u'a amiga de infância e onde transparece tôda a experiência de sua vida interior, formulada à maneira dos santos: com a simplicidade do Evangelho.

O orgulho não é coisa que se destrói com um golpe de espada. Sem dúvida, certos atos heróicos de humildade como se vêem na vida dos santos dão-lhe um golpe que, se não o mata, pelo menos enfraquece consideravelmente.

É preciso matá-lo cada dia: *Quotidie morior*,² exclamava S. Paulo, “morro todos os dias”. Esta doutrina do “morrer a si mesmo”, que é entretanto a lei para tôda alma cristã desde que Nosso Senhor disse: “Se alguém quer seguir-me, tome sua cruz e renuncie a si mesmo”;³ esta doutrina que parece tão severa é de uma suavidade deliciosa quando se olha o têrmo desta morte que é a vida de Deus substituindo nossa vida de pecados e de misérias. É o que S. Paulo queria exprimir quando escrevia: “Despojai-vos do velho homem e revesti-vos do novo, segundo a imagem dAquele que o criou”.⁴ Esta imagem é Deus mesmo. Lembra-te da vontade que Êle exprimiu tão formalmente no dia da criação: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.⁵ Oh! se pensássemos mais ainda nas origens de nossa alma, as coisas da terra nos pareciam tão pueris que só teríamos desprezo por elas. S. Pedro, em uma de suas epístolas, escreve que somos participantes da natureza divina.⁶ E S. Paulo recomenda que conservemos, (inviolavelmente) até o fim, este início de Seu ser com que fomos doados.⁷

Parece que a alma, consciente de sua grandeza, entra nesta santa liberdade dos filhos de Deus⁸ de que fala o Apóstolo, isto é, ultrapassa tudo e a si própria.

A alma mais livre é, por certo, a que vive mais esquecida de si mesma. Se me perguntassem qual é o segredo da felicidade, responderia que é não fazer mais caso de si, negar-se todo o tempo. Aí está um bom meio de se destruir o orgulho: fazê-lo morrer de fome. O orgulho é o amor de nós mesmos. É preciso então que o amor de Deus seja tão forte que apague todo outro amor em nós.

² I Cor. XV, 31.

³ S. Mat. XVI, 24.

⁴ Colos III, 9, 10.

⁵ Gên. I, 26.

⁶ II Petr. I, 4.

⁷ Hebr. III, 14.

⁸ Rom. VIII, 21.

Diz S. Agostinho que temos em nós duas cidades: a cidade de Deus e a do nosso eu. A primeira cresce à medida que a segunda é destruída. Uma alma que vivesse na fé, sob o olhar de Deus, que tivesse aquêle “ôlho simples” de que fala Nosso Senhor no Evangelho, isto é, aquela pureza de intenção que só visa a Deus, esta alma, penso eu, viveria também na humildade; saberia reconhecer os dons divinos que lhe são feitos, porque a humanidade é a verdade, ela não se apropria de nada, mas tudo atribui a Deus, como fazia Nossa Senhora. Todos os movimentos de orgulho que antes só se tornam pecado quando a vontade intervém como cúmplice; sem isto, poderás sofrer muito, mas não ofenderás a Deus. As faltas que te escapam como dizes, sem refletires, denotam sem dúvida um fundo de amor-próprio, mas isto, minha querida, faz de certo modo parte de nós. O que Deus te pede é que não te detenhas jamais voluntariamente num pensamento fútil de amor-próprio nem faças nunca ato algum inspirado pelo orgulho, o que não seria bom. E ainda que notes algumas destas desordens, não debes desanimar, porque é ainda o orgulho que se irrita; debes ao contrário manifestar tua miséria aos pés do Mestre como Maria Madalena, e pedir-lhe que te livre dela. Ele gosta tanto de ver que a alma reconhece sua impotência! Então, como dizia uma grande Santa, “O abismo da imensidade de Deus encontra-se face a face com o abismo do nada da criatura e Deus sufoca êste nada”.¹⁰

Minha filha, nenhum orgulho há em pensar que não queres saber da vida facil; creio profundamente que Deus quer que tua vida se passe numa atmosfera onde se respira o ar divino.

Tenho muita dó das almas que não vivem acima da terra e de suas banalidades; julgo-as verdadeiras escravas e quisera dizer-lhes: sacudi êsse jugo que pesa sôbre vós, que fazeis com êsses laços que vos prendem a vós mesmas e as coisas inferiores a vós?

Creio que as pessoas felizes neste mundo são as que sabem desprezar-se, esquecer-se e escolher a cruz como parti-

⁹ Mat. VI, 22.

¹⁰ Santa Angela de Foligno.

lha. Que paz deliciosa quando se sabe encontrar gôso no sofrimento! “Completo em minha carne o que falta à paixão de Cristo, pelo seu corpo que é a Igreja”.¹¹ Aí está a felicidade do Apóstolo. Este pensamento me acompanha sempre, e confesso que sinto um prazer íntimo e profundo em pensar que Deus me escolheu para associar-me à Paixão de Cristo. O caminho do Calvário que percorro cada dia parece-me antes a estrada da beatitude.

Nunca viste algum daqueles quadros que representam a morte a ceifar com uma foice? Pois é êste o meu estado. Tenho a impressão de que ela me ceifa assim. Para a natureza, e, às vêzes, penoso e confesso que, se não passasse adiante, experimentaria apenas frouxidão no sofrimento; mas isto é consideração humana e logo “abro os olhos de minha alma à luz da fé”. Esta fé me diz que é o amor que me destrói, que me consome lentamente e, então, o meu prazer é imenso; entrego-me a Êle qual um prêsa.

Para se atingir a vida ideal da alma, penso que é mister viver no sobrenatural, quer dizer, não agir jamais “naturalmente”. Cumpre nos convençamos de que Deus está no mais íntimo de nós e a tudo irmos com Êle. Então nunca seremos banais, mesmo nos atos mais ordinários, porque não vivemos nestas coisas, porém as superamos. A alma sobrenatural não trata jamais com as causas segundas, mas só com Deus. Como sua vida é simplificada e se aproxima da vida dos bem-aventurados, como se liberta de si mesma e de tôdas as coisas, tudo para ela se reduz à unidade, êsse *único necessário*, de que o Divino Mestre falava a Madalena. Então ela é verdadeiramente grande, livre, porque *encerrou sua vontade na de Deus*.

Quando pensamos em nossa predestinação eterna, tôdas as coisas visíveis parecem desprezíveis! Ouve S. Paulo: “Os que Deus conheceu em sua preciência, destinou-os a serem conformes com a imagem de seu Filho”. Não é tudo. Verás que és também do número dos conhecidos: “E os que Êle conheceu, chamou-os”. Foi o batismo que fêz de ti filha adotiva, que te marcou com o sêlo da Santíssima Trindade.

¹¹ Col., I, 24.

“E os que chamou, justificou-os”. Quantas vêzes fôste justificada pelo sacramento da penitência e pelas inspirações de Deus em tua alma, sem que disto tivesses sequer consciência! “E os que justificou, glorificou-os”. ¹² É o que te espera na eternidade. Mas não te esqueças de que o nosso grau de glória será o grau de graça em que Deus nos encontrar na hora da morte. Deixa que **Ele** realize em ti a obra de sua predestinação, e para isto, ouve ainda êste programa de vida que te apresenta S. Paulo: “Caminhai em Cristo, enraizados n**Ele**, edificados n**Ele**, firmes na fé e crescendo n**Ele** em ação de graças”. ¹³

Sim, filhinha de minha alma e de meu coração, caminha em Cristo. Tens necessidade dessa estrada larga, pois não fôste feita para os estreitos caminhos da terra. *Enraiza-te n**Ele***, mas antes, desenraiza-te de ti, mesma ou, o que é o mesmo, renuncia-te cada vez que te encontras. *Edifica-te n**Ele***, acima de tudo que passa, lá onde tudo é puro, luminoso. Sê *firme na fé*, isto é, nada faças senão à luz de Deus e jamais segundo as impressões, segundo a imaginação. Crê que **Ele** te ama, que quer ajudar-te nas lutas que tens a sustentar; crê em seu amor, em seu “excessivo amor” ¹⁴ como diz S. Paulo. Alimenta tua alma com os grandes pensamentos da fé que te revelou tôda a tua riqueza e o fim para que Deus te criou. Se viveres destas verdades, tua piedade não será uma exaltação nervosa, *como receias*, mas uma piedade verdadeira. É tão bela a verdade, a verdade do amor: “**Ele** me amou e se entregou à morte por mim”! ¹⁵ Aí está, filhinha, o que é ser verdadeiro. Finalmente, “crescer em ação de *graças*” é a última palavra do programa, sua conseqüência necessária. Se caminhas enraizada em Cristo, firme na fé, viverás em ação de graças, no amor dos filhos de Deus. Não sei como pode a alma, que sondou o amor de Deus “para com ela”, ficar sempre descontente em qualquer sofrimento, em qualquer dor. Lembra-te de que “fôste escolhida n**Ele**, antes da criação, para sêres imaculada e santa, em presença, no

¹² Rom. VIII, 29, 30.

¹³ Col. II, 6, 7.

¹⁴ Efés, II, 4.

¹⁵ Gal. II, 20.

amor". ¹⁶ É ainda S. Paulo quem o diz, portanto não temas a luta, a tentação. "Quando me sinto fraco", exclama o Apóstolo," é então que estou forte, porque a fôrça de Cristo habita em mim". ¹⁷

Não sei o que vai pensar nossa Reverenda Madre quando vir êste jornal; ela não me dará mais licença para escrever, porque estou numa fraqueza extrema, cada instante sinto-me desfalecer. Esta carta será talvez a última de tua Sabeth. Ela levou dias a escrevê-la, o que explica sua incoerência; e esta tarde não posso decidir-me a deixar-te. Estou na solidão. São 7 1/2 da noite, a Comunidade está em recreio e eu, parece, que já vivo no céu em minha pequena cela, só com Ele, levando a cruz com meu Senhor. Minha felicidade aumenta em proporção do sofrimento. Se soubesses que prazer se encontra no fundo do cálice preparado pelo Pai do céu!

Adeus, Fr... querida, não posso mais continuar, e, no silêncio de nossos encontros, bem o adivinhas, compreenderás tudo quanto deixo de dizer-te. Abraço-te no Amor que uma mãe tem para com sua filhinha. Adeus, querida, que Deus te guarde de todo mal à sombra de suas asas.

Ir. M. Elisabeth da Trindade

Laudem Gloriam

Será êste o meu nome novo no céu...

¹⁶ Efés. I, 4.

¹⁷ II Cor. XII, 9, 10.

O CÉU NA TERRA

COMO SE PODE ENCONTRAR O CÉU NA TERRA ¹

1.^a ORAÇÃO

A Trindade, eis nossa morada.

“Pai, quero que onde eu estiver estejam comigo os que me deste, a fim de que contemplem a glória de que me revestiste, porque me amaste, antes da criação do mundo”.² Eis a última vontade de Jesus, sua prece suprema antes de voltar ao Pai. Ele quer que, onde estiver, estejamos também nós, não só durante a eternidade, mas desde esta vida, que é a eternidade começada e sempre em progresso.

Cumpra, pois, saibamos onde devemos viver com Ele para realizarmos seu sonho divino. “O lugar onde se oculta o Filho de Deus é o seio do Pai, ou a Essência divina, invisível a todo olhar mortal, inacessível a toda inteligência humana, como exclamava Isaías: “Sois verdadeiramente um Deus oculto”.³ Entretanto, sua vontade é que estejamos fixos nEle, que fiquemos onde estiver, na unidade do amor; que sejamos, por assim dizer, sua própria sombra.

“Pelo batismo”, diz S. Paulo, “fomos enxertados em Cristo”.⁴ E ainda: “Deus nos fez sentar no céu com Cristo,

¹ Irmã Elisabeth compôs este retiro durante o verão de 1906, alguns meses antes de morrer, para satisfazer ao desejo de uma alma muito querida — sua irmã — que lhe pedira a iniciasse no segredo de sua vida interior. Aqui, como no *Último Retiro*, os subtítulos são nossos.

² S. João, XVII, 24

³ Isaías, XLV-15. (Citação de S. João da Cruz. *Cântico Espiritual*, explicação da 1.^a estrofe.)

⁴ Rom. VI, 5.

a fim de mostrar aos séculos vindouros as riquezas de sua graça". ⁵ E mais adiante: "Não sois mais hóspedes nem estrangeiros, e sim concidadãos dos Santos e familiares de Deus". ⁶ A Santíssima Trindade: eis nossa habitação, nosso "em casa", a morada paterna donde não devemos jamais sair.

2.^a ORAÇÃO

Permanecei em mim.

"Permanecei em mim". ⁷ É o Verbo de Deus quem nos dá essa ordem, quem exprime essa vontade. "Permanecei em mim", não por alguns instantes, por algumas horas passageiras, mas ficai de modo permanente, habitual. "Permanecei em mim", orai em mim, adorai em mim, amai em mim, sofrei em mim, trabalhai, agi em mim. Permanecei em mim, e então podeis ir a todos e a tudo. Penetrai, sempre mais, nessa profundidade. É ali, verdadeiramente "a solidão para onde Deus quer atrair a alma e falar-lhe", ⁸ como contava o Profeta. Mas para ouvir essa palavra misteriosa, cumpre não se deter, por assim dizer, na superfície, mas penetrar cada vez mais no Ser divino pelo recolhimento. "Eu sigo minha carreira", ⁹ exclamava S. Paulo. Do mesmo modo devemos descer, cada dia, nesse caminho do abismo que é Deus. Deixemo-nos escorregar por êsse declive numa confiança cheia de amor: "Um abismo chama outro". ¹⁰ É ali, bem no fundo, que se fará o encontro divino, que o abismo de nosso nada, de nossa miséria, se encontrará face a face com o abismo de misericórdia, da imensidade, de tudo de Deus; ali encontraremos a força para morrermos e nós mesmos e, perdendo nossos próprios traços, seremos transformados no amor. "Bem-aventurados os que morrem no Senhor". ¹¹

⁵ Efés. II, 6, 7.

⁶ Efés. II, 19.

⁷ S. Jo. XV, 4.

⁸ Oséias, II, 14.

⁹ Filip. III, 12.

¹⁰ Salmo XLI, 8.

¹¹ Apoc., XIV, 13.

3.^a ORAÇÃO

O Reino de Deus está dentro de vós.

“O Reino de Deus está dentro de vós”.¹²

Há pouco, Deus convidava-nos a permanecermos n'Ele, a vivermos pela alma em sua herança de glória, e agora nos diz que não precisamos sair de nós para o encontrarmos: “O reino de Deus está “dentro”. S. João da Cruz diz que é na substância da alma, onde nem o demônio, nem o mundo podem chegar, que Deus se dá a nós. Então, todos os movimentos da alma se tornam divinos e embora se originem de Deus, provêm igualmente dela, porque é nela e com ela que Deus os produz. O mesmo Santo diz ainda que Deus está no centro da alma. No momento em que a alma, segundo toda a sua força, conhecer a Deus perfeitamente, o amar e gozar d'Ele inteiramente, terá chegado ao centro mais profundo que possa atingir. Antes, contudo, a alma já está em Deus, que é seu centro, porém, não está ainda em *seu centro mais profundo*, visto que pode ir mais longe. Como é o amor que une a alma a Deus, quanto mais intenso é este amor, tanto mais profundamente penetra ela em Deus e Ele se concentra. Se ela possui um só grau de amor, já está em seu centro, mas quanto este amor tiver atingido a perfeição, a alma terá penetrado em seu centro mais profundo e é aí que será transformada de modo a tornar-se “muito” semelhante a Deus. A esta alma que vive no seu íntimo podem aplicar-se as palavras do Pe. Lacordaire a S. Maria Madalena: “Não pergunteis mais pelo Mestre a ninguém na terra nem no céu, porque Ele é vossa alma e vossa alma é Ele”.

4.^a ORAÇÃO

Se alguém me ama.

“Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a Ele e n'Ele faremos nossa morada”.¹³

¹² S. Luc. XVII, 21.

¹³ S. Jo., XIV, 23.

Aqui está o Mestre a exprimir-nos ainda o desejo de habitar em nós. “Se alguém me ama”: é o amor que atrai, que arrasta Deus até à criatura; não um amor de sensibilidade, mas aquêle “amor forte como morte... e que nem as grandes inundações podem apagar”. ¹⁴ É porque amo a meu Pai, ¹⁵ que só faço o que lhe agrada”. ¹⁶ Assim falava o Divino Mestre e todo aquêle que quer viver em contato com Deus, deve viver também desta máxima. A vontade de Deus deve ser-lhe o alimento, o pão de cada dia; a alma deve deixar-se imolar por tôdas as vontades do Pai, como fazia o Filho adorado: cada incidente, cada acontecimento, cada sofrimento, cada prazer é um sacramento que lhe dá Deus. Por isso ela não faz mais diferença nenhuma entre estas coisas; transpõe-nas, ultrapassa-as para descansar, acima de tudo, em seu Mestre. Ela exalta-O no cume da montanha do coração, acima das doçuras que d’Ele emanam. É próprio do amor não procurar mostrar-se, nada reservar para si, mas dar tudo ao Amado. Feliz da alma que ama verdadeiramente, o Senhor torna-se seu prisioneiro de amor!

5.^a ORAÇÃO

Estais mortos.

“Estais mortos e vossa vida está escondida em Deus com Cristo”. ¹⁷

Eis S. Paulo a iluminar-nos os caminho do abismo: “Estais mortos”. Que quer dizer isto senão que a alma desejosa de viver em contato com Deus, na fortaleza inexpugnável do santo recolhimento, deve ser separada, despojada, afastada de tudo (*quanto ao espirito*)?... *Quotidie morior* ¹⁸ Esta alma encontra em si mesma a inclinação do amor que conduz a Deus malgrado as criaturas. Ela é invencível quanto aos acontecimentos transitórios, porque passa além, visando

¹⁴ Cantares, VIII, 6, 7.

¹⁵ S. Jo., XIV, 31.

¹⁶ S. Jo., VIII, 29.

¹⁷ Col., III, 3.

¹⁸ I Cor. XV, 31.

somente Deus. *Quotidie morior*, morro cada dia, faço-me pequeno, renuncio-me sempre mais, a fim de que Cristo cresça e seja exaltado em mim. *Quotidie morior*, a alegria de minha alma (quanto à vontade e não quanto à sensibilidade) consiste em tudo quanto pode imolar-me, destruir-me, abaixar-me, porque quero que o Mestre tome o meu lugar. “Já não sou eu quem vive, mas Ele quem vive em mim”; ¹⁹ não quero mais viver por mim mesma, mas ser transformada em Cristo, a fim de que minha vida seja mais divina do que humana e que o Pai, ao inclinar-se sobre mim, possa reconhecer a imagem do “Filho predileto no qual pôs as suas complacências”.

6.^a ORAÇÃO

Nosso Deus é fogo devorador.

Deus ignis consumens. ²⁰ “Nosso Deus”, escrevia S. Paulo, é fogo devorador, “isto é, fogo de amor que destrói, que transforma em si tudo quanto toca.

Para as almas entregues à sua ação, no fundo de si mesmas, a morte mística de que nos falava ontem S. Paulo, torna-se tão simples, tão suave! Elas pensam muito menos no trabalho de destruição e de desprendimento que lhes resta fazer, do que em lançar-se na fornalha de amor que nelas arde, e que não é outro senão o Espírito Santo, êsse mesmo amor que na Santíssima Trindade é o laço entre Pai e o Verbo. Essas almas entram em Deus pela fé viva, e, cheias de simplicidade, de paz, são por Ele transportadas acima das coisas criadas, dos gostos sensíveis, na “treva sagrada”, e ali transformadas em sua imagem divina. Vivem segundo a expressão de S. João, “em sociedade” ²¹ com as Três Pessoas adoráveis, de cuja vida participam: eis aí a vida contemplativa.

¹⁹ Gal. II, 20.

²⁰ Heb. XII, 29.

²¹ I S. Jo., I, 3.

7.^a ORAÇÃO*Vim atear o fogo na terra*

“Vim atear o fogo na terra e que desejo senão vê-lo arder”.²²

É o próprio Mestre que exprime o seu desejo de ver arder o fogo do amor. Com efeito, tôdas as nossas obras, todos os nossos trabalhos, nada são diante d'Ele. Nada podemos dar-lhe nem satisfazer seu único desejo que é elevar a dignidade de nossa alma. Nada lhe agrada mais do que vê-la crescer. Ora, nada pode elevá-la tanto quanto tornar-se de certo modo igual a Deus. E é por isso que dela exige o tributo de seu amor, porque é próprio do amor igualar quanto possível aquêle que ama com aquêle que é amado. A alma que possui êste amor se mostra igual a Jesus Cristo, pois que a afeição recíproca faz com que entre êles tudo seja comum. “Dei-vos o título de amigos, porque vos manifestei tudo quanto ouvi de meu Pai”.²³ Mas para chegar a êste amor, é necessário que a alma se tenha antes entregue totalmente; sua vontade deve, a pouco e pouco, perder-se na de Deus de modo que suas inclinações, suas faculdades não se movam mais senão dentro dêste amor e para êle. Tudo faço por amor, tudo soffro por amor — tal é o sentido das palavras de Davi: “Guardarei em Vós tôda a minha fôrça”.²⁴ Então, o amor enche de tal maneira a alma, absorve-a e protege-a tão bem, que ela encontra por tôda parte o segrêdo de crescer no amor. Mesmo em suas relações com o mundo, nas solitudes da vida, tem o direito de dizer: minha única ocupação é amar.

8.^a ORAÇÃO*Para aproximar-se de Deus é preciso crer.*

“Para aproximar-se de Deus é preciso crer”.²⁵ É S. Paulo que assim fala. E diz também: “A fé é a substância

²² S. Luc. XII, 49.

²³ S. Jo., XV, 15.

²⁴ Salmo LVIII, 10.

²⁵ Hebr. XI, 16.

das coisas que se devem esperar e a convicção das que se não vêem".²⁶ Quer dizer que a fé nos torna tão certos e presentes os bens futuros que, por ela, tomam existência em nossa alma e nela subsistem antes mesmo que possamos dêles gozar. S. João da Cruz diz que ela serve de pedestal para irmos a Deus e que é a posse em estado obscuro. Só ela pode dar-nos verdadeiras luzes sôbre Aquêle que amamos, e nossa alma deve escolhê-la como meio para chegar à união divina. É ela que derrama, com abundância, em todos nós os bens espirituais. Jesus Cristo, falando à Samaritana, designava a fé, quando prometeu a todos os que haviam de crer nêle uma fonte d'água viva que jorraria até à vida eterna.²⁷ Assim, pois, "a fé nos dá Deus desde esta vida, revestido, é verdade, do véu com que o encobre; mas é o próprio Deus". "Quando chegar o que é perfeito", isto é, a visão clara, "o que é imperfeito" ou em outros têrmos, o conhecimento pela fé "receberá tôda á sua perfeição".²⁸

"Conhecemos o amor que Deus tem para conosco e nêle cremos".²⁹ Aí está o grande ato de nossa fé, o meio de pagar a Deus amor com amor, é o "segredo oculto" no coração do Pai, de que fala S. Paulo, onde conseguimos afinal penetrar e tôda a nossa alma exulta. Quando ela sabe crer no "amor excessivo" que a envolve, podemos dizer dela como de Moisés: era inabalável na fé, como se houvera visto o "Invisível".³⁰ Ela não se detém mais nos gostos, nos sentimentos; pouco lhe importa sentir ou não a Deus, pouco lhe importa que lhe mande gozo ou sofrimento: ela crê em seu amor. Quanto mais provações sofre, tanto mais aumenta sua fé, porque transpõe, por assim dizer, todos os obstáculos, para ir repousar no seio do Amor infinito, cujas obras não podem ser senão de amor. Por isso, a voz do Mestre pode segredar a esta alma assim atenta na fé, aquela palavra íntima que um dia dirigia a Maria Madalena: "Vá em paz, tua fé te salvou".³¹

²⁶ Hebr. XI, 1.

²⁷ S. Jo. IV, 14.

²⁸ I Cor. XIII, 10.

²⁹ I Jo. IV, 16.

³⁰ Hebr. XI, 27.

³¹ S. Luc. VII, 50.

9.^a ORAÇÃO*Conformes com a imagem do Filho.*

“Aquêles que Deus conheceu em sua preciência predeterminou-os a serem conformes com a imagem de seu Divino Filho”. ⁸² E os que predeterminou, chamou-os; os que chamou, justificou-os; os que justificou, glorificou-os. Que diremos depois disto? Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Quem me separará da caridade de Cristo”. ⁸³ É assim que, ao olhar esclarecido do Apóstolo, aparece o mistério da predestinação, o mistério da eleição divina. “Os que Ele conheceu”, não fomos nós dêste número? Porque não dirá Deus a nossa alma o que outrora dizia pela voz do profeta: “Passei perto de ti e te considerei: Vi que chegara o tempo de seres amada: cobri-te com meu manto e jurei proteger-te; fiz aliança contigo e ficaste sendo minha”. ⁸⁴ Nós lhe pertencemos pelo batismo, é o que S. Paulo exprime por estas palavras: “Chamou-os”. Sim, fomos chamados a receber o sêlo da Santíssima Trindade, ao mesmo tempo que nos tornamos, segundo a linguagem de S. Pedro, “participantes da natureza divina”; ⁸⁵ recebemos “um começo de seu ser”. ⁸⁶ Em seguida, “justificou-nos” pelos Sacramentos, por toques diretos no recolhimento profundo de nossa alma “justificados que fomos também pela fé” ⁸⁷ e segundo a medida de nossa fé na redenção de Cristo. Enfim, Ele quer glorificar-nos e para isso, diz S. Paulo, “tornou-nos dignos de receber a herança dos santos na luz, ⁸⁸ mas só seremos glorificados na medida em que tivermos sido conformes com a imagem de seu Divino Filho. Contemplemos, pois, essa Imagem adorável, conservemo-nos sempre sob seu reflexo, para que ela se imprima em nós; depois, enfrentemos tôdas as coisas na atitude de espírito em que se encontraria nosso Mestre Divino:

⁸² Rom. VIII, 29.

⁸³ Rom. VIII, 30...35.

⁸⁴ Ezequiel, XIV, 8.

⁸⁵ II Petr. I, 4.

⁸⁶ Hebr. III, 14.

⁸⁷ Rom. V, 1.

⁸⁸ Colos. I, 12.

realizaremos, então, a grande vontade pela qual Deus decidiu “em si mesmo” “restaurar tôdas as coisas em Cristo”.³⁹

10.^a ORAÇÃO

O Cristo é minha vida.

“Tudo no mundo é nada para mim desde que cheguei ao conhecimento transcendente de Cristo, Senhor meu. Tudo abandonei por amor a Ele e tudo considere como lixo a fim de ganhar Cristo. Só uma coisa ambiciono: conhecê-Lo e entrar na comunhão de seus sofrimentos, na conformidade com sua morte... Sigo minha carreira, esforçando-me por atingir o alvo que me marcou. Tôda a minha preocupação é esquecer o que já passou e atingir o que está adiante. Corro ao alvo, à vocação a que Deus me chamou em Cristo.⁴⁰ Isto é, não quero outra coisa senão identificar-me com Ele. *Mihi vivere Christus est*,⁴¹ O Cristo é minha vida!... A alma ardente de S. Paulo está tôda nestas linhas. Estudemos o modelo divino durante êste retiro, cujo fim é tornar-nos mais conformes com o Mestre adorável, mais do que isto, é fundir-nos de tal modo nEle que possamos dizer: “Não sou eu mais quem vive, é Ele que vive em mim, e o que me resta de vida neste corpo de morte, guardo-o na fé ao Filho de Deus que me amou e se entregou à morte por mim”.⁴² O conhecimento dêle, diz o Apóstolo, “é tão transcendente”!⁴³ E que disse Ele ao entrar no mundo? Os holocaustos já não vos agradam, por isso tomei um corpo: Eis-me aqui, ó Deus, para fazer vossa vontade”.⁴⁴ Durante os 33 anos de Sua vida terrena, essa vontade foi para Ele de tal modo, o pão quotidiano,⁴⁵ que, no momento de entregar Sua alma nas mãos do Pai, podia dizer: “Tudo está consumado”.⁴⁶ Sim, os vos-

³⁹ Efés. I, 9, 10.

⁴⁰ Filip. III, 8, 14.

⁴¹ Filip. I, 21.

⁴² Gal. II, 20.

⁴³ Filip. III, 8.

⁴⁴ Hebr. X, 5.

⁴⁵ S. Jo. IV, 32, 34.

⁴⁶ S. Jo. XIX, 30.

sos desejos foram todos cumpridos e eis porque “vos glorifiquei na terra”. ⁴⁷

Com efeito, falando Nosso Senhor aos Apóstolos daquele alimento que não conheciam, dizia: “Meu alimento é fazer a vontade dAquele que me enviou”. ⁴⁸ Por isso podia afirmar: “Nunca estou só”. ⁴⁹ O que me enviou está sempre comigo porque só faço o que lhe agrada”. ⁵⁰ Comamos com amor, êsse pão da vontade de Deus. Se às vêzes as vontades dêle são mais cruciantes, é-nos sem dúvida permitido dizer com o Mestre adorável: “Pai, se possível, afaste de mim êsse cálice”, mas acrescentaremos sem demora: “não como eu quero, e sim com Vós quereis”. ⁵¹ E calmos, fortes, ao lado do divino Crucificado, galgaremos também nosso Calvário, cantando no íntimo da alma e elevando ao Pai um hino de ação de graças, porque os que andam nessa via dolorosa são “aquêles que Ele conheceu e destinou a serem conformes com a Imagem do seu Divino Filho”, ⁵² o Crucificado por Amor!

11.ª ORAÇÃO

A adoção dos filhos de Deus.

“Deus destinou-nos a sermos filhos adotivos, por Jesus Cristo e em união com Ele, segundo o decreto de sua vontade, para fazer resplandecer em nós a glória de sua graça, pela qual nos justificou em seu Filho amado. NEle temos a redenção pelo seu Sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da graça que superabundou em nós em tôda sabedoria e prudência”. ⁵³ A alma que se tornou realmente filha de Deus, segundo a palavra do Apóstolo, é movida pelo próprio Espírito Santo: “todos aquêles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus”. . . E ainda: “Não re-

⁴⁷ S. Jo. XVII, 4.

⁴⁸ S. Jo. IV, 34.

⁴⁹ S. Jo. VIII, 16.

⁵⁰ S. Jo. VIII, 29.

⁵¹ S. Mat. XXVI, 39.

⁵² Rom. VIII, 25.

⁵³ Efés. I, 5, 8.

recebemos o espírito de escravidão que nos conduz pelo temor, mas o espírito de adoção de filhos no qual clamamos: “*Abba! Pai!*” “Com efeito, o próprio Espírito dá testemunho a nosso Espírito de que somos filhos de Deus. Mas se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois se sofremos com *Ele* é para com *Ele* sermos glorificados”.⁵⁴ Foi para levar-nos a êste abismo de glória que Deus nos criou à sua imagem e semelhança.

“Vêde”, diz S. João, “o amor do Pai para conosco, fazendo com que sejamos chamados filhos de Deus, e que o sejamos realmente. Desde agora somos filhos de Deus e não se viu ainda o que seremos. Sabemos que, quando Deus se manifestar, seremos semelhantes a *Ele*, porque O veremos tal qual é. E todos os que têm esta esperança se tornam santos como *Ele* é santo”.⁵⁵

É esta a medida da santidade dos filhos de Deus: ser santo como Deus, ser santo da própria santidade divina, entrar em contato com Deus, no fundo do abismo insondável “dentro de nós”. A alma parece adquirir então uma certa semelhança com Deus, o qual, embora encontre delícias em tôdas as criaturas, não pode encontrar tanto quanto em si mesmo, porque possui em si o bem supremo diante do qual todos os outros desaparecem. Tôdas as alegrias que advêm à alma são outros tantos avisos que a convidam a saborear de preferência o Bem que possui e ao qual nenhum outro pode ser comparado.

“Pai nosso, que estais nos céus”. É neste pequeno céu, criado por *Ele*, no centro de nossa alma, que devemos procurá-lo e sobretudo permanecer. Nosso Senhor dizia um dia à Samaritana que “o Pai procurava verdadeiros adoradores, em espírito e em verdade”.⁵⁶ Para lhe alegrarmos o coração, sejamos essas grandes adoradoras. Adoremos-La *em espírito*, isto é, tenhamos o coração e o pensamento fixos n*Ele*, com o espírito cheio de seu conhecimento pela luz da fé. Adoremos-Lo *em verdade*, isto é, por nossas obras, porque é principalmente pelos atos é que somos verdadeiras: façamos

⁵⁴ Rom. VIII, 14, 17.

⁵⁵ I Jo. III, 1, 3.

⁵⁶ S Jo. IV, 23.

sempre o que agrada ao Pai, de quem somos filhas. Finalmente, adoremos *em espírito e em verdade*, isto é, *por* Cristo, e *com* Cristo, porque só *Ele* é o verdadeiro adorador em espírito e em verdade. Seremos então as filhas de Deus e teremos o conhecimento experimental do que dizia Isaías: “Sereis trazidos ao colo e acariciados nos joelhos”.⁵⁷ Com efeito, parece que todo o trabalho de Deus consiste em cumular as nossas almas das carícias e de provas de afeição, qual a mãe que cria o filho e o nutre com seu leite. Oh! sejamos atentas à voz de nosso Pai que diz: “Filha, dá-me teu coração”.⁵⁸

12.^a ORAÇÃO

A Virgem da Encarnação.

*Si scires donum Dei.*⁵⁹ “Se conhecesses o dom de Deus”, dizia Nosso Senhor à Samaritana. Mas, qual é êsse dom de Deus, senão *Ele* próprio? “E”, diz o discípulo amado, “*Ele* veio aos seus e os seus não o receberam”,⁶⁰ S. João Batista ainda pôde repetir a muitas almas: “No meio de vós, em vós, está alguém que não conheceis”.⁶¹ *Si scires donum Dei!*

Há alguém que conheceu êsse dom de Deus, alguém que dêle não perdeu sequer uma parcela, uma criatura tão pura, tão luminosa que parece até a própria Luz: *Speculum justitiae*; criatura cuja vida foi tão simples, tão mergulhada em Deus que quase nem sabemos o que dela dizer: *Virgo fidelis*, é a Virgem fiel, aquela “que guardava tudo em seu coração”.⁶² Conservava-se tão pequena, tão recolhida diante de Deus, no segrêdo do templo, que atraiu sôbre si as complacências da Santíssima Trindade: “*Ele* olhou para a pequenez de sua escrava, eis porque tôdas as gerações me proclamam bem-aventurada...”⁶³ O Pai inclinou-se sôbre

⁵⁷ Isaías, LXVI, 12

⁵⁸ Prov. XXIII, 26.

⁵⁹ S. Jo. IV, 10.

⁶⁰ S. Jo. I, 11.

⁶¹ S. Jo. I, 26.

⁶² S. Luc. II, 51

⁶³ S. Luc. I, 48.

essa criatura tão pura, tão indiferente à própria beleza e quis que ela fôsse, no tempo, Mãe dAquele de quem Ele é o Pai na eternidade. Então veio o Espírito de amor que preside a tôdas as operações de Deus, e a Virgem pronunciou o *Fiat*: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo vossa palavra”,⁶⁴ e o maior dos milagres se realizou. Com a descida do Verbo, Maria tornou-se para sempre a *prêsa* de Deus.

Para mim a atitude da Santíssima Virgem durante os meses decorridos entre a Anunciação e o Nascimento do Senhor, é o modelo das almas interiores, das pessoas por Deus escolhidas para viverem “no íntimo”, no fundo do abismo insondável. Com que paz, com que recolhimento Maria se entregava a tôdas as ocupações. Como as ações mais banais eram por Ela divinizadas — porque em tudo a Virgem continuava a ser a adoradora do dom de Deus! — Isto não a impedia de entregar-se às obras exteriores quando a caridade o exigia. O Evangelho diz-nos que “Maria percorreu solícita as montanhas da Judéa, para visitar sua prima Isabel”.⁶⁵ Jamais a visão inefável que contemplava em si lhe diminuiu a caridade exterior, porque, diz um piedoso autor, “se a contemplação caminha para o louvor e a eternidade do Senhor, essa contemplação possui a unidade e não a perderá jamais”.

13. ORAÇÃO

Louvor de glória.

“Fomos predestinados por um decreto dAquele que tudo faz segundo o conselho de sua vontade, para sermos o louvor de sua glória”.⁶⁶

É S. Paulo quem assim fala, S. Paulo instruído pelo próprio Deus. Como realizar êste grande sonho do coração de Deus, êste seu desejo imutável sôbre nossas almas, como, em resumo, correspondermos à nossa vocação e tornamo-nos perfeitos louvores de glória da Santíssima Trindade?

⁶⁴ S. Luc. I, 38.

⁶⁵ S. Luc. I, 39.

⁶⁶ Efés. I, 11, 12.

No céu, cada alma é um louvor de glória ao Pai, ao Verbo, ao Espírito Santo, porque cada alma está fixada no puro amor e não vive mais de sua vida própria, mas sim da vida de Deus. Então ela O conhece, diz S. Paulo, como é d'Ele conhecida. Em outras palavras:

Um louvor de glória: é uma alma que habita em Deus, que O ama com amor puro e desinteressado sem procurar consolações; que O ama acima de todos os dons, mesmo que nada tivesse d'Ele recebido, e que deseja o bem ao objeto assim amado. Ora, como desejar e querer *efetivamente* algum bem a Deus, senão pelo cumprimento exato de sua vontade, visto como essa vontade tudo ordena para sua maior glória? Por conseguinte, esta alma deve entregar-se a Ele plenamente apaixonadamente, até não poder querer mais outra coisa senão o que Deus quer.

Um louvor de glória: é uma alma de silêncio que, qual uma lira, está sempre sob a ação do Espírito que dela tira harmonias divinas. Sabe que o sofrimento é uma corda que produz sons mais belos ainda e por isso gosta de vê-la em seu instrumento, porque assim agradará mais deliciosamente o coração de Deus.

Um louvor de glória: é uma alma que fita a Deus, na fé e na simplicidade; é um refletor de tudo o que Ele é. É como um abismo insondável no qual Ele pode derramar-se, expandir-se. É ainda como um cristal em que pode refletir-se e contemplar suas perfeições e seu próprio esplendor. Uma alma que permite assim ao Ser divino satisfazer nela a necessidade de comunicar tudo o que é e tudo o que tem, é realmente o louvor de glória de todos os seus dons.

Enfim, *um louvor de glória* é um ser sempre em ação de graças. Cada um de seus atos, de seus movimentos e pensamentos, cada uma de suas aspirações, fixam-na mais profundamente no amor e são com um eco do *Sanctus* eterno.

No céu da glória, os bem-aventurados não descansam, dia e noite dizendo: "Santo, Santo, Santo, o Senhor Onipotente... E prostando-se adoram Aquêle que vive nos séculos dos séculos", ⁶⁷

⁶⁷ Apoc. IV, 8.

No céu da alma, o louvor de glória começa o seu ofício de eternidade. Seu cântico é ininterrupto, porque está sob a ação do Espírito Santo que tudo faz nela. E ainda que não tenha sempre consciência disto, porque a fraqueza humana não lhe permite fixar-se em Deus sem distrações, ela canta sempre, adora sempre. Ela é, por assim dizer, *tôda "transformada"* em louvor e amor, apaixonada que é pela glória de seu Deus.

No céu da alma *sejamos sempre louvores de glória da Santíssima Trindade*, hinos de amor à nossa Mãe Imaculada. Dia virá em que o véu há de cair e seremos introduzidos nos átrios eternos onde cantaremos, no seio do Amor infinito, e Deus nos dará o nome novo, prometido a quem vencer. Qual será êle? *Laudem gloriae.* ⁶⁸

⁶⁸ Efés. I, 12.

ÚLTIMO RETIRO DE LAUDEM GLORIAE ¹

Quinta-feira, 16 de agosto de 1906

1.º DIA

N e s c i v i

Nescivi “Nada mais sei”. ² É êste o hino da espôsa dos Cantares depois que foi introduzida na câmara interior. Penso que deve ser também o estribilho de um *louvor de glória*, neste primeiro dia de retiro em que o Divino Mestre a introduz no fundo do abismo insondável, para ensinar-lhe a cumprir o ofício que terá na eternidade, e no qual deve exercitar-se desde esta vida que é a eternidade começada e sempre em progresso.

Nescivi, “Nada mais sei”, nada mais quero saber, senão “conhecê-Lo, comungar em seus sofrimentos, conformar-me com sua morte”. ³ Aquêles que Deus conheceu em sua preciência, predestinou-os a serem conformes com a imagem de seu Filho”,⁴ o Crucificado por amor. Quando estiver

¹ Quem quiser conhecer o pensamento mais profundo da Irmã Elisabeth da Trindade é ao seu último retiro que deve recorrer. O *Último Retiro de Laudem Glorïae* (o título é dela), é, por assim dizer, sua pequena suma mística, a quintessência de uma doutrina espiritual, no momento mais elevado de sua experiência mística. É um verdadeira tratado de união transformante, tal qual ela a concebia e a vivia interiormente, na linha de sua vocação suprema de “Louvor de glória”. Ela deixa também aí um programa de vida para todos os “louvores de glória” que quiserem, mais tarde, seguir o caminho duma santidade totalmente esquecida de si, e orientada para a glória puríssima da Santíssima Trindade.

² Cant. VI, 11.

³ Filip. III, 10.

⁴ Rom. VIII, 29.

identificada com êsse Exemplar divino, inteiramente “pas-sada” n’Ele e Ele em mim, então realizarei minha vocação eterna, aquela para qual Deus me escolheu n’Ele *in principio*, aquela que seguirei *in aeternum*, quando, mergulhada no seio de minha Trindade Santa, fôr o incessante louvor de sua glória *Laudem gloriae ejus*.⁵

“Ninguém viu o Pai”,⁶ nos diz S. João, a não ser o Filho e aquêles a quem aprouve ao Filho revelá-lo”.⁷ Penso que se pode dizer também: Ninguém penetrou jamais no mistério de Cristo, em tôda a sua profundidade, senão a Santíssima Virgem. S. Paulo fala freqüentemente da “compreensão”⁸ que lhe foi dada dêsse mistério e todavia, como os santos ficam obscurecidos quando olhamos para a clari-dade de Maria! . . . Ela é inenarrável. O “segrêdo que conser-vava e meditava em seu coração”, nenhuma língua pode jamais revelar, nem pena alguma traduzir.

Esta Mãe de graça vai formar minha alma, a fim de que sua filha seja uma imagem viva, “atraente”, do seu “uni-gênito”,¹⁰ o Filho do Eterno, aquêle que foi o perfeito louvor de glória do Pai.

2.º DIA

No Silêncio das faculdades.

“Minha alma está sempre em minhas mãos”.¹¹ Assim cantava o Divino Mestre e, por isso, no meio de tôdas as aflições, permaneceu sempre o Calmo e o Forte. “Minha alma está sempre em minhas mãos”! que significa isto, senão aquela inteira posse de si, diante do Pacífico eterno?

Há outro cântico de Jesus que eu gostaria de repetir sem cessar: “Guardarei em vós minha fôrça”.¹² Minha Regra diz: “Vossa fôrça está no silêncio. Creio pois, que conservar

⁵ Efés. I, 12.

⁶ S. Jo. VI, 46.

⁷ S Mat. XI, 27.

⁸ Efés. III, 4.

⁹ S. Luc. II, 19.

¹⁰ S Mat. I, 25.

¹¹ Salm. CXVIII, 109.

¹² Salm. LVIII, 10.

sua força no Senhor, é fazer a unidade em todo o ser pelo silêncio interior, reunir tôdas as potências para ocupá-las unicamente em servir ao amor. É ter aquêle olhar simples que permite a luz iluminar-nos”.

A alma que discute com o eu, que se ocupa com suas sensibilidades, que segue um pensamento inútil, um desejo vão, essa alma dispersa as forças; não está toda voltada para Deus, sua lira não vibra uníssona, e o Mestre, ao tocá-la não pode tirar harmonias divinas. Há nela muita influência humana: é uma dissonância.

A alma que guarda ainda alguma coisa em seu reino interior, cujas potências não estão ainda tôdas “reclusas” em Deus, não pode ser um perfeito louvor de glória; não está apta a cantar sem interrupção o *canticum magnum*, de que fala S. Paulo, porque nela não reina a unidade. . . e em lugar de dar louvor em tudo, com inteira simplicidade, tem de reunir incessantemente as cordas de seu instrumento, dispersas de todos os lados.

Quão indispensável é esta bela unidade interior para a alma que deseja levar neste mundo a vida dos bem-aventurados, isto é, dos sêres simples, dos espíritos. Creio que o Mestre pensava nisto quando falava a Madalena do *Unum necessarium*. Como a grande Santa compreendeu isto! O olhar de sua alma, iluminado pela luz da fé, reconheceu o seu Deus sob os véus da humanidade, e no silêncio, na unidade das potências, “ela ouviu”¹⁸ a palavra que Êle lhe dirigiu. E podia então cantar: “Minha alma está sempre em minhas mãos”, ou ainda: *Nescivi!* Sim, nada mais conhecia senão Êle. Podiam fazer algazarra, agitar-se em tôrno dela: *Nescivi*. Podiam acusá-la: *Nescivi*. Nem sua honra, nem as coisas exteriores podem arrancá-la de seu silêncio sagrado. Assim acontece com a alma encerrada na fortaleza do santo recolhimento. O seu olhar, aberto às claridades da fé, descobre o Deus presente, vivo nela. Por sua vez ela permanece tão presente a Deus, na bela simplicidade, que Êle a guarda com grande cuidado e zelo. Podem vir então as agitações de fora, as tempestades de dentro, podem mesmo atacar-lhe a

¹⁸ S. Luc. X, 39.

honra: *Nescivi!* Deus pode esconder-se, retirar-lhe a graça sensível: *Nescivi!* Ela pode exclamar também com S. Paulo: “Por seu amor tudo abandonei”. ¹⁴ O divino Mestre é então livre, livre de se dar, de se transbordar nela “segundo sua medida”, ¹⁵ e a alma assim simplificada, unificada, torna-se o trono do Imutável, pois a unidade é o trono da Santíssima Trindade.

3.º DIA

Em presença de Deus.

“Fomos predestinados por um decreto dAquele que tudo faz, segundo o conselho de sua vontade, a fim de que sejamos o louvor de sua glória”. ¹⁶

É S. Paulo quem nos mostra esta eleição divina, S. Paulo que penetrou profundamente no “segrêdo oculto no coração de Deus desde o início dos séculos”. ¹⁷ Ele vai agora esclarecer-nos sôbre esta vocação a que somos chamados. “Deus escolheu-nos em *Jesus Cristo*, antes da criação, a fim de sermos imaculados e santos em sua presença na caridade”. ¹⁸

Se confronto estas duas exposições do plano divino “eternamente imutável”, chego à conclusão de que, para cumprir meu ofício de *Laudem gloriae* devo em tudo andar “na presença de Deus”, ainda mais, diz-nos o Apóstolo: *in caritate*, isto é, em Deus: *Deus caritas est*, ¹⁹ e será o contato com o Ser divino que me tornará imaculada e santa a seus olhos. Atribuo isto à bela virtude de simplicidade, da qual escreveu um piedoso autor que “ela dá à alma o descanso do abismo” isto é, o descanso em Deus, abismo insondável, prelúdio e eco do *sabbat* eterno, de que fala S. Paulo: “Nós que cremos, seremos introduzidos nesse repouso”. ²⁰

¹⁴ Filip. III, 8.

¹⁵ Efés. IV, 7.

¹⁶ Efés. I, 11, 12.

¹⁷ Efés. III, 9.

¹⁸ Efés. I, 4.

¹⁹ I Jo. IV. 8.

²⁰ Hebr. IV, 3.

Os bem-aventurados têm êsse descanso do abismo, porque contemplam a Deus na simplicidade de sua Essência: “Conhecem-no como são d’Ele conhecidos”²¹ isto é, pela visão intuitiva, com um simples olhar e por isso, prossegue o grande Apóstolo, “são transformados pelo poder de seu Espírito, de claridade em claridade, em sua própria imagem”.²² Então, tornam-se um incessante louvor de glória do Ser divino que nêles contempla seu próprio esplendor.

Penso que alegraríamos imenso o coração de Deus se, no céu da alma, nos exercitássemos nêsse ofício dos bem-aventurados, e aderíssemos a Ele, por essa contemplação simples que avizinha a criatura do estado de inocência em que Deus a criou.

“A sua imagem e semelhança”,²³ tal foi o sonho do poder contemplar-se na criatura, ver nela o brilho de tôdas as suas perfeições, de tôda a sua beleza, como através dum cristal puro e sem jaça. Não é isto, de certo modo, uma extensão de sua própria glória? A alma, pela simplicidade do olhar com que fita o objeto divino, vê-se separada de quanto a cerca, separada sobretudo de si mesma. Então ela “brilha da ciência da luz divina”,²⁴ como escreve o Apóstolo, porque permita ao ser divino resplandecer nela, e todos os seus atributos lhe são comunicados. Esta alma é, realmente, o louvor de glória de todos os seus dons. Canta em tudo e através dos atos mais vulgares, o *Canticum magnum*, o *canticum novum*, que comove até as profundezas de Deus.

“Tua luz”, pode-se dizer com Isaías, “levantar-se-á das trevas, e as trevas serão como o claro dia. O Senhor dar-te-á um repouso perpétuo, inundará tua alma com seus esplendores. Fortificar-te-á os ossos e serás como um jardim sempre fresco, como uma fonte inexaurível. Hei de elevar-te acima de tudo o que há de mais sublime no mundo”.²⁵

²¹ I Cor. XIII, 12.

²² II Cor. III, 18.

²³ Gên. I, 26.

²⁴ II Cor. IV, 6.

²⁵ Isaías. LVIII, 10, 14.

4.º DIA

A Fé.

Ontem, S. Paulo, levantando um pouco o véu, deixou-me vislumbrar a “herança dos santos, na luz”²⁶ para ver em que se ocupam os leitos e procurar quanto possível, conformar minha vida com a dêles e bem cumprir meu ofício de *Laudem Gloríae*.

Hoje é S. João, o discípulo que Jesus amava, que vai entreabrir-me as “portas eternas”²⁷ para que minha alma repouse na “santa Jerusalém, essa doce visão de paz”!...²⁸

Antes de tudo, êle me diz “que não há luz na cidade porque a claridade de Deus a iluminou e o Cordeiro é seu farol”.²⁹ Se eu quiser que minha cidade interior tenha algo de conformidade e semelhança com a do “Rei imortal dos séculos”,³⁰ e receba a grande iluminação de Deus, devo apagar tôdas as outras luzes e, como na cidade santa, o Cordeiro divino há-de ser aí o único farol.

E aqui está a fé, a bela luz da fé que aparece: só ela deve iluminar-me para ir ao encontro do Espôso. O Salmista canta que “Êle se esconde nas trevas”,³¹ mas por outro lado, parece contradizer-se: “a luz envolve-o como se fôra uma veste”.³² O que é claro para mim nesta contradição aparente, é que devo mergulhar-me na treva sagrada e fazer obscuridade e vácuo em tôdas as minhas potências. Então encontrarei o divino Mestre, e a luz que O envolve qual roupagem, a mim também me envolverá, porque Êle quer que sua espôsa seja resplandecente de sua própria luz, só *de sua luz*, “tendo a claridade de Deus”.³³

Diz-se a respeito de Moisés que êle era “inabalável na fé como se houvera visto o Invisível”.³⁴ Creio que deve ser esta

²⁶ Colos. I, 21.

²⁷ Salmo XXIII, 7.

²⁸ Ofício da Dedicção.

²⁹ Apocal. XXI, 23.

³⁰ I Tim. I, 17.

³¹ Salmo XVII, 12.

³² Salmo CIII, 2.

³³ Apoc. XXI, 11.

³⁴ Hebr. XI, 27.

a atitude dum louvor de glória que em tudo quer continuar seu hino de ação de graças: inabalável pela fé no “amor excessivo”. . . “conhecemos o amor de Deus para conosco e nêle cremos”.³⁵

“A fé,” assegura S. Paulo, “é a substância das coisas que se devem esperar, a convicção das que se não vêem”.³⁶ Que importa à alma, recolhida sob a claridade que nela difunde esta palavra, sentir ou não sentir, estar nas trevas ou na luz, gozar ou sofrer? Para ela é até indigno fazer diferença entre estas coisas, e quando ainda lhes sente a influência, ela experimenta um desprezo profundo de si mesma por causa do seu pouco amor e sem tardar volve os olhos ao Mestre, para que venha libertá-la! “Ela O *exalta*”, segundo a expressão dum grande místico, no mais alto cimo da montanha do coração”, acima das consolações e doçuras que d’Ele decorrem, porque tomou a decisão de manter-se acima de tudo para só se unir ao Amado. Penso que se podem aplicar a esta alma, inabalável pela fé no Deus-Amor, as palavras do Príncipe dos Apóstolos: “Porque tendes fé, sereis inundados duma alegria inabalável e sereis glorificados”.³⁷

5.º DIA

Rumo ao Calvário

“Vi uma multidão enorme, inumerável. Quem são êles? São os que vieram da grande tribulação, que levaram suas vestes no Sangue do Cordeiro. Eis porque estão diante do trono de Deus servindo-o dia e noite em seu templo. . . e O que está assentado no trono habitará nêles. Doravante, não terão mais fome nem sêde; nem sol, nem outro ardor qualquer os queimarão, porque o Cordeiro será seu Pastor e os conduzirá às fontes de água viva. Deus lhes enxugará tôdas as lágrimas”.³⁸

Todos êstes eleitos que trazem a palma na mão e são banhados pela grande luz de Deus, tiveram que “passar primeiro pela grande tribulação, conhecer aquela “dor imensa

³⁵ I Jo., IV, 16.

³⁶ Hebr. XI, 1.

³⁷ I Petr. I, 8.

³⁸ Apoc VII, 9, 14, 15, 16, 17.

como o mar”,³⁹ cantada pelo Profeta. Antes de “contemplar, face a face, a glória do Senhor”,⁴⁰ compartilharam os aniquilamentos de Cristo. Antes de “serem transformados de claridade em claridade na Imagem do Ser divino”.⁴¹ foram configurados com a do Verbo encarnado, o Crucificado por amor.

A alma que quer servir a Deus, dia e noite, em seu templo — quero dizer, êsse santuário interior de que fala S. Paulo: “o templo de Deus é santo, e vós sois êsse templo”,⁴² — essa alma deve estar decidida a comungar *efetivamente* na Paixão do Mestre. É uma resgatada, que, por sua vez, deve resgatar outras e para isto cantará em sua lira: “Eu me glorio na Cruz de Jesus Cristo”.⁴³ “Estou pregada na Cruz com Jesus Cristo...”⁴⁴ Ou ainda: “Completo em minha carne o que falta à Paixão de Cristo, pelo seu corpo que é a Igreja”.⁴⁵ “A rainha pôs-se à vossa direita”.⁴⁶ Tal é a atitude dessa alma. Galga o caminho do Calvário à direita do Rei crucificado, aniquilado, humilhado e todavia sempre calmo, forte, majestoso! Vai à Paixão para fazer resplandecer “a glória de sua graça”,⁴⁷ segundo a expressão de S. Paulo. Ele quer associar sua espôsa à obra de redenção e esta via dolorosa parece-lhe como a estrada de beatitude, não só porque a ela conduz, mas porque o divino Mestre lhe fez compreender que deve ultrapassar o que de amargo pode haver no sofrimento para, como Ele, aí encontrar o repouso. Então, ela pode servir a Deus “noite e dia em seu templo”; nem as provações de fora, nem as lutas de dentro, podem arrancá-la da santa fortaleza onde a encerrou o Senhor. Não tem mais “nem fome, nem sede”, porque, não obstante o desejo de beatitude que a devora, sacia-se com aquêles mesmo alimento de seu Mestre: a vontade do Pai. *Não sente mais “o ardor do sol”, isto é, o so-*

³⁹ Trenos. II, 13.

⁴⁰ II Cor. III, 18.

⁴¹ II Cor. III, 18.

⁴² I Cor. III, 17.

⁴³ Gal. VI, 14.

⁴⁴ Gal. II, 19.

⁴⁵ Col. I, 24.

⁴⁶ Salmo XLIV, 10.

⁴⁷ Efés, I, 6.

frimento já não lhe pesa; “o Cordeiro pode conduzi-la então às fontes de água viva”, aonde e como Ele quer, porque ela não olha mais os caminhos por onde passa mas fita simplesmente o Pastor que a conduz.

Deus inclina-se sôbre essa alma, sua filha adotiva, tão parecida como a imagem do Filho, “primogênito entre tôdas as criaturas”, ⁴⁸ reconhece-a por uma daquelas que predeterminou, escolheu, justificou, a exulta em suas entranhas de Pai ao pensar que deve consumir a obra, isto é, glorificá-la transferindo-a para seu reino a fim de que aí cante, pelos séculos sem fim, o louvor de sua glória.

6.º DIA

Essas Almas São Virgens.

“E eu vi: o Cordeiro de pé sôbre a montanha de Sião e com Ele cento e quarenta e quatro mil tendo o seu nome e o nome do Pai escrito na frente; e ouvi uma voz semelhante à voz de águas abundantes, semelhante à voz dum trovão; e a voz era como a de muitos tocadores de harpa, que entoavam um cântico novo diante do trono... Ninguém podia repetir o Cântico senão aquêles cento e quarenta e quatro mil... porque são virgens. Acompanham o Cordeiro aonde quer que vá”. ⁴⁹

Existem seres que desde esta vida pertencem a essa geração pura como a luz; em sua frente trazem o nome do Cordeiro e o do Pai. Trazem o *nome do Cordeiro* por semelhança e conformidade com Aquêles a quem S. João chama “O Fiel, o Verdadeiro” ⁵⁰ e nô-lo apresenta com a veste tinta de sangue: êsses são também os fiéis, os verdadeiros e suas vestes são tintas com o sangue da sua imolação contínua; trazem também o *nome do Pai*, que nêles fazem resplandecer as belezas de suas perfeições e todos os atributos divinos. São outras santas cordas que vibram e ressoam o cântico novo.

⁴⁸ Col. I, 15.

⁴⁹ Apoc. XIV, 1, 2, 3, 4.

⁵⁰ Apoc. III, 14.

Estas almas seguem o Cordeiro aonde quer que vá, não só nas estradas largas, e fáceis de percorrer, mas nos caminhos espinhosos, entre os cardos. São virgens, isto é, livres, separadas, despojadas de tudo. “Livres de tudo, exceto do amor”; separadas de tudo e principalmente de si mesmas; despojadas de tudo, na ordem tanto sobrenatural, como natural. Para isto, quanto devemos sair de nós mesmos! Digamos com S. Paulo: *Quotidie morior!* ⁵¹

O grande Apóstolo escrevia aos Colossenses: “Estais mortos, e vossa vida está escondida em Deus com Cristo”. ⁵² É esta a condição: é preciso morrer; sem isso, podemos estar escondidos em Deus durante certas horas, mas não *vivemos* habitualmente no Ser divino: as sensibilidades, as vaidades pessoais e tudo mais vêm arrancar-nos d’Ele.

A alma que fita o Mestre com êsse olhar simples que torna todo o corpo luminoso, é preservada do fundo de iniquidade ⁵³ que nela existe e de que se queixava o Profeta. O Senhor a introduz num lugar espaçoso, ⁵⁴ que outro não é senão Ele próprio; ali tudo é puro, tudo é santo.

Feliz morte em Deus! Suave e doce perda de nós mesmos no Ser amado, que permite à criatura exclamar: “Vivo, não eu, mas Cristo vive em mim. E o que me resta de vida neste corpo de morte, tenho-o pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou por mim”. ⁵⁵

7.º DIA

Nada mais senão a glória do Eterno.

Coeli enarrant gloriam Dei. ⁵⁶ Eis o que cantam os céus: a glória de Deus. Visto que minha alma é um céu onde vivo à espera da Jerusalém celeste, é preciso que êste céu cante também a glória do Eterno, *nada mais do que a glória do Eterno.*

⁵¹ I Cor. XV, 31.

⁵² Col. III, 4.

⁵³ Salmo XVII, 24.

⁵⁴ Salmo XVII, 20.

⁵⁵ Gal. II, 19, 20.

⁵⁶ Salm. XIX, 1.

“O dia transmite ao dia esta mensagem”: ⁵⁷ Tôdas as luzes, tôdas as comunicações de Deus à minha alma são êste dia que ao dia transmite a mensagem de sua glória. “O decreto de *Yaweh* é puro”, canta o Salmista, “e ilumina o olhar”. ⁵⁸ Por conseguinte minha fidelidade em corresponder a cada uma de seus decretos, a cada uma de suas ordens interiores faz com que eu viva na sua luz; esta luz é também uma mensagem que transmite a sua glória.

Mas eis aqui a doce maravilha: “*Yaweh* que te olha, resplandece”, ⁵⁹ exclama o Profeta. A alma que pela profundidade do olhar interior contempla Deus em tudo, na simplicidade que a separa de tôdas as criaturas, é uma alma *resplandecente*, é um dia que transmite ao dia a mensagem da glória divina. — “A noite a anuncia à noite”, ⁶⁰ e isto é bem consolador: minhas impotências, meus desgostos, minhas obscuridades, até minhas próprias faltas cantam a glória do Eterno. Meus sofrimentos de alma e corpo cantam igualmente a glória do Mestre.

Davi cantava: “Que darei ao Senhor em troca de todos os benefícios que d’Ele recebi”? Eis a resposta: “tomarei o cálice da salvação. ⁶¹ Se eu tomar êste cálice purpurado com o Sangue do Senhor, e com alegria e ação de graças, misturar meu sangue com o da Divina Vítima, ei-lo que se torna de certo modo infinito e dá ao Pai um louvor magnífico. Então meu sofrimento é uma mensagem que transmite a glória do Eterno.

Ali (na alma que canta sua glória) êle colocou uma tenda para o sol. O sol é o Verbo, o Espôso. Se encontra minha alma vazia de tudo que não entra nestas duas palavras: amor, glória, escolhe-a para seu quarto nupcial; precipita-se nela qualquer gigante em sua carreira triunfante. . . , e não posso furtar-me a seu calor”. ⁶² Êste “fogo devorador” ⁶³ vai operar a feliz transformação de que fala S. João da Cruz: “Um

⁵⁷ Salm. XIX, 2.

⁵⁸ Salm. XIX, 9.

⁵⁹ Salmo XXXIV, 6.

⁶⁰ Salmo XIX, 3.

⁶¹ Salmo CXV, 12, 13.

⁶² Salmo XIX, 6, 7.

⁶³ Hebr. XII, 19.

parece o outro e ambos não são senão um” para serem o louvor de glória do Pai.

8.º DIA

Prostram-se, adoram... lançam suas coroas.

“Os eleitos não têm descanso, dia e noite, dizendo: Santo, Santo, Santo o Senhor onipotente, que era, que é que será pelos séculos dos séculos... Prostram-se, adoram, e lançam suas coroas diante do trono dizendo: Digno sois, Senhor, de receber gloria, honra e poder...”⁶⁴

Como poderei eu, no céu de minha alma, imitar essa ocupação dos bem-aventurados no céu da glória? Como poderei continuar êsse louvor, essa adoração ininterrupta? — São Paulo me esclarece sôbre isto, quando escreve aos seus: “Que o Pai os fortifique poderosamente por seu Espírito, quanto ao homem interior, de modo que Cristo habite pela fé em seus corações e que sejam enraizados e alicerçados no amor”.⁶⁵

“Ser enraizados e alicerçados no amor”, tal é, penso eu, a condição para cumprir dignamente o officio de *Laudem Gloriam*. A alma que penetra e permanece nessas “profundezas de Deus”,⁶⁶ que, por conseguinte, tudo faz nêle, com Êle, por Êle e para Êle, com aquela limpidez de vistas que a assemelha ao Ser simples, esta alma em cada um de seus movimentos, em cada uma de suas aspirações, bem como em cada um de seus atos, por mais ordinários que sejam, enraíza-se, cada vez mais profundamente, em seu Bem-Amado. Tudo nela presta homenagem ao Deus três vêzes Santo. Ela é, por assim dizer, um *Sanctus* perpétuo, um louvor de glória *incessante*.

“Eles prostram-se, adoram, lançam suas coroas”. Primeiramente a alma deve prostrar-se, mergulhar no abismo do seu nada, afundar-se nêle de tal modo que, segundo a interessante expressão de um autor místico, encontre “a paz verdadeira inalterável, perfeita, imperturbável, porque se pre-

⁶⁴ Apoc. IV, 8, 10, 11.

⁶⁵ Efés. III, 16, 17.

⁶⁶ I Cor. II, 10.

cipitou tão baixo que ninguém irá procurá-la". Poderá então adorar.

"Adoração! Ah! eis uma palavra do céu. Penso que se pode defini-la: o êxtase do amor. É o amor esmagado pela beleza, pela fôrça, pela grandeza imensa do Objeto amado. É o amor reduzido a uma espécie de desfalecimento, de silêncio completo, profundo, o silêncio de que falava Davi quando exclamava: "O silêncio é teu louvor".⁶⁷ Sim, êle é o mais belo louvor, pois é o que se canta eternamente no seio da tranqüilla Trindade; e é também "o último esforço da alma que transborda e que nada mais pode dizer" (Lacordaire). "Adorai o Senhor, porque é Santo",⁶⁸ diz um Salmo. E ainda: "Êle será adorado sempre por causa de Si mesmo".⁶⁹ A alma que se recolhe nestes pensamentos, que os penetra com o "senso de Deus",⁷⁰ na expressão de S. Paulo, vive num céu antecipado, acima do que passa, acima de si mesma!

Ela sabe que Aquêle que adora possui em Si tôda a felicidade, tôda a glória, e, "lançando sua coroa diante d'Êle" como os bem-aventurados, despreza-se, perde-se de vista e encontra sua beatitude na do Ser adorado, no meio de tôdas as dores e sofrimentos, porque saiu de si e passou em outro. Penso que, nesta atitude de adoração, a alma se assemelha àqueles poços de que fala S. João da Cruz, que recebem as águas descidas do Líbano. E ao vê-la podemos dizer: "A impetuosidade do rio alegra a cidade de Deus".⁷¹

9.º DIA

Sêde santos, porque sou santo.

"Sêde santos, porque sou santo".⁷² Quem é Aquêle que pode dar tal mandamento? Êle revelou o seu nome, nome que lhe é próprio e exclusivo: "Eu sou Aquêle que é",⁷³ disse

⁶⁷ Salmo LXV, 2.

⁶⁸ Salmo XCIX, 9.

⁶⁹ Salmo LXXI, 15.

⁷⁰ Rom. XI, 34.

⁷¹ Salmo XLV, 5.

⁷² Lev. XIX, 2.

⁷³ Êxodo, III, 14.

Deus a Moisés, Deus, o único Vivo, o Princípio de todos os seres. “Nêle”, diz o Apóstolo, “temos o movimento, o ser e a vida”. ⁷⁴

“Sêde santos porque sou santo”: parece-me que é a mesma vontade expressa no dia da criação, quando Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. ⁷⁵ O desejo do Criador é sempre de identificar, de associar a criatura a Si. S. Pedro diz que fomos feitos “participantes da natureza divina”. ⁷⁶ S. Paulo recomenda que “conserve-mos o comêço do Ser”, ⁷⁷ que Êle nos deu. E o discípulo do amor: “Desde esta vida somos filhos de Deus, mas ninguém viu ainda o que seremos. Sabemos, porém, que quando Êle se manifestar, lhe seremos semelhantes, porque o veremos tal qual é. Todos os que têm esta esperança se tornam santos como Êle é Santo”. ⁷⁸

Ser santo como Deus, tal é, parece-me, a medida dos filhos de seu amor. Não disse o divino Mestre: “Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”? ⁷⁹ Deus dizia a Abraão: “Anda em minha presença e sê perfeito”. ⁸⁰ Aí está pois o meio de atingirmos o grau de perfeição a que o Pai Celeste nos convida. S. Paulo, depois de ter penetrado nos conselhos divinos, revela-o a nossas almas: “Deus escolheu-nos em seu Filho, antes de Criação, a fim de que sejamos santos e imaculados *em sua presença*, no amor”. ⁸¹

É este mesmo Apóstolo que me vai esclarecer ainda, a fim de que eu ande, sem desviar, nessa estrada magnífica da presença de Deus, onde a alma caminha “só com o Só” conduzido pela “força de sua destra” ⁸² sob suas asas protetoras, sem temer os alarmas da noite, nem “a flecha que voa em pleno dia, nem o mal que se insinua nas trevas, nem os assaltos do demônio do meio-dia”. ⁸³

⁷⁴ Atos, XVII, 28.

⁷⁵ Gên. I, 26.

⁷⁶ II Petr. I, 4.

⁷⁷ Hebr. III, 14.

⁷⁸ I Jo. III, 2, 3.

⁷⁹ S. Mat. V, 48.

⁸⁰ Gên. XVII, 1.

⁸¹ Efés I, 4, 5.

⁸² Salmo XIX, 7.

⁸³ Salmo XC, 4, 5, 6.

“Despojai-vos do velho homem”, diz êle, “segundo o qual viveste antes e revesti-vos do homem novo que Deus criou em justiça e santidade”.⁸⁴

O caminho traçado é êste, basta despojar-se, para percorrê-lo como Deus o quer. Despojar-se, morrer a si próprio, perder-se de vista; penso que era o que o Mestre visava quando dizia: “Se alguém quer vir após mim, tome sua cruz e se renuncie”.⁸⁵

“Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se mortificardes pelo espírito as obras da carne, vivereis”.⁸⁶ É esta a morte que Deus pede e da qual está dito: “A morte foi absorvida pela vitória”.⁸⁷ “Ó morte”, diz o Senhor, “serei tua morte”,⁸⁸ isto é: ó alma, minha filha adotiva, olha para mim e já não te verás mais; passa inteiramente a meu Ser, vem morrer em Mim para que Eu viva em ti!

10.º DIA

Num eterno presente.

“Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”⁸⁹ Quando o Mestre me deixa ouvir esta palavra no fundo da alma, parece pedir que eu viva como o Pai, num eterno presente, sem antes, sem depois, mas tôda na unidade do meu ser, nesse *agora* eterno. Qual é êste presente? Davi nô-lo responde: “Êle será sempre adorado por causa de Si mesmo”.⁹⁰ Aí está o presente eterno em que *Laudem Glorïae* deve fixar-se. Ela, porém, não poderá ser sincera nesta atitude de adoração e cantar com o Salmista: “Desperto à aurora”⁹¹ sem que possa dizer também com S. Paulo: “Por seu amor, tudo abandonei”,⁹² isto é: Por causa d’êle, para adorá-Lo sempre, isolei-me, separei-me, despojei-me de mim mesma e de tudo, tan-

⁸⁴ Efés. IV, 22, 24.

⁸⁵ S. Mat. XVI, 24.

⁸⁶ Rom. VIII, 13.

⁸⁷ I Cor. XV, 54.

⁸⁸ Oséias, XIII, 14.

⁸⁹ S. Mat. V, 48.

⁹⁰ Salmo LXXI, 15.

⁹¹ Salmo LVI, 9.

⁹² Filip. III, 8.

to na ordem natural como na sobrenatural, relativamente aos dons de Deus, porque a alma que não é destruída, e libertada de si própria, será necessariamente, em certos momentos, banal e prosaica, o que é indigno duma filha de Deus, duma espôsa de Cristo, dum templo do Espírito Santo.

A fim de prevenir-se contra esta vida medíocre é preciso que a alma esteja inteiramente atenta na fé, como o belo olhar voltado para o Mestre. Então “andarà”, como diz o Rei-Propheta, “com o coração reto, no interior de sua casa”.⁹³ Ela adorará sempre a Deus por causa d’Ele mesmo e, à sua imagem, viverá nesse eterno presente em que Ele vive.

“Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. “Deus”, diz S. Dionísio, “é o grande Solitário”. O Mestre pede-me que imite esta perfeição. O Ser divino vive numa solidão eterna, imensa, de que nunca sai, mas, nem por isso, deixa de interessar-se pelas necessidades das criaturas, e esta solidão não é outra coisa senão sua própria divindade.

Para que nada me tire este belo silêncio interior, a condição é sempre a mesma: mesmo isolamento mesma separação, mesmo desprendimento; se meus desejos, meus temores, minhas alegrias ou dores, se todos os movimentos provenientes destas quatro paixões não são perfeitamente, orientados para Deus, não serei solitária, mas haverá ruído em mim. É preciso pois que haja pacificação, sono nas potências, unidade no ser.

“Ouve, filha, presta atenção, esquece teu povo e a casa de teu pai, e o Rei será cativo de tua beleza”.⁹⁴ Penso que êste apêlo é um convite ao silêncio: “Ouve... presta atenção...” Mas para ouvir, é preciso esquecer a casa do pai, isto é, tudo quanto é da vida natural, essa vida de que fala o Apóstolo: “Se viverdes segundo a carne morrereis”.⁹⁵ “Esquecer seu povo” é mais difícil, porque êste povo é todo êsse mundo que, por assim dizer, faz parte de nós mesmos: a sensibilidade, as reminiscências, as impressões, etc... o *eu* em uma palavra. Cumpre esquecê-lo, deixá-lo; e quando a alma realizou

⁹³ Salmo C, 2.

⁹⁴ Salmo XIV, 11.

⁹⁵ Rom. VIII, 13.

esta ruptura, quando se vê livre de tudo, o Rei enamora-se de sua beleza, porque a beleza é a unidade, pelo menos é esta a beleza de Deus...

11.º DIA

Tôda a Trindade habita na alma.

“O Senhor introduziu-me num lugar espaçoso... Foi bondoso para comigo”. ⁹⁶

O Criador, vendo o belo silêncio que reina na criatura, considerando-a tão recolhida na solidão interior, encanta-se com sua beleza e transporta-a para essa solidão imensa, infinita, para êsse lugar espaçoso decantado pelo Profeta e que outro não é senão Ele mesmo: “Entrarei nas profundezas da potência de Deus”. ⁹⁷ O Senhor diz pela bôca do Profeta: “Eu a conduzirei a um lugar solitário e aí lhe falarei ao coração...” ⁹⁸ E a alma entra nessa vasta solidão onde Deus vai fazer-se ouvir.

“Sua palavra”, diz S. Paulo, “é vivificante e eficaz e mais penetrante do que uma espada de dois gumes: atinge a divisão da alma e do espírito, até às articulações e medulas”. ⁹⁹ É ela, pois, que concluirá diretamente o trabalho de desprendimento da alma, porque a palavra divina tem isto próprio e particular: opera e cria o que faz ouvir, contanto que a alma se mostre dócil.

Mas não basta ouvir a palavra, cumpre guardá-la. Guardando-a, a alma será santificada na verdade, e é êste o desejo do Mestre: “Santificai-os na verdade, vossa palavra é a verdade”. ¹⁰⁰ E não prometeu Ele a quem guardar sua palavra: “Meu Pai o amará, e veremos a êle, e faremos nêle nossa morada”? ¹⁰¹ Tôda a Trindade habita na alma que ama em verdade, isto é, que lhe guarda a palavra. E quando esta alma compreendeu sua riqueza, tôdas as alegrias naturais ou sobrenaturais que lhe possam advir da parte das criaturas

⁹⁶ Salmo XVII, 20.

⁹⁷ Salmo LXX, 16.

⁹⁸ Oséias, II, 14.

⁹⁹ Hebr. IV, 12.

¹⁰⁰ S. Jo. XVII, 17.

¹⁰¹ S. Jo. XIV, 23.

ou mesmo da parte de Deus, são-lhe outros tantos convites para entrar em si e gozar do Bem substancial que possui e que não é outro senão o próprio Deus. “Destá maneira ela adquire”, diz S. João da Cruz, “certa semelhanca com o Ser divino.

“Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. S. Paulo assevera que “Ele tudo faz segundo o conselho de sua vontade”, ¹⁰² e o divino Mestre pede-me que lhe preste homenagem com isto: “tudo fazer segundo o conselho de sua vontade”. Não me deixar jamais governar pelas impressões, pelos primeiros movimentos da natureza, mas ser senhora de mim pela vontade. Para que esta vontade seja livre é preciso, segundo a expressão dum piedoso autor, “encerrá-la” em Deus. Então serei “movida pelo Espírito”, ¹⁰³ no dizer de S. Paulo. Não farei senão operações divinas, eternas, e, à imagem do Imutável, viverei desde esta vida num eterno presente.

12.º DIA

Por Ele, tenho acesso junto ao Pai.

Verbum caro factum est, et habitavit in nobis. ¹⁰⁴ Deus dissera: “Sêde santos, porque sou santo”: mas continuava oculto na sua “luz inacessível”. Era mister, pois, que Ele descesse até à criatura, que vivesse de sua vida, a fim de que, pisando onde ela pisa, pudesse ela também subir até Ele e tornar-se santa pela santidade d’Ele.

“Santifico-me para êles, a fim de que sejam também santificados na verdade”. ¹⁰⁵ E aqui estou em face do “segrêdo oculto nos séculos e às gerações. . . o mistério de Cristo, realizado por nós, que é a esperança da gloria”. ¹⁰⁶ E S. Paulo acrescenta que “lhe foi dada a compreensão dêste mistério.” ¹⁰⁷ Vou, portanto, pôr-me na escola do grande Apóstolo a fim de aprender “aquela ciência que, segundo sua expressão, ul-

¹⁰² Efés. I, 11.

¹⁰³ Rom. VIII, 14.

¹⁰⁴ S. Jo. II, 4.

¹⁰⁵ S. Jo. XVII, 19.

¹⁰⁶ Colos. I, 26, 27.

¹⁰⁷ Efés. III, 4.

trapassa qualquer outra: a ciência da caridade do Cristo-Jesus". ¹⁰⁸

E Ele me ensina primeiramente que "Cristo é minha paz"; que é "por Ele que eu tenho acesso junto ao Pai", ¹⁰⁹ porque "aprove a êsse Pai das luzes que tôda plenitude nEle habitasse, que nEle tudo fôsse reconciliado, pacificando pelo sangue de sua Cruz tudo que existe, tanto na terra como nos céus". "Estais cheios dEle", prossegue o Apóstolo, "sepultados com Ele pelo batismo e resuscitados com Ele pela fé na obra de Deus. . . Ele vos faz reviver com Cristo, perdoando todos os vossos pecados, rasgando o decreto de condenação que sobre vós pesava, e o aboliu pregando-o à Cruz. Ele despojou os principados e as potestades, arrastou-os cativos em triunfo, vencendo-os nEle," ¹¹¹ "para tornar-vos santos, puros, irrepreensíveis em sua presença". ¹¹²

É esta a obra de Cristo em tôda alma de boa vontade; êste o trabalho que seu amor, *amor excessivo*, o incita a fazer em mim. Ele quer ser minha paz, para que nada me possa distrair ou arrancar da fortaleza inexpugnável do santo recolhimento; é aí que me dará acesso junto do Pai e me guardará imóvel e pacífica em sua presença como se minha alma já estivesse na eternidade. ¹¹³ É "pelo Sangue da Cruz" que pacificará tudo em meu pequeno céu a fim de que os "Três" aí encontrem repouso. Deus me encherá de seu Filho, sepultar-me-á nEle, far-me-á reviver com Ele, de sua própria vida: *Mihi vivere Christus est.* ¹¹⁴

Se eu cair a cada instante, sem perder confiança na fé, Ele me levantará. Sei que me perdoará, que tudo apagará cuidadosamente; mais do que isto, despojar-me-á, livrar-me-á de tôdas as minhas misérias, de tudo quanto lhe obstar a ação divina; arrastará após si tôdas as minhas potências e as re-

¹⁰⁸ Efés. III, 19.

¹⁰⁹ Efés. II, 14, 18.

¹¹⁰ Col. I, 19, 20.

¹¹¹ Colos. H, 10, 12, 13, 14, 15.

¹¹² Colos. I, 22.

¹¹³ Por exceção, ela corrigiu aqui seu pensamento. O primeiro texto diz: "Eis aí a obra de Jesus Cristo diante de tôda alma de boa vontade e eis o que Ele quer fazer em mim: ser minha paz, para que nada me tire do selo do Pai, para que eu fique aí imóvel e calma como se minha alma já estivesse na eternidade".

¹¹⁴ Filip. I, 21.

duzirá ao cativoiro, triunfando delas em si mesmo. Então, passarei tôda n'Ele e poderei dizer: "Eu não vivo mais, meu Mestre vive em mim", ¹¹⁵ e serei *santa, pura, irrepreensível* aos olhos do Pai.

13.º DIA

Andar em Jesus Cristo.

Instaurare omnia in Christo. ¹¹⁶ É ainda S. Paulo que me instrui, S. Paulo que acaba de penetrar no grande conselho de Deus, e que me diz que "Ele decidiu em si mesmo restaurar tôdas as coisas no Cristo".

Para que eu realize pessoalmente êste plano divino, aqui está ainda S. Paulo que me vem ajudar a traçar um regulamento de vida: "Andai em Cristo, enraizada n'Ele, edificada n'Ele, firme na fé... e crescendo, cada vez mais, n'Ele em ação de graças". ¹¹⁷

"*Andar em Jesus Cristo*". Penso que é sair de si, perder-se de vista, deixar-se, para entrar mais profundamente n'Ele, a cada minuto; tão profundamente que sejamos enraizados n'Ele e que, em cada acontecimento, em cada incidente, possamos lançar o belo desafio: "Quem me separará da caridade de Cristo"? ¹¹⁸ Quando a alma conseguiu fixar-se tão profundamente, n'Ele quando *suas raízes* mergulham aí, de tal modo, a seiva divina corre nela em abundância, e tudo quanto é imperfeito, banal, natural, é destruído. E, então, segundo a linguagem do Apóstolo, "o que é mortal é absorvido pela vida". ¹¹⁹ A alma assim despojada de si mesma e "revestida de Cristo", na mais teme das influências de fora nem das dificuldades de dentro, porque tudo isto, longe de ser-lhe obstáculo, não faz senão "enraizá-la ainda mais profundamente no amor" do Mestre.

Através de tôdas as coisas, pró e contra tudo, ela está em condições de adorá-lo sempre por Ele mesmo, porque está livre de si e de tudo. Pode cantar com o Salmista: "Cerque-

¹¹⁵ Gal. II, 20.

¹¹⁶ Efés. I, 10.

¹¹⁷ Colos II, 6, 7.

¹¹⁸ Rom. VIII, 35.

¹¹⁹ II Cor. V, 4.

-me um exército: nada temo; surjam combates: ainda assim confio... porque *Yaweh* me esconde no recôndito de sua tenda”, ¹²⁰ e esta tenda é *Ele* próprio. É o que S. Paulo parece querer significar quando diz que devemos ser *enraizados em Jesus Cristo*.

E que é ser “*edificados n’Ele*”? O Profeta canta também: “*Ele* elevou-me sôbre um rochedo. Minha cabeça levanta-se acima dos inimigos que me cercam”. ¹²¹ Não é esta a imagem da alma edificada em Jesus Cristo? *Ele* é êsse rochedo onde ela se eleva acima de si própria, dos sentidos, da natureza, das consolações e das dores, acima de tudo que não é exclusivamente *Ele*. E ali, em plena posse de si, ela se domina, ultrapassa-se a si mesma e a tudo mais.

Depois, S. Paulo recomenda-me seja *firme na fé*, nessa fé que não permite jamais à alma adormeça e conserva-a bem atenta, sob o olhar do Mestre, tôda recolhida sob sua palavra criadora; nessa fé no “amor excessivo” que “permite a Deus”, ainda afirma S. Paulo, “encher a alma segundo sua *plenitude*”. ¹²²

Finalmente, o Apóstolo deseja que *eu cresça em Cristo pela ação de graças*. É ali que tudo deve terminar. “*Paí, dou-vos graças*”, ¹²³ eis o cântico da alma de meu Senhor; *Ele* quer ouvir-lhe o eco na minha. Mas penso que o “Cântico novo” capaz de encantar e de cativar a Deus é o da alma despojada, libertada de si mesma, na qual *Ele* pode fazer resplandecer tudo que é e fazer tudo que quer. Esta alma é como uma lira em seus dedos e todos os seus dons são outras tantas cordas que, dia e noite, vibram o “louvor de sua glória”.

14.º DIA

C o n h e c ê - L o .

“Para mim, tudo é desprezível desde que tive um conhecimento transcendente do Cristo-Jesus meu Senhor. Por seu

¹²⁰ Salmo XVII, 3, 5.

¹²¹ Salmo XXVII, 5, 6.

¹²² Efés. III. 19.

¹²³ S Jo. XI, 41

amor, tudo abandonei... e tudo considero como lixo, a fim de ganhar Jesus Cristo e de nEle estar, não com minha própria justiça, mas com a justiça que vem de Deus pela fé. O que ambiciono é conhecê-Lo, comungar em seus sofrimentos, conformar-me com sua morte". "Continuo minha carreira, esforçando-me por atingir a meta que Jesus me traçou ao atrair-me a si. Só uma coisa me preocupa: esquecer o que ficou para traz e tender ao que está à frente. Corro direito ao alvo, ao prêmio da vocação a que Deus me chamou em Jesus Cristo. ¹²⁴

O Apóstolo por várias vêzes mostrou a grandeza desta vocação: "Deus," diz êle, "escolheu-nos em Cristo, antes da criação, para sermos imaculados e santos em sua presença no Amor". ¹²⁵ "Fomos predestinados por um decreto de sua vontade, a fim de que sejamos o louvor de sua glória". ¹²⁶

Mas como poderemos corresponder à dignidade desta vocação? Aqui está o segrêdo: *Mihi vivere Christus est.* ¹²⁷ *Vivo enim, jam non ego, vivit vero in me Christus.* ¹²⁸ É preciso sermos transformados em Cristo, como diz ainda S. Paulo: "Aquêles que Deus conheceu em sua paciência, predestinou-os a serem conformes com a imagem do seu Filho". Tenho pois que estudar êste divino modêlo a fim de identificar-me tão bem com Êle que O possa exprimir sem cessar aos olhos do Pai.

E o que diz Êle logo ao entrar no mundo? "Eis que venho, ó meu Deus, para fazer vossa vontade". ¹²⁹ O Mestre foi tão sincero nessa primeira oblação! Sua vida não foi, por assim dizer, senão a consequência dela. "Meu alimento, gostava êle de repetir, é fazer a vontade dAquele que me enviou".¹³⁰ Este deve ser o alimento da espôsa e a espada que a imola.

"Pai, se possível, que êste cálice se afaste de mim. Todavia, não se faça a minha vontade e sim a vossa!" ¹³¹ E ela vai em paz, alegre, a tôdas as imolações, em companhia do

¹²⁴ Filip III, 8, 14.

¹²⁵ Efés. I, 4.

¹²⁶ Efés. I, 12.

¹²⁷ Filip. I, 21.

¹²⁸ Gal II, 20.

¹²⁹ Hebr. X, 9.

¹³⁰ S. Jo., IV, 34

¹³¹ S. Marc. XIV, 36.

Mestre, sentindo-se feliz por ter sido conhecida pelo Pai, que a crucificou com o Filho.

“Escolhi vossas ordens como herança eterna, porque são as delícias do meu coração”.¹³² Era o que cantava a alma do Mestre e que deve ecoar na da espôsa. É pela fidelidade de todos os instantes a estas *ordens* exteriores ou interiores, que ela dará testemunho à verdade e que poderá dizer: “Aquêlê que me enviou não me deixou só. Está sempre comigo, porque só faço o que lhe agrada”.¹³³ E sem o deixar jamais, entrando sempre em íntimo contato com Êle, poderá fazer resplandecer aquela virtude secreta que salva e liberta as almas. Despojada, libertada de si mesma e de tudo, poderá seguir o Mestre na Montanha, para ali fazer com Êle, em sua alma, “uma oração de Deus”.¹³⁴

Depois, sempre pelas mãos do divino Adorador, Aquêlê que foi o grande louvor de glória do Pai, ela “oferecerá uma vítima de incessante louvor, isto é, o fruto dos lábios que glorificam seu nome”.¹³⁵ E, como canta o Salmista, “louvá-lo-á com tôdas as fôrças, segundo a imensidade de sua grandeza”.¹³⁶

Quando chegar a hora da humilhação, do aniquilamento, lembrar-se-á daquela palavra: *Jesus autem tacebat*,¹³⁷ e se calará também, guardando tôda a sua fôrça no Senhor, essa fôrça no Senhor, essa fôrça que só se pode haurir no silêncio. No momento do abandono, da desolação, da angústia, que arrancaram a Cristo o grande grito: “Porque me abandonastes”?¹³⁸ ela se recordará da oração do Mestre: “Haja nêles a plenitude de minha alegria”.¹³⁹ E bebendo até a última gôta o cálice preparado pelo Pai, encontrará em seu amargor uma doçura divina.

Enfim, depois de repetir muitas vêzes: “Tenho sêde”¹⁴⁰ sêde de vos possuir na glória, cantará: “Tudo está consu-

¹³² Salmo. CXVIII, 111

¹³³ S. Jo., VIII, 29.

¹³⁴ S. Luc. VI, 12

¹³⁵ Hebr. XIII, 15.

¹³⁶ Salmo CXLIV, 6.

¹³⁷ S. Mat. XXVI, 63.

¹³⁸ S. Mat. XXVII, 46

¹³⁹ S. Jo. XVII, 13.

¹⁴⁰ S. Jo. XIX, 28.

mado”, ¹⁴¹ em vossas mãos entrego minha alma”, ¹⁴² E o Pai virá então buscá-la, a fim de transportá-la à sua herança, onde, “na luz, ela verá sua luz”. ¹⁴³ “Sabei”, cantava Davi, “que Deus glorificou maravilhosamente seu Santo”. ¹⁴⁴ Sim, o Santo de Deus terá sido glorificado nesta alma, porque Ele tudo terá destruído nela para revesti-la de Si mesmo e porque ela terá posto em prática a palavra do Precursor: “É preciso que Ele cresça e que eu diminua”. ¹⁴⁵

15.º DIA

JANUA COELI

“Depois de Jesus Cristo, e sem dúvida, à distância que existe entre o infinito e o finito, há uma criatura que foi também o grande louvor de glória da Santíssima Trindade.

Ela correspondeu plenamente à eleição divina de que fala o Apóstolo; foi sempre *pura, imaculada, irrepreensível* aos olhos do Deus três vezes santo.

Sua alma é tão simples, seus movimentos tão profundos que ninguém os pode surpreender. Ela parece reproduzir na terra a vida do Ser divino, do Ser simples. É tão transparente, tão luminosa que se poderia confundi-la com a própria luz. Entretanto, não é senão o espelho do Sol de Justiça, *Speculum justitiae...*

“Maria conservava estas coisas no coração”. ¹⁴⁶ Tôda a sua história pode resumir-se nestas poucas palavras. Foi no coração que viveu e em tal profundidade que nenhum olhar pode segui-la. Quando lei no Evangelho que a Santíssima Virgem *percorreu solícita as montanhas da Judéia* para cumprir o dever de caridade junto de sua prima Isabel, parece-me vê-la passar tão bela, tão calma, tão majestosa, tão recolhida no íntimo, com o Verbo de Deus! Com Ele,

¹⁴¹ S. Jo. XIX,30

¹⁴² S. Luc. XXIII, 46.

¹⁴³ Salmo XXXV, 10

¹⁴⁴ Salmo IV, 4.

¹⁴⁵ S. Jo. III, 30.

¹⁴⁶ S. Luc. II, 51.

sua oração foi sempre: *Ecce!* — Eis-me aqui. — Quem? — A escrava do Senhor, ¹⁴⁷ a última das criaturas, Ela, sua Mãe!

Quão verdadeira foi em sua humildade! É que foi sempre esquecida, ignorada, libertada de si própria! Por isso podia cantar: “O Onipotente realizou em mim grandes coisas de ora em diante, tôda as gerações me proclamarão bem-aventurada”. ¹⁴⁸

Esta “Rainha das Virgens” é também “Rainha dos Martires”; e é *em seu coração* que “a espada há de traspassá-la”, ¹⁴⁹ porque *nEla tudo se passa no íntimo*. Oh como é bela em seu longo martírio, tão serena, envolta numa certa majestade que respira a um tempo fôrça e doçura! É que aprendera do Verbo como devem sofrer aquêles que o Pai escolheu como vítimas aquêles que quis associar à grande obra de redenção, “aquêles que conheceu e prestinou a serem conformes com o seu Cristo”, O Crucificado por amor. Aí está Ela junto à Cruz, de pé, forte e corajosa; e o Senhor me diz”: *Ecce Mater tua*. ¹⁵⁰ Ele ma entrega por Mãe! Agora que voltou para junto do Pai, que me deixou em seu lugar na Cruz para que eu sofra em mim “o que falta à sua Paixão pelo seu corpo que é a Igreja”, a Virgem está ainda aí para ensinar-me a sofrer como Ele, para transmitir-me, para fazer-me ouvir aquêles últimos cânticos de sua alma, que nenhum outro senão ela, sua Mãe, pôde perceber.

Quando eu disser o *Consumatum est*, será ela ainda, *Janua coeli*, quem há-de introduzir-me nos átrios eternos, segredando-se aquela misteriosa palavra: *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi, in donum Domini ibimus...* ¹⁵¹

16.º DIA

No seio da tranqüila Trindade.

“Assim como a corça sequiosa suspira pelas fontes de água viva, também minha alma suspira por ti, ó meu Deus!

¹⁴⁷ S. Luc. I, 38.

¹⁴⁸ S. Luc. I, 48, 49.

¹⁴⁹ S. Luc. II, 35.

¹⁵⁰ S. Jo. XIX, 27.

¹⁵¹ Salmo CXXI, 1.

Minha alma tem sêde do Deus vivo. Quando irei e apparecerei diante de sua face". ¹⁵² E entretanto, "como o pássaro que encontrou abrigo, como a rôla que encontrou ninho para seus filhotes", ¹⁵³ assim *Laudem Glorïae* encontrou seu retiro, sua beatitude, seu céu antecipado, onde ela começa a vida de eternidade, até que seja transportada para a santa Jerusalém, *Beata pacis visio*. ¹⁵⁴

"Em Deus minha alma permanece silenciosa. É d'Ele que espero minha libertação. Ele é o meu rochedo de salvação, minha fortaleza: não serei abalada". ¹⁵⁵ Eis o mistério que hoje canta minha lira. O Divino Mestre disse-me como a Zaqueu: "Desce depressa, porque é preciso que eu fique em tua casa". ¹⁵⁶ Desce depressa, mas aonde? Ao íntimo de mim mesma, depois de ter-me deixado, depois de me haver separado, despojado de mim mesma; em uma palavra, *sem mim*.

"É preciso que eu fique contigo". É o divino Mestre quem exprime êste desejo, o Mestre que quer habitar em mim com o Pai e o Espírito de amor, a fim de que, segundo a expressão do discípulo amado, eu entre "em sociedade" ¹⁵⁷ com êles. "Já não sois hóspedes ou estranhos, mas sois da casa de Deus", ¹⁵⁸ diz S. Paulo. Eis como entendo o que é ser da casa de Deus: é viver no seio da tranqüila Trindade, no meu abismo interior, nessa fortaleza inexpugnável do santo recolhimento de que fala S. João da Cruz.

Davi cantava: Minha alma desfalece nos átrios do Senhor". ¹⁵⁹ Penso que deve ser esta a atitude de tôda alma que entra nos seus átrios interiores, para aí contemplar a Deus e entrar em vivo contato com Ele. Ela desfalece, de um desfalecimento divino, em face dêsse amor todo poderoso, dessa magestade infinita que nela existe. Não é a vida que a abandona, mas ela quem despreza esta vida natural e dela se afasta, porque sente que ela não é digna de sua essência tão rica, e vai morrer e escoar-se em seu Deus!

¹⁵² Salmo XLI, 2, 3.

¹⁵³ Salmo LXXXIII, 4.

¹⁵⁴ Hino da Dedicção.

¹⁵⁵ Salmo LXXI, 2, 3.

¹⁵⁶ S. Luc. XIX, 5.

¹⁵⁷ II Jo. I, 3.

¹⁵⁸ Efés. II, 19.

¹⁵⁹ Salmo LXXXIII, 3.

Quão bela é a criatura assim despojada, libertada de si própria! Pode “dispôr das ascensões de seu coração, para passar do vale de lágrimas” — (isto é de tudo que é inferior a Deus) — ao lugar de seu destino, ¹⁶⁰ aquele “lugar espaçoso” ¹⁶¹ cantado pelo Salmista, e que é, segundo parece, a insondável Trindade: *Immensus Pater, Immensus Filius, Immensus Spiritus Sanctus!* ¹⁶²

Ela sobe... eleva-se acima dos sentidos, da natureza. Ultrapassa-se a si mesma. Domina tôda alegria e tôda tristeza, e tudo transpõe para só descansar quando tiver penetrado no íntimo do Amado, que lhe dará “o repouso do abismo espaçoso como canta o Salmista: a insondável Trindade. E tudo isto sem sair da fortaleza santa; o Mestre disse-lhe: “Depressa, desce”!

E’ ainda sem sair daí, que terá uma vida semelhante à da Trindade imutável em um *eterno presente*, adorando sempre a Deus por Êle mesmo, e tornando-se, por um olhar cada vez mais simples, mais íntimo, “o esplendor de sua glória”, ¹⁶³ por outras palavras: o incessante LOUVOR DE GLÓRIA DE SUAS PERFEIÇÕES ADORÁVEIS.

¹⁶⁰ Salmo LXXXIII, 6, 7.

¹⁶¹ Salmo XXX, 9.

¹⁶² Símbolo de Santo Atanásio.

¹⁶³ Hebr. I, 3.

